



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

EGICYANE LISBOA FARIAS SANTOS

QUALIDADE JORNALÍSTICA: UMA AVALIAÇÃO DOS INDICADORES
PLURALIDADE E CONFIABILIDADE NO JORNALISMO LITERÁRIO DA
REVISTA PIAUÍ

São Cristóvão - SE

2017

EGICYANE LISBOA FARIAS SANTOS

QUALIDADE JORNALÍSTICA: UMA AVALIAÇÃO DOS INDICADORES
PLURALIDADE E CONFIABILIDADE NO JORNALISMO LITERÁRIO DA
REVISTA PIAUÍ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), com requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Josenildo Luiz Guerra

São Cristóvão – SE

2017

EGICYANE LISBOA FARIAS SANTOS

QUALIDADE JORNALÍSTICA: UMA AVALIAÇÃO DOS INDICADORES
PLURALIDADE E CONFIABILIDADE NO JORNALISMO LITERÁRIO DA
REVISTA PIAUÍ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), com requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Aprovada em ____ / ____ / ____.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Josenildo Luiz Guerra
Universidade Federal de Sergipe
Orientador

Prof. Dr.
Carlos Franciscato
Universidade Federal de Sergipe

Prof^a. Dr^a.
Lia da Fonseca Seixas
Universidade Federal da Bahia

São Cristóvão – SE

2017

Ao meu Esposo Lucas Lamonier.

E aos meus pais, minha base, meu amor maior.

“Sendo assim, ensina-nos, pois, a contar nossos dias,
a fim de que possamos alcançar um coração
Verdadeiramente sábio!” (Salmo 90)

AGRADECIMENTOS

Ao professor e orientador Josenildo Guerra, pelos ensinamentos, dedicação, paciência, incentivo, por me mostrar a grandeza da pesquisa acadêmica e por me fazer acreditar que é possível, sim, fazer um jornalismo de qualidade.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe, que se dedicam ao programa e às pesquisas realizadas, contribuindo com o crescimento do jornalismo e reconhecimento da nossa Universidade;

A Lucas Lamonier, meu marido, pelo companheirismo, compreensão, paciência com minha rotina de isolamento nos estudos e distância devido ao trabalho e à pesquisa, por ser meus olhos e meus ouvidos quando já estava cansada e o esgotamento mental era latente. Muito obrigada por tudo!

Aos meus pais, Joaquim Antônio e Judite Lisboa, por todo o carinho e por renovarem minhas energias quando precisava, me incentivando e mostrando sempre que sou capaz de alcançar o mundo. Amo vocês. Obrigada por todo amor manifestado a cada visita e por todos os cuidados.

Aos meus irmãos, sou grata pelo apoio: Alexandra, Elisanda, Elisângela, Vanessa, James e Jonatan. Vocês são meus tesouros mais preciosos. E minha sobrinha/afilhada linda, Deborah Walesca, que sempre me ajudou mesmo com toda inocência de criança a retomar as forças e continuar.

Agradeço especialmente a minha amiga, companheira, cúmplice, Liliane Nascimento. Você é a manifestação dos cuidados de Deus aqui na terra, um anjo que Ele enviou para cuidar de mim. Obrigada por me ajudar em todos os sentidos, já que, mesmo na distância você se fez presente. Amo você!

Ao amigos que o jornalismo me deu e que levarei para toda a vida: Emily, Thais, Lenaldo, Osmar, Ilton, Wallison. Não consigo descrever a importância de vocês na minha vida. E aos amigos da turma de mestrado: Carolina Amâncio, Sânmia, Aguiário, obrigada a todos pelas palavras de incentivo e força.

Muito obrigada aos novos companheiros que foram surgindo ao longo desta jornada, Raissa Cruz, Sheila Milena e Paulo Figueroa: vocês transformaram meus dias cansativos e exaustos com a presença e a alegria que transmitem.

RESUMO

Este projeto de pesquisa se preocupa em avaliar a confiabilidade e a pluralidade das reportagens produzidas pela *Revista piauí*, dentro da perspectiva do jornalismo literário para fins de avaliação de sua qualidade editorial aplicando a matriz de confiabilidade e pluralidade. Antes de realizar a aplicação da matriz a que o trabalho se propõe, todavia, é necessário aprofundar o tratamento sobre jornalismo literário, que se caracteriza por visar qualidade em suas matérias, tornando muitas vezes o processo de produção mais demorado, por potencializar os recursos do jornalismo. E que se diferencia do jornalismo factual por reivindicar uma descrição mais detalhada da realidade, a construção cena a cena, diálogos, caracterização dos personagens, hábitos, maneiras, captação mais densa e completa da realidade que o relato reproduz. Além de exercitar a veia literária em um texto jornalístico e ser um gênero que busca perenidade e profundidade aos relatos, sem um controle pré-estabelecido no tamanho do texto, apresentando informação de forma mais criativa. Abordamos, também, confiabilidade e pluralidade com requisitos de qualidade apontando as possibilidades de verificação, dentro de uma proposta de avaliação de qualidade editorial que reflita compromissos relativos à *accountability* de mídia. O termo *accountability* liga-se à capacidade de averiguar e cobrar responsabilidade e transparência no cumprimento de determinadas obrigações, sejam elas de cunho legal ou moral. Ainda que a responsabilidade social seja essencial para os sistemas de monitoramento, o que mais interessa aos estudos de *accountability* não é a responsabilidade social em si, mas a capacidade de verificar seu efetivo cumprimento. Logo em seguida, abordamos o indicador pluralidade, que sugere apresentar grandes variedades de pontos de vista opostos, além de ser conceituado como algo independente de um quadro político de um país, sendo indicador de liberdade de imprensa. A pesquisa aplicou e usou como base a análise de conteúdo (Bardin 2011) a partir das categorias constantes da matriz de confiabilidade, através do software de gestão da produção jornalística denominado Qualijor, que possui, entre outras estruturas, uma matriz específica para a avaliação da veracidade, ambos instrumentos de avaliação desenvolvidos no âmbito do Programa de Pesquisa em Qualidade, Inovação e Tecnologia Aplicadas ao Jornalismo (Qualijor) na Universidade Federal de Sergipe-UFS. A pesquisa procurou, após aplicar a matriz, avaliar e reformular, quando necessário, suas categorias, sistemas de pontuação e modo de aplicação, propondo ajustes e melhorias, ao mesmo tempo em que utilizou para avaliar a confiabilidade e pluralidade da informação jornalística na revista citada, gerando índices de confiabilidade das matérias avaliadas para fins de qualidade editorial. O uso do software reforçou a efetividade da metodologia, demonstrando que é capaz de gerar avaliações condizentes e dados detalhados.

Palavras-chave: jornalismo; jornalismo literário; *accountability*; qualidade; confiabilidade; pluralidade.

ABSTRACT

This research project is concerned with evaluating the reliability and plurality of the reports produced by Revista piauí (piauí Journal) within the perspective of literary journalism for the purpose of evaluating its editorial quality applying the reliability and plurality matrix. Before performing the application of the matrix to which the work is proposed, however, it is necessary to deepen the treatment of literary journalism, which is characterized by the aim of quality in its matters, often making the production process more time consuming, by increasing the resources of journalism. And it differs from factual journalism by claiming a more detailed description of reality, the scene-by-scene construction, dialogues, characterization of the characters, habits, manners, more dense and complete capture of reality that the story reproduces. In addition to exercising the literary vein in a journalistic text and being a genre that seeks perpetuity and depth to the reports, without a pre-established control in the size of the text presenting information in a more creative way. We also approach reliability and plurality with quality requirements, pointing to possibilities of verification, within an editorial quality evaluation proposal that reflects commitments regarding media accountability. The term accountability is linked to the ability to ascertain and collect responsibility and transparency in the fulfillment of certain obligations, whether legal or moral. Although social responsibility is essential for monitoring systems, what matters most to accountability studies is not the social responsibility itself, but the ability to verify its effective compliance. Soon after, we approach the plurality indicator, which suggests to present great varieties of opposing points of view, besides being conceptualized as something independent of a political framework of a country, being an indicator of freedom of the press. The research applied and used as a basis the content analysis (Bardin 2011) from the constant categories in the reliability matrix, through journalistic production management software called Qualijor, which has, among other structures, a specific matrix for the evaluation of veracity, both evaluation instruments developed under the Program for Research in Quality, Innovation and Technology Applied to Journalism (Qualijor) at the Federal University of Sergipe – UFS. The research intended, after applying the matrix, to evaluate and reformulate when necessary its categories, scoring systems and mode of application, in order to propose adjustments and improvements, at the same time that used to evaluate the reliability and plurality of the journalistic information in the journal cited, generating reliability indexes of the evaluated articles for editorial quality purposes. The use of the software reinforced the effectiveness of the methodology, demonstrating that it is able to generate accurate evaluations and detailed data.

Keywords: journalism; literary journalism; accountability; quality; reliability; plurality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	19
1. JORNALISMO LITERÁRIO.....	23
1.1. Relações históricas entre jornalismo e literatura.....	24
1.2. Características ao longo do tempo: jornalismo literário e factual como uma relação próxima versus uma situação conflitante.....	31
1.3.O Jornalismo Literário da Revista Piauí.....	40
2. QUALIDADE E ACCOUNTABILITY	44
2.1. Accountability de Mídia e jornalismo.....	44
2.2.Qualidade em jornalismo.....	49
2.3.Confiabilidade com requisito de qualidade.....	59
2.4. Pluralidade no Jornalismo.....	66
3. A AVALIAÇÃO DE QUALIDADE DA REVISTA PIAUÍ.....	72
3.1. Sobre a Piauí e a avaliação de qualidade	72
3.2. Análise da Pluralidade.....	78
3.3. Análise de Confiabilidade.....	82
3.4. Qualijor e sua operacionalização.....	83
3.5. Análise das Matérias.....	88
3.5.1. Los Doctores.....	88
3.5.1.1- Tipos de Relatos da matéria <i>Los Doctores</i>	92
3.5.1.2- Tipos de problemas da Matéria <i>Los Doctores</i>	93
3.5.1.3- IPJ (Índice de Pluralidade Jornalística) Alinhados.....	94
3.5.1.4 – Fontes Ouvidas.....	94
3.5.1.5 – IPJ (Índice de Pluralidade Jornalística) por problemas.....	96
3.5.1.6 – ICJ (Índice de Confiabilidade Jornalística) por problemas.....	102
3.5.1.7 – Síntese dos resultados.....	103
3.5.2 – Matéria <i>Contrato de Risco</i>	104
3.5.2.1 – Tipos de Relatos da matéria <i>Contrato de Risco</i>	107
3.5.2.2 – Tipos de Problemas da Matéria <i>Contrato de Risco</i>	108
3.5.2.3 - IPJ (Índice de Pluralidade Jornalística) Alinhados da matéria <i>Contrato de Risco</i>	109

3.5.2.4 – Fontes Ouvidas.....	109
3.5.2.5 - IPJ (Índice de Pluralidade Jornalística) por problemas.....	111
3.5.2.6 – ICJ (Índice de Confiabilidade Jornalística)	114
3.5.2.7 – Síntese dos resultados.....	114
3.5.3- Matéria <i>A Verdade da Comissão</i>	115
3.5.3.1 – Tipos de Relato da matéria <i>A Verdade da Comissão</i>	119
3.5.3.2 – Tipos de problemas.....	120
3.5.3.3 - IPJ (Índice de Pluralidade Jornalística) Alinhados da matéria <i>A Verdade da Comissão</i>	120
3.5.3.4 – Fontes Ouvidas.....	121
3.5.3.5 – IPJ - IPJ (Índice de Pluralidade Jornalística) por problemas.....	123
3.5.3.6 – ICJ (Índice de Confiabilidade Jornalística)	126
3.5.3.7 – Síntese dos resultados.....	126
3.5.4 - Matéria <i>Cacos da Velha Potência</i>	127
3.5.4.1- Tipos de Relatos da matéria <i>Cacos da Velha Potência</i>	131
3.5.4.2- Tipos de problemas.....	132
3.5.4.3 – IPJ (Índice de Pluralidade Jornalística) Alinhados.....	132
3.5.4.4- Fontes Ouvidas.....	133
3.5.4.5 – IPJ (Índice de Pluralidade Jornalística) por problemas	134
3.5.4.6- ICJ (Índice de Confiabilidade Jornalística)	139
3.5.4.7- Síntese dos resultados.....	139
3.5.5- Matéria <i>A Afilhada Rebelde</i>	140
3.5.5.1 – Tipos de Relatos.....	144
3.5.5.2- Tipos de problemas.....	145
3.5.5.3- IPJ (Índice de Pluralidade Jornalística) Alinhados.....	145
3.5.5.4- Fontes ouvidas.....	146
3.5.5.5- IPJ (Índice de Pluralidade Jornalística) por problemas.....	147
3.5.5.6- ICJ (Índice de Confiabilidade Jornalística)	151
3.5.5.7- Síntese dos resultados.....	151
3.5.6- Comparativo final das matérias.....	152
3.6 – Análise da metodologia e do Qualijor.....	153

4.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	157
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	160
APÊNDICE.....	165
ANEXO.....	212

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Quadro de referência para o estudo da qualidade em jornalismo.....	56
Figura 2 – Eixos para o estudo da qualidade em jornalismo.....	57
Figura 3 – Espaço de inserção das unidades informativas.....	84
Figura 4 – Exemplo da pontuação dos relatos de uma notícia.....	85
Figura 5 - Exemplo da pontuação do Macro-problema e problema.....	86
Figura 6 - Exemplo da pontuação dos relatos de uma notícia.....	87
Figura 7 - Exemplo da Consulta de Ranking e pontuação das matérias cadastradas.....	87
Figura 8 –Exemplo do relatório quantitativo de Matérias e Informações.....	88

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Comparativo Entre Jornalismo Literário e Jornalismo Factual.....	38
Quadro 2 –Exemplo da Matriz de Problema.....	81
Quadro 3 – Matriz de Problemas na análise da cobertura da Matéria da Revista Piauí <i>Los Doctores</i>	90
Quadro 4 - Matriz de Problemas na análise da cobertura da Matéria da Revista Piauí <i>Contrato de Risco</i>	105
Quadro 5 – Matriz de Problemas na análise da cobertura da Matéria da Revista Piauí A <i>Verdade da Comissão</i>	117
Quadro 6 - Matriz de Problemas na análise da cobertura da Matéria da Revista Piauí <i>Cacos da Velha Potência</i>	128
Quadro 7– Matriz de Problemas na análise da cobertura da Matéria da Revista Piauí A <i>Afilhada Rebelde</i>	142

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Descrição de indicadores	70
Tabela 2 – Matriz de Atributos.....	82
Tabela 3 – Tipos de Relatos da Matéria <i>Los Doctores</i>	92
Tabela 4 – Índice de Pluralidade Jornalística Geral por pontos de vista alinhados da Matéria <i>Los Doctores</i>	94
Tabela 5 – Fontes Gerais da Matéria <i>Los Doctores</i>	95
Tabela 6 – Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 1 da Matéria <i>Los Doctores</i>	96
Tabela 7- Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 2 da Matéria <i>Los Doctores</i>	97
Tabela 8 – Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 3 da Matéria <i>Los Doctores</i>	98
Tabela 9 – Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 4 da Matéria <i>Los Doctores</i>	99
Tabela 10 – Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 5 da Matéria <i>Los Doctores</i>	100
Tabela 11 – Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 6 da Matéria <i>Los Doctores</i>	101
Tabela 12 - Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 7 da Matéria <i>Los Doctores</i>	102
Tabela 13 – Índice de Confiabilidade Jornalística da Matéria <i>Los Doctores</i>	102
Tabela 14 – Síntese do IPJ e ICJ da Matéria <i>Los Doctores</i>	103
Tabela 15 – Tipos de relatos da Matéria <i>Contrato de Risco</i>	107
Tabela 16 – Índice de Pluralidade Jornalística Geral por pontos de vista alinhados da Matéria <i>Contrato de Risco</i>	109
Tabela 17 – Fontes Gerais da Matéria <i>Contrato de Risco</i>	110
Tabela 18 – Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 1 da Matéria <i>Contrato de Risco</i>	112
Tabela 19 – Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 2 da Matéria <i>Contrato de Risco</i>	113
Tabela 20 – Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 2 da Matéria <i>Contrato de Risco</i>	114
Tabela 21 - Índice de Confiabilidade Jornalística da Matéria <i>Contrato de Risco</i>	114

Tabela 22 – Síntese do IPJ e ICJ da matéria <i>Contrato de Risco</i>	114
Tabela 23 – Tipos de relatos da Matéria <i>A Verdade da Comissão</i>	119
Tabela 24 – Índice de Pluralidade Jornalística Geral por pontos de vista alinhados da Matéria <i>A Verdade da Comissão</i>	120
Tabela 25 – Fontes Gerais da Matéria <i>A Verdade da Comissão</i>	122
Tabela 26 – Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 1 da Matéria <i>A Verdade da Comissão</i>	123
Tabela 27- Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 2 da Matéria <i>A Verdade da Comissão</i>	124
Tabela 28 – Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 3 da Matéria <i>A Verdade da Comissão</i>	125
Tabela 29 – Índice de Confiabilidade Jornalística da matéria <i>A Verdade da Comissão</i>	126
Tabela 30 – Síntese do IPJ e ICJ da matéria <i>A Verdade da Comissão</i>	126
Tabela 31 – Tipos de relatos da Matéria <i>Cacos da Velha Potência</i>	131
Tabela 32 – Índice de Pluralidade Jornalística Geral por pontos de vistas alinhados da Matéria <i>Cacos da Velha Potência</i>	132
Tabela 33 – Fontes Gerais da Matéria <i>Cacos da Velha Potência</i>	134
Tabela 34- Índice de Pluralidade Jornalística do problema 1 da matéria <i>Cacos da Velha Potência</i>	135
Tabela 35 – Índice de Pluralidade Jornalística do problema 2 da matéria <i>Cacos da Velha Potência</i>	136
Tabela 36 – Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 4 da matéria <i>Cacos da Velha Potência</i>	137
Tabela 37- Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 5 da matéria <i>Cacos da Velha Potência</i>	138
Tabela 38 – Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 6 da Matéria <i>Cacos da Velha Potência</i>	138
Tabela 39- Índice de Confiabilidade Jornalística da Matéria <i>Cacos da Velha Potência</i>	139
Tabela 40- Síntese do IPJ e ICJ da matéria <i>Cacos da Velha Potência</i>	139
Tabela 41 – Tipos de relatos da Matéria <i>A Afilhada Rebelde</i>	144
Tabela 42 – Índice de Pluralidade Jornalística Geral por pontos de vistas alinhados...	145
Tabela 43 – Fontes Gerais da Matéria <i>A Afilhada Rebelde</i>	146

Tabela 44 – Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 1 da Matéria <i>A Afilhada Rebelde</i>	147
Tabela 45- Índice de Pluralidade Jornalístico do Problema 2 da Matéria <i>A Afilhada Rebelde</i>	148
Tabela 46- Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 3 da Matéria <i>A Afilhada Rebelde</i>	149
Tabela 47- Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 4 da Matéria <i>A Afilhada Rebelde</i>	150
Tabela 48 - Índice de Confiabilidade Jornalística da Matéria <i>A Afilhada Rebelde</i>	151
Tabela 49- Síntese do IPJ e ICJ da matéria <i>A Afilhada Rebelde</i>	151
Tabela 50 – Comparativo final das matérias.....	152
Tabela 51 – Análise da metodologia e do Qualijor	153

LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Capa da Edição 89, fevereiro de 2014.....	89
Foto 02: Capa da Edição 90, Março de 2014.....	104
Foto 03: Capa da Edição 91, Abril de 2014.....	116
Foto 04: Capa da Edição 92, Maio de 2014.....	127
Foto 05: Capa da Edição 97, Outubro de 2014.....	141

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Problemas da Matéria <i>Los Doctores</i>	93
Gráfico 2 – Problema 1 Matéria <i>Los Doctores</i>	96
Gráfico 3 – Problema 2 Matéria <i>Los Doctores</i>	97
Gráfico 4 – Problema 3 Matéria <i>Los Doctores</i>	98
Gráfico 5 – Problema 4 Matéria <i>Los Doctores</i>	99
Gráfico 6 – Problema 5 Matéria <i>Los Doctores</i>	100
Gráfico 7 – Problema 6 Matéria <i>Los Doctores</i>	101
Gráfico 8 – Problema 7 Matéria <i>Los Doctores</i>	102
Gráfico 9 – Problemas da Matéria <i>Contrato de Risco</i>	108
Gráfico 10: Problema 1 Matéria <i>Contrato de Risco</i>	111
Gráfico 11: Problema 2 Matéria <i>Contrato de Risco</i>	112
Gráfico 12: Problema 3 Matéria <i>Contrato de Risco</i>	113
Gráfico 13- Problemas da Matéria <i>A verdade da Comissão</i>	120
Gráfico 14- Problema 1 Matéria <i>A Verdade da Comissão</i>	123
Gráfico 15- Problema 2 Matéria <i>A Verdade da Comissão</i>	124
Gráfico 16: Problema 3 Matéria <i>A Verdade da Comissão</i>	125
Gráfico 17- Problemas da Matéria <i>Cacos da Velha Potência</i>	132
Gráfico 18 – Problema 1 da Matéria <i>Cacos da Velha Potência</i>	134
Gráfico 19- Problema 2 da Matéria <i>Cacos da Velha Potência</i>	135
Gráfico 20- Problema 4, Matéria <i>Cacos da Velha Potência</i>	136
Gráfico 21- Problema 5 da Matéria <i>Cacos da Velha Potência</i>	137
Gráfico 22- Problema 6 da Matéria <i>Cacos da Velha Potência</i>	138
Gráfico 23- Problemas da Matéria <i>A Afilhada Rebelde</i>	145
Gráfico 24- Problema 1 da Matéria <i>A Afilhada Rebelde</i>	147
Gráfico 25- Problema 2 Matéria <i>A Afilhada Rebelde</i>	148
Gráfico 26- Problema 3 da Matéria <i>A Afilhada Rebelde</i>	149
Gráfico 27- Problema 4 da Matéria <i>A Afilhada Rebelde</i>	150

INTRODUÇÃO

A piauí é uma revista que procura, sem abrir mão de uma “apuração ética e criteriosa, captar a realidade de uma forma diferenciada” (Salles, 2006). Oportuniza ao leitor textos envolventes, criativos, “prezando pelo rigor na checagem dos fatos e na qualidade do texto jornalístico, humanizados e sintonizados com tendências contemporâneas e com a responsabilidade social” (Salles, 2006). A revista se enquadra na especificidade de Jornalismo Literário por utilizar recursos estilísticos da literatura na escrita de seus textos, com o intuito de tornar a sua leitura mais atraente.

O jornalismo literário é visto como uma alternativa de qualidade em relação ao jornalismo convencional. Alguns autores defendem que o jornalismo literário é associado à ideia de jornalismo sofisticado ou ‘bom’ jornalismo, por possuir características definidoras que o diferenciam do jornalismo factual, como por exemplo, Pena (2006) que o caracteriza como ‘bom’ por fugir das amarras do *lead*, por ser um gênero que busca perenidade e profundidade aos relatos; ou Peidrahita (1993), que diz que o jornalismo literário deve “valer-se de boa escrita para influenciar uma sociedade massificada, apressada e desejosa de conhecer”; Clemente (2005), que diz que o jornalismo literário proporciona uma visão mais ampla da realidade ou fato ocorrido e que “os jornalistas deveriam se lembrar que mesmo os pequenos detalhes de um fato fazem toda a diferença para envolver e prender o leitor”; ou Araújo (2002), que fala que o jornalismo literário foge das fórmulas prontas sem a necessidade de definir de cara o *lead* ou um sub *lead* e que se pode aplicar as técnicas literárias em sua construção narrativa.

A preocupação do jornalismo literário, segundo Pena (2008), é “contextualizar a informação da forma mais abrangente possível - o que seria muito mais difícil no limitado espaço de um jornal factual”. Ainda segundo Pena, o jornalismo literário se preocupa, também, com a cidadania, com uma abordagem que pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade, além de apresentar criatividade, elegância e estilo, fugindo das fórmulas e aplicando técnicas literárias de construção narrativa.

O texto jornalístico, segundo Fiorin e Savioli (1990), visa informar enquanto outros textos pretendem convencer, documentar. Já o texto literário, na visão dos dois autores, tem uma função estética, em que o plano de expressão não serve apenas para

veicular conteúdos, mas recria-os em sua organização, de um modo que importa não apenas o que é dito neles, mas o modo como se diz. Ao resumi-lo, perde-se o essencial dele. Além disso, o texto literário cria novos significados para as palavras por desautomatizá-las, ao estabelecer relações inesperadas e estranhas entre elas.

No jornalismo literário existe, também, uma maior preocupação com o estilo jornalístico, que segundo Menezes, sem dúvidas, foi o “responsável pela melhoria dos padrões de escrita dos órgãos de imprensa (1997, p.17). Esta preocupação, muitas vezes torna o processo de produção mais demorado, visando qualidade em seu produto final: a notícia.

Lima (2009) diz que qualquer texto jornalístico, para ser considerado como tal, deve informar, portanto dispor de elementos da realidade que o tornam verossímil, identificável, por muitos de nós (leitores). Segundo o autor, tratam-se de dados primários que ancoram a matéria naquilo que podemos aceitar como real e concreto, em que se faz necessário ter exatidão e precisão como parte de um ideário. Mas que, segundo o autor, o modo como se atende a esse quesito no jornalismo literário é muito mais criativo e desafiador do que no jornalismo convencional.

Diante destas colocações, como produzir uma avaliação que permita, através de parâmetros mais objetivos, aferir, de fato, se este tipo de jornalismo (literário) praticado por determinado veículo - que adota este estilo - possui qualidade editorial em seu conteúdo produzido? Possui qualidade da informação considerando dois requisitos básicos: Pluralidade e Confiabilidade?

Com base nesta inquietação e diferenciação do jornalismo literário, o seguinte problema de pesquisa foi formulado: Como avaliar a qualidade das reportagens produzidas pela revista *piauí* dentro da perspectiva do jornalismo literário para fins de avaliação de sua qualidade editorial, considerando dois requisitos: Confiabilidade e Pluralidade?

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é submeter o jornalismo literário da Revista *piauí* a uma avaliação de qualidade a fim de avaliar dois requisitos: a confiabilidade e a pluralidade da cobertura foi apresentado qualidade como instrumento de *accountability*.

Dentro do jornalismo, o conceito de *accountability* abrange transparência nos procedimentos de apuração das notícias e na condução do noticiário, abrange prestação

de contas para fontes de informação, sujeitos das histórias relatadas e empregadores; segundo Mota (2006) *accountability* consiste em dar satisfações ao público, prever um convite geral à crítica.

Esta dissertação está dividida em quatro partes. No primeiro momento, apresenta-se jornalismo e literatura, as relações históricas, pontuando as principais mudanças ao longo dos anos. Em seguida, foi apresentada a transição no Brasil de um ‘modelo’ de jornalismo, no qual um estilo ‘literário ou pseudoliterário’ tinha mais espaço, para um novo modelo que busca a padronização técnica, com vistas a modernizar a atividade, (processo histórico em outros países como nos Estados Unidos (EUA) e surgimento do *New Journalism*). Depois, foram apresentados conceitos e características definidoras do jornalismo literário no contexto geral, como: a construção cena a cena, o ponto de vista de primeira pessoa, registro de gestos, hábitos, maneiras, etc. (Wolfe 2005), além de pontuar em quais aspectos o jornalismo literário se aproxima do jornalismo factual e em quais aspectos e características definidoras apresentadas existe uma relação conflitante.

Diante destas características, é apresentado um quadro comparativo entre jornalismo literário e jornalismo factual, destacando e separando as características em três aspectos: a) características de estilo; b) características de verdade e confiabilidade; e c) características de método de apuração. Encerrando este primeiro momento, foram apresentadas um pouco das características e surgimento da *Revista piauí*, objeto da pesquisa, pontuando características do seu público alvo, editorial, características e ao que ela se propõe a ser, a fazer.

No segundo capítulo é feita uma breve apresentação sobre qualidade jornalística e *accountability*. Foi abordada, inicialmente, a definição geral do termo *accountability* na visão de alguns autores, já que o conceito desdobra-se em diferentes questões analíticas referentes a a) *accountability* como responsividade; b) *accountability* como controle; c) *accountability* profissional e pessoal; d) *accountability* como diálogo. E já que dentro do jornalismo o termo abrange transparência nos procedimentos de apuração das notícias e na condução do noticiário, abrange prestação de contas para fontes de informação, sujeito das histórias relatadas e empregadores. Para muitos autores, como McQuail (1997) e Bertrand (2010), por exemplo, a medição de qualidade pode ser considerada um instrumento de *accountability* principalmente porque “o termo liga-se à capacidade de averiguar e cobrar responsabilidade e transparência no cumprimento de determinadas obrigações, sejam elas de cunho legal ou moral. O que mais interessa aos estudos de *accountability* não é a responsabilidade social em si, mas a capacidade de verificar seu

efetivo cumprimento” (FEITOZA, 2016). Ou seja, obrigação de responder pelos processos capazes de garantir a qualidade da atuação, esclarecendo sempre que requerido, seu funcionamento.

Accountability e qualidade não são termos sinônimos. Ainda assim, à medida que uma ferramenta parte de uma discussão sobre a necessidade de determinado requisito e implementa a busca por tal requisito desenvolvendo um método de avaliação, tal ferramenta responde não só aos desafios para a busca por qualidade, mas também instrumentaliza e compartilha elementos para a reivindicação de *accountability* de mídia (FEITOZA, 2016).

No terceiro capítulo deste trabalho, são apresentados a metodologia e os resultados pretendidos. Nosso objetivo é avaliar a qualidade das informações a partir de dois índices: Índice de Confiabilidade Jornalística (ICJ) construído levando em conta três aspectos: 1) o grau de verificação que o relato permite, através da indicação das fontes; 2) o grau de demonstração da informação, aplicável a relato de dados, por meio da apresentação de provas; e 3) a distinção clara entre ponto de vista e relato de dados. E o Índice de Pluralidade Jornalística (IPJ) que visa avaliar a pluralidade de vozes e o direito do contraditório. Neste quesito, são apresentados os pontos de vista (definidos no âmbito da Matriz de Relatos) de acordo com o problema ao qual a notícia se refere. Ou seja, são identificados os pontos de vista em disputa na matéria, sendo logo em seguida quantificados, seguindo para avaliação para perceber o quanto estão equilibrados e, assim, obter o IPJ da matéria analisada.

O quarto momento estabelece e apresenta a parte metodológica, os procedimentos necessários para alcançar os resultados e desdobramento das análises, gerando gráficos e resultados viabilizados a partir da matriz de confiabilidade e pluralidade. A ferramenta permitiu a geração dos indicadores que levassem à construção dos índices de pluralidade jornalística e de confiabilidade nas matérias analisadas, apresentando, assim, em sequência a metodologia em teste e como foi conduzida a aplicação no caso aqui apresentado, assim como seus resultados.

1. JORNALISMO LITERÁRIO

O jornalismo, seja ele literário ou factual, apresenta características definidoras e muito peculiares. Ambos cumprem a missão de informar, mas o jornalismo literário, mesmo preservando a essência jornalística “ganha em vocabulário, estrutura narrativa e aprofundamento de conteúdo” (Wiese, 2013). E como o objetivo desta pesquisa é submeter o jornalismo literário da *Revista piauí* a uma avaliação de qualidade observando dois requisitos: a confiabilidade (ICJ) e pluralidade (IPJ) da cobertura, será verificado se há, de fato, uma qualidade editorial.

Inicialmente, é apresentado o processo histórico deste tipo de jornalismo, que segundo alguns autores, é visto como ‘bom’ jornalismo, a citar, por exemplo, Pena (2006) que diz que o jornalismo literário “potencializa os recursos do jornalismo, ultrapassando os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionando visões amplas da realidade” exercendo plenamente a cidadania, rompendo inclusive com as correntes burocráticas do *lead*. Ou seja, o autor apresenta características que comprovam que o jornalismo literário não se caracteriza apenas por fugir das amarras da redação factual: o conceito é muito mais amplo.

Ou mesmo Peidrahita (1993), que afirma que o jornalismo literário “deve valer-se de boa escrita para influenciar uma sociedade massificada, apressada e desejosa de conhecer”, ou a visão de Clemente (2005), que reforça e diz que “os jornalistas deveriam se lembrar que mesmo os pequenos detalhes de um fato fazem toda a diferença para envolver e prender o leitor” já que o jornalismo literário busca maneiras diferentes de oferecer as informações mais importantes de forma criativa para que a leitura se torne agradável. É apresentada a visão de Brum (2013), que diz que pessoalmente ela prefere chamar apenas de bom jornalismo a reportagem que não reduz o mundo, que busca captar não só as palavras, mas silêncios, hesitações, texturas, gestos, delicadezas e contradições.

Em seguida, abordamos as principais características do jornalismo literário e em que ele se assemelha ou se difere do jornalismo factual para que possamos entender e provar, quando formos para a análise do corpus, se o fato possui uma descrição mais detalhada da realidade, como por exemplo, a construção cena a cena, diálogos, caracterização dos personagens, hábitos, maneiras, captação mais densa e completa da realidade que o relato reproduz, ou mesmo tamanho do texto, sem um controle pré-

estabelecido, informação mais criativa, como é definida e apresentada por alguns autores, é sinônimo de qualidade editorial. Se reportagens bem produzidas, como os defensores do jornalismo literário caracterizam, vindas através de textos primorosos e atraentes possuem padrão de qualidade e se são possíveis de verificação.

Essa contextualização das relações históricas entre jornalismo e literatura e apresentação das características ao longo do tempo, o que difere e o que se assemelha entre os dois tipos jornalísticos (literário e factual), o que os autores defendem e caracterizam do universo literário é essencial para quando partirmos para a análise dos resultados estas características serem usadas como referência. Afinal, o que este trabalho propõe é avaliar dois requisitos (confiabilidade e pluralidade) básicos de qualquer jornalismo, mas diante das características definidoras e diferenciação pontuadas sobre o jornalismo literário se ele apresenta a qualidade defendida pelos autores apresentados nesta dissertação.

Depois do processo histórico e características definidoras, apresentamos o jornalismo da Revista *piauí*. Suas principais ações, por que ela se denomina jornalismo literário e como será utilizada para chegar à resposta que move esta pesquisa.

1.1 Relações históricas entre jornalismo e literatura

Durante muito tempo, jornalismo e literatura se confundiam. Até a segunda metade do século XX, o jornalismo estava densamente atrelado aos produtos artísticos, (RIBEIRO, 2003, p. 147), tanto que muitos escritores hoje amplamente reconhecidos atuaram como jornalistas em outros tempos. Guimarães (2006) pontua e apresenta que o jornal era o principal veículo de acesso aos leitores, mas os jornalistas não seguiam um paradigma, um modelo, apenas se espelhavam na literatura, e seguiam uma gama variada de estilos e não um estilo padronizado. Ou seja, não aplicavam uma técnica própria para contar a história (fato) no espaço jornalístico.

O jornalismo, até já muito dentro do século XX, foi considerado como um gênero totalmente literário. Hoje em dia, essa opinião desapareceu. O jornalista não deve, é claro, abandonar o literário, porquanto, como disse Matthews Arnold, o jornalismo é literatura com pressa. Mas deve, isso sim, sujeitar o essencialmente literário a certas normas em função da realidade que nos rodeia, nas quais intervêm outros fatores totalmente extraliterários. O jornalista, nesta década que agora se inicia voltada para o ano 2000, não pode tender exclusivamente a fazer literatura. Deve valer-se da boa escrita para influenciar uma sociedade massificada, apressada e desejosa de conhecer. (PIEDRAHITA, *apud* PENA, 2008) [grifo meu].

Francisco Gutiérrez Carbaajo afirma que “A relação entre literatura e jornalismo conhece um primeiro momento de esplendor com a aparição das revistas culturais do século XVIII, estreita-se ao longo do século XIX e constitui um dos capítulos fundamentais da cultura do século XX” (GUTIÉRREZ CARBAJO *apud* MEDEL, 2002, p.16). Ainda segundo o autor, desde o romantismo, jornalismo e literatura têm andando sempre de mãos dadas.

Segundo Medel (2002) “não são poucos os literatos e ensaístas - afortunadamente cada vez menos - que não querem conceder ao jornalismo a categoria de literatura” (MEDEL, 2002, p. 17). Segundo o autor, é uma velha discussão que não foi resolvida totalmente, na qual existiam aqueles que alegavam que o jornalismo não tinha requisitos para colocá-lo ao lado da literatura. Mendel apresenta nomes de poetas, jornalistas, escritores que são contra a ideia de jornalismo e literatura juntos, mas também apresenta nomes que são a favor e diz que “Esse é o futuro” e não faltam afirmações elogiosas a essa convergência.

Gustavo de Castro e Alex Galeno (2005) no livro *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra* apresentam alguns critérios que podemos levar em conta para uma reflexão fecunda sobre as relações entre jornalismo e literatura ao menos - e em um primeiro momento - de caráter geral. Eles apontam três principais critérios, sendo eles:

1)[...]No caso do discurso jornalístico, deve ser dominante a função referencial, por ser a que articula sua funcionalidade informativa e sua vontade de construir discursos baseados em fatos reais, que correspondam a acontecimentos extradiscursivos. No caso dos discursos literários, esteja ou não presente a função referencial, deve dominar a função poética ou estética, que reclama atenção sobre o próprio texto e por isso tem, por um lado, maior liberdade referencial e, pelo outro, maiores restrições expressivas (já que o plano da expressão se articula fortemente com aquele do conteúdo) (CASTRO, GALENO, 2005, p. 24); [grifo meu].

Os autores falam também sobre discursos de ficção ante discursos factuais.

2)“Se nestes, o *designatum* (criação do significado) deve relacionar-se com o *denotatum* (esse apontar para a realidade que está fora do discurso), nos discursos literários o *designatum* cria seu próprio *denotatum* de modo que se os discursos factuais, próprios do jornalismo podem ser, mais ou menos, submetidos a provas de veracidade ou falsidade, nos discursos literários esta conexão não é pertinente, já que o que o autor disse, estabelece sua própria referência” (CASTRO, GALENO, 2005, p. 24); [grifo meu].

E completam dizendo que:

3) Agora, a retórica do discurso jornalístico (posto que todo dizer requer sua retórica, implícita ou explícita, formal ou informal) é, em muitos casos, essencialmente coincidente com a do discurso literário. Com efeito, se a ficção própria da literatura a exime das provas comprobatórias e se baseia mais em um pacto estético do que em um pacto ético de credibilidade (como acontece com o discurso jornalístico), podemos estar diante e de ficções fantásticas (nas que o conteúdo funciona de modo muito distinto ao mundo em que habitualmente nos encontramos inseridos) ou diante de ficções realistas (nas que a retórica do discurso funciona, seguindo os velhos postulados da verossimilhança aristotélica como se tratasse de um discurso factual) (CASTRO, GALENO, 2005, p. 24); [grifo meu].

As três colocações acima refletem e apontam os critérios que podem ser levados em conta sobre a relação entre jornalismo e literatura. Sobre essa relação, Baccega diz que: “A literatura não é um discurso do ‘aconteceu’, é o discurso do jogo de possibilidades; ela não busca o ‘efeito real’, ele é o ‘outro real’” (BACCEGA, *apud* CASTRO; GALENO, 2005, p. 37).

No Brasil, segundo Faria (2011), durante muito tempo jornalismo e literatura se confundiam. Até a segunda metade do século XX, o autor diz que o jornalismo era considerado um subproduto das belas artes. Muitos jornalistas eram também ficcionistas. Devido à ausência de mercado editorial forte, os escritores tinham que trabalhar em outras ocupações para garantir sobrevivência. O jornalismo era a atividade mais próxima que permitia o livre desenvolvimento dos estilos pessoais (RIBEIRO, 2003, p. 147).

Marques (2009) apresenta a visão do jornalista Eric Nepomuceno (1999), que traça paralelos entre jornalismo e literatura. Nepomuceno se posiciona a favor do jornalismo como gênero literário, ressaltando a especificidade do texto jornalístico. “O mesmo rigor técnico, a mesma criatividade, o mesmo cuidado que são exigidos de um texto de ficção são exigidos de um texto jornalístico” (NEPOMUCENO, *apud* MARQUES, 1999, p. 21). Segundo o jornalista, o jornalismo literário não foge das regras do jornalismo factual:

Confunde-se literatura com ficção, estabelecendo uma fronteira que não tem nenhuma razão de ser. É como se só um texto ficcional (um conto, um romance) pudesse ser considerado literatura. A questão é bem mais simples, e diz respeito a regras e normas: tudo o que o jornalista não pode ter é uma gota que seja de ficção. Já no conto, ou no romance, tudo que se espera do autor é que ele seja capaz de manipular a realidade, ponto de partida em quase toda a literatura ficcional, e recriá-la, dando até mesmo a supostos absurdos a dose exata de credibilidade. O jornalismo depende da credibilidade que transmite. Na literatura de ficção, isso não acontece. Nela, a credibilidade não faz mais que enriquecer o resultado final. (NEPOMUCENO *apud* MARQUES, 1999, p. 22).

Segundo Ribeiro (2003), os jornais funcionavam como uma instância fundamental de divulgação da obra literária e de construção de reconhecimento social dos escritores e que “os periódicos brasileiros seguiam então modelo francês de jornalismo, cuja técnica de escrita era bastante próxima à literatura” (p. 148). Os gêneros mais valorizados eram aqueles mais livres e opinativos, como a crônica e o artigo polêmico.

No Brasil, a maior parte dos jornais possuía um equilíbrio econômico precário e, por isso, dependia de favores, subsídios e subvenções para assegurar sua existência. Até a década de 1940, a maioria dos diários era ainda essencialmente instrumento político. “Eram pequenos em termos de tiragem e de recursos econômicos, submetendo-se assim, a ser porta-vozes do Estado ou de grupos políticos que os financiavam em parte ou na totalidade” (RIBEIRO, 2003, p. 148). Segundo a autora, a “imprensa era ainda essencialmente de opinião e a linguagem da maioria dos jornais era em geral agressiva e virulenta, marcada que estava pela paixão dos debates e das polêmicas” (RIBEIRO, 2003, p. 148).

Na década de 1950, isto começou a mudar, principalmente no Rio de Janeiro, onde o jornalismo empresarial foi, pouco a pouco, substituindo o político-literário. Segundo Ribeiro, “a imprensa foi abandonando a tradição de polêmica, de crítica e de doutrina, substituindo-a por um jornalismo que privilegia a informação (transmitida ‘objetiva’ e ‘imparcialmente’ na forma de notícia) e que a separava (editorial e graficamente) do comentário pessoal e da opinião” (RIBEIRO, 2003, p. 148).

A imprensa foi deixando de ser definida como um espaço do comentário, da opinião e da experimentação estilística e começou a ser pensada como um lugar neutro, independente. “O jornalismo não era mais visto como um gênero literário de apreciação de acontecimentos [...]. Passava a ser reconhecido como um gênero de estabelecimento de verdades (RIBEIRO, 2003, p. 148).

O jornalismo em 1950 passou a buscar um certo distanciamento em relação à literatura e à política, passando a incorporar uma série de práticas discursivas, seguindo o padrão norte-americano.

As técnicas americanas impuseram ao jornalismo noticioso um conjunto de restrições formais que diziam respeito tanto à linguagem quanto à estruturação do texto: inspirado no noticiário telegráfico, o estilo jornalístico passou a ser mais seco e forte. A restrição do código linguístico – com uso de reduzido número de palavras, expressões e regras gramaticais – aumentava a comunicabilidade e facilitava a produção de mensagens. As regras de redação,

além disso, supostamente retiravam do jornalismo noticioso qualquer caráter emotivo e participante. Para garantir a impessoalidade (e o ocultamento do sujeito da enunciação), impôs-se um estilo direto, sem o uso de metáforas. Como a comunicação deveria ser, antes de tudo, referencial, o uso da terceira pessoa tornou-se obrigatório. O modo verbal passou a ser, de preferência o indicativo. Os adjetivos e as aferições subjetivas tiveram que desaparecer, assim como os pontos de exclamação e as reticências. As palavras com funções meramente enfáticas ou eufemísticas deveriam ser evitadas (LAGE, 1985 *apud* RIBEIRO, 2003, p. 149).

E finalizando esse processo histórico, Ribeiro (2003) diz que “Se, antes, o jornalismo havia sido o lugar do comentário sobre as questões sociais, da polêmica de ideias, das críticas mundanas e da produção literária, na década de 1950 passou a ser o ‘espelho’ da realidade” (RIBEIRO, 2003, p. 149). Ou seja, até os anos 50, o Brasil vivenciou um modelo de jornalismo no qual o estilo literário ou pseudoliterário tinha mais espaço, para um novo modelo que busca a padronização técnica, com vistas a modernizar a atividade.

Enquanto o jornalismo de padrão Norte-Americano buscava se firmar no Brasil, uma década depois de sua introdução (década de 60), surge nos Estados Unidos uma tendência justamente em sentido contrário, o *New journalism* (novo jornalismo) tendo como expoentes Truman Capote, Tom Wolfe e Norman Mailer, e pode ser definido como “a aplicação das técnicas ficcionais a textos de não-ficção” (BUENO, 1994, p. 07). E vem para quebrar os padrões da notícia e reinventar o modo de conceber a realidade jornalística e, a partir disso, a notícia passa, de fato, a ser concebida pela literatura.

Segundo Lima (1993)

Essa tendência foi apenas a expressão moderna de algo que sempre existiu ao lado da corrente convencional do jornalismo: o “jornalismo literário”. Repórteres rebeldes sempre procuraram, ao longo da história, manter viva a chama de reportagem mais solta, criativa, provocante, tirando da literatura – e de outras formas de compreensão e expressão do mundo – inspirações renovadoras. (LIMA, 1993, p. 51-53).

O *New Journalism* buscou aproximar-se da literatura. Segundo Tom Wolfe (*apud* Bueno, 1994, p. 07), nos Estados Unidos, o objetivo seria:

Descrever a realidade tão detalhada e fielmente quanto possível, conferindo a tal descrição um tratamento até então destinado exclusivamente ao romance ou ao conto. Isso, e mais: descobriu-se que um artigo jornalístico podia – devia, na verdade – recorrer a todos os artifícios literários (diálogos, monólogos interiores, teorizações ensaísticas), simultaneamente e dentro de um espaço breve, capturando o leitor, emocional e intelectualmente. (WOLFE *apud* BUENO, 1994, p.07).

Assim, para Wolfe, o *New Journalism* possui alguns expedientes fundamentais, como o registro minucioso de gestos de personagens e a descrição de costumes, hábitos, certo detalhamento espacial na caracterização de um evento narrativo, a construção cena a cena e a presença de diálogos como recurso de caracterização de personagens. “Tais recursos[...] reinaram na literatura de ficção por muito tempo e caíram na máquina de escrever do *New Journalism*” (WOLFE *apud* BUENO, 1994, p. 70).

Segundo Oliveira (2007, p. 4), “os símbolos do cotidiano situam o leitor próximo àquilo que vive. A construção cena a cena, a narração, tudo isso faz com que o leitor seja conduzido de uma forma dinâmica ao texto e o fato reportado”. Já o emprego de diálogos, segundo a autora, eram utilizados de uma forma solta e simples para ritmar a leitura.

Oliveira, cita a visão de Edvaldo Pereira Lima, que em linhas gerais, também caracterizou esta nova reformulação e ousadia do jornalismo, perante a industrialização da notícia:

A chance que o jornalismo poderia ter para se igualar em qualidade narrativa, à literatura, seria aperfeiçoando seus meios sem, porém, jamais perder sua especificidade. Isto é, teria de sofisticar seu instrumento de expressão, de um lado, elevar seu potencial de captação do real de outro. Esse caminho chegaria a um bom termo com o *New Journalism* (...). O *New Journalism* resgataria, para esta última metade do século, a tradição do jornalismo literário e conduzi-lo a uma cirurgia plástica renovada sem precedentes. (LIMA *apud* OLIVEIRA, 2007, p. 4).

A autora diz que o processo de captação, toda uma preocupação estética com aquilo que está sendo escrito configuram o que há de novo neste jornalismo. “O *New Journalism* quebra a formalidade e o distanciamento do jornalista quanto à notícia. Paralelo a isso, na literatura dos anos 40 até o início da década de 60, desponta o classicismo romântico, o vigor e seriedade desta arte secular de contar histórias” (OLIVEIRA, 2007, p. 5). Sendo assim, Oliveira, afirma que, a ficção reinava, nesta época, de uma forma quase que absoluta nas obras literárias. Mas, alguns se renderam e experimentaram o que o *New Journalism* tinha a oferecer.

O Novo Jornalismo traz a luz dos holofotes o mesmo timbre comum de sensualidade, de mergulho completo, corpo e mente, na realidade como acontecia em todas as formas de expressão da contracultura, (...) A objetividade da captação linear, lógica, somava-se à subjetividade impregnada das impressões do repórter. (LIMA, *apud* OLIVIRA, 2007, p. 5).

A expressão deste tipo de jornalismo, segundo Lima (1995), apresentado por Oliveira (2007), enfrentou uma forte resistência e a predominância de uma velha discussão: literatura é literatura, jornalismo é jornalismo e vice-versa.

O impacto deste movimento, segundo Schmidt (1997), foi mais limitado no caso da reportagem em periódico, seja porque as empresas jornalísticas inibem o emprego de recursos literários (já que pretendem dar a impressão de objetividade e imparcialidade na divulgação das notícias), seja porque a extensão da matéria não requer o uso de técnicas narrativas variadas. Porém, no que se refere à reportagem em livro, como é o caso de biografias, a influência da literatura foi muito mais marcante (LIMA, 1993, p. 43).

Também é importante ressaltar que o *New Journalism* foi marcante no Brasil no surgimento das revistas Realidade e Cruzeiro, por exemplo. A revista *Realidade*, surgiu em 1966 e foi até 1976, e tinha como marca a valorização da reportagem e o engenho textual nas suas publicações e “se caracterizava pela liberdade com que os profissionais tinham na construção de suas reportagens” (MIRA, 1997). Já a revista *Cruzeiro*, foi lançada em 1928, muito antes do surgimento do *New Journalism*, mas foi na década de 60, a partir da gestão de José Amádio, que a revista imprimiu um novo design editorial, conforme Bahia (1990, p. 185) veio “para alterar formas convencionais de conteúdo, impressão e veiculação de notícia”, com foco em grandes reportagens.

Nunca, na história da imprensa nacional, os jornalistas foram tão escritores como naquele período.

As reportagens, verdadeiras peças literárias. Sem prejuízo da informação, o texto encadeava a história que seduzia o leitor. Sem a necessidade de definir de cara o *lead* ou um sub *lead* agora falando de nosso jargão de jornal. (ARAÚJO, 2002 p. 96).

Ainda segundo Bahia, a *Cruzeiro* foi considerada por muitos como a maior revista semanal ilustrada de informação no Brasil por mais de meio século, e depois aliou “à sua agilidade, dinâmica e objetividade, uma visão realista do país. Cada lugar desconhecido e atraente, inviolável e sedutor do território, é revelado aos leitores pelos repórteres de o *Cruzeiro*” (BAHIA, 1990, p.190).

Lima (2003) diz que o “fluxo da consciência” do estilo da narrativa era uma grande característica do *New Journalism*, ou seja, reprodução do pensamento do personagem, por exemplo. A técnica apresenta ao leitor uma espécie de sensação de que este está experimentando a realidade subjetiva que faz parte da mente do personagem.

Helena Freitas pontuou que “a objectividade pura e a *secura* estilística fazem parte de um conceito que os chamados novos jornalistas arrasaram nas décadas de 50 e 60 do século XX nos Estados Unidos” (FREITAS, 2002, p. 69).

1.2 Características ao longo do tempo: jornalismo literário e factual como uma relação próxima *versus* uma situação conflitante

As relações entre criação literária e exercício jornalístico têm sido problemáticas desde seu início. O jornalismo literário trabalha com a ideia que não pode abandonar a dimensão lúdica, encaminhando-se sempre para o essencial humano, encarnado nas coordenadas espaço-temporais que nos constituem. Já a o jornalismo factual preza muito a atividade mais informativa direta, apontando para o efêmero, passageiro e circunstancial (MEDEL, 2002, p. 18).

Do ponto de vista jornalístico propriamente dito, segundo Vilas Boas (2008, p.10), o jornalismo literário é uma modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e de redação originados da (ou inspirados pela) literatura. Entre suas características estão: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização (VILAS BOAS, 2008, p.10). Abrange distintos formatos narrativos, como o perfil e a reportagem temática, assim como seu estilo é aplicado na produção de narrativas de viagem, biografias, ensaio pessoal e outros formatos (LIMA, 1993).

É um fenômeno universal, embora tenha se consolidado melhor nos Estados Unidos, mas que apresenta ao longo da sua trajetória alguns conflitos, como por exemplo, autores que não veem muita diferença entre o jornalismo literário e o factual, destacam similaridade entre ambos e autores que estabelecem tensões e situações conflitantes de comparação entre os dois tipos de jornalismo: literário e factual.

Os jornalistas se apropriavam de recursos da literatura para buscar novas formas de se relacionar com os seus leitores por meio dos seus textos. Tom Wolfe (2005) elenca algumas dessas características, sendo elas: a construção cena a cena, o ponto de vista de terceira pessoa, registros de gestos, hábitos, maneiras, etc. “A reportagem realmente estilosa era algo com que ninguém sabia lidar, uma vez que ninguém costumava pensar que a reportagem tinha uma dimensão estética”. (WOLFE, 2005, p. 22)

A ideia, segundo o autor, era dar uma descrição completa, mais alguma coisa que os leitores sempre tiveram que procurar em romances e contos: a vida subjetiva ou emocional dos personagens. Por isso, ele foi tão irônico quando os velhos guardiões tanto do jornalismo como da literatura começaram a atacar esse Novo Jornalismo como ‘impressionista’. As coisas mais importantes que se tentava, em termos de técnica, segundo Wolfe, “dependiam de uma profundidade de informação que justamente nunca havia sido exigida do trabalho jornalístico”. (WOLFE, 2005, p. 37-38).

O que me interessava não era simplesmente a descoberta da possibilidade de escrever não-ficção apurada com técnicas em geral associadas ao romance e ao conto. Era isso - e mais. Era a descoberta de que é possível na não ficção, no jornalismo, usar qualquer recurso literário, dos dialogismos tradicionais ao fluxo de consciência, e usar muitos tipos diferentes ao mesmo tempo, ou dentro de um espaço relativamente curto...para excitar tanto intelectual como emocionalmente o leitor”. (WOLFE, 2005, p. 28)

Coimbra cita em *O texto da reportagem impressa* visões de José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli, nas quais os autores mencionam três possíveis características que permitiriam distinguir um texto literário de outro, não literário:

A primeira - o conteúdo- é logo descartada pelos dois autores. Não há conteúdos exclusivos dos textos literários, nem conteúdos avessos ao seu domínio. A segunda – o caráter ficcional e não-ficcional dos textos – cria uma dificuldade: como a de um texto religioso, por exemplo? A terceira – a função do texto” (FRIORI & SAVIOLI *apud* COIMBRA, 1990, p. 349).

Ainda para os autores, o texto jornalístico visa informar enquanto outros textos pretendem convencer, documentar. Já o texto literário, na visão dos dois, tem uma função estética, no qual o plano de expressão não serve apenas para veicular conteúdos, mas recria-os em sua organização, de um modo que importa não apenas o que é dito neles, mas o modo como se diz. “Ao resumi-lo, perde-se o essencial dele. Além disso, o texto literário cria novos significados para as palavras, por desautomatizá-las, ao estabelecer relações inesperadas e estranhas entre elas (Fiorin & Savioli *apud* Coimbra, 1990, p. 349-53).

Como analisa Genro Filho (*apud* Sayão, 2011, p. 41), além de buscar descrição objetiva, o jornalismo literário pretendia oferecer uma vivência subjetiva e emocional junto aos personagens. Seria um reforço à reportagem, para trazer aos leitores coisas novas, que não estavam sendo ditas no jornalismo tradicional e que seria impossível serem ditas de outra forma.

O particular estético- ou o típico – permitia, então, a percepção de certos aspectos que o simples relato jornalístico cristalizado na singularidade não comportava. Porém, mesmo nesse gênero de reportagem que deliberadamente se socorreu da literatura, o típico não funciona como categoria preponderante, embora ele seja alcançado nos melhores casos. O recurso literário, aqui, é um instrumento para a democratização do acontecimento e a revelação mais explícita – e não apenas insinuada ou pressuposta – do conteúdo universal do fenômeno produzido. Se a preponderância do singular, no jornalismo, permite ao redator da notícia diluir-se no público, dissimular-se entre os espectadores, a conquista do típico pela reportagem literária conduz o espectador a vivenciar os personagens e as situações como se fosse participante do acontecimento. Contudo, de maneira ainda mais evidente do que na arte, ele não deixa de ser um espectador, pois sabe que os fatos são reais e que ele não os viveu, embora pudesse tê-los vivido. (GENRO FILHO *apud* SAYÃO, 1987, p. 125-126).

O jornalismo literário, segundo Pena (2010), não se caracteriza apenas por fugir das amarras da redação factual. O conceito é muito mais amplo, porque potencializa os recursos do jornalismo, ultrapassando os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionando visões amplas da realidade, exercendo plenamente a cidadania, rompendo as correntes burocráticas do *lead*, a famosa fórmula, que prega a necessidade de o texto jornalístico responder às principais perguntas da reportagem (o quê?, quem?, quando?, onde?, como? e por quê?) ainda no primeiro parágrafo.

Aparentemente esta técnica (*lead*), segundo Cremilda Medina, já estava impregnada na memória do profissional há muito tempo. “Estão aí as agências de notícias internacionais que consagram as fórmulas. No entanto, qualquer situação-limite da humanidade provoca nos jornalistas lúcidos e nos analistas uma angustiada reflexão a respeito das insuficiências da herança e da modernização técnica e tecnológica” (MEDINA, 2003, p. 36). Ou seja, esta forma de fazer jornalismo não dá conta das demandas coletivas.

Essa padronização do textual foi se consagrando nos Estados Unidos e os procedimentos essenciais para a escrita noticiosa, “tais como a ordem direta da frase e a contenção no uso de adjetivos, levando, por fim, ainda no final do século XIX, à consagração das fórmulas da pirâmide invertida e ao uso do lide (do inglês *lead*)” (Bulhões, 2007, p. 30).

Houve também com o jornalismo literário uma maior preocupação com o estilo jornalístico, que sem dúvidas, foi o “responsável pela melhoria dos padrões de escrita dos órgãos de imprensa” (Menezes, 1997, p. 17)

A busca permanente de aperfeiçoamento dos meios de comunicação, a complexidade e o entrelaçamento dos fatos de que se alimentam jornais,

revistas e emissoras de rádio e de televisão, as transformações profundas por que têm passando as fontes transmissoras e os campos receptores da informação desencadearam um processo de mutação na imprensa, aproximando-se de certas características estéticas anteriormente encontradas apenas nos livros de literatura (MENEZES, 1997, p.49).

Mas, mesmo rompendo as fórmulas estabelecidas do *lead*, os especialistas exigem alguns requisitos para que uma obra possa ser classificada como jornalismo literário. São eles:

Ela deve ser publicada em um jornal ou revista (a partir dos anos 80, com a diminuição crescente do espaço nos jornais e revistas, alguns autores passaram a publicar reportagens diretamente na forma de livro; no Brasil, essa foi a única maneira de o jornalismo literário sobreviver). Ela precisa estar ancorada em fatos. Sua matéria-prima é o trabalho de grande apuração: muitas entrevistas, muito bate-pé de repórter, pesquisa em arquivos, exaustiva investigação de fatos, levantamento de dados (SUZUKI JR. *apud* HERSEY, 2002, p. 170).

Qualquer texto jornalístico, para ser considerado como tal, deve informar, portanto, elementos da realidade que o tornam verossímil, identificável, por muitos de nós. Tratam-se de dados primários que ancoram a matéria naquilo que podemos aceitar como real e concreto. A exatidão e precisão, portanto, fazem parte do ideário. Contudo, o modo como se atende a esse quesito no Jornalismo Literário é muito mais criativo – e desafiador – para o autor do que no jornalismo convencional (LIMA, 2009, p. 355).

Este tipo de jornalismo se caracteriza por visar qualidade em suas matérias, tornando muitas vezes o processo de produção mais demorado, por potencializar os recursos do jornalismo. Autores como Piedrahita (1993), Pena (2008), Scliar (2005), Dantas (1997), Scalzo (2003), Suzuki Jr (2002), Lima (1993), Casatti (2006) e tantos outros escritores destacam ao longo de suas obras e observações as características e qualidade do jornalismo literário em relação ao jornalismo padrão. O jornalismo literário não é apenas um meio de exercitar a veia literária em texto jornalístico, é um gênero que busca perenidade e profundidade aos relatos.

O jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais. Mas os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas. (PENA, 2008, p. 13-14)

A grande questão desse gênero, segundo Lima, é entrar nos assuntos através da figura humana, em vez de entrar por números e dados frios. É um trabalho de mergulho na realidade, não apenas se deter em noticiar como periódico.

Toda boa narrativa do real só se justifica se nela encontrarmos protagonistas e personagens humanos tratados com o devido cuidado, com a extensão necessária e com a lucidez equilibrada onde nem os endeusamos nem os vilipendiamos. Queremos antes de tudo descobrir o nosso semelhante em sua dimensão humana real, com suas virtudes e fraquezas, grandezas e limitações (LIMA, 2009, p.359).

Menezes diz que não chegaria ao exagero de afirmar que o jornalismo se confunde com literatura no sentido estrito, mas alega que o jornalismo atingiu melhor qualidade. “Mas verificamos, sem maior esforço, que atingimos uma linguagem jornalística de muito boa qualidade” (1997, p. 51).

O jornalismo literário ainda se caracteriza por não estar enjaulado por um *deadline*, a famosa hora de fechamento do jornal ou da revista, quando inevitavelmente deve entregar sua reportagem (PENA, 2008). E tão pouco se preocupa com a novidade, ou seja, "com o desejo do leitor em consumir os fatos que aconteceram no espaço de tempo mais imediato possível" (PENA, 2008, p.7). O dever do jornalismo literário é justamente ultrapassar esses limites e proporcionar uma visão ampla da realidade.

A preocupação do jornalismo literário, segundo Pena (2008), é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível - o que seria muito mais difícil no limitado espaço de um jornal factual. É preciso proporcionar uma visão ampla da realidade. Ciente, claro, de que esta visão - por mais completa que seja - não se trata do pleno conhecimento do mundo que nos cerca, mas um recorte, uma interpretação.

O jornalismo literário busca principalmente cumprir sua função de informar de forma criativa, utilizando a liberdade de recursos narrativos e linguísticos, com liberdade de pautas, apuração, tamanho do texto, entre outras permissões que o diferenciam do jornalismo factual.

Enquanto alguns autores apresentados até aqui não partem para um confronto entre jornalismo literário e jornalismo factual, o autor Necchi (*apud* FRANÇA, 2008, p. 34-35) parte para o confronto e faz duras críticas ao jornalismo diário atual:

Relatos apressados e superficiais, textos mal escritos e desinteressantes, pautas sem originalidade que perpetuam fórmulas e clichês da cobertura, adoção de discursos hegemônicos e do senso comum como ponto de partida para a apuração, cómodas entrevistas realizadas por telefones ou e-mail, dependência de agências de notícias, perda da capacidade de observação e desconexão da realidade (NECCHI *apud* FRANÇA, 2008, p. 34-35).

Ao longo dos anos, a produção da notícia, especialmente do jornalismo factual, foi se tornando um processo vicioso e mecanizado, segundo o autor. A busca pelo furo, a correria nas redações, as novas rotinas produtivas que buscam como fonte de informação

os sites e agências de notícias, verdadeiro comodismo profissional, são algumas críticas que o autor faz, alegando que tudo isso foi o que levou a atividade jornalística diária se tornar, muitas vezes, superficial e sem profundidade.

"Diferentemente das reportagens do cotidiano, que em sua maioria, caem no esquecimento no dia seguinte, o objetivo aqui é a permanência" (PENA, 2008, p. 15). Ou seja, o jornalismo literário, preza pelo relato mais humanizado, permitindo ao jornalista explorar novas percepções do mundo, mostrando em cada fato um lado mais humano, sobretudo, de personagens que chamam a atenção do público, sem espetacularização. "É como se o escritor procurasse fugir da fugacidade da vida pelo tortuoso caminho das letras. É um otimista por natureza" (PENA, 2008, p. 15).

O jornalismo literário busca, ainda, maneiras diferentes de oferecer as informações mais importantes de forma criativa para que a leitura se torne agradável. Segundo Clemente "os jornalistas deveriam se lembrar que mesmo os pequenos detalhes de um fato fazem toda a diferença para envolver e prender o leitor" (CLEMENTE, 2005 p.17)

Lima também defende o jornalismo literário e cita alguns conceitos e características definidoras:

Registrar gestos, hábitos, costumes, vestuários, decoração e tudo que sirva para o leitor situar, deduzir, inferir melhor o estado de ânimo dos personagens focalizados pela matéria, os cenários dos relatos, a época, a posição que ocupam na sociedade ou que gostariam de ocupar. O objetivo é fazer o leitor captar uma impressão mais densa e completa da realidade que o relato reproduz. (LIMA, 1993, p. 50).

A descrição é um dos elementos primordiais para a caracterização do jornalismo literário. Alguns autores falam dessa alternativa em suas obras. Entre eles encontram-se Vilas Boas (2002) e Felipe Pena (2008). Pena cita que a descrição é um potencializador de outros recursos do jornalismo. Já Vilas Boas afirma que, "sendo a descrição uma técnica literária básica, não há grande mistério em utilizá-la tanto em textos longos quanto curtos" (2002, p.8)

Outra característica do jornalismo literário foi citada por Pena (2008) que seria reconstruir pensamentos, sentimentos e emoções. "Ao resgatar o sentimento, a emoção, o repórter estaria não só potencializando os recursos do jornalismo, como garantindo profundidade aos relatos, ambas as características do jornalismo literário" (PENA, 2008, p. 20).

O uso de metáfora é uma das características do Jornalismo literário apontada pelos pesquisadores Necchi (2007) e Lima (1995). E a utilização da metáfora contribui com uma forma mais rica de se fazer jornalismo indo, inclusive, contra o uso da terceira pessoa, que é quase obrigatório no jornalismo factual. “Ao exigir-se do jornalista o uso da terceira pessoa que garantiria formalmente a impessoalidade do discurso, tem-se como resultado um discurso esvaziado, que acaba por ocultar o processo social que possibilitou a notícia” (Sato *apud* Marques, 2002, p. 31). Sobre isso, Medina diz que “usamos no dia-a-dia, uma racionalidade esquemática que não se alimenta da intuição criativa e, por isso, nos contentamos com a rotina” (Medina, 2003, p. 34).

Cremilda Medina pontua em seu livro *A Arte de tecer o presente* algumas críticas no modo de fazer jornalismo e as exigências estabelecidas, como por exemplo, as formas textuais sempre pontuais. Muitas destas colocações são utilizadas no jornalismo factual. A autora diz que o discurso cientificista da objetividade e da busca da verdade serve de frágil escudo para defender práticas jornalísticas reducionistas. “A redução que se faz do presente humano nas narrativas de atualidade espelha o pouco-caso que se dá aos múltiplos tempos em jogo na emergência diária” (2003, p.92)

A autora diz que “para que o cotidiano se presentifique é preciso romper com as rotinas industriais da produção da notícia. É preciso super-ficcionalidade das situações sociais e o predomínio dos protagonistas oficiais” (MEDINA, 2003, p. 93). Assim, Medina ressalta que há uma demanda pela democratização das vozes que fazem representar a mídia.

Ainda segundo a autora, os jornalistas sofrem frustrações por esbarrar em editores que, em grande parte, não estão disponíveis para “a alma encantadora das ruas”.

Quando se constrói um personagem ou uma história de vida, as fronteiras do real e do imaginário se diluem. O método do questionamento em uma entrevista com a pré-pauta estabelecida tem resultados previsíveis. Cai por terra a assepsia racionalista na interação humana criadora de um encontro sem cartas marcadas. Também a crença de um rigor profissional que chegue ao retrato objetivo da realidade, em última instância à verdade, só persiste em mentes arrogantes (MEDINA, 2003, p. 130).

As colocações de Medina defendem o literário como forma de libertar o jornalismo de amarras empobrecedoras e de ideias preconcebidas e convicções inabaláveis sobre a forma de fazer jornalismo factual. “As literaturas e outras expressões artísticas exibem surpreendente competência: narrar para tentar compreender o mundo à volta no ato lúdico ou na linguagem onírica[...] o estudante bebe águas artísticas para se imunizar dos vícios monológicos das técnicas consagradas” (MEDINA, 2003, p. 133).

Outra crítica que pode ser pontuada é o conceito de atualidade que, segundo ela, o presente é esquematizado de tal forma que “o acontecimento humano se transforma num fato jornalístico isolado, pontual, sem nexos objetivos nem significados subjetivos. O tempo cultural, mágico, mítico – tão necessário para revelar os protagonistas da ação social nas suas caracterizações individuais -, mal aflora nos chamados perfis de imprensa” (MEDINA, 2003, 93).

A partir das observações apresentadas sobre jornalismo literário, é possível comparar as características, pontuando o jornalismo literário e factual como uma relação próxima e algumas situações conflitantes nas quais autores estabelecem e pontuam diferenças entre os dois tipos de jornalismo: literário e factual.

Dentro das características apresentadas ao longo do texto, elaboramos uma síntese, exposta no quadro abaixo, para maior entendimento sobre as principais características e diferenças entre jornalismo literário e o jornalismo factual. Ressaltando que esse comparativo é segundo os autores que defendem e/ou trabalham com o jornalismo literário.

Quadro 1: Comparativo Entre Jornalismo Literário e Jornalismo Factual

Quadro Comparativo Entre Jornalismo Literário e Jornalismo Factual	
Jornalismo Literário	Jornalismo Factual
Características de Estilo	Características de Estilo
- Reportagem estilosa, dimensão estética; (Fiorin & Savioli, 1990).	- Ordem direta da frase e a contenção no uso de adjetivos; (Bulhões, 2007).
- Dimensão lúdica, coordenadas espaços-temporais (Clemente, 2005).	- Uso do <i>lead</i> , fórmulas pirâmide invertida (responde às principais perguntas da reportagem: o quê?, quem?, quando?, onde?, como? E por quê?, ainda no primeiro parágrafo); (Bulhões, 2007).
- Uso de metáforas (Necchi 2007).	- Estilo direto, sem o uso de metáforas; (Lage, 1985).
- Uso da primeira (1ª) pessoa. (Necchi 2007).	- Uso da terceira (3ª) pessoa. Garantindo a impessoalidade do discurso; (Lima,1995).

	- Para garantir a impessoalidade, impôs-se a um estilo direto. (Bahia, 1990).
- Tamanho do texto mais livre, sem um controle pré-estabelecido; (Necchi, 2008).	- Espaço reduzido e controlado; (Necchi, 2008)
- Informação de forma criativa. (Necchi, 2008).	- Um Conjunto de restrições formais tanto na linguagem quanto na estrutura do texto; (Bahia, 1990).
	- Uso do modo verbal indicativo; (Lage 1985, Bahia, 1990).
Características de verdade e confiabilidade	Características de verdade e confiabilidade
- Descrição mais detalhada da realidade (construção cena a cena, diálogos, caracterização dos personagens, hábitos, maneiras); (Wolfe, 1994). - Captação mais densa e completa da realidade que o relato reproduz; (Lima, 1993).	- Tempo limitado para contextualizar a informação, pois tem o <i>deadline</i> -fechamento da matéria; (Pena, 2008).
- Contextualização da informação da forma mais abrangente possível; (Pena, 2008).	Informação direta, apontando para o efêmero, passageiro e circunstancial; (Clemente, 2005).
Registrar gestos, costumes, vestuários, decoração e tudo que sirva para o leitor situar, deduzir, inferir [...] captar uma impressão mais densa da realidade que o relato produz. (Lima, 1993).	- Discurso hegemônico. (Necchi, 2008).
Características de método de apuração	Características de método de apuração
- Muitas entrevistas, pesquisas em arquivos, exaustiva investigação de fatos, levantamento de dados; (Suzuki Jr, 2002)	- Relatos apresados e superficiais (muitas vezes realizados por e-mail, telefone ou de agências de notícias); (Necchi, 2008)
- Imersão do repórter na realidade, a precisão de dados e observação, a busca do ser humano por trás do que se deseja relatar; (Casatti, 2006)	
- Apuração mais rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente. (Pena, 2008).	
- Liberdade de pautas, apuração mais prolongada; (Necchi, 2008).	

Neste quadro comparativo podemos perceber que o jornalismo literário se sobressai em alguns aspectos do jornalismo factual. Nas características de Estilo, por exemplo, as diferenças são pontuais, que vão desde o tamanho do texto ao uso da informação criativa e livre. Enquanto o factual busca manter a impessoalidade do discurso e um estilo direto, estabelecendo restrições formais tanto na linguagem, quanto na estrutura do texto.

Já nas características de verdade e confiabilidade, o jornalismo factual também é muito mais pontual, espaço limitado com informação direta, apontando para o efêmero, passageiro e circunstancial. Enquanto o jornalismo literário vai ao encontro de uma descrição mais detalhada, na qual a construção cena a cena consiste em narrar a história como se os fatos estivessem acontecendo naquele mesmo momento, recorrendo-se à reconstituição histórica dos acontecimentos, com o registro de diálogos completos, com a finalidade de prender a atenção do leitor e dar voz própria às personagens, humanizando-as.

Muitas vezes, o texto do jornal literário (ainda nas características de verdade e confiabilidade) constrói as personagens de forma tão singular através dos diálogos que concede aos leitores a sensação de que o jornalista descreveu minuciosamente sua aparência e personalidade, descrevendo o ambiente em que o personagem se encontra, captando, assim, uma impressão mais densa da realidade que o relato produz.

As vantagens do jornalismo literário nas características de método de apuração em relação ao jornalismo factual também são visíveis. Podemos citar, por exemplo, a imersão ou aprofundamento do repórter. Implica uma dedicada e delicada investigação por parte do jornalista para a compressão e interpretação dos fatos relativos à vida do seu personagem, compreendendo, assim, suas motivações, seus valores, determinadas atitudes até compreender um tema a partir das perspectivas dos personagens nele envolvidos. Já nos métodos de apuração o jornalismo factual, segundo os autores estudados, são relatos superficiais realizados muitas vezes por e-mail, telefone ou agências de notícias.

Com este quadro comparativo podemos perceber que os dois tipos jornalísticos (literário e factual) buscam a verdade, mas com intensidades e características diferentes.

1.3 O Jornalismo Literário da *Revista Piauí*

Como já foi dito, o Jornalismo Literário é uma prática jornalística decorrente de contextos específicos, nos quais são utilizados recursos estilísticos da literatura na escrita dos textos, com o intuito de tornar a sua leitura mais atraente. O movimento teve início na década de 60, nos Estados Unidos, e a intenção era buscar meios de se comunicar com seus leitores de forma mais eficaz, sem perder o caráter realista e os padrões jornalísticos de apuração da notícia (Dines, 2009).

A *Revista piauí*, (objeto desta pesquisa) é uma publicação mensal brasileira que foi lançada em 2006 e idealizada pelo documentarista João Moreira Salles, sendo considerada, diante de suas características, como jornalismo literário, que busca ‘contar uma boa história’, segundo seu mídia kit. A revista em nenhum momento se autodeclara como fazendo jornalismo literário, no entanto as características do texto da revista permitem qualificá-la como jornalismo literário. Com uma análise preliminar da revista não restam dúvidas de que esse estilo (Jornalismo Literário) constitui uma referência para a revista, já que apresenta em seus textos, extensão, liberdade de estrutura, de estilo, apuração mais prolongada das notícias, a precisão de dados e observação, descrição mais detalhada da realidade, mostrando a construção cena a cena, diálogos, descrição e caracterização dos personagens, hábitos, maneiras, transmitindo o que o repórter captou durante a entrevista e contextualizando a informação da forma mais abrangente possível.

A *piauí* contém notícias sobre assuntos variados, como política, economia, cultura e cotidiano. Não há muitas seções fixas, apenas Chegada, Despedida, Horóscopo e Esquina. A Chegada introduz ao leitor alguma novidade, pessoa ou coisa e a Despedida é voltada para assuntos relacionados ao término, como por exemplo, uma aposentadoria ou, em alguns casos, a morte de alguém. O Horóscopo é normalmente escrito por pessoas que não acreditam no horóscopo ou no zodíaco, como uma condição estabelecida pelos editores da revista. Por fim, a Esquina é considerada uma seção de pequenas histórias, contendo textos mais curtos do que os demais. Geralmente, os textos publicados na Esquina não são assinados e são acompanhados por ilustrações, ao invés de fotografias. No resto, os textos são acompanhados por fotografias, além das ilustrações. Cada edição contém cerca de 8 textos na seção Esquina.

De acordo com as informações disponibilizadas aos anunciantes, o *mídia kit piauí* possui 114.000 leitores por mês. No ranking das revistas mais lidas, ela está no 13º lugar. A tiragem da revista é de 56.000 exemplares, dos quais cerca de 36.055 entram em

circulação no mercado. A revista possui 24.149 assinantes. Tais números, segundo o site da revista, a caracterizam por ser, dentro do segmento de cultura, a segunda revista tanto em relação à tiragem, atrás apenas da *Rolling Stone*, quanto em relação ao número de assinantes, atrás somente da *Bravo*.

O público de leitores é caracterizado pelo *mídia kit* como sendo de jovens universitários de grandes centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Campinas e Recife. Conforme os dados fornecidos pelo site da revista, a maioria dos leitores é do sexo masculino (54%), de classe B (62%). Com relação à escolaridade, a maioria (73%) tem o ensino superior completo, enquanto 8% tem superior incompleto. O público de leitores da revista pode ser caracterizado, assim, pelo nível de escolaridade.

A *piauí*, segundo o seu idealizador, é uma revista que procura, sem abrir mão de uma apuração ética e criteriosa, captar a realidade de uma forma diferenciada. “A revista oferece ao leitor textos envolventes, criativos, com qualidade, humanizados e sintonizados com tendências contemporâneas e com a responsabilidade social” (Salles, 2011).

Diante desta breve apresentação da Revista *piauí*, podemos observar que ela se apresenta como uma estratégia narrativa que intenciona não só qualificar a reportagem como dar a ela uma dimensão amplificada de sentidos sobre a realidade reportada.

No entanto, para ser ter a ‘qualidade’ em seu conteúdo produzido, o jornalismo literário ou factual deve, entre tantas outras coisas, possibilitar que o relato seja verdadeiro e plural, e que apresente elementos que permitam dar chances ao leitor de confirmar a informação e ter clareza do que é ponto de vista e do que é informação de fato (segurança da informação ou confiabilidade). Mas, como foi visto, diferente do jornalismo factual, o jornalismo literário é associado à ideia de jornalismo sofisticado ou ‘bom’ jornalismo, por fugir das amarras do *lead*, por ser um gênero que busca perenidade e profundidade aos relatos e por proporcionar uma visão mais ampla da realidade ou fato ocorrido, por contextualizar a informação de forma mais abrangente, por fugir das formulas e aplicar as técnicas literárias em sua construção narrativa e por tantas outras características citadas ao longo do texto.

Mas, como produzir uma avaliação que permita, através de parâmetros mais objetivos, aferir, de fato, se este tipo de jornalismo (literário) praticado por determinado veículo - que adota este estilo - possui qualidade editorial em seu conteúdo produzido? Possui a segurança da informação? Não obstante todos os méritos estilísticos, reivindicados, como também verdade e método que são atribuídos ao novo jornalismo, as

matérias analisadas serão submetidas ao crivo de características básicas do jornalismo: confiabilidade do conteúdo e pluralidade.

Com base em tudo que foi apresentado sobre jornalismo literário, este trabalho quer responder à questão: como avaliar a confiabilidade e pluralidade das reportagens produzidas pela Revista *piauí* dentro da perspectiva do jornalismo literário para fins de avaliação de sua qualidade editorial?

Em meio a estas características que apresentam o jornalismo literário como um jornalismo sofisticado e de qualidade, esta dissertação se propõe a testar dois indicadores: confiabilidade (segurança da informação) e pluralidade desta qualidade. Ou seja, avaliar se a Revista *piauí* produz um jornalismo literário de qualidade, avaliando se o jornalismo literário da revista citada atende a requisitos mínimos, clássicos, do jornalismo, como a confiabilidade e pluralidade. O teste em questão será feito através de um instrumento sistemático, que procura problematizar as informações presentes no conteúdo jornalístico, em busca dos elementos que afirmem sua segurança. Serão analisadas e testadas cinco (05) matérias de capas da Revista *piauí*, em relação à confiabilidade e pluralidade e uma definição se realmente existe esta qualidade.

Mas, antes da aplicação da matriz, no segundo capítulo desta dissertação é apresentado o que vem a ser qualidade e *accountability*, além de explicar os termos de confiabilidade e pluralidade como requisitos de qualidade.

2. QUALIDADE E ACCOUNTABILITY

Como o objetivo deste trabalho é avaliar a confiabilidade e pluralidade das reportagens produzidas pela Revista *piauí* dentro da perspectiva do jornalismo literário para fins de avaliação de sua qualidade editorial, neste segundo momento é exposta uma breve apresentação sobre qualidade jornalística e *accountability*.

Para muitos autores como McQuail (1997) e Bertrand (2010), por exemplo, a medição de qualidade pode ser considerada um instrumento de *accountability*, principalmente porque o termo liga-se à capacidade de averiguar e cobrar responsabilidade e transparência no cumprimento de determinadas obrigações, sejam elas de cunho legal ou moral.

Logo após, é apresentado o conceito de qualidade jornalística, a partir da perspectiva de Picard, para quem a qualidade jornalística não é apenas conteúdo (variedade e contextualização da notícia) e métodos jornalísticos (variedades de fontes), mas também atividades operacionais relacionadas com os aspectos técnicos e gerenciais (PICARD *apud* MOMPART; SAMPIO 2004, p. 60-63). Após estas breves apresentações partimos para discussão dos dois requisitos de conteúdo editorial que iremos trabalhar: confiabilidade e pluralidade, ambos com requisitos de qualidade apontando as possibilidades de verificação.

2.1 *Accountability* de mídia e jornalismo

Num sentido amplo, *accountability* tem origem na área política, refere-se ao imperativo democrático de que representantes devem considerar os desejos e as necessidades dos cidadãos na condução dos negócios públicos (MAIA, 2006). Independentemente da existência de um controle formal, um governo é considerado 'responsivo' se ele adota políticas que são apontadas pelos cidadãos como as favoritas (Przeworski, Stokes e Manin *apud* Maia 2006). Já Maia (2006) diz que a questão de *accountability* estabelece uma estreita relação com a legitimidade - a propriedade de que os procedimentos de um regime para fazer e implementar a lei sejam aceitos por sujeitos.

No entanto, o problema da *accountability* também inclui a busca por mecanismos institucionais destinados a controlar o desempenho das instituições públicas

e a julgar o modo pelo qual os representantes e os agentes públicos agem concretamente na disposição de seus poderes e deveres (MAIA, 2006, p. 5).

Concordando com o posicionamento de Maia (2006) Filgueiras (2011), que também defende que o conceito de *accountability* não se refere apenas ao processo contábil de prestação de contas, mas também a um processo político e democrático de exercício da autoridade por parte do cidadão. E assim como Maia (2006), o autor diz que dois problemas fundamentais devem ser compreendidos pelo conceito: “o fortalecimento de uma ideia substantiva de democracia, sendo a *accountability* compreendida como um princípio normativo; e a operação do conceito no plano das instituições políticas e das práticas dos cidadãos” (FILGUEIRAS, 2011, p. 71).

As decisões políticas são tomadas pelos representantes eleitos e implementadas por agentes públicos, a quem os representantes delegam algumas das tarefas do governo. As instituições democráticas devem oferecer, assim, mecanismos horizontais de *accountability*: “poderes distintos do governo respondem e prestam contas não apenas aos cidadãos, mas uns aos outros” (Przeworski, Stokes e Manin *apud* Maia, 2006 p. 19).

Maia (2006) também reuniu o conceito de *accountability* na visão de vários autores como Romzek e Dubnick, (1987); Przeworski, Stokes e Manin, (1999); e Mulgan, (2000). Estes autores mostraram que o conceito de *accountability* desdobra-se em diferentes questões analíticas referentes a : a) *accountability* como responsividade - o modo pelo qual os dirigentes procuram satisfazer os desejos e as necessidades dos cidadãos, adotando políticas que são sinalizadas como aquelas mais desejáveis por estes, embora não haja um controle formal; b) *accountability* como controle - o uso de vários mecanismos e métodos de ‘*checks-and-balances*’, destinados a regular e supervisionar o desempenho de organizações públicas e os atos de seus agentes; c) *accountability* profissional ou pessoal - o sentido interiorizado de responsabilidade individual diante do interesse público, em uma dada situação, o qual inclui o desempenho consciente de funções e deveres; d) *accountability* como diálogo- a dimensão corrente na troca dialógica, quando os interlocutores assumem responsabilidade por seus próprios pronunciamentos e respondem às indagações entre as partes envolvidas.

O debate sobre *accountability* pode ser estendido aos jornais, revistas e emissoras de rádio e tevê, entendido como o “processo que invoca a responsabilidade objetiva e subjetiva dos profissionais e veículos de comunicação através da organização da sociedade e da constituição de espaços públicos democráticos de discussão”

(OLIVEIRA, 2005). Fazendo relação com duas das categorizações citadas acima: *accountability* como responsividade e *accountability* profissional e pessoal.

Dentro do jornalismo, o conceito de *accountability* abrange transparência nos procedimentos de apuração das notícias e na condução do noticiário, abrange prestação de contas para fontes de informação, sujeitos das histórias relatadas e empregadores; *accountability* consiste em dar satisfações ao público, prevê um convite geral à crítica (CHRISTOFOLETTI, 2004).

Na sociedade contemporânea de larga escala, segundo Maia, os meios de comunicação são importantes para tornar visível o processo de *accountability*, a fim de que ele seja reconhecido e apreciado pelos cidadãos comuns. O autor diz que: “Os media não são meros canais neutros para outras fontes, mas, sim, organizações que controlam o acesso dos atores sociais aos seus canais e regulam os fluxos de comunicação. Os profissionais da mídia selecionam e editam eventos e discursos, enquadrando significados a partir da própria lógica e de seus modos operatórios” (MAIA, 2006, p. 7).

A mídia tem como responsabilidade interpelar atores, questionar, cobrar e abrir espaço para a prestação de contas à sociedade e, assim, permitir que os cidadãos se mantenham vigilantes e exijam uma postura *accountable* (refere-se tanto ao fornecimento de explicações, diante de uma situação de cobrança, quanto ao esclarecimento dos fundamentos normativos através dos quais um conjunto de exigências pode ser justificado) dos atores públicos. (McQuail, 2003, p. 15).

Por causa dessa “relevância” conferida aos meios de comunicação, é preciso analisar como é a atuação dos próprios meios de comunicação e se a postura deles diante da sociedade pode ser considerada responsável e de qualidade.

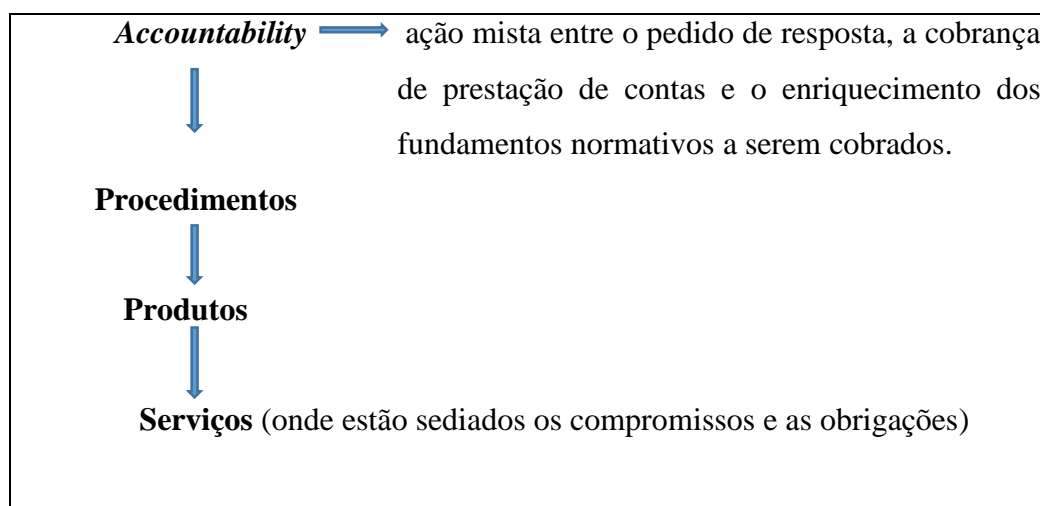
Sendo assim, o termo *accountability* liga-se à capacidade de averiguar e cobrar responsabilidade e transparência no cumprimento de determinadas obrigações, sejam elas de cunho legal ou moral. Ainda que a responsabilidade social seja essencial para os sistemas de monitoramento, o que mais interessa aos estudos de *accountability* não é a responsabilidade social em si, mas a capacidade de verificar seu efetivo cumprimento (FEITOZA, 2016, p. 59).

Neste contexto, podemos ver *accountability* como todo o processo (dentro de um relacionamento de comunicação) de fazer reivindicações baseadas em expectativas e no apelo a normas, de resposta da outra parte (rejeitando alegações ou explicar as ações), e qualquer procedimento a fim de conciliar os dois (MCQUAIL, 2003, p. 15). E este conceito de *accountability* apresentado por McQuail é que será utilizado como base nesta pesquisa. A escolha deste conceito é justamente por defender que o termo é uma

‘prestação de contas’ dos media relativamente à sociedade e escrutínio público dos media por parte dos cidadãos, grupos e instituições.

McQuail (2013) apresenta um conjunto de características para analisar atuação da mídia. Apresentando cinco aspectos que vão desde a escolha dos critérios, que é anterior ao início do processo de avaliação, até a consideração de possibilidades alternativas de condução e uso, são elas:

- 1) **Justificar e esclarecer os requisitos de avaliação** - Necessidade de escolha justificada dos critérios a serem avaliados, justificar os requisitos;
 - Critérios de relevância para boas práticas jornalísticas;
 - Operacionalização Conceitual;
- 2) **Considerar questões externas**- Necessidade de um diálogo com as condições externas. Caráter dialógico dos exercícios de *accountability*;
- 3) **Adotar métodos**- Necessidade de ver os procedimentos científicos necessários (Recorte/Análise);
- 4) **Focar nos conteúdos**- Necessidade por que as pesquisas em *accountability* não devem ter foco a estrutura ou os efeitos da mídia, mas a sua atuação em termos de conteúdo ou do produto.



Fonte: Dados com base em McQuail (2013)

- 5) **Considerar formas de atuação**- Necessidade de considerar perspectivas, alternativas de atuação, principalmente fontes, produtos, clientes e audiência.

Depois desta breve apresentação sobre *accountability* e sua principal função, queremos mostrar qualidade como um instrumento de *accountability*, usando como base

Guerra (2010), que diz que a qualidade é um recurso organizacional de vinculação entre a esfera da produção de bens e serviços e a esfera do consumo desses bens e serviços.

Guerra (2015) apresenta duas sérias limitações quando se fala em qualidade jornalística, principalmente quando o termo ‘qualidade’ é utilizado como reivindicação ou crítica, já que, segundo o autor, ainda existem lacunas a serem preenchidas. A primeira limitação é: a) não há demonstração de resultados, com dados de aferição obtidos por métodos claros e confiáveis; b) em consequência, nem sempre é reconhecida objetivamente pelos demais atores da área válida.

“A primeira é a pouca elaboração do tema no ambiente acadêmico destinado aos estudos do jornalismo. A segunda, a ausência de métodos e critérios mínimos capazes de aferir a qualidade editorial de organizações jornalísticas em níveis aceitáveis de confiabilidade. Sem esses métodos e critérios, a discussão muitas vezes não avança e é relegada apenas a aspectos subjetivos, políticos ou ideológicos (GUERRA, 2015, p. 04).

Apresentando essas duas limitações, Guerra (2015) continua indicando que diante destas ausências, seguem três desafios que, segundo ele, podem ser identificados junto à comunidade científica de pesquisadores em jornalismo, aos gestores organizacionais, aos profissionais dos meios de comunicação e à sociedade: a) desenvolver métodos claros e confiáveis para a avaliação de desempenho do trabalho e de qualidade dos produtos jornalísticos; b) obter parâmetros consensuais acerca das melhores práticas e dos valores que devem reger o negócio; c) produzir pesquisas geradoras de inovação tanto de métodos de avaliação quanto de produção jornalística, capazes de atender a exigências cada vez maiores - espera-se de qualidade (medida e verificada) para produtos jornalísticos.

De acordo com as normas da ABNT NBR ISO 9001, específicas para a gestão da qualidade, para desenvolver e implementar a gestão da qualidade são necessárias muitas etapas, que incluem a apreciação das necessidades e expectativas dos clientes e a determinação dos processos e responsabilidades necessários, além do estabelecimento de métodos e da adoção de um processo de melhoria contínua.

Neste mesmo documento, a qualidade é definida como o “grau no qual um conjunto de características inerentes satisfaz a requisitos” (ABNT NBR ISO 9000:2005, p.8), sendo características as propriedades diferenciadoras de um produto e requisitos um conjunto de necessidades ou expectativas que são expressas geralmente de forma implícita ou obrigatória (ABNT NBR ISO 9000:2005, p.8). Em suma, o conceito de qualidade pressupõe uma comparação entre características apresentadas pelos produtos e

os requisitos: a) necessários para o seu funcionamento e b) esperados pelos usuários. Quanto mais próximas as características estiverem dos requisitos, maior qualidade (Guerra, 2015).

A qualidade é considerada um instrumento de *accountability* porque é uma forma de cobrar coerência e eficácia entre o que a organização jornalística promete e o que entrega na forma de produto jornalístico, porque há uma aproximação entre as demandas necessárias para alcançar qualidade no jornalismo e as características definidoras de um meio *accountable*. Tanto na busca por qualidade da produção jornalística, quanto por *accountability* se sustentam em uma prévia definição de requisitos. Sendo a qualidade o grau de correspondência aos requisitos e a *accountability* um processo de prestação de contas, através do qual se verifica e que medida a organização, cumpre as responsabilidades assumidas junto à sociedade e ao público, uma ferramenta de avaliação de qualidade pode figurar como um instrumento de *accountability* (FEITOZA, 2016).

É importante ressaltar que a qualidade como instrumento de *accountability* pode ser utilizado por algumas ferramentas que possibilita aos meios de comunicação avaliação de qualidade, como por exemplo, a matriz de confiabilidade, (ferramenta que será testada), e que será vista no capítulo seguinte, além de mostrar todo o percurso teórico que levou ao sistema como uma solução para o problema da avaliação de qualidade dos produtos e processos jornalísticos. E já que falamos tanto em qualidade no jornalismo e algumas das suas limitações, se faz necessária uma breve explicação sobre o tema.

2.2 Qualidade em Jornalismo

Existe uma dificuldade de se pensar qualidade no jornalismo, decorrente inclusive da dificuldade de se definir os termos. Mas, mesmo diante destas dificuldades existentes, apresentaremos alguns conceitos na visão de alguns pesquisadores e estudiosos.

Segundo Mompert e Sampio (2013), o conceito sobre qualidade surge na década dos anos vinte do século passado, nos Estados Unidos da América (EUA), ligado às grandes indústrias como a Ford, que se preocupavam com a produção de bens e serviços, mas também ligadas às atividades do campo, como a produtividade agrícola. Ainda segundo os autores, nas três décadas seguintes começou a surgir a ideia de ‘controle de qualidade total’ com o objetivo de alcançar ‘plena satisfação dos clientes’. A partir dos anos 60 do século XX, a preocupação em assegurar qualidade cresceu bastante, inclusive

no campo jornalístico. E juntamente com essa preocupação, veio a responsabilidade dos meios de comunicação, ligados a códigos de deontologia éticos e profissionais.

Existe definição da qualidade na visão da produção. Nesse sentido, autores como Slack, Chambers, Jhonston, buscam sintetizar as diferentes visões sobre a qualidade. Estes autores dizem que genericamente, nas áreas de bens e serviços, existem cinco grandes objetivos de desempenho da produção: qualidade, rapidez, confiabilidade, flexibilidade e custo (Slack, Chambers, Johnston, *apud* Guerra). Qualidade, na visão destes autores, pode ser definida, sinteticamente, como “a consistente conformidade com as expectativas dos consumidores”. E Explica:

O uso da palavra conformidade indica que há necessidade de atender a uma especificação clara (a abordagem da manufatura); garantir que um produto ou serviço está conforme as especificações é uma tarefa-chave de produção. Consistente implica que a conformidade às especificações não seja um evento ad hoc, mas que materiais, instalações e processos tenham sido projetados e então controlados para garantir que o produto ou o serviço atenda a especificações, usando um conjunto de características de produto ou serviço mensuráveis (a abordagem baseada em produto). O uso da expressão expectativas dos consumidores tenta combinar as abordagens baseadas no usuário e no valor. Reconhece que um produto ou serviço precisa atingir as expectativas dos consumidores, que podem, de fato, ser influenciados por preço. (SLACK, CHAMBERS, JOHNSTON, 2007, p. 552 *apud* GUERRA) ¹

A qualidade ou ausência da qualidade tem sido um tema recorrente nas reflexões acadêmicas sobre jornalismo pelo menos em outros países nas últimas décadas. As primeiras pesquisas sobre esta questão, segundo Gutierrez Coba (2006) partiram das teorias de *Gatekeeping* e *Newsmaking* em que as diretrizes e orientações foram sendo elaboradas voltadas para estabelecer os critérios de noticiabilidade e o que atraem um fato para mídia e como o processo de construção é feito, ou seja, o processo da notícia é realizado. No entanto, surge a pergunta ‘O que se entende por qualidade jornalística?’. Ainda aguardam respostas, embora, o autor salienta que é “de maneira intuitiva, qualquer periodista experimentado es capaz de reconocer el buen periodismo de uno de poca calidad” (COBA, 2006, p. 31). ²

O autor diz que qualidade não é um conceito complexo apenas pela dificuldade de defini-lo, é difícil porque ela é composta de uma variedade de elementos que podem ser aplicados a bens, serviços ou processos, inclusive para o jornalismo como uma

¹ Esta definição de qualidade é com base na visão da produção, conforme explicam os autores. Eles buscaram sintetizar e conciliar as diferentes visões sobre a qualidade: a abordagem transcendental, a baseada na manufatura, a baseada no usuário, a baseada no produto e a baseada no valor (cf.: Slack, Chambers, Jhonston, 2007, p. 550-551).

² “De maneira intuitiva, que qualquer jornalista experiente é capaz de reconhecer o bom jornalismo de um de má qualidade”. (COBA, 2006, p.31) (Tradução nossa)

profissão. Tanto que o autor afirma que “não é possível falar exclusivamente da qualidade informativa, mas sim da qualidade jornalística, que abrange desde seus componentes, não apenas o produto em si (informações publicadas), mas todo processo da sua produção: que vai desde jornalistas, editores a administradores da empresa jornalística” (COBA, 2006 p.34).

Handstein (2010), segundo apresentado por Mompert e Sampio, apesar da existência de um grande corpo de pesquisa sobre o tema da qualidade da informação, diz que não é fácil encontrar uma base amplamente aceita. Os autores Mompert e Sampio também apresentam a visão dos pesquisadores Hassemear e Rager (2006), que apontam para a diversidade de noções que englobam o conceito de qualidade como um dos principais problemas para defini-la.

Dentro desta perspectiva de definir qualidade jornalística, surgem dois grupos 1) os que apresentam aspectos mais voltados para serviço ou consumidor *versus* o segundo que 2) destacam-se pelas questões voltadas para o ‘interesse público’. O primeiro grupo diz que:

...quienes se han dedicado a investigar sobre el tema se han concentrado en demostrar que la calidad trae grandes ganancias a las empresas periodísticas, en términos de mayor audiencia, pauta y prestigio, pero se han encontrado con el gran problema de que no existe un acuerdo en lo que significa calidad periodística (en Gutiérrez Coba, 2006, p. 23).³

No segundo grupo, as contribuições são de McQuail e W. Schulz (2000, p.01), que enfatizam que o ideal da qualidade jornalística é entendido como a independência, diversidade e objetividade. Os dois autores baseiam-se em três condições e valores democráticos que garantam o livre exercício do jornalismo: recursos da ordem política jurídica e padrões profissionais.

Picard (*apud* Mompert; Sampio, 2004, p. 54) argumenta que as pressões econômicas claramente afetaram a maneira jornalística de qualidade e que a resposta de alguns gestores minou o valor social do conteúdo do jornal. O autor argumenta que qualidade jornalística não é apenas conteúdo (variedade e contextualização da notícia) e

³ ...”quem tem se dedicado a pesquisar o tema concentram-se em demonstrar que a qualidade traz grandes lucros para as empresas de mídia, em termos de aumento público, o valor da informação, mas encontrou com um grande problema de que não há acordo sobre o que significa qualidade jornalística”. (en Gutiérrez Coba, 2006, p. 23). (Tradução nossa)

métodos jornalísticos (variedades de fontes), mas também atividades operacionais relacionadas com os aspectos técnicos e gerenciais. “Temos de reconhecer que a qualidade e o desempenho da empresa estão relacionados”, conclui Picard (PICARD *apud* MOMPART; SAMPIO 2004, p. 60-63).

Sobre estas questões relacionadas às condições de produção, concentram-se estudar a qualidade e independência do jornalismo britânico (Lewis, 2007), realizado por um grupo de professores da Universidade de Cardife. As conclusões do relatório mostram claramente como a degradação das condições de trabalho - a produção de conteúdo pelo jornalistas triplicou em duas décadas – foi forçado a recorrer e a pressionar escritórios e agências para cobrir sobre o trabalho que estava nas mãos da imprensa, na medida que – a atividade jornalística independente significava exceção e não a regra (Lewis, 2007). Para se ter uma ideia, de acordo com este estudo, um em cada cinco artigos analisados (19%) é baseado principalmente em informações próprias, a maioria do conteúdo (87%) é apoiado com uma única fonte e apenas em um de cada cinco casos existe a vontade de contextualizar ou verificar as informações.

Na opinião de Sanchez-Taberner, grande parte da dificuldade em definir este conceito é que “se basa em el equilibrio de factores subjetivos y objetivos, derivados de la percepción del público y los estándares profesionales” (2008, p.37).⁴

Os autores portugueses Pinto e Marinho reconhecem haver diversas acepções para o conceito de qualidade em jornalismo, mas que acabam sendo convergentes “na proposição de uma maior eficiência e eficácia organizacional, se possível quantificada, medida, controlada e avaliada” (2003, p. 04). No Brasil, a discussão sobre o conceito ‘qualidade’ se assemelha ao internacional.

Os estudos sobre qualidade apontam para a falta de um consenso em definir o que vem a ser qualidade (CERQUEIRA, 2010), mas alguns países como Brasil, Espanha e Argentina possuem pesquisas, livros, artigos e documentos que falam e apontam resultados satisfatórios sobre qualidade, principalmente nas produções jornalísticas. Como por exemplo, aqui no Brasil, os documentos desenvolvidos pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) que se preocupa

⁴“Não é nada na balança de fatores subjetivos e objetivos, decorrentes das percepções públicas e as normas profissionais” (2008, p.37).

com indicadores de desenvolvimento da mídia e a avaliação do desenvolvimento dos meios de comunicação.

Do ponto de vista do fazer jornalístico, e considerando as profundas transformações porque passou o ofício a partir do advento das revoluções da conectividade e da interatividade- somadas à relativa banalização das tecnologias de informação e comunicação (TICs)-, a busca pela qualidade dos produtos e dos processos de produção agora se revela um desafio diuturno, inadiável e indelegável, responsabilidade de todos e de cada um dos autores envolvidos na produção da informação. (UNESCO-Qualidade Jornalística: Ensaio para uma Matriz de Indicadores, 2010 p. 05- CERQUEIRA, 2010).

É preciso perceber que a opção por perseguir excelência em produtos e processos constituiu diferencial competitivo importante para as empresas jornalísticas, “visto que a produção de informação qualificada transformou-se em um desafio complexo, a requerer instâncias profissionalizadas e bem treinadas na construção e organização de nexos, de modo a lhes dar sentido na forma de edições inteligíveis e socialmente úteis” (CERQUEIRA, 2010 p.06).

Outra dificuldade que podemos encontrar sobre qualidade é referente à definição dos critérios de avaliação. Hoje já existem critérios apontados por alguns autores sobre o qualidade e que facilitam sua avaliação na produção jornalística. A exemplo de Guerra, que apresenta dois pontos de vista em relação à qualidade interna e qualidade externa. “Do ponto de vista da qualidade interna, uma notícia pode ser considerada ‘de qualidade’ se atender às especificações da organização” (GUERRA, p.161). Ou seja, alguns requisitos exigidos por uma organização no seu dia a dia de produção, adequação de padrões previamente definidos. Já em relação ao ponto de vista da qualidade externa, Guerra diz que “uma notícia será considerada ‘de qualidade’ se ela for produzida de acordo com as especificações organizações, coincidir com as expectativas básicas da audiência” (GUERRA, p.161).

Já o autor Christofolletti (2010) diz que a qualidade no campo do jornalismo carece de estudos aprofundados e da atenção para, ao menos três dimensões de análise: 1) a disposição das organizações jornalísticas para alcançarem padrões de excelência; 2) os procedimentos envolvidos na busca por esses patamares; e 3) os requisitos para que os produtos atendam às exigências estabelecidas.

A qualidade em jornalismo perpassa primeiro sobre os indicadores de:

- 1) atuar com independência editorial;
- 2) garantir a pluralidade de pontos de vistas na hora de produzir conteúdo;
- 3) ser transparente quanto aos processos de gestão;
- 4) um ambiente de segurança e trabalho dignos;
- 5) preocupar-se com o impacto de seus conteúdos na sociedade; (Christofoletti (2010)

Torre e Téramo (2007) na obra *periodismo de calidad debates y desafios* definem qualidade como uma forma de fazer as coisas preocupado em melhorar a cada dia para obter satisfação do cliente. E para estudar qualidade jornalística é preciso uma abordagem baseada em processos, tendo como vantagem uma monitorização contínua sobre ligações entre os procedimentos individuais e processos dentro do sistema, bem como sua combinação e interação.

definimos calidad como una forma de hacer las cosas en las que, fundamentalmente, predominan la preocupación por mejorar, día a día, procesos y resultados, y por satisfacer al cliente. las propuestas para abordar el estudio de la calidad periodística giran en torno a un enfoque basado en procesos. una ventaja de este tipo de enfoque es el control continuo que proporciona sobre los vínculos entre los procesos individuales dentro del sistema de procesos, así como sobre su combinación e interacción. (TORRE, TÉRAMO, 2007, p. 48)⁵

Sobre a qualidade da informação os autores Huang, Lee e Wang, por exemplo, desenvolveram uma lista de quinze dimensões para a análise da informação, classificadas em quatro categorias:

1. Qualidade intrínseca: acurácia, objetividade, confiabilidade e reputação;
2. Qualidade de acessibilidade: acesso e segurança;
3. Qualidade textual: relevância, valor-agregado, economia de tempo, completeza e quantidade de dados; e
4. Qualidade representacional: interpretabilidade, facilidade de uso, representação concisa e representação consistente.

⁵ “Nós definimos a qualidade como uma maneira de fazer as coisas nas que principalmente domina a preocupação de melhorar todos os dias processos, resultados e a satisfação do cliente. Propostas para resolver o estudo da qualidade jornalística giram em torno de uma abordagem baseada em processos. Uma vantagem dessa abordagem é que uma monitorização continua é fornecida sobre ligações entre os procedimentos individuais e processos dentro do sistema, bem como sua combinação e interação”. (TORRE, TÉRAMO, 2007, p.48) (Tradução Nossa).

Não são somente as empresas que se preocupam com a qualidade, a sociedade procura sempre se manter informada e está cada vez mais exigente com as informações que procura, buscando credibilidade e esperando qualidade pelos fatos divulgados, característica principal do trabalho jornalístico, como define Guerra:

O trabalho jornalístico consiste elementarmente em buscar as informações sobre os fatos, elaborá-las discursivamente e tomar o conhecimento desses fatos disponíveis às pessoas onde estas se encontram. O jornalismo se constitui assim num meio (não no sentido físico, obviamente) através do qual os indivíduos têm acesso à realidade pelo conhecimento dos fatos. (GUERRA, 2003, p.107)

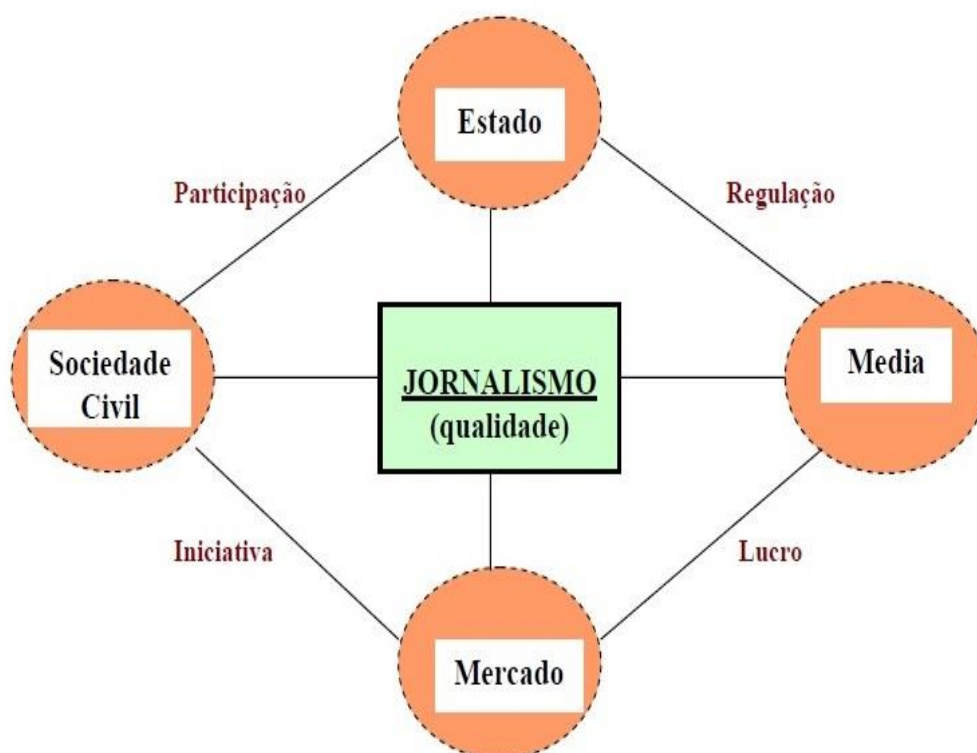
Os autores Pinto e Marinho (2001) apresentam alguns pressupostos e pontos de partida que servem de referencial para formular um quadro de entendimento e de análise do problema qualidade, citando alguns autores que contribuem para reforçar estes pontos de vista. Trata-se de pontos de partida que os autores tomaram como alicerce de reflexão sobre o conceito de qualidade em jornalismo.

- Um primeiro pressuposto consiste num acordo tácito que é suposto vigorar entre os jornalistas e os utilizadores de informação de que, no processo de produção jornalística, não é transportada a fronteira entre a realidade e a ficção (Traquina, 2002, p. 10). Trata-se de um acordo que tem por base uma relação de confiança, que faz com que os utilizadores não tenham razão para crer que aquilo que é apresentado como notícia não o seja, ou não tenha por base factos e acontecimentos verdadeiros.
- Os media jornalísticos são demasiado importantes na vida social e no quotidiano dos cidadãos para que a sociedade os deixe entregues a si próprios (McQuail, 1997).
- Dado que o jornalismo se exerce em contextos empresariais e no quadro do mercado, as dimensões da concorrência e do lucro, e outros aspectos do jogo económico deverão ser incorporados na análise teórica e empírica da qualidade em jornalismo.
- Convicção de que a qualidade é um conceito complexo, multifacetado e socioculturalmente contextualizado, mas é, ao mesmo tempo, um conceito de elevado potencial heurístico para analisar criticamente as tendências no jornalismo.
- No quadro da relação entre o jornalismo e a sociedade, a qualidade do jornalismo constitui, a um tempo, terreno de expressão e fator da qualidade de vida individual e coletiva, nas sociedades democráticas. (PINTO; MARINHO, 2011, p. 7).

Baseados nesses pressupostos, os autores tomam por referência para a enunciação de um quadro de análise da qualidade e para anunciação dos eixos de estudo da qualidade em jornalismo. Segundo os autores, o estudo do jornalismo e da sua qualidade necessita ser realizado contextualmente, tendo nomeadamente em conta os vetores fundamentais que o estruturam, condicionam e potenciam. São eles o Estado, a Sociedade Civil, os Media e o Mercado (ver Figura 1).

Jornalismo se enquadra e se perspectiva em empresas e grupos mediáticos que configuram um setor de natureza econômica e cultural com peso crescente no mercado, em particular pelos fenômenos de concentração e convergência e internacionalização verificados nas últimas décadas. As condicionantes e balizas oriundas do campo político, por um lado, e o papel exercido pelos grupos e instituições sociais, por outro lado, completam o conjunto de ‘pilares’ que consideramos deverem ser tidos em conta na abordagem da qualidade (PINTO; MARINHO 2001, p. 8).

Figura 1: Quadro de referência para o estudo da qualidade em jornalismo



Fonte: PINTO; MARINHO (2001)

Tendo por base este quadro de referência e as questões por ele suscitadas, e tendo em conta investigações e análises em torno desta problemática, os autores apresentam uma proposta de quatro eixos essenciais em torno dos quais organiza-se e discute-se sobre a qualidade do jornalismo. São eles: a Diversidade, a Liberdade, a *Accountability* e o contexto Organizacional e Profissional. (Ver Figura 2).

Figura 2: Eixos para o estudo da qualidade em jornalismo



Fonte: PINTO; MARINHO (2001)

É preciso ter um cuidado com todos os aspectos da produção jornalística do início ao fim para se estabelecer e obter a qualidade desejada. E para isso, Pinto e Marinho (2003) identificam três polos de interesse em relação aos estudos existentes sobre a qualidade jornalística: a) qualidade como característica da organização e do produto - “onde o conceito de qualidade é utilizado e aplicado em acepções diversas, mas convergentes na proposição de uma maior eficiência e eficácia organizacional, se possível quantificada, medida, controlada e avaliada” (PINTO, MARINHO, 2003, p. 4); b) a qualidade entendida enquanto serviço público – “o objetivo do jornalismo e dos jornalistas é o de prestar serviço dirigido a cidadãos (e não consumidores), para quem é importante ter acesso a informação credível sobre acontecimentos relevantes sobre a vida pública (não personalizados), as “hard news”, de maneira a melhorarem e desenvolverem a sua capacidade de compreenderem e agirem sobre o espaço público” (PATTERSON

apud PINTO e MARINHO, 2003, p. 5); e C) a qualidade vista como um investimento estratégico -“têm surgido diversas propostas que procuram articular dimensões aparentemente antagônicas e inconciliáveis, como sejam a ideia de qualidade e a ideia de negócio. Ou seja, procuram pôr em evidencia que ‘a qualidade vende’, ou pelo menos, pode ser, a médio prazo, um investimento que compensa” (PINTO e MARINHO, 2003, p. 5).

Diante destas colocações e apresentação dos três polos de interesse destacados e pontuados por Pinto e Marinho (2003), em relação aos estudos existentes e das demais definições e conceitos sobre qualidade jornalística apresentadas até aqui pelos demais autores, fica claro que o jornalismo, antes de tudo, é uma atividade cuja razão de ser é informar as pessoas sobre fatos, coisas e opiniões, esclarecendo a necessidade da sociedade através da imprensa.

Mediante as colocações apresentadas sobre a qualidade, podemos perceber que os estudos sobre a qualidade jornalística têm aumentando significativamente no Brasil, onde muitos trabalhos já foram desenvolvidos falando sobre esse assunto, seja no aspecto geral ou de áreas específicas, como no jornalismo, por exemplo. Atualmente, já existem ferramentas que possibilitam avaliar a qualidade no jornalismo (como a Matriz de Confiabilidade desenvolvida pelo programa de pesquisa em Qualidade e Tecnologia Aplicadas ao Jornalismo- Qualijor), e possível perceber a existência de elementos essenciais para avaliação de qualidade dos produtos jornalísticos, entre eles: confiabilidade e pluralidade, objetivo deste projeto de pesquisa.

Mas, para se trabalhar estes dois requisitos: confiabilidade e pluralidade, precisamos nos embasar em uma definição sobre qualidade, e escolhemos a definição do Pircard (*apud* Mompart; Sampio, 2004, p. 54), que argumenta que a qualidade jornalística não é apenas conteúdo (variedade e contextualização da notícia) e métodos jornalísticos (variedades de fontes), mas também atividades operacionais relacionadas com os aspectos técnicos e gerenciais.

A escolha dessa definição sobre qualidade - diante deste cenário de incertezas - do autor Pircard, defende bem a proposta deste trabalho. É preciso perceber que Picard (*apud* Mompart; Sampio, 2004) descreve a qualidade da atividade jornalística através das atividades operacionais envolvendo aspectos técnicos e gerenciais e não apenas uma qualidade medida através do seu conteúdo e pluralidade existente, tendo um cuidado com

todos os aspectos da produção jornalística do início ao fim para se estabelecer e obter a qualidade desejada.

2.3 Confiabilidade com requisito de qualidade

Confiabilidade da informação está fortemente atrelada à percepção do leitor quanto à autoridade e confiabilidade da fonte (HARRIS *apud* SORDI, MEIRELES, GRIJO, 2008, p. 171). Concordando com este raciocínio, Davenport (2002) salienta que, entre os atributos que asseguram o envolvimento do usuário com a informação, estão: o preparo ou a capacitação do emissor percebida pelo receptor, o poder e apelo pessoal do emissor e a familiaridade do receptor com relação ao emissor. Já segundo Paim, Nehmy e Guimarães (1996), a confiabilidade relaciona-se com a ideia de autoridade cognitiva: prestígio, respeito, reputação da fonte, autor ou instituição.

McQuail (2012), sobre as possibilidades de verificação, diz que é preciso verificar o grau em que os fatos apresentados são verificáveis ou apoiados por uma fonte reconhecida e por evidências relevantes. “Quanto maior a proporção de unidades de informações verificáveis em um texto, mais real ele poderá ser considerado” (McQUAIL, 2012, p. 216). É justamente isso que tratamos e queremos testar com a matriz de confiabilidade.

O autor também cita alguns pressupostos para a verificação da notícia. São eles:

- A precisão- muito importante para os assuntos das notícias, cuja reputação ou interesse podem ser desfavoravelmente influenciados pela publicação de informações incorretas;
“A precisão também está relacionada à questão da credibilidade que a audiência identifica na mídia de notícias, pois os registros considerados imprecisos em determinados momentos podem ser tidos como mentiras em outros” (McQuail, 2012, p. 216).
- Verificação dos fatos contra o registro de uma ‘realidade’- Uma estratégia investigativa é verificar os pontos de um texto contra uma versão externa e confiável da mesma informação (ou com a fonte a original); Segundo McQuail, “há muitos possíveis tipos de erros para aplicar uma abordagem uniforme” (2012, p. 216).
- Percepção da precisão- verificar diretamente com as pessoas ou organizações que são sujeitos ou fontes das notícias;

- Avaliação da precisão feita pela audiência- pedir que a audiência classifique a mídia de notícias de acordo com o grau de precisão observado; Isso requer decisões sobre a quem em perguntar o quê.

McQuail (1992) diz, ainda, que para que uma mensagem seja considerada objetiva, ela tem de ser, em primeiro lugar, verídica. Além disso, precisa respeitar alguns elementos, tais como a equidistância, a isenção, a imparcialidade, a clareza e a ‘verificabilidade’ ou ‘checabilidade- do inglês, ‘*checkability*’, ou seja, possibilidade de verificação das referências e fontes citadas ou consultadas (McQuail, 1992, p. 197).

Confiabilidade presume a verdade, que é um conceito objeto de muita crítica e contestação no âmbito das teorias do jornalismo. E muitos autores preferem não problematizar a concepção de verdade, como por exemplo, o autor Benedeti, trazendo-a para a discussão jornalística enquanto elemento de verificação, “a verdade está na verificabilidade dos resultados” (BENEDETI, 2006, p. 38).

Esse mesmo ponto de vista é compartilhado por Kovach e Rosenstiel (2004, p.61 *apud* Maia), que dizem que a primeira obrigação do jornalismo é com a verdade.

Coimbra (1993) afirma que os pronunciamentos, em geral generalizações, se apoiam em especificações que são, grosso modo, prova dos fatos. Mas, o que é fato? questiona Coimbra. E ele mesmo responde: “é a coisa feita, verificada e observada. Para que sirvam de provas, eles têm de ser acuradamente observados. Fato, não indício. Os indícios expressam somente probabilidades ou possibilidades” (Coimbra, 1993, p. 14).

Segundo Maia, a busca da verdade, através do processo de apuração e verificação é o que diferencia o jornalismo de outras profissões da comunicação. O jornalismo busca fornecer à sociedade um relato preciso e contextualizado dos fatos, para isso busca uma verdade prática e funcional, não absoluta, no sentido filosófico. (Kovach e Rosenstiel, *apud* Maia 2004, p. 113) A verdade jornalística se manifesta na apuração e verificação dos fatos, de acordo com critérios da profissão. Esses autores defendem a objetividade enquanto método de verificação, pois “a essência do jornalismo é a disciplina da verificação” (KOVACH E ROSENSTIEL, *apud* MAIA 2004, p. 113).

Kovach e Rosenstiel (*apud* Lopez 2006) condenam a confiança excessiva em fontes oficiais, que provoca distorções no processo de apuração e verificação, além de prejudicar outros elementos de qualidade como a pluralidade de fontes e a responsabilidade social. Eles recomendam que o jornalista “não confie em relatos ou informações oficiais” (2004, p. 138) para que não caia em armadilhas e que valorize a informação direto da fonte.

Os jornalistas que selecionam as fontes para expressar o que na verdade é seu próprio ponto de vista, e depois usam a voz neutra para que tudo pareça bem objetivo, estão trapaceando. Isso prejudica a credibilidade da profissão ao fazê-la parecer sem princípios, desonesta e preconceituosa. Este é um alerta muito importante, numa era em que os padrões jornalísticos são postos em dúvida (KOVACH; ROSENSTIEL 2004, p 117)

Para os autores, é determinante que se visualize a necessidade e a fragilidade da independência dos jornalistas nos meios de comunicação da sociedade da informação. Em sua obra, os autores apontam novos elementos do jornalismo, necessários à configuração social em que os processos comunicacionais se inserem atualmente:

1. A primeira obrigação do jornalismo é com a verdade.
 2. Sua primeira lealdade é com os cidadãos.
 3. Sua essência é a disciplina da verificação.
 4. Seus praticantes devem manter independência daqueles a quem cobrem.
 5. O jornalismo deve ser um monitor independente do poder.
 6. O jornalismo deve abrir espaço para a crítica e o compromisso com o público.
 7. O jornalismo deve empenhar-se para apresentar o que é significativo de forma interessante e relevante.
 8. O jornalismo deve apresentar as notícias de forma compreensível e proporcional.
 9. Os jornalistas devem ser livres para trabalhar de acordo com sua consciência.
- (ROSENTIEL e KOVACH, 2004, pp.22-23).

Quando os autores discorrem sobre a obrigação incondicional do jornalismo com a verdade, analisam também a sua função. Já Mendes diz que o jornalismo deve se basear na verdade para que os cidadãos possam se informar e completa:

“A verdade do jornalismo é garantida pela liberdade de imprensa, como pela diversidade de informações e de informantes que estimula o debate público. Nesse contexto, o jornalista não deve selecionar que informações acredita que as pessoas precisam, mas exercer o papel de moderador do debate público. Dessa maneira, é importante que verifique os fatos e ordene a informação” (MENDES, 2009).

O Terceiro elemento do jornalismo, citado pelos autores, é a necessidade constante de verificação. De acordo com ROSENTIEL e KOVACH (2004) é a verificação que separa o jornalismo de outras formas de comunicação. É nesse conceito que se encontra a objetividade. A objetividade não significa que os jornalistas podem se despojar de todos os seus preconceitos para escrever um relato isento de qualquer ideologia. Ao contrário, a objetividade é a construção de um método que proporcione a verificação da notícia e a transparência do relato, permitindo maior exatidão das matérias.

Todavia, o que ocorre em nossa sociedade é um embate entre o jornalismo de verificação e o jornalismo de afirmação. Neste aspecto, os autores oferecem algumas sugestões de atitudes que conduzem ao jornalismo de verificação:

1. Nunca acrescente nada que não exista.
2. Nunca engane o público.
3. Seja o mais transparente possível sobre seus métodos e motivos.
4. Confie só no seu próprio trabalho de reportagem.
5. Seja humilde. (KOVACH e ROSENTIEL, 2003, p.123)

O empenho do jornalista em ser transparente sobre seu próprio trabalho tem papel vital no processo de mostrar que o profissional está, de fato, comprometido com a verdade. “O texto jornalístico nunca poderá ser ‘opaco’, interpondo-se entre a leitura e os acontecimentos narrados. Ao invés disto, deverá ser transparente” (Mesquita *apud* Coimbra, 1986, p. 19).

Segundo Lopez (2006), a questão da verdade da informação é muito discutida. O jornalismo, que sempre teve na verificação das informações e no compromisso com a verdade-acima da veracidade - uma de suas mais intensas características, tem sido relegado ao jornalismo de informação, à prática da obtenção da informação em fonte única e da especulação das notícias. “Nesta era de notícias 24 horas, os jornalistas agora passam mais tempo procurando alguma coisa para acrescentar às suas matérias, geralmente interpretação, em lugar de tentar descobrir e checar, de forma independente, novo fatos”. (ROSENTIEL e KOVACH, 2004, p. 119). O jornalismo declaratório, que se utiliza das falas como fatos é, a cada dia, mais presente na mídia.

Kovach e Rosenstiel (2004) dizem que mesmo não dispondo de nenhum código sobre o assunto de verificação da notícia, os jornalistas funcionam apoiados em algum tipo de método, altamente pessoal, para testar e fornecer informação - sua própria disciplina individual da verificação.

Essa disciplina consiste, entre outras práticas, em procurar várias testemunhas de um fato, descobrir novas fontes, indagar sobre os vários lados de uma questão. Esses métodos podem ser muito pessoais e idiossincráticos. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 112).

Ainda segundo os autores, no fim, a disciplina da verificação é o que separa o jornalismo do entretenimento, da propaganda, da literatura ou da arte. “Os jornalistas em geral falham ao ligar seus sentimentos mais profundos sobre o próprio ofício a questões filosóficas mais amplas do papel do jornalismo. Eles sabem como checar uma história,

mas nem sempre conseguem articular o papel da verificação relacionado com a sociedade” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 114).

Os autores apresentam algumas técnicas de verificação, são elas:

- 1) Edição Cética – o método consiste em julgar uma matéria linha por linha, declaração por declaração, editando as afirmações e os fatos;
- 2) Lista de exatidão – na hora de editar as matérias, os editores devem responder a algumas perguntas, entre outras: o lide da matéria tem consistência? Alguém recheou, telefonou ou visitou todos os números, endereços e e-mails na matéria? E quanto aos nomes e títulos? As informações colhidas permitem entender a matéria completa?, etc...
- 3) Não assumo nada- usa casos de condenados à morte para ensinar seus estudantes sobre a importância da verificação de supostos fatos. O criador do método, David Protés, diz para não confiar em relatos ou informações oficiais. Chegue o mais perto que puder das fontes básicas. Seja sistemático. Corrobore.
- 4) Lápis Colorido de Tom French - usa uma espécie de teste para verificar os fatos contidos em suas matérias. Antes de entregar o texto, tira uma cópia e examina linha por linha do que escreveu com um lápis colorido, colocando uma marca em cada fato e declaração, indicando que ele mesmo recheou a veracidade de tudo.
- 5) Fontes anônimas – utilização de fontes anônimas para a obtenção de informação pública importante.
Múltiplas palavras da verdade- todos devem estar dispostos, de forma consistente, a divulgar o trabalho do jornalismo de interesse público sem medo ou favoritismo. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 141-143).

Quando os autores Kovach e Rosenstiel (2004, p. 11) falam sobre verificação, principalmente verificação para o jornalismo, é preciso entender o papel de um jornalista e dominar técnicas de verificação de um fato para se obter confiabilidade e pluralidade. Por isso, antes de entrar na discussão sobre o conceito de pluralidade se faz necessário entender o que vem a ser fato e como ele constitui uma matéria jornalística.

Sobre o que vem a ser fato, Seixas diz que ‘é algo que passou, ocorrido’ (p.196). O acontecimento ou ocorrência é algo em processo, que se apresenta na atualidade, ou algo que tem determinado grau de probabilidade de ocorrer.

Um fato, [...], é um complexo em processo que inclui eventos envolvendo coisas, pessoas e textos. As suas marcas características são a atividade, a relação e a temporalidade. [...] O fato é o resultado, a consequência de uma ação, aquilo que uma produção ou operação deixa para trás como seu produto ou obra[...]

O conceito de fato inclui também a nota da relação: um fato, diz-se, é uma relação de coisas.[...] Em outros termos, um fato é uma conexão unitária de entidades (coisas, textos, pessoas, etc.) mutuamente referidas. Isso implica que está implícito no conceito de fato um recorte voluntário (não necessariamente consciente) no *continuum* das interações da realidade. [...]

No que tange à *temporalidade* evidente na ideia comum de fato, creio que, paradoxalmente, seja uma nota derivada e não primária. Ela se explica na verdade como reverberações da atividade e da relação. [...] Ou seja, a definitividade do fato, a sua efetividade, pode ser pensada em termos de coordenadas espacio-temporais (portanto, em sentido translato) como uma

espécie de hiato, de destaque no tempo e/ou espaço entre a narração e o evento. [...] Creio, entretanto, que a temporalidade aqui funcione mais logicamente do que cronologicamente. O fato tem essa marca temporal porque logicamente ele é um consequente, uma consequência, o efeito. [...] (GOMES *apud* SEIXAS, 2009, p. 196).

O que caracteriza o fato, de acordo com o autor, é o resultado de uma ação, passada. Já o acontecimento é fenômeno em processo. Seixas também diz que existe uma série de tipos de objetos de difícil delimitação e, inclusive, nomeação. Segundo a autora, há um motivo simples para esta variedade da matéria-prima do jornalismo: a realidade é feita desses variados objetos. “A realidade inclui desde o que é verificável pela simples observação, os chamados ‘objetos de acordo’ de fácil comprovação, como fatos passíveis de constatação intersubjetiva pela simples presença, ‘objetos de acordo’ que não são passíveis de verificação, como ‘verdades’ de saberes científicos, até intenções de declarações, objetos abstratos impossíveis de se verificar e mesmo de se alcançar acordo” (SEIXAS, 2009, p. 197).

Os fatos que são admitidos podem ser, quer fatos de observação e esta será, talvez, a fração mais importante das premissas-, quer fatos supostos, convencionais, fatos possíveis ou prováveis. Há aí uma massa considerável de elementos que se impõem ou que o orador se esforça por impor ao ouvinte. Uns, como os outros podem ser recusados e perder seu estatuto de fato. Mas, enquanto eles usufruírem esse estatuto, deverão amoldar-se a estruturas do real aceitas pelo auditório e deverão defender-se contra outros fatos que vierem concorrer com eles num mesmo contexto argumentativo. Aplicamos, a que chamam verdades, tudo o que acabamos de dizer dos fatos. Fala-se geralmente de fatos para designar objetos de acordo precisos, limitados; em contrapartida, designar-se-ão de preferência com o nome de verdades sistemas mais complexos, relativos a ligações entre fatos, que se trate de teorias científicas ou de concepções filosóficas ou religiosas que transcendem a experiência. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTEXA, *apud* SEIXAS, 2009, p. 198).

Se o jornalista adquiriu o conhecimento da realidade, então se responsabiliza por aquilo que enuncia, ou seja, se compromete com a adequação de seu enunciado à realidade, ou ainda, constrói discursivamente o objeto de realidade tal qual conhecido (Seixas, 2009, p. 219). Ainda seguindo essa linha de raciocínio, o objeto que se realiza como fato passível de constatação é, em verdade, o resultado de saber jornalístico.

Seixas diz que fácil averiguação é o mesmo que o nível de dificuldade para se verificar o que ocorreu ou ocorre, como se todos os objetos de realidade fossem, a princípio, verificáveis (2009, p. 220). “Há uma ideia de que todo objeto tratado pela atividade jornalística tem a qualidade de verificação (QV), ou seja, pode ser verificado por parâmetros do saber comum ou dos saberes científicos” (*idem*).

O conceito de verdade que se espera de uma relação cognoscitiva entre sujeito e objeto é expresso pela ideia de correspondência, isto é, a necessidade de uma afirmação verdadeira (a) ter um fato ao qual se remete e (b) ser submetida à

demonstração e verificação. Especificamente, no jornalismo, o conceito de verdade como correspondência é justamente o que se aplica, uma vez que a pretensão do conhecimento produzido pela atividade é dar conta do fato, objeto da notícia. (GUERRA *apud* SEIXAS, 2009, p. 235).

A confiabilidade representa, para esta dissertação, o grau de confiança de um texto jornalístico e que são passíveis de verificação. Utilizando como suporte a definição de McQuail (2012), que diz que “quanto maior a proporção de unidades de informações verificáveis em um texto, mais real ele poderá ser considerado” (MCQUAIL, 2012, p. 216).

A Confiabilidade será avaliada com base em três requisitos:

- a) A comprovação – pronunciamentos, que segundo Coimbra (1993) em geral generalizações, que se apoiam em especificações que são, grosso modo, prova do fatos. Ou comprovação através do processo de apuração e verificação (Maia, 2004);
- b) A Checabilidade (chance de comprovar a informação) – apresentada e definida por autores como McQuail (1992), que diz que a mensagem precisa respeitar alguns elementos dentre os quais estão a possibilidade de verificação das referências e fontes citadas ou consultadas; Benedeti, que defende que “a verdade está na verificabilidade dos resultados” (2006, p. 38); Ou como apresenta Kovach e Rosenstiel (2004), que pontuaram algumas técnicas de verificação e dentre elas está a edição cética, método que consiste em julgar uma matéria linha por linha, declaração por declaração, editando as afirmações e os fatos. (Exatamente o tipo de verificação que estamos fazendo neste trabalho);
- c) Separação entre informação e opinião - Kovach e Rosenstiel (2004) pontuam que é preciso ter objetividade, o que não significa que os jornalistas podem se despojar de todos os seus preconceitos para escrever um relato isento de qualquer ideologia. Ao contrário, a objetividade é a construção de um método que proporcione a verificação da notícia e a transparência do relato, permitindo maior exatidão das matérias. Deixando claro para o leitor quando é opinião e quando é informação de fato.

2.4 Pluralidade no jornalismo

O requisito de pluralidade é resultante do pluralismo da imprensa, em que “press pluralism is defined as newspaper content that contains a wide variety of opposing viewpoints, and conceptualized as something independent from a country’s political framework and the level of press freedom” (Woods apud Tavares, 2014, p. 26).⁶ Imprensa na qual há multiplicidade de pontos de vista em exibição tende a ter maior pluralidade do que aquela onde não se constata isso. Ou seja, as fontes de informação são critérios de qualidade profissional.

E já que para se obter pluralidade é necessária a presença de fontes, qual seria o papel das fontes no jornalismo? Sobre isso, os autores Ripollés e Rabadán (2013) no livro *La Calidad Periodística Teorías, Investigaciones y Sugerencias Profesionales* dizem que: “Las fuentes informativas son un elemento clave del periodismo. Su capacidad para proporcionar datos sobre los acontecimientos y sucesos de actualidad las sitúa como un componente imprescindible”⁷ (RIPOLLÉS, RADABÁN (2013, p. 73).

As fontes são tão necessárias para que os jornalistas apontem informações relevantes e confiáveis, que os autores Ripollés e Rabadán (2013) afirmam que, sem essa centralidade das fontes, não há jornalismo. Portanto, elas (as fontes de informação) exercem um papel essencial no noticiário e no processo de produção.

Outra coisa importante relacionada às fontes é a pluralidade, ou seja, apresentar uma quantidade significativa de pontos de vista divergentes sobre o assunto noticiado. É como pontuaram os autores Kovach e Rosenstiel no tópico acima sobre confiabilidade: é preciso procurar várias testemunhas de um fato, descobrir novas fontes, indagar sobre os vários lados de uma questão (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 112).

Claro que apresentar a maior quantidade possível de declarações, segundo a autora Lia Seixas (2009), não implica na qualidade necessária para se chegar à maior exatidão

⁶ “Pluralismo jornalístico é definido como conteúdo que apresenta grande variedade de pontos de vista opostos, e conceituado como algo independente de um quadro político de um país e enquanto indicador de liberdade de imprensa”. (Tradução Nossa).

⁷ “Fontes de informação são um elemento chave do jornalismo. Sua capacidade de fornecer dados sobre eventos e acontecimentos atuais e colocá-los como componente essencial” (Tradução nossa).

quanto ao que ocorreu, ocorre, pode ou deve ocorrer diante de dado contexto. No entanto, Seixas apresenta dois procedimentos de apuração e um saber discursivo alimentam este tópico da quantidade: 1) a regra de ouvir o outro lado e de contrapor informações; e 2) a ideia de que citações, principalmente em discurso direto, conferem credibilidade ao texto.

“Ouvir o outro lado resvala para ‘ouvir a maior quantidade possível de lados’ enquanto se sabe que há uma quantidade necessária de lados (de atores sociais) para cada tipo de ocorrência e contexto. [...] A ideia de que citações conferem credibilidade resvala para um abuso no uso de declarações, o que chama de matérias ‘declaratórias’ (SEIXAS, 2009, p.236).

Guerra (2014) também fala sobre pluralidade de fontes e caminhos para se avaliar a pluralidade de imprensa, em que o autor diz que deve-se considerar três aspectos: a igualdade de acesso, que significa a condição que se dá aos envolvidos em situação potencial de conflito de participar do debate conduzido pelo veículo jornalístico; a igualdade de oportunidade, que significa o tratamento equilibrado dado aos atores no transcorrer do debate; e a responsividade, a capacidade de viabilizar o diálogo entre as partes (Maia, 2008; Gomes, 2004; Tavares, 2014).

Nilson Lage (2004), ao mapear as transformações no engendramento do profissional da notícia, também destacou a origem desse imperativo quantitativo de fontes de informação na operação jornalística:

Instituíram-se os cursos superiores de jornalismo e buscaram-se, por via da pesquisa acadêmica, padrões para a apuração e o processamento de informações. O paradigma, imposto pela realidade da época, foram as ciências exatas. Estabeleceu-se que a informação jornalística deveria reproduzir os dados obtidos com as fontes; que os testemunhos de um fato deveriam ser confrontados uns com os outros para que se obtivesse a versão mais próxima da realidade (a *lei das três fontes*: se três pessoas que não se conhecem nem trocaram impressões contam a mesma versão de um fato que presenciaram, essa versão pode ser tomada por verdadeira); que a relação com as fontes deveria basear-se apenas na troca de informações; e que seria necessário, nos casos controversos, ouvir porta-vozes dos diferentes interesses em jogo (LAGE *apud* TAVARES, 2010, p. 27).

A seleção de fonte é altamente complexa por envolver múltiplas variáveis. Um aspecto fundamental é a capacidade destes para atender às necessidades de produção de jornalistas. Neste sentido, a facilidade e velocidade de acesso, a consistência das informações e frequência quanto a confiabilidade dos dados fornecidos e precisão destas autoridades são definidas como a primeira escolha (RIPOLLÉS, RADABÁN (2013, p. 74).

Em códigos deontológicos, é observável constante referência ao caráter quantitativo e qualitativo das fontes na cobertura jornalística, enquanto um indicador de pluralidade. No Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), pode ser verificada a preocupação com tal tipo informativo:

Art. 7º O jornalista não pode:

III - impedir a manifestação de opiniões divergentes ou o livre debate de ideias;

Art. 12. O jornalista deve:

I - ressalvadas as especificidades da assessoria de imprensa, ouvir sempre, antes da divulgação dos fatos, o maior número de pessoas e instituições envolvidas em uma cobertura jornalística, principalmente aquelas que são objeto de acusações não suficientemente demonstradas ou verificadas (FENAJ, 2007).

De igual modo, a Associação Nacional de Jornais (ANJ) dispõe os seguintes preceitos em seu Código de Ética e Regulamentação:

5. Assegurar o acesso de seus leitores às diferentes versões dos fatos e às diversas tendências de opinião da sociedade.

6. Garantir a publicação de contestações objetivas das pessoas ou organizações acusadas, em suas páginas, de atos ilícitos ou comportamentos condenáveis (ANJ, 2014).

Dessa forma, devido à sua centralidade e sua capacidade de condicionar o resultado final, as fontes de notícias estão diretamente ligadas à qualidade da informação. É possível estabelecer um conjunto de indicadores de qualidade ligados ao uso de fontes da distinção entre dois níveis interligados: internos e externos.

O gerenciamento de fontes pode introduzir critérios de excelência no desenvolvimento de notícias em várias frentes. Neste sentido, podem ser definidos, segundo Ripollés e Rabadán (2013), cinco indicadores de qualidade interna: o primeiro indicador tem a ver com status – tem inúmeras, variadas e garantidas fontes, aumentando o prestígio do jornalista. Seus contatos e a capacidade de acessar múltiplas fontes são colocadas como critérios de qualificação e valorização profissional. Além disso, é, também, uma forma de reputação do jornalista e a notícia que está sendo produzida, porque o crédito é transferido para a fonte de informação.

O segundo indicador interno refere-se à verificação – o uso de várias fontes é a chave para verificar a validade da informação. Como foi citada por autores como Lage (2004); Guerra (2014); Seixas (2009) e Kovach e Rosenstiel (2004): no jornalismo, para se confirmar uma história, é preciso ouvir pelo menos duas fontes que têm pontos de vista diferentes sobre o assunto. O número de fontes em uma determinada notícia é um diferencial para verificação dos fatos.

A transparência, aparece como terceiro indicador da qualidade interna. Este critério refere-se ao sistema de atribuição e citação de fontes da notícia. Os jornalistas usam três modos para identificar suas fontes: a) atribuição completa - identificação clara e explicitamente de quem forneceu dados ou fez declarações; b) atribuição parcial ou exclusiva, na qual a fonte genericamente apresenta omitir os aspectos que lhe permitem ser reconhecido, e c) fonte de noite - nos casos em que não é realizada qualquer atribuição, ficando anônimas. (RIPOLLÉS; RABADÁN (2013, p 77).

Esta classificação, segundo os autores Ripollés e Rabadán (2013), mostra que as fontes citadas podem apresentar duas coisas: transparência ou anonimato. Geralmente, a identificação completa e adequada está associada a níveis mais elevados de informação de qualidade. Três fundamentos apoiam esta afirmação: 1) a transparência é uma maneira de revelar a fonte, a precisão dos dados, reforçando de quem partiram aquelas informações (EDO, *apud* RIPOLLÉS E RABADÁN, 2013, p. 75). 2) no entanto, não podemos esquecer que no jornalismo há, também, vazamento de informações e que nestes momentos o jornalista protege a identidade da fonte de fornecimento dos dados; Contudo, estes recursos estão ligados a situações excepcionais. 3) Consequentemente, um grande número de fontes sem atribuições ou identificação revela má qualidade.

O quarto indicador interno é a relevância - o uso de um número variado de fontes é formado como um elemento que fornece informação de qualidade. Com a quantidade, também está o uso do conhecimento, ou seja, vozes especializadas, que são essenciais para a transmissão do fato (REICH *apud* RIPOLLÉS E RABADÁN, 2013, p. 76). As fontes especializadas são as que oferecem excelência informativa através da transferência de autoridade para a notícia.

Finalmente, o quinto indicador, apresentado pelos autores, corresponde à redução de incertezas - a possibilidade de ter fontes rapidamente e eficientemente minimiza a tensão derivada do processo de produção de informações. Esta necessidade foi acentuada no contexto da internet, que impôs uma atualização constante no fluxo de informação que tende a fornecer a notícia em tempo real. Neste cenário, o acesso a fontes que revalorizam, é percebido pelos jornalistas como um valor positivo. Neste contexto, fontes profissionais têm aumentado significativamente o seu alcance e seu impacto.

Tabela 1 - Descrição de indicadores

<i>Indicadores Internos</i>	<i>Indicadores Externos</i>
1. Status 2. Verificação 3. Transparência 4. Relevância 5. Redução de incertezas	1. Credibilidade 2. Influência 3. Pluralismo 4. Participação

Fonte: Ripollés e Rabadán (20013, p. 76)

Em relação aos indicadores de qualidade externos, os autores Ripollés e Rabadán (2013) apresentam quatro, sendo eles: credibilidade, influência, pluralismo e participação.

1) Credibilidade – fontes contribuem decisivamente para melhorar ou degradar este valor (Franklin e Carslon, 2011). A este respeito, o número e a diversidade de fontes dá credibilidade às notícias (Borrat, 2006; Edo, 2009). Quando em uma notícia há uma insuficiência de fontes, a informação perde sua credibilidade, há uma redução na sua qualidade jornalística (Diezhandino, 2009).

2) Influência – está é uma conexão com a credibilidade provocando um aumento da influência. Por outra parte, a possibilidade de acionar a fontes relevantes mostra a influência do jornalista e das suas informações, transferindo autoridade às notícias. E, assim, a confiança do público no produto jornalístico aumenta, ganhando uma posição de referência nos meios de comunicação.

3) Pluralismo – este terceiro indicador externo tem a ver com o número de fontes citadas e a variedade de procedimentos relacionados diretamente com a qualidade informativa. Quanto mais visões e interesses são expressos nas notícias (diversidade de autores sociais), as fontes, mais pluralismo se reflete nela. Proporcionando também mesmo espaço de informação para as diferentes vozes.

Sobre este indicador externo, cabe a colocação de Tavares (2014), que diz o seguinte:

O valor pluralidade suscita duas perspectivas: uma perspectiva gnosiológica e uma perspectiva ética. Quanto à primeira, compreende o processo de verificação e busca veracidade dos fatos, conduzindo a uma situação argumentativa na qual a verdade pode ou não aparecer, mas, sobretudo que os conflitos de interesse sejam representados pela ampla participação das partes. Essa garantia do direito de participação consiste na perspectiva ética, que por sua vez, está correlacionada à dimensão normativa das teorias democráticas quando exigem o pluralismo dos agentes políticos. Especificamente no tocante

à comunicação social, essa abordagem das teorias democráticas vai destacar prioritariamente a questão da pluralidade no âmbito das propriedades dos meios de comunicação ou veículos noticiosos- denominada como pluralismo externo. (TAVARES, 2010, p. 27).

4) O último indicador externo está ligado à participação. Tecnologias digitais, especialmente web 2.0 e redes sociais permitem que qualquer um possa, não apenas consumir informação, mas também produzir e disseminar. Qualquer cidadão pode se tornar provedor de dados e depoimentos para a mídia. Aumentando, assim, as instalações para os jornalistas acessarem fontes de cidadania e sociedade civil. Incentivando, inclusive, a participação e envolvimento. Algo que envolve e move em direção a uma mídia descentralizada e interativa, para quebrar o monopólio das elites jornalísticas e políticas na construção da notícia. (RIPOLLÉS E RABADÁN, 2013, pp. 76-78).

Os indicadores internos e externos reforçam a importância das fontes na construção da notícia com qualidade, mas não podemos esquecer as abordagens sobre os direitos à informação. Sobre isso, Tavares (2014) apresenta a abordagem de Gentilli, que aponta dois direitos à informação em dois aspectos: 1. O direito à informação deve ser pensado na perspectiva de um direito para todos. 2. O direito à informação deve ser pensado na perspectiva de fornecer informações em quantidade e qualidade para o *melhor julgamento possível de cada um* (GENTILLI *apud* TAVARES, 2010 - grifo do autor).

A pluralidade, em resumo, “seria um expediente destinado à persecução do equilíbrio necessário à produção do conhecimento jornalístico, atendendo à perspectiva ética e político-democrática, que exige o direito de participação dos diferentes pontos de vistas em situação potencial de conflito” (TAVARES, 2010, p. 42).

Por isso, o que pretende ser trabalhando nesta pesquisa é testar o desenvolvimento de ferramentas que possibilitem uma mensuração da aplicação do requisito pluralidade nas matérias analisadas - mas que podem ser aplicadas em qualquer cobertura -, de modo a averiguar se o conteúdo da Revista *piauí* está em conformidade com suas próprias garantias oferecidas.

3. A AVALIAÇÃO DE QUALIDADE DA REVISTA PIAUÍ

3.1 Sobre a *piauí* e a avaliação de qualidade

A Revista *piauí* se enquadra na especificidade de Jornalismo Literário por utilizar recursos estilísticos da literatura na escrita de seus textos, com o intuito de tornar a sua leitura mais atraente. “Sem abrir mão de uma apuração ética e criteriosa, capta a realidade de uma forma diferenciada” (Salles, 2011). Este estilo constitui uma referência para a revista, apresentando em seus textos extensão, liberdade de estrutura, de estilo, apuração mais prolongada das notícias, descrição mais detalhada da realidade, mostrando a construção cena a cena, diálogos, muitas vezes descrevendo caracterização dos personagens, hábitos, maneiras, transmitindo o que o repórter captou durante a entrevista e contextualizando a informação de forma mais abrangente possível.

O jornalismo literário é visto como uma alternativa de qualidade em relação ao jornalismo convencional e muitas outras características definidoras que o diferenciam. Sendo assim, o jornalismo literário da Revista *piauí* será submetido a uma avaliação de qualidade a fim de avaliar dois requisitos: a confiabilidade e a pluralidade da cobertura.

A qualidade é vista como instrumento de *accountability* porque é uma forma de cobrar coerência e eficácia entre o que a organização jornalística promete e o que entrega na forma de produto jornalístico, porque há uma aproximação entre as demandas necessárias para alcançar qualidade no jornalismo e as características definidoras de um meio *accountable*. Tanto na busca por qualidade da produção jornalística quanto por *accountability*, se sustenta uma prévia definição de requisitos.

O termo liga-se à capacidade de averiguar e cobrar responsabilidade e transparência no cumprimento de determinadas obrigações, sejam elas de cunho legal ou moral. Ainda que a responsabilidade social seja essencial para os sistemas de monitoramento, o que mais interessa aos estudos de *accountability* não é a responsabilidade social em si, mas a capacidade de verificar seu efetivo cumprimento (FEITOZA, 2016, p. 59).

Neste contexto, podemos ver *accountability* como todo o processo (dentro de um relacionamento de comunicação) de fazer reivindicações baseadas em expectativas e no apelo a normas, de resposta da outra parte (rejeitando alegações ou explicar as ações), e qualquer procedimento a fim de conciliar os dois (MCQUAIL, 2003, p. 15). E este conceito de *accountability* apresentado por McQuail foi o escolhido como base nesta pesquisa. A escolha deste conceito é justamente por defender que o termo é uma

‘prestação de contas’ dos media relativamente à sociedade e escrutínio público dos media por parte dos cidadãos, grupos e instituições.

Já o conceito de qualidade a ser usado será do autor Picard, que argumenta que a qualidade jornalística não é apenas conteúdo (variedade e contextualização da notícia) e métodos jornalísticos (variedades de fontes), mas também atividades operacionais relacionadas com os aspectos técnicos e gerenciais.

A escolha dessa definição sobre qualidade - diante deste cenário de incertezas - do autor defende bem a proposta deste trabalho. É preciso perceber que Picard descreve a qualidade da atividade jornalística através das atividades operacionais envolvendo aspectos técnicos e gerenciais e não apenas uma qualidade medida através do seu conteúdo e pluralidade existente. Tendo um cuidado com todos os aspectos da produção jornalística do início ao fim para se estabelecer e obter a qualidade desejada.

Os requisitos de qualidade que serão avaliados serão: confiabilidade e pluralidade. O conceito de confiabilidade que iremos nos apoiar é de McQuail (2012) que diz que é preciso verificar o grau em que os fatos apresentados são verificáveis ou apoiados por uma fonte reconhecida e por evidências relevantes. “Quanto maior a proporção de unidades de informações verificáveis em um texto, mais real ele poderá ser considerado” (McQUAIL, 2012, p. 216). É justamente isso que tratamos e queremos testar com a matriz de confiabilidade.

Já a pluralidade é resultante do pluralismo da imprensa, que é definido como conteúdo que apresenta grande variedade de pontos de vista opostos, e conceituado como algo independente de um quadro político de um país e enquanto indicador de liberdade de imprensa (WOODS, *apud* TAVARES, 2014, p. 26).

Estes dois requisitos serão analisados em cinco reportagens de capas, referentes aos meses de fevereiro, março, abril, maio e outubro do ano de 2014. Inicialmente seriam avaliadas as 12 matérias de capa do ano de 2014, mas as demais reportagens (dos meses de janeiro, junho, julho, agosto, setembro, novembro e dezembro) foram excluídas por serem apenas perfil e não permitirem uma avaliação de problemas e discussões em volta de um tema, ou seja, gerar uma matriz de problemas. “A matriz é configurada de acordo com a proposta da organização e com o perfil editorial do produto; não é necessário operar apenas com uma matriz, embora possa haver matrizes que se consolidem que permitirão a inserção dos métodos para gerar os índices de Confiabilidade e Pluralidade” (Guerra, p. 15).

As matérias de capa analisadas foram as seguintes:

1. Fevereiro 2014, edição 89- *Los Doctores*- A matéria apresenta os prós e contras do Programa Mais Médicos, mostrando como este beneficiou as regiões pobres com a contratação de médicos estrangeiros, como também aponta para algumas críticas relacionadas ao Mais Médicos e falta de estrutura para a implantação de um programa como este, mostrando falhas tanto em execução como em estrutura. No geral, apresenta como estão os estrangeiros, os pacientes e os limites do Programa.
2. Março 2014, edição 90 – *Contrato de Risco*. A matéria apresenta como a Vale assinou um acordo para assumir todos os custos de uma transação bilionária e obscura na Guiné, mostrando os benefícios desse contrato, como também a parte negativa desse acordo.
3. Abril 2014, edição 91- *A Verdade da Comissão*. A matéria apresenta o cenário em que se encontra a comissão que investiga crimes da ditadura militar. Entre brigas internas e pequenas descobertas, a matéria apresenta como conselheiros chegam à reta final dos trabalhos divididos sobre a Lei de Anistia (que impede o julgamento de ex-militares que cometeram crimes) e diante do desafio de produzir um relatório que acrescente algo substantivo ao que já se sabe sobre os porões do regime militar.
4. Maio 2014, edição 92 – *Cacos da Velha Potência*. A matéria apresenta projeto de investimentos para a reconstrução de Detroit depois do apocalipse pós-industrial na cidade. Aponta alguns pontos daquela realidade, composta por uma elite branca em que a maioria é negra e sofre discriminação, sendo excluída, em uma cidade falida, buscando novas formas de investimento para mudar este cenário.
5. Outubro 2014, edição 97- *“A Afilhada Rebelde”*- A matéria apresenta o estilo, as ideias, as decisões e a ambígua relação de Dilma com Lula. Brigas políticas são ressaltadas ao longo da matéria com partido e com a base aliada, mostrando comportamento da presidente, seu autoritarismo e apadrinhamento de Lula para governar.

A metodologia utilizada é baseada na análise de conteúdo por ser um método compreendido como um conjunto de técnicas de pesquisas cujo objetivo é a busca do sentido ou dos sentidos de um documento.

Bardin (1977) ressalta a “importância do rigor na utilização da análise de conteúdo, a necessidade de ultrapassar as incertezas, e descobrir o que é questionado. Nos últimos anos, a técnica tem conquistado grande desenvolvimento, tendo em vista, o crescente número de publicações anuais”. Entretanto, a variedade de conceitos e finalidades de seu uso, parece estar longe de enriquecer a prática de análise. Tem tornado a técnica pouco clara, possibilitando sua utilização sem os cuidados metodológicos exigidos para uma prática de pesquisa de respeito, especialmente para os pesquisadores iniciantes, que tendem a aplicá-la como prática intuitiva e não sistematizada (OLIVEIRA, 2008).

A análise de conteúdo atualmente pode ser definida como um conjunto de instrumentos metodológicos, em constante aperfeiçoamento, que se presta a analisar diferentes fontes de conteúdos (verbais ou não-verbais). Quanto à interpretação, a análise de conteúdo transita entre dois polos: o rigor da objetividade e a fecundidade da subjetividade. É uma técnica refinada, que exige do pesquisador disciplina, dedicação, paciência e tempo. Faz-se necessário também, certo grau de intuição, imaginação e criatividade, sobretudo na definição das categorias de análise. Jamais esquecendo do rigor e da ética, que são fatores essenciais (Bardin, 1977).

Dentro do seu conceito histórico, segundo Herscovitz (2007 p. 124), a análise de conteúdo já passou por várias definições que, ao longo do tempo, procuraram contornar críticas e incorporar novas tecnologias.

É importante destacar que a análise de conteúdo, ao longo dos anos, sofreu reformulações, com uma análise mais contemporânea, inclusive podendo ser utilizada pelo auxílio do computador. Hoje em dia, existem alguns *softwares* que auxiliam, principalmente, nos processos de organização do material e codificação dos dados. E no Programa de Pesquisa em Qualidade, Inovação e Tecnologia Aplicadas ao Jornalismo (Qualijor), existe o *software* ainda em fase de teste que contribui na hora de gerar dados e aplicar o método e que foi testado para obter resultados.

Para executar o trabalho e buscar a resposta que guiou esta pesquisa, foram necessárias algumas etapas. A primeira etapa diz respeito ao levantamento e à análise bibliográfica, a fim de buscar um aprofundamento teórico e compreender a noção de qualidade, *accountability*, confiabilidade e pluralidade. De acordo com Ida Regina C. Stumpf, (STUMF *apud* DUARTE, 2006, p.51) a leitura bibliográfica “é o conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar documentos

pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos”.

O segundo momento do trabalho diz respeito à coleta e processamento da amostra para o estudo de caso. Foram analisadas cinco matérias de capas referentes ao ano de 2014 da Revista *piauí*. Este momento seria seleção de *corpus* de análise, “que é composto por todos os documentos selecionados para análise durante o período de tempo estabelecido para coleta de informações”. Foram feitas, nessa etapa, as leituras flutuantes, um primeiro contato com as matérias de capas selecionadas, o que Bardin chamou de pré-análise.

Concluída esta fase descrita acima, o trabalho seguiu para a exploração do material, “que consiste na construção das operações de codificação, considerando-se os recortes dos textos em unidades de registros, a definição de regras de contagem e a classificação e agregação das informações em categorias simbólicas ou temáticas”. Bardin (1977) define codificação como a transformação, por meio de recorte, agregação e enumeração, com base em regras precisas sobre as informações textuais, representativas das características do conteúdo. Nessa fase de codificação, nesta pesquisa foi dada, pela matriz de problema, matriz de relatos e matriz de atributos.

Nessa fase, o texto das matérias e de todo o material coletado foi recortado em unidades de registro, chamadas de relatos, que representam unidades informativas da matéria de 400 caracteres colocadas em caixas de texto. Em cada caixa de texto são inseridos relatos, definidos como a menor unidade informativa que constitui a notícia. Ao isolar as unidades de uma notícia, o Qualijor permite uma análise ponto a ponto, tornando necessária a busca pela segurança da informação e pela pluralidade. Segundo Bardin, essa seria a fase exploração do material.

Faz-se necessário detalhar os procedimentos metodológicos de cada uma das avaliações de Pluralidade e Confiabilidade. Mas antes, é preciso ressaltar que toda avaliação será operacionalizada pelo *software* Qualijor.

O Qualijor⁸ é um software de gestão da produção e de avaliação de conteúdos jornalísticos orientado para a qualidade editorial, por meio de indicadores de desempenho que devem ser registrados ao longo do processo de produção.

Todas as informações são registradas no sistema e se tornam importantes ferramentas de gestão do conhecimento e apoio à decisão (Almeida, Freitas, Sousa, 20112, *apud* Guerra, 2014). Guerra diz ainda que, através do sistema ser usado para a produção, é possível identificar os critérios aplicados pela equipe na avaliação técnica das matérias, o que permite revisar e avaliar o trabalho feito, usar os resultados das avaliações para tomar decisões editoriais com base em dados (como decidir se matérias entram ou não na edição, e com que destaque) e oferecer transparência editorial para fins de *accountability* (Fendler, 2014, Bertrand, 2002 *apud* Guerra, 2014).

O Qualijor foi concebido para oferecer uma solução para um problema prático, medir a qualidade de produtos jornalísticos e contribuir para a produção de produtos jornalísticos qualificados, mas também para um problema teórico-metodológico: como sistematizar conceitualmente “a solução prática” dentro de uma proposta teórica e metodológica de caráter aplicado. Tal desafio se impõe porque nos estudos em jornalismo há um grau de dispersão muito grande de temas e de enfoques, que ora comprometem o diálogo entre os pares ora desconstróem valores caros ao fazer jornalístico (Guerra, 2014)

A estrutura do Qualijor, orientando-se pela teoria aplicada ao jornalismo, visa reunir e sistematizar conceitos, fundamentos e relações, transformando-os em requisitos e indicadores para avaliações claras e sistemáticas. O Qualijor faz uso, dessa forma, de uma articulação entre teoria e método que instrumentaliza o seu desenvolvimento experimental.

O Qualijor (GUERRA, 2015) é destinado à gestão do processo de produção jornalística a partir de indicadores de qualidade editorial. E através do software, é possível: controlar o fluxo do processo de produção, estruturado em cinco etapas, triagem, pauta, reportagem, composição e edição; registrar indicadores de relevância usados na avaliação das matérias, em cada etapa do processo; registrar indicadores que permitam avaliar a confiabilidade das informações; registrar indicadores de pontos de vista para avaliar a pluralidade da cobertura, entre outros recursos. Todas as funcionalidades acima

⁸Enquanto produção inédita, o Qualijor é registrado junto ao Instituto Nacional de Propriedade Intelectual (Inpi) sob o número BR 51 2015 000113 2. A princípio o programa foi batizado de Sistema de Gestão da Produção Jornalística (SGPJ), mas por necessidade de registro, passou a ser denominado Qualijor (GUERRA, 2014).

geram indicadores capazes de permitir a gestão da qualidade editorial em tempo real para o gestor de conteúdo.

Na atual fase de desenvolvimento, o Qualijor se apresenta como um protótipo capaz de auxiliar avaliações, como é o tipo de uso feito para os fins dessa dissertação, bem como pôr sua estrutura à prova, utilizando-se da análise de conteúdo. Em cada sequência explicamos como o software funciona.

3.2 Análise da Pluralidade

O requisito de pluralidade é resultante do pluralismo da imprensa, em que o pluralismo jornalístico é definido como conteúdo que apresenta grande variedade de pontos de vista opostos, e conceituado como algo independente de um quadro político de um país e enquanto indicador de liberdade de imprensa (Woods apud Tavares, 2014, p. 26). Imprensa na qual há multiplicidade de pontos de vista em exibição tende a ter maior pluralidade do que aquela onde não se constata isso. Dessa forma, as fontes de informação são critérios de qualidade profissional.

A pluralidade interna, objeto da avaliação, perpassa por cinco indicadores apresentados anteriormente: a) status e variadas fontes; b) verificação; c) transparência; d) relevância; e) redução de incertezas. Considerando a pluralidade como acesso e igualdade de participação. Assim, “seria um expediente destinado à persecução do equilíbrio necessário à produção do conhecimento jornalístico, atendendo à perspectiva ética e político-democrática que exige o direito de participação dos diferentes pontos de vistas em situação potencial de conflito” (TAVARES, 2010, p. 42).

Para proceder a avaliação, dois pontos de partidas são necessários: a matriz de relatos, considerando-se apenas os relatos de pontos de vista; a matriz de problemas, dentro da qual os relatos de pontos de vista são situados a partir das situações problema detectadas em cada matéria; e a matriz de atributos, que consiste na identificação das fontes, com cargo e organização a qual pertencem.

A matriz de relatos possibilita análise de uma matéria como um todo. Uma notícia, para fins de nossa análise, deve ser dividida em relatos, unidades informativas menores, sobre as quais seja possível definir um objetivo, isto é, a intenção daquele fragmento em relação à notícia da qual faz parte. O relato deve expressar, assim, a intenção jornalística na produção da informação.

Os relatos são unidades informativas, que são classificadas como pontos de vista quando expressam um argumento de alguma das partes dos conflitos explorados nas matérias. Cada matéria analisada é decomposta em unidades informativas menores. Quando nessas unidades informativas são identificados, eles são classificados de acordo com o tipo de ponto de vista que representam.

Abaixo seguem 11 pontos de vistas com suas definições, de forma resumida, que procuram delimitar sua ideia principal. Os outros 15 relatos, que são usados para a avaliação e suas respectivas pontuações, estão apresentadas no Anexo desta dissertação, totalizando 26 relatos.

Relato de Versão 1, 2, 3, 4 etc: relato destinado a dar conta de um aspecto factual, mas que não tem elementos comprobatórios para se firmar como fato, pois situado no âmbito de um conflito.

Relato de Tese 1, 2, 3, 4 etc: relato que apresenta um modelo explicativo para uma macro dimensão da realidade, mas que enfrenta modelos explicativos diferentes, em situação de real ou potencial conflito.

Relato de Posição 1, 2, 3, 4 etc: relato que apresenta uma pretensão de interesse pontual, numa situação real ou potencial de conflito.

Relato de Macro Posição 1, 2, 3, 4 etc.: relato que apresenta um conjunto estruturado de propostas e valores, implícitos ou explícitos, a ser implementado no futuro.

Relato de Crítica 1, 2, 3, 4 etc: relato que apresenta uma crítica a uma situação de fato, atribuindo responsabilidade a alguém pelo estado de coisas constatado.

Relato de Hipótese 1, 2, etc.: quando o proponente assume que ele não tem certeza, mas é uma linha de raciocínio que ele acredita ou que possa ser possível. Quanto mais números, maior a pluralidade de pontos de vista possíveis ou a diversidade de enquadramentos considerados.

Relato de Opinião: quando há uma convicção da fonte em emitir um ponto de vista acerca do fato. É uma convicção da fonte, mas o modelo explicativo é mais pessoal e menos consistente do que no caso da hipótese ou tese.

Relato de Imposição/Exigência 1 2 3 4 5.: alguém que expressa uma exigência ou uma condição a ser atendida a fim de que se faça, se cesse ou se anule um ato de cobrança. Tem na base um ato de força política ou mesmo o poder da força física.

Relato de Resposta: relato de Ponto de Vista que responde a um relato de crítica, justificando-se. A resposta só deve ser considerada como tal quando reage a uma crítica, que abre o conflito.

Relato de valoração positiva.: Relato de Ponto de Vista que apresenta avaliação positiva do fato objeto da notícia, sem que seu autor esteja no contexto de algum conflito. Valoração positiva ou negativa no contexto de conflitos deve ser marcada como os respectivos PV's do tipo de conflito em que se enquadra.

Relato de valoração negativa: avaliação negativa do fato objeto da notícia, sem que seu autor esteja no contexto de algum conflito. Valoração positiva ou negativa no contexto de conflitos deve ser marcada como os respectivos PV's do tipo de conflito em que se enquadra.

Fonte: Qualijor

A Matriz de problema possibilita mapear os problemas do tema e os pontos de vista (PV's) dos autores envolvidos, além de identificar macro-problemas, problemas da matéria e identificando numericamente os pontos de vista, evidenciando, assim, o alinhamento entre eles.

Neste mapeamento, os problemas são distribuídos na matriz de modo que atendam a todos os conflitos referentes ao tema da matéria. A partir do momento em que a matriz é criada, a matéria é avaliada por cada relato informativo (unidade informativa da notícia), que é encaminhado para um dos problemas que mais se identifica.

Passo a passo da avaliação:

- 1) Construir a matriz de problema de cada matéria. As cinco matérias passaram por uma leitura flutuante e pré-análise. Nessa leitura, foi identificado o problema objeto da matéria chamado de macro-problema: depois, são identificados os problemas específicos existentes e enumerados os pontos de vista em conflito.
- 2) O segundo passo é identificar quais pontos de vista estão presentes na matéria, relacionados a cada problema.
- 3) O terceiro passo é identificar as fontes associadas aos pontos de vista;
- 4) Depois, extrair o quantitativo de pontos de vista por problema para gerar o IPJ (Índice de Pluralidade Jornalística);
- 5) Identificar as fontes associadas aos pontos de vista.
- 6) Extrair o ICJ (Índice de Confiabilidade Jornalística) de cada matéria, que é extraído pela média da pontuação atribuída a todos os relatos. Soma da pontuação dos relatos da matéria dividido pelo número de relatos.

O passo decisivo para gerar o IPJ (Índice de Pluralidade Jornalística) é o ponto 4. A partir da identificação dos pontos de vista conflitantes, é possível confrontá-los para se extrair o grau de pluralidade. Os pontos de vista, para fins do IPJ, são considerados em Alinhados e Específicos. Alinhados são considerados todos os tipos de pontos de vista (posição, versão, etc.) que estão do mesmo lado, em oposição a todos os tipos de pontos de vista que expressam uma visão oposta. Específicos, os pontos de vista do mesmo tipo (versão 1 *versus* versão 2; posição 1 *versus* posição 2, etc.).

Exemplo da Matriz de problema construída para identificar os problemas e pontos de vista alinhados

MACRO PROBLEMAS	PROBLEMAS	PONTOS DE VISTA
Macro-Problema: Descrição do Macro-Problema	Problema 1: Descrição do Problema 1	Relato de Crítica 1: Descrição do ponto de vista
		Relato de Resposta: Descrição da Resposta
		Relato de versão 1: Descrição de um aspecto factual
		Relato de versão 2:
		Relato de opinião 1: Descrição de um ponto de vista acerca do fato
		Relato de opinião 2:
	Problema 2: Descrição do Problema 2	Relato de Crítica 1: Descrição do ponto de vista
		Relato de opinião 1: Descrição de um ponto de vista acerca do fato
	Problema 3: Descrição do Problema 3	Relato de Crítica 1: Descrição do ponto de vista
	Relato de opinião 1: Descrição de um ponto de vista acerca do fato	
	Relato de Versão 1: Descrição de um aspecto factual	

Quadro 2- Exemplo da matriz de problema

Sobre a Matriz de atributos (fontes) - a matriz de problemas, quando está sendo elaborada, possibilita identificar os pontos de vista das matérias avaliadas. Após essa identificação, é feita uma classificação das fontes acionadas pelos jornalistas na construção de cada relato, utilizando a Matriz de Atributos. Deste modo, em cada unidade informativa que tenha uma fonte, é possível identificar qual é essa fonte seu cargo e

organização, possibilitando, inclusive, observar quando é o jornalista falando por si mesmo ou baseado em alguma fonte de informação.

A classificação das fontes de informação empregadas nas matérias é feita por categorias. No sistema Qualijor, existe um questionário com essas informações, que deve ser respondido em cada relato. Importante ressaltar que uma fonte pode aparecer mais de uma vez na mesma matéria.

Tabela 2- Matriz de Atributos

Perfil das Fontes
1) Atributos da Fonte 1.1. Nome: Nome da Fonte 1.2. Organização: Organização a qual a fonte pertence ou a que representa, quanto pertinente; 1.3. Cargo: função exercida na organização.

Fonte: Qualijor

O IPJ é obtido pela divisão do número de relatos de menor ocorrência pelo número de relatos de maior ocorrência (tanto considerando os pontos de vista alinhados como considerando os pontos de vista específicos). O resultado representa, em casas decimais, o número de relatos de menor ocorrência a cada dez relatos dos de maior ocorrência.

O padrão adotado na pesquisa considera que, acima de 0,5, o IPJ tende ao equilíbrio, isto é, começa a haver um equilíbrio mínimo entre os pontos de vista em conflito (a partir de 0,5; baixo equilíbrio; de 0,6, médio equilíbrio; 0,7, médio equilíbrio; 0,8, médio alto equilíbrio; de 0,9, alto equilíbrio); abaixo de 0,5, tende à parcialidade. Um IPJ de 0,7, significa, por exemplo, que para cada dez relatos do ponto de vista de maior ocorrência há sete do de menor ocorrência.

No Qualijor, cada relato (informação, unidade informativa da notícia) tem identificado o ponto de vista que representa, e é com base nesse registro que é possível contabilizar e gerar o IPJ.

3.3 – Análise de Confiabilidade

McQuail (2012), sobre as possibilidades de verificação, diz que é preciso verificar o grau em que os fatos apresentados são verificáveis ou apoiados por uma fonte reconhecida e por evidências relevantes. “Quanto maior a proporção de unidades de informações verificáveis em um texto, mais real ele poderá ser considerado” (McQUAIL, 2012, p. 216).

A confiabilidade é avaliada em três elementos de verificação: indicação da fonte, checabilidade e distinção fato/opinião. Ressalte-se que elementos acessórios, como clareza do texto, também são considerados possibilidade de verificação/confiabilidade, pois constam na matriz.

Para proceder a essa avaliação, o ponto de partida é a aplicação da matriz de relatos. A matriz de relatos possibilita análise de uma matéria como um todo. Uma notícia, para fins de nossa análise, deve ser dividida em relatos, unidades informativas menores, sobre as quais seja possível definir um objetivo, isto é, a intenção daquele fragmento em relação à notícia da qual faz parte. O relato deve expressar, assim, a intenção jornalística na produção da informação. A matriz tem relatos de dados e de pontos de vista (a matriz completa está no anexo).

Passo a passo da avaliação:

- 1) Separar as matérias em unidades informativas, a menor unidade informativa da matéria, tamanho em torno de 400 caracteres;
- 2) Identificar o tipo ou os tipos de relatos identificados;
- 3) Pontuar a confiabilidade do relato com base nos critérios definidos pela matriz.

A pontuação é baseada no seguinte padrão: 1 – Confiável, pois atende aos requisitos; 0,5 – parcial, pois não atende parcialmente aos requisitos; 0,0 – não atende a nenhum requisito.

O ICJ (Índice de Confiabilidade Jornalística) é extraído pela média da pontuação atribuída a todos os relatos. Soma da pontuação dos relatos da matéria dividido pelo número de relatos.

Disso resulta o padrão da confiabilidade: quanto mais próximo de 1, mais confiável ele é.

3.4 Qualijor e sua operacionalização

Existem diversos requisitos capazes de averiguar a qualidade jornalística ou, visto de outro modo, importantes para a execução da atividade jornalística. Entre eles está o compromisso com a verdade e a pluralidade, obrigações indispensáveis para um jornalismo dentro de uma sociedade democrática. Verdade porque garante que as notícias estejam em conformidade com o fato e pluralidade, já que em situações de conflito, permite que todos os pontos de vista tenham espaço dentro da cobertura jornalística (GUERRA, 2010).

Diante destes requisitos, o Qualijor oferece um conjunto de indicadores que é utilizado para a avaliação dos requisitos jornalísticos. O sistema permite a geração e a consolidação de indicadores que ajudam na construção dos índices de pluralidade e segurança da informação. O sistema é uma ferramenta desenvolvida para auxiliar na comprovação da qualidade jornalística. E ela foi usada da seguinte forma nesta pesquisa:

Faz-se o cadastro das matérias, decompondo-as em suas unidades informativas (relatos).

Página Inicial Administração Consulta Pesquisa Retranca

REVISTA PIAUÍ Ed. 18 02/03/2016

Informações Essenciais

Informação 1: 1 4562 [Atributos](#) [Veracidade](#)

O rombo anual é de R\$ 1 bilhão nos cofres do Sergipeprevidência, a autarquia gestora dos recursos que garantem o pagamento de aposentadorias e pensões dos servidores públicos e respectivos dependentes.

Remover Informação

400 caractere(s) restante(s).

Adicionar Informação

Informações Acessórias

Adicionar Informação

Informações Complementares

Adicionar Informação

Figura 3: Espaço de inserção das unidades informativas.

Fonte: Qualijor

Cada relato tem, então, identificado seu tipo, que é devidamente pontuado, com base nos parâmetros da Matriz de Relatos. Além de ser pontuado, cada um tem identificado a qual problema da matriz se refere. Isso permitirá extrair, na consulta do sistema, os relatos de pontos de vista, principalmente, para o cálculo do IPJ, por problema.

Matriz de Veracidade (Mostrar/Ocultar)

Informação Essencial 1 (1-4571) Pontuação: 1

	Relato	Pontuação Mínima	Pontuação Máxima	
<input type="checkbox"/>	Relato de Prenúncio	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato de Promessa	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato de Propósito	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato de Impressão	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato de Recomendação/sugestão	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato de Possibilidade	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato de Hipótese 2	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato de Hipótese 3	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato de Hipótese 4	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato de Hipótese 1	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato de Tese 2	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato de Tese 1	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato de Tese 3	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato de Tese 4	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato de Suspensão	0	1	
<input checked="" type="checkbox"/>	Relato de Fato	0	1	1,00
<input type="checkbox"/>	Relato de Norma	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato de Valoração Negativa	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato de Valoração Positiva	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato Estatístico	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato de Opinião 1	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato de Opinião 2	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato de Opinião 3	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato de Determinação	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato de Imposição/Exigência	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato de Reivindicação/Demanda	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato de Contexto	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato de Versão 1	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato de Versão 2	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato de Versão 3	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato de Posição 1	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato de Posição 2	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato de Posição 3	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato de Macro Posição 1	0	1	

Figura 4: Exemplo da pontuação dos relatos de uma notícia.

Fonte: Qualijor.

<input type="checkbox"/>	Relato de Crítica 1	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato de Crítica 2	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato de Resposta	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato de Retorno	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato Diverso	0	1	
<input type="checkbox"/>	Relato de Testemunho	0	1	

		Pontuação Mínima	Pontuação Máxima	
<input checked="" type="checkbox"/>	Macro Problema 1	0	1	1,00
<input type="checkbox"/>	Macro Problema 2	0	1	
<input type="checkbox"/>	Macro Problema 3	0	1	
<input type="checkbox"/>	Macro Problema 4	0	1	
<input type="checkbox"/>	Macro Problema 5	0	1	
<input type="checkbox"/>	Macro Problema 6	0	1	
<input type="checkbox"/>	Macro Problema 6	0	1	
<input type="checkbox"/>	Macro Problema 7	0	1	
<input type="checkbox"/>	Macro Problema 8	0	1	
<input type="checkbox"/>	Macro Problema 9	0	1	
<input type="checkbox"/>	Macro Problema 10	0	1	
<input type="checkbox"/>	Macro Problema 11	0	1	
<input type="checkbox"/>	Macro Problema 12	0	1	
<input type="checkbox"/>	Macro Problema 13	0	1	
<input type="checkbox"/>	Macro Problema 14	0	1	
<input type="checkbox"/>	Macro Problema 15	0	1	
<input type="checkbox"/>	Macro Problema 16	0	1	
<input type="checkbox"/>	Macro Problema 17	0	1	
<input type="checkbox"/>	Macro Problema 18	0	1	

		Pontuação Mínima	Pontuação Máxima	
<input checked="" type="checkbox"/>	Problema 1	0	1	1,00
<input type="checkbox"/>	Problema 2	0	1	
<input type="checkbox"/>	Problema 3	0	1	
<input type="checkbox"/>	Problema 4	0	1	
<input type="checkbox"/>	Problema 5	0	1	
<input type="checkbox"/>	Problema 6	0	1	
<input type="checkbox"/>	Problema 7	0	1	

<input type="checkbox"/>	Problema 8	0	1	
<input type="checkbox"/>	Problema 9	0	1	
<input type="checkbox"/>	Problema 10	0	1	

▼

Calcular Veracidade

Salvar Veracidade

Button

Cancelar

Figura 5: Exemplo da pontuação do macro-problema e problema.

Fonte: Qualijor.

Depois, cada relato terá identificado também suas fontes, com nome, cargo e organização a qual pertence.

Figura 6: Exemplo da pontuação dos relatos de uma notícia.

Fonte: Qualijor.

Para visualizar os resultados, o software oferece a Pesquisa do Ranking de Confiabilidade e a página de Consulta, da qual são extraídos os quantitativos de pontos de vista para o cálculo do IPJ (Índice de Pluralidade Jornalística).

Posição	Matéria	Pontuação da Matéria
1	CONTRATO DE RISCO	0,963768115942029
2	LOS DOCTORES	0,830128205128205

Figura 7: Exemplo da Consulta de Ranking e pontuação das matérias cadastradas.

Fonte: Qualijor.

RELATÓRIO QUANTITATIVO DE MATÉRIAS E INFORMAÇÕES

RESUMO		
Quantidade de matérias encontradas:	1	
Quantidade de informações encontradas:	152	
Período das Edições:	31/05/2016 à 31/05/2016	
DADOS GERAIS		
	Matéria	Informação
Produção: Revista Piani	1	152
Produção:Revista Piani Editoria: Saúde	1	152
Retranca:		
Jornalismo Literário	1	152
ITENS DE VERACIDADE: RELATO		
	Matéria	Informação
Relato: Relato de Crítica 1	1	39
Relato: Relato de Fato	1	78
Relato: Relato de Hipótese 1	1	1
Relato: Relato de Norma	1	1
Relato: Relato de Opinião 1	1	3
Relato: Relato de Resposta	1	30
Relato: Relato de Versão 1	1	1
Relato: Relato Estatístico	1	10
ITENS DE VERACIDADE: REPUTAÇÃO DA FONTE		
	Matéria	Informação
Reputação da Fonte: Macro Problema 1	1	152
ITENS DE VERACIDADE: COMPROVANTE DE DECLARAÇÃO		
	Matéria	Informação
Comprovante de Declaração: Problema 1	1	101

Figura 8: Exemplo do Relatório Quantitativo de Matérias e Informações.

Fonte: Qualijor.

Este é o passo a passo que o pesquisador precisa percorrer para obter os dados para fins de avaliação da confiabilidade e pluralidade jornalística. O sistema permite e auxilia na comprovação da qualidade jornalística.

3.5 Análise das Matérias

A partir daqui serão apresentados os resultados da avaliação. Para cada matéria, há uma sequência de apresentação dos dados.

- 1) Apresentação da matéria;
- 2) Apresentação da Pluralidade;
- 3) Apresentação da Confiabilidade;
- 4) Síntese dos resultados.

3.5.1 – Los Doctores

A primeira matéria analisada foi a matéria de Capa do mês de Fevereiro de 2014, edição 89, com o Título “Los Doctores”. A matéria apresenta os prós e contras do Programa Mais Médicos, mostrando como o programa beneficiou as regiões pobres com a contratação de médicos estrangeiros, como também aponta para algumas críticas relacionadas à falta de estrutura para implantação de um programa como este, mostrando

falhas tanto em execução como em estrutura. No geral, apresenta como estão os estrangeiros, os pacientes e os limites do Programa.



Foto 01: Capa da Edição 89, fevereiro de 2014.

Fonte: Piauí

Quadro 3 – Matriz de Problemas na análise da cobertura da Matéria da Revista Piauí *Los Doctores*

MACRO PROBLEMAS	PROBLEMAS	PONTOS DE VISTA
<p>Prós e Contras do Programa Mais Médicos</p>	<p>Problema 1</p> <p>Falta de médicos nas cidades e regiões pobres e contratação de médicos estrangeiros</p>	<p>Relato de Crítica 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A contratação é apenas temporária de médicos brasileiros e estrangeiros para trabalhar em unidades básicas de saúde de regiões com déficit de profissionais. Ou seja, onde a maioria dos médicos brasileiros não querem trabalhar; Não há uma solução definitiva para a região. - Governo engana a população ao sustentar que o Mais Médicos vai resolver o problema da Saúde;
		<p>Relato de Resposta:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Outros países fazem intercâmbio de médicos e importam, temporariamente, profissionais de outras nacionalidades; - Não há uma intenção de ‘canibalizar’ o mercado de trabalho no setor médico
		<p>Relato de opinião 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Tem o a.C. e o d.C.: antes de Cuba e depois de Cuba.
	<p>Problema 2</p> <p>Uso Eleitoral do Programa</p>	<p>Relato de Crítica 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O governo quer dar uma resposta rápida, num ano eleitoral, na área de maior insatisfação dos brasileiros: o atendimento público de saúde; - Remendo eleitoral, que não resolverá o problema do atendimento básico no Sistema Único de Saúde e opta por mão de obra barata em vez de criar uma Carreira de Estado bem remunerada.
		<p>Relato de opinião 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sem colocação partidária no Mais Médicos.
	<p>Problema 3</p> <p>Receptividade contra os cubanos, brasileiros não aceitam a contratação.</p>	<p>Relato de Crítica 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Isso é uma medida paliativa e superficial, que não dará conta de imprimir um padrão, uma política no SUS; -Camuflagem de problemas estruturais do sistema universal de Saúde; - Existe diferença na forma de tratar os cooperadores cubanos e os demais estrangeiros.
		<p>Relato de opinião:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Um país com dimensões continentais não pode depender da importação de médicos;

		- Médicos cubanos não podem fazer cirurgias. Morrem de medo de alguém morrer nas mãos deles.
		Relato de Versão 1: - Cubanos não têm nada contra os médicos brasileiros, apenas vieram para o país para contribuir e ajudar.
	Problema 4 Exigência do Revalida (Formação duvidosa)	Relato de Crítica 1: - Formação duvidosa, procedência acadêmica desconhecida, estão isentos de prestar o Revalida para comprovar o diploma de médicos graduados no exterior que queiram exercer a profissão no Brasil; - O profissional pode trabalhar em qualquer lugar, desde que prove sua capacitação. Se os cubanos fizessem o Revalida, pouquíssimos prosseguiriam no país; - 90% dos candidatos não passariam. Assim, o governo prefere que eles não façam a prova e disponibiliza qualquer médico para o povo.
		Relato de Resposta: - Não há sentido na exigência de um exame tão amplo e complexo como o Revalida para os médicos do programa; - Essa figura do exercício restrito é uma coisa nova e não se encaixa no que estava estabelecido pela legislação brasileira; - Cuba faz transplantes, cirurgia oftalmológica, tudo de alta complexidade. - Outros países como Austrália, Canadá, Inglaterra, Espanha e Portugal são exemplos de países com tradição de intercâmbio.
	Problema 5 Mais Médicos como ensino-serviço/Intercambistas	Relato de Crítica 1: - Medida provisória nº 612, define o Mais Médicos como uma modalidade de 'ensino-serviço', intercambista, no caso dos estrangeiros, sem vínculos empregatícios formais; - A falta de esclarecimento sobre os intercambistas, sobre a identidade de seus tutores e supervisores dificulta a fiscalização e a avaliação sobre a eficácia do programa.
	Problema 6 Pagamento através de bolsa	Relato de Crítica 1: - São escravos explorados com a aquiescência do governo federal; - Uma parte da bolsa é paga no Brasil e a outra depositada diretamente na conta bancária de cada um em Cuba;

		- 70% não fica nem no bolso nem na conta bancária dos médicos, e sim com o governo cubano.
		Relato de Resposta: - Ninguém os obriga a ir para o exterior e cada médico fica de posse do seu passaporte. O dinheiro, a família de cada médico continua recebendo o que eles tinham em Cuba antes de viajar.
	Problema 7 Falta de estrutura e recursos para os médicos cubanos	Relato de Crítica 1: - Cubanos colocados em apartamentos sem camas, geladeiras. Prefeituras não estavam preparadas para receber o programa; - Demora na execução e recebimento de exames; - Encaminhamento para cidades vizinhas; - Ninguém aparece para dar satisfações ou soluções.

3.5.1.1- Tipos de Relatos da matéria Los Doctores

Veracidade- Por Relatos	
Tipo de Relato	Quantidade da informação acionada
Relato de Crítica 1	38
Relato de Crítica 2	1
Relato de Fato	77
Relato de Norma	06
Relato de Opinião 1	04
Relato de Posição 1	04
Relato de Propósito 1	01
Relato de Resposta	19
Relato de Versão 1	01
Relato Estatístico	13

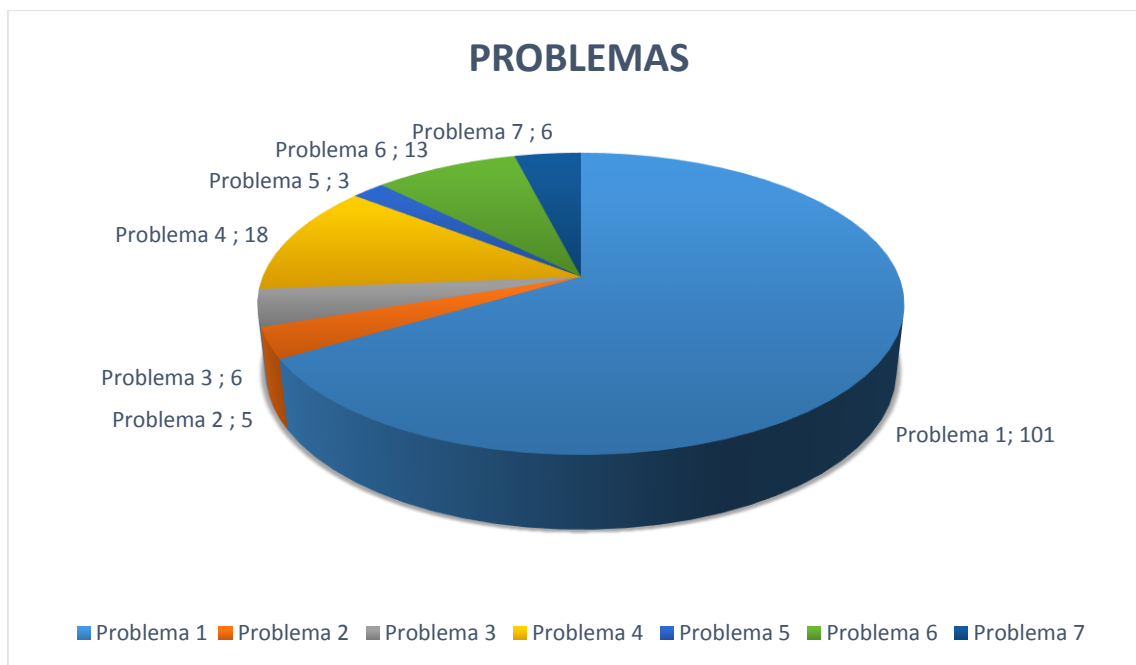
Tabela 3 – Tipos de Relato da Matéria Los Doctores

Fonte: Qualijor.

3.5.1.2- Tipos de problemas da matéria *Los Doctores*

Gráfico 1 – Problemas da Matéria *Los Doctores*

Fonte: Qualijor.



Legenda: Problema 1: Falta de médicos nas cidades e regiões pobres e contratação de médicos estrangeiros; Problema 2: Uso eleitoral do programa; Problema 3: Receptividade contra os cubanos, brasileiros não aceitam a contratação; Problema 4: Exigência do Revalida (Formação duvidosa); Problema 5: Mais Médicos como ensino-serviço/Intercambistas; Problema 6: Pagamento através de bolsa; Problema 7: Falta de estrutura e recursos para os médicos cubanos.

3.5.1.3- IPJ (Índice de Pluralidade Jornalística) Alinhados

Tabela 4- Índice de Pluralidade Jornalística Geral por pontos de vista alinhados da Matéria *Los Doctores*

Índice de Pluralidade Jornalística- Geral por pontos de vista alinhados		
Crítica 1	38	
Opinião 1	04	
Posição 1	04	
Versão 1	01	
Resposta	19	
	Total: 28	
IPJ	$28/38= 0,73$	

Legenda: Cor Clara: Contra o Mais Médico; Cor Escura: Pró- Mais Médicos

3.5.1.4- Fontes Ouvidas

O quadro abaixo das fontes ouvidas se trata da emissão de pontos de vista, por isso aparece identificada a presença do repórter no quadro de fontes ouvidas. Nesse caso, o ponto de vista de algumas das partes apareceu sendo apresentado pelo repórter.

FONTES	QUANT.	CARGO
Mais Médicos	36	
- Fonte não identificada	04	-----
- Rodrigo Cariri Chalegre	07	Médico e Tutor
- Morzart Sales	06	Coordenador
- Odalis Osório Jimenez	04	Médica
- Abraham García	10	Médico
- Norkis Sanchez Alonso	05	Médica
Conselho Federal de Medicina	07	
- Roberto Luiz d'Avila	06	Presidente
- Fonte não Identificada	01	-----
Associação Médica Brasileira	05	
- Florentino Cardoso	04	Presidente
- Fonte não Identificada	01	-----
Universidade Federal do Rio de Janeiro	05	
- Ligia Bahia	05	Professora de Medicina e Saúde Pública
Revista Piauí	07	
- Malu Delgado	07	Jornalista

Tabela 5 – Fontes Gerais da Matéria *Los Doctores* –

3.5.1.5 – IPJ (Índice de Pluralidade Jornalística) por problemas

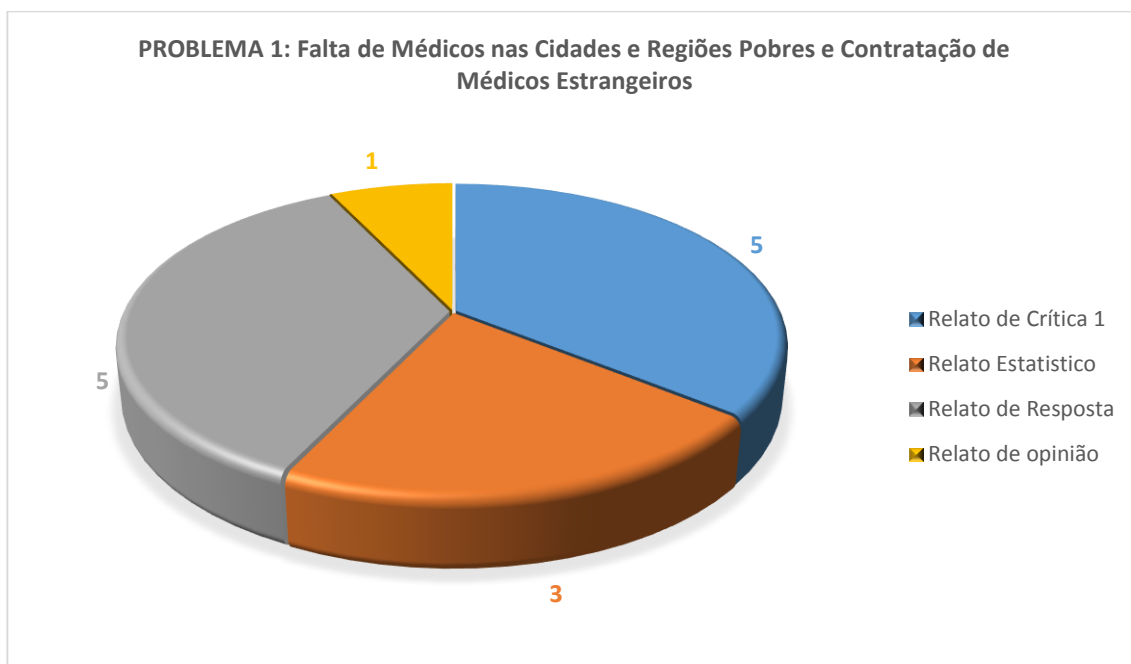


Gráfico 2 – Problema 1 Matéria *Los Doctores*

No problema 1 da matéria *Los Doctores*: ‘*Falta de médicos nas cidades e regiões pobres e contratação de médicos estrangeiros*’ foram registrados, no geral, 05 relatos de crítica 1, 03 relatos estatísticos, 05 relatos de resposta e 01 relato de opinião 1.

Tabela 6- Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 1 da Matéria *Los Doctores*

Índice de Pluralidade Jornalística (IPJ)	
Relato de crítica 1	05
Relato de resposta + Relato de opinião 1	05+ 01= 06
	IPJ: 5/6 = 0,83

Dados gerais do problema 2:

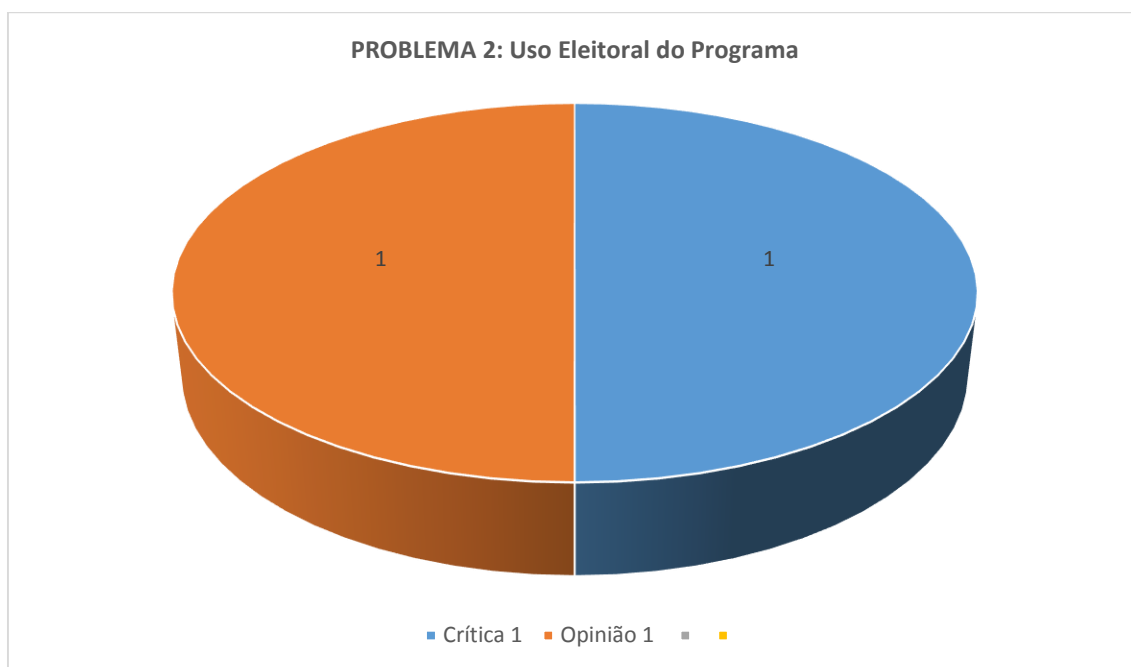


Gráfico 3 – Problema 2 Matéria *Los Doctores*

No problema 2 da matéria *Los Doctores: 'Uso Eleitoral do Programa'*, foram registrados, no geral, 01 relato de crítica 1 e 01 relato de opinião 1.

Tabela 07 - Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 2 da Matéria *Los Doctores*

Índice de Pluralidade Jornalística (IPJ)	
Relato de crítica 1	01
Relato de opinião 1	01
	IPJ: $1/1=1$

Dados Gerais do Problema 3:

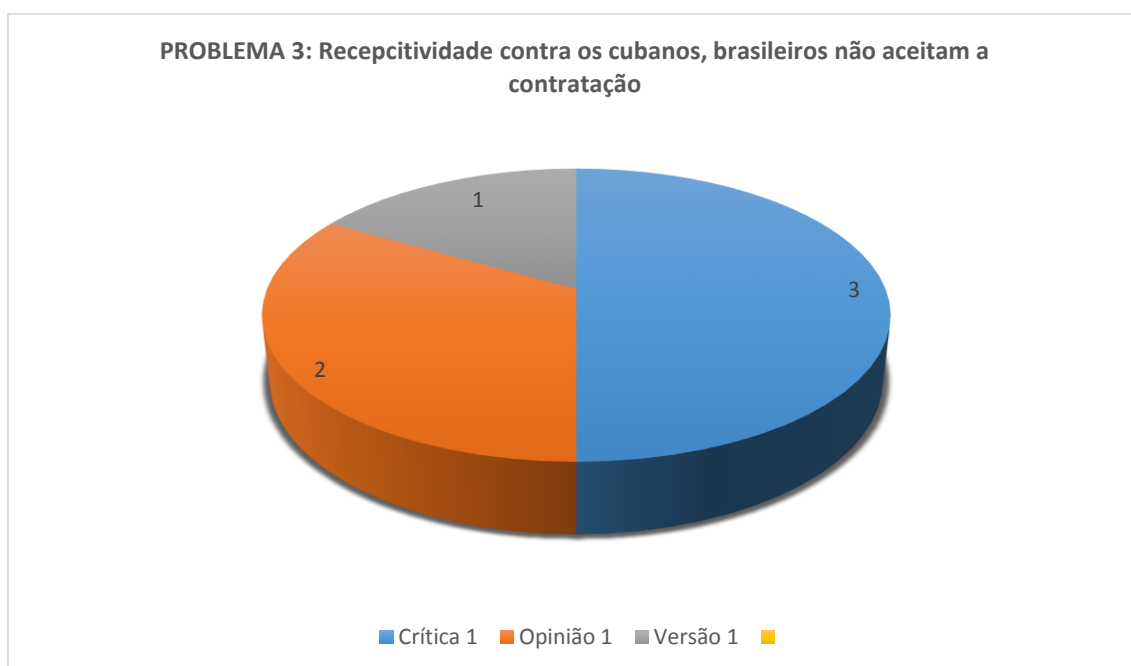


Gráfico 4 – Problema 3 Matéria *Los Doctores*

No problema 3 da matéria *Los Doctores: ‘Receptividade contra os cubanos, brasileiros não aceitam a contratação’* foram registrados, no geral, 03 relatos de crítica 1, 02 relatos de opinião 1 e 01 relato de versão 1.

Tabela 08 - Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 3 da Matéria *Los Doctores*

Índice de Pluralidade Jornalística (IPJ)	
Relato de crítica 1	03
Relato de opinião 1 + Relato de versão	02+ 01= 03
	IPJ: 03/03= 1

Dados Gerais do Problema 4:

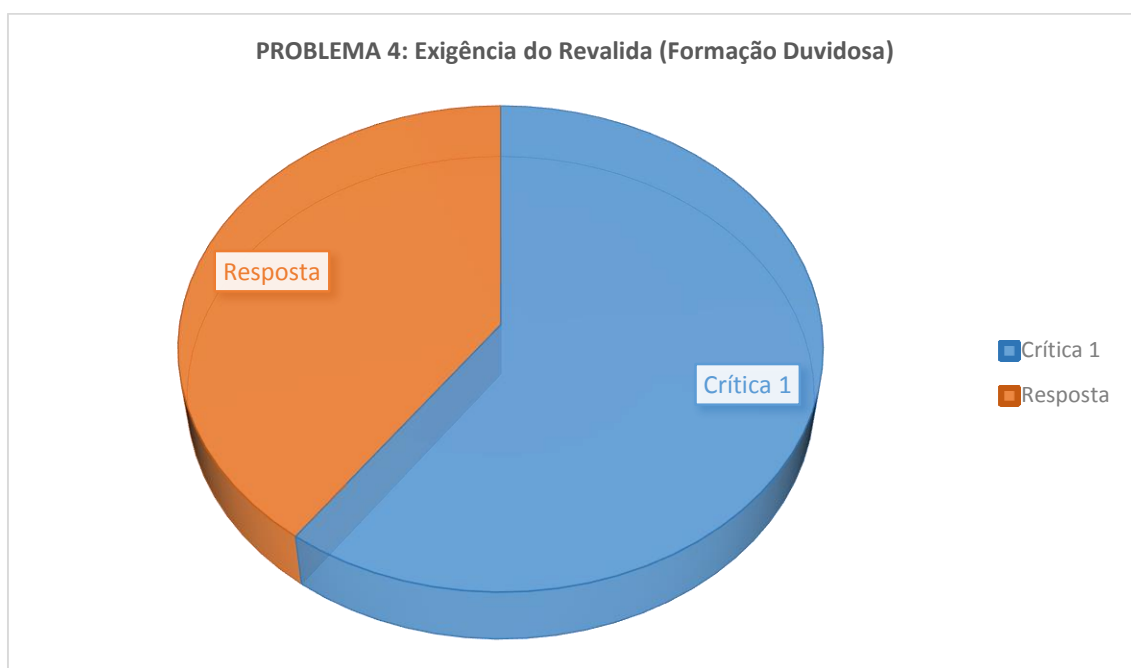


Gráfico 5 – Problema 4 Matéria Los Doctores

No problema 4 da matéria Los Doctores: *‘Exigência do Revalida (Formação duvidosa)’* foram registrados, no geral, 09 relatos de crítica 1, 06 relatos de resposta.

Tabela 9 - Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 4 da Matéria Los Doctores

Índice de Pluralidade Jornalística (IPJ)	
Relato de crítica 1	09
Relato de resposta	06
	IPJ: $6/9 = 0,66$

Dados Gerais do Problema 5:

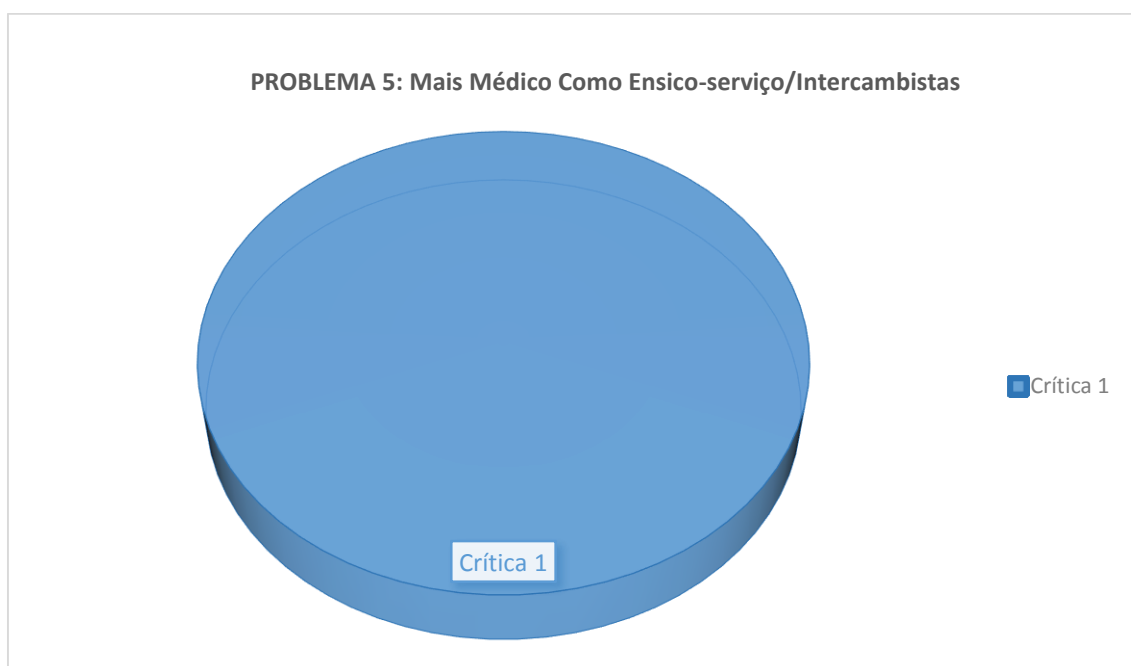


Gráfico 6 – Problema 5 Matéria *Los Doctores*

No problema 5 da matéria *Los Doctores*: “*Mais Médico como ensino-serviço/Intercambistas*” foi registrado, no geral, 01 relato de crítica 1.

Tabela 10 - Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 5 da Matéria *Los Doctores*

Índice de Pluralidade Jornalística (IPJ)	
Relato de crítica 1	01
Nenhum outro tipo de relato apresentado	00
	IPJ: 00/01 = 0,00

Dados Gerais do Problema 6:

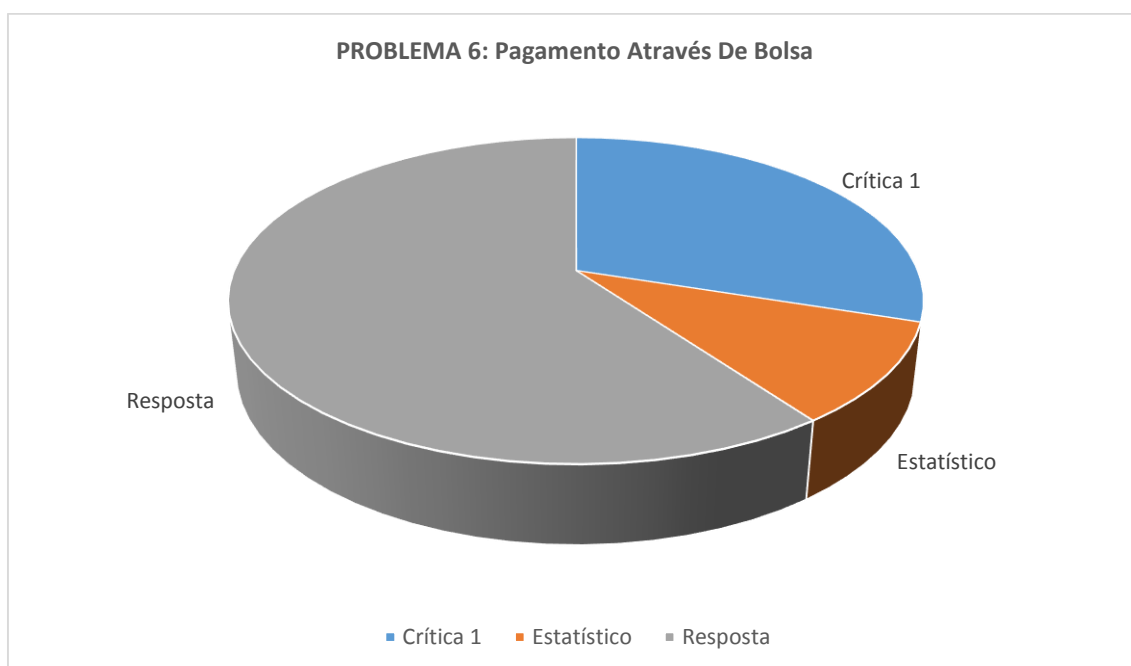


Gráfico 7 – Problema 6 Matéria *Los Doctores*

No problema 6 da matéria *Los Doctores*: “*Pagamento através de Bolsa*” foram registrados, no geral, 03 relatos de crítica 1, 01 relato de Estatístico e 06 relatos de resposta.

Tabela 11 - Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 6 da Matéria *Los Doctores*

Índice de Pluralidade Jornalística (IPJ)	
Relato de crítica 1	03
Relato de resposta	06
	IPJ: $3/6 = 0,5$

Dados Gerais do Problema 7:

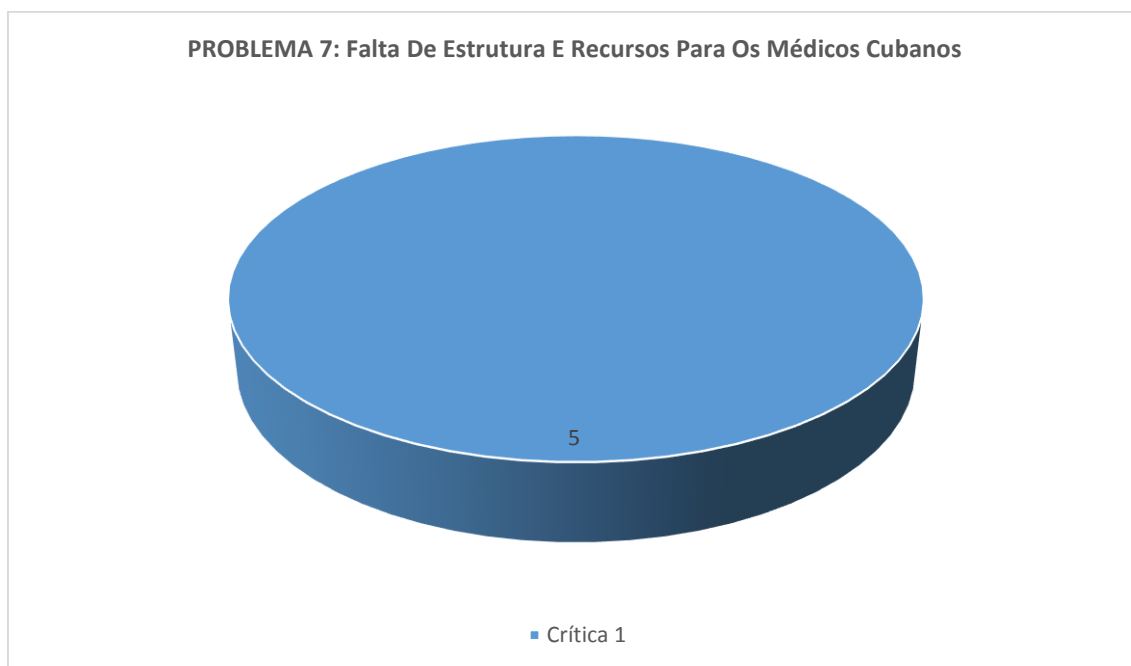


Gráfico 8 – Problema 7 Matéria *Los Doctores*

No problema 7 da matéria *Los Doctores*: “*Falta de Estrutura e Recursos para os Médicos Cubanos*” foram registrados, no geral, 05 relatos de crítica 1.

Tabela 12- Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 7 da Matéria *Los Doctores*

Índice de Pluralidade Jornalística (IPJ)	
Relato de crítica 1	05
Nenhum outro tipo de relato	00
	IPJ: 00/05= 0,0

3.5.1.6- ICJ (Índice de Confiabilidade Jornalística)

Tabela 13 - Índice de Confiabilidade Jornalística da Matéria *Los Doctores*

Índice de Confiabilidade Jornalística (ICJ)	
Posição da Matéria	Pontuação da Matéria
1. <i>Los Doctores</i>	0,82

3.5.1.7- Síntese dos resultados

Tabela 14 – Síntese do IPJ e ICJ da matéria *Los Doctores*

Escopo	IPJ	ICJ
Geral - Prós e contras do Programa Mais Médicos	0,73	0,82
Problema 1 – Falta de médicos nas cidades e regiões pobres e contratação de médicos estrangeiros	0,83	
Problema 2 – Uso Eleitoral do Programa	1	
Problema 3 – Receptividade contra os cubanos, brasileiros não aceitam a contratação.	1	
Problema 4 – Exigência do Revalida (Formação duvidosa)	0,66	
Problema 5 – Mais Médico como ensino-serviço/Intercambistas	0,00	
Problema 6 - Pagamento através de bolsa	0,5	
Problema 7 - Falta de Estrutura e Recursos para os Médicos Cubanos	0,0	

Na questão de pluralidade (IPJ), que foi 0,73, podemos perceber que existe um médio equilíbrio na matéria, em que o jornalista tenta equilibrar e apresentar fontes que rebatem ou esclareçam as críticas pontuadas nos problemas existentes sobre o Programa Mais Médicos.

O Índice de Confiabilidade Jornalística (ICJ) foi gerado a partir da pontuação dada de 0 a 1 nos relatos. Através desta pontuação é que obtivemos o ICJ desta matéria. Quanto mais próximo de 1, mais confiável é a matéria, o que chamamos de índice de confiabilidade.

O que podemos observar a partir dos dados gerados é que a matéria *Los Doctores*, em relação à confiabilidade (ICJ), chegou próximo da pontuação máxima (1 ponto) para ser confiável. Como apresentou um ICJ de 0,82, acima de 0,7, configura um bom grau de confiabilidade. No entanto, ela perdeu pontos em muitos outros relatos, como por exemplo, nos relatos estatísticos e nos relatos de normas que ficaram faltando informações que comprovassem o que estava sendo dito ou apresentado pelo jornalista.

Exemplos:

“Pela lei que criou o Mais Médicos, quando as inscrições de profissionais brasileiros e outros estrangeiros não são suficientes para suprir a demanda dos municípios inscritos no programa, o governo pode, então, acessar a cooperação internacional com Cuba, artifício que tem usado com frequência” (Relato de Norma).

“Isso significa que mais de um terço dos doutores cubanos espalhados pelo mundo está concentrado no Brasil.//A exportação de médicos tornou-se uma espécie de commodity cubana. Estudos mostram que na última década os ganhos obtidos pelo governo dos Castro com serviços médicos, incluindo a exportação de doutores, corresponderam a quase 30% do total de exportações da ilha” (Relato Estatístico).

3.5.2 – Matéria Contrato de Risco

A segunda matéria analisada foi a matéria de capa do mês de Março 2014, edição 90, com o Título *Contrato de Risco*. A matéria apresenta como a Vale assinou um acordo para assumir todos os custos de uma transação bilionária e obscura na Guiné. Mostrando os benefícios desse contrato, como também a parte negativa desse acordo.



Foto 02: Capa da Edição 90, Março de 2014.

Fonte: Piauí

Quadro 4 – Matriz de Problemas na análise da cobertura da Matéria da Revista Piauí *Contrato de Risco*

3.5.2.1- Tipos de Relatos da Matéria *Contrato de Risco*

MACRO PROBLEMAS	PROBLEMAS	PONTOS DE VISTA
Transação bilionária da vale com acordo na Guiné/ Correção e viabilidade do Negócio	Problema 1 Foi um bom negócio?	Posição 1 - Foi um bom negócio; - A Vale seria imbatível porque ficaria em pé de igualdade com suas rivais em termos de frete e com um minério de qualidade superior;
		Relato de Versão 1: - Adoção de um esquema de revezamento que alternaria o trabalho das equipes para a exploração; - Tudo bem esclarecido sobre o negócio. Inclusive os investimentos a serem feitos e o que precisava ser feito para serem sócios em Simandou;
		Relato de Resposta 1: -A forma como havia sido idealizado, o projeto tinha tudo para dar certo; - A Vale tem experiência em operar em áreas difíceis.
		Relato de Opinião 1: - Mineração de ferro depende tanto do minério como da logística.
		Posição 2: - Desequilíbrio na Sociedade estabelecida entre a Vale e a BSGR. Para desenvolvimento do projeto, a Vale bancaria tudo sozinha.
		Relato de Versão 2: - As despesas não estavam sendo referendadas pelos sócios e se os representantes da BSGR se recusassem a autorizar, as obras parariam. Intimidando o tempo todo.
		Relato de Crítica 1: -Não foi um bom Negócio; - Parte dos executivos foram contrários à operação; - Projeto duvidoso; - Conselho nunca teve ciência do que foi assinado;
		Relato de Impressão 1: - Lucro da Companhia saltou de 3 bilhões de reais para 30 bilhões;

Problema 2 Correção Ética e Legal	Posição 1: - O contrato foi correto
	Relato de Resposta 1: - Não haviam implicações, estava tudo certo entre os governos e entrado em comum acordo para o minério ser escoado pela Libéria; - Havia uma cláusula no contrato que o pagamento só seria efetuado após resolução de todas as questões legais e administrativas; - Todos os acionistas estavam conscientes de que pagariam 500 milhões de dólares para obter a comprar os 51% de Simandou; - Na época do contrato não havia nada contra o Beny.
	Relato de Crítica 1: - O contrato teve problemas; - Acusações de Suborno na transição; - Concessão de Simandou tenha sido obtida de forma irregular; - Nome vinculado a uma transação sobre a qual pesam acusações.
	Relato de Suspensão: A Vale não tem nada a ver com o negócio. Está absolutamente correta, limpa.
	Relato de versão 1: - Houve contratação de dois escritórios internacionais de advocacia para investigação antes da concessão. Nada de suspeito foi encontrado; - Todos os cuidados legais foram tomados antes de selar sociedade com a BSGR;
	Relato de Versão 2: - Diretor financeiro se recusou a assinar e orientou outros executivos a assinar e assumir tal responsabilidade;
Problema 3 Responsabilidade de Agnelli	Posição 1: Defesa dele - Investigação sobre a concessão, nada de suspeito foi encontrado; - Tudo registrado; - Renda da subiu de 8 bilhões de dólares para 160 bilhões durante a gestão de Agnelli; -Na sua gestão a Vale se internacionalizou. Virou a segunda maior mineradora.
	Resposta 1: - Foi registrado em ata e todos os acionistas estavam conscientes de que pagariam 500 milhões de dólares para terem a opção de comprar os 51% de Simandou; - O minério destas minas é considerado o melhor do mundo.

		<p>Crítica 1: apontar perfil e questões que colocaram a vale em risco:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Semanas antes de o contrato entre a Vale e a BSGR ser fechado, um relatório de técnicos do governo da Guiné condenou o negócio; - Sinal de amadorismo desembolsar 500 milhões de dólares confiando apenas na promessa de um empresário.
		<p>Relato de Versão 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Oportunidade de compras; - Afirmação de que tudo já estava certo para as escoações; - Nunca aceitou a intromissão do Governo nas decisões da Vale.
		<p>Relato de Versão 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A execução da exploração requer gastos altos e manejo de mão de obra; - Depósito de mais 2 bilhões de dólares sem nada ter sido cumprido do que fora prometido.

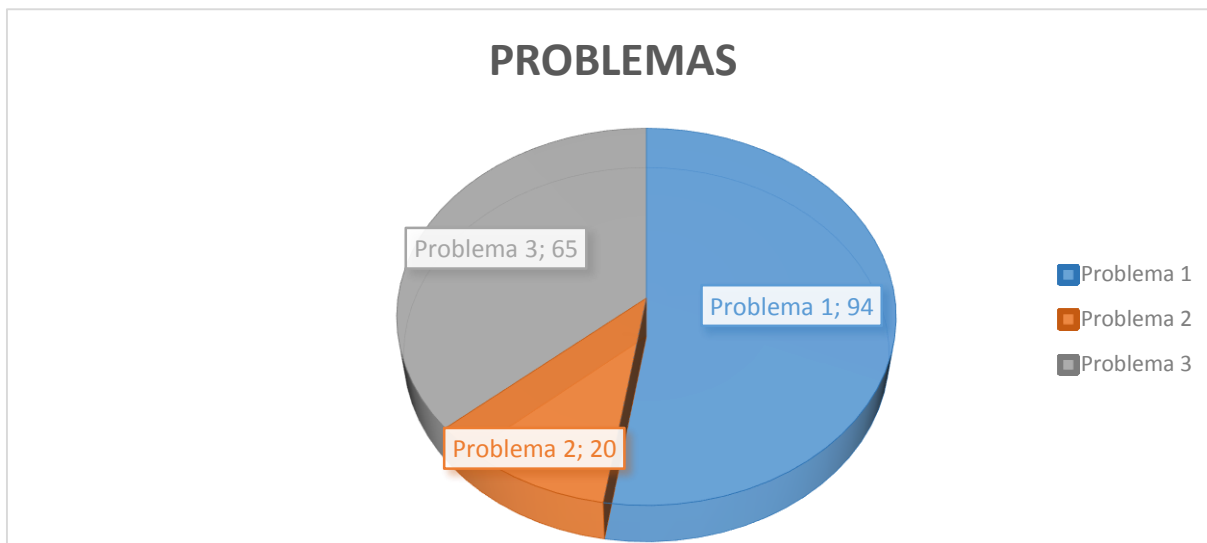
Tabela 15 – Tipos de relatos da Matéria Contrato de Risco

Veracidade- Por Relatos	
Tipo de Relato	Quantidade da informação acionada
Relato de Crítica 1	43
Relato de Crítica 2	1
Relato de Fato	50
Relato de Impressão	05
Relato de Norma	03
Relato de Opinião 1	01
Relato de Posição 1	02
Relato de Resposta	05
Relato de Suspensão	02
Relato de Versão 1	40
Relato de Versão 2	14
Relato Estatístico	02

Fonte: Qualijor.

3.5.2.2- Tipos de Problemas da Matéria *Contrato de Risco*

Gráfico 9 – problemas da Matéria *Contrato de Risco*



Fonte: Qualijor

Legenda: Problema 1: Foi um bom negócio? Problema 2: Correção ético e legal; Problema 3: Responsabilidade de Agnelli.

3.5.2.3- IPJ (Índice de Pluralidade Jornalística) Alinhados da matéria *Contrato de Risco*

O Índice de Pluralidade Jornalística (IPJ) da matéria *Contrato de Risco* foi gerado a partir dos indicadores de pontos de vista (crítica1, opinião1, resposta, versão 1, versão 2, etc.) extraídos do sistema. No caso desta matéria, o IPJ gerado foi o seguinte:

Tabela 16 – Índice de Pluralidade Jornalística Geral por pontos de vista alinhados da Matéria *Contrato de Risco*

Índice de Pluralidade Jornalística- Geral por pontos de vista alinhados		
Crítica 1	43	
Opinião 1	01	
Posição 1	02	
Versão 1	40	
Resposta	05	
	Total: 48	
IPJ	$43/48 = 0,89$	

3.5.2.4- Fontes Ouvidas

Tabela 17 – Fontes Gerais da Matéria *Contrato de Risco*

Fontes	Quantidade	Cargo
Revista Piauí		
- Consuelo Dieguez	28	Jornalista
Vale	47	
- Roger Agnelli	30	Ex-Presidente
- Fábio Barbosa	06	Diretor- Financeiro
-Fábio Spina	06	Advogado
- Fonte não identificada	01	Alto Executivo
- Fonte não identificada	01	Funcionário
- Murilo Ferreira	01	Novo Presidente
- Ricardo Flores	01	Presidente do Conselho
Claúdio Frischatk	01	Consultor/Especialista em Mineração
Fontes não identificadas	31	
- Fonte não identificada	09	-----
- Fonte não identificada	01	Executivo da Mineradora Brasileira
- Fonte não identificada	02	Outro Executivo
- Fonte não identificada	01	Advogado envolvido no assunto
- Fonte não identificada	13	Executivo da Companhia
- Fonte não identificada	05	Ex-Executivo
Guiné	02	
- Fonte não identificada	01	Conselheiro
- Alpha Condé	01	Presidente

Documentos	03	
Fonte não identificada	03	Documentos
Beny Steinmetz Group Resources (BSGR)	01	
Beny Steinmetz	01	Empresário israelense

3.5.2.5- IPJ (Índice de Pluralidade Jornalística) por problema

Dados Gerais do Problema 1:

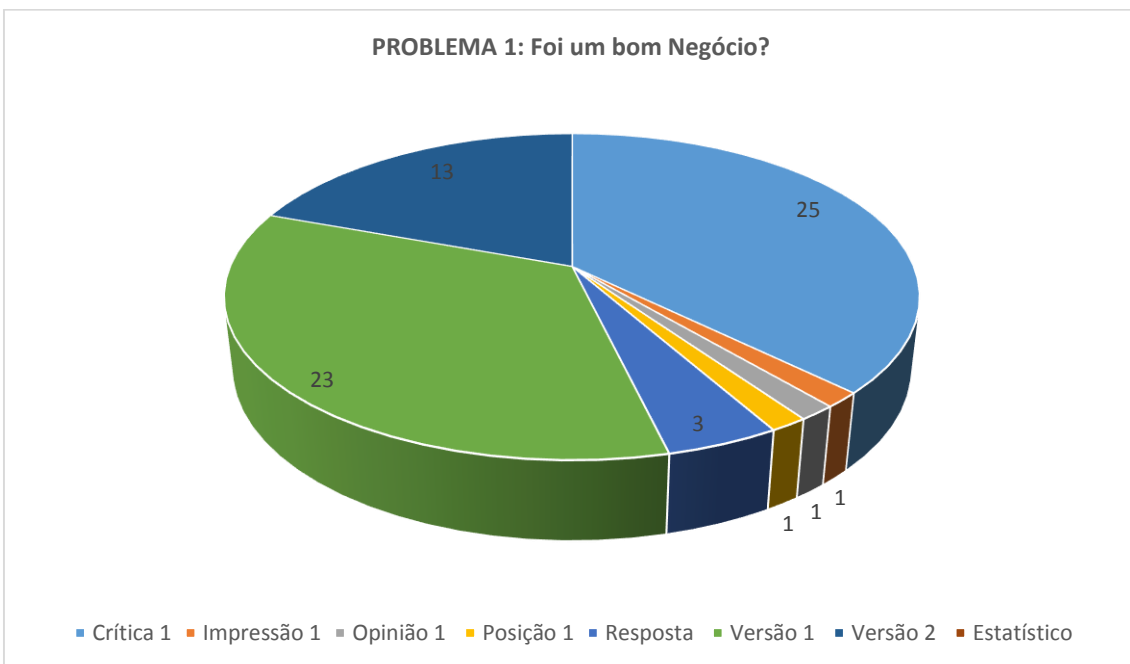


Gráfico 10: Problema 1 da Matéria *Contrato de Risco*

No problema 1 da matéria *Contrato de Risco*: ‘*Foi um bom negócio?*’ foram registrados, no geral, 25 relatos de crítica 1, 01 relato de impressão 1, 01 relato de opinião 1, 01 relato de posição 1, 03 relatos de resposta, 23 relatos de versão 1, 13 relatos de versão 2, 02 relatos estatísticos.

Tabela 18- Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 1 da Matéria *Contrato de Risco*

Índice de Pluralidade Jornalística (IPJ)	
Relato de crítica 1	25
Opinião 1	01
Posição 1	01
Versão 1	23
Resposta	03
	Total: 28
	IPJ: $23/28= 0,82$

Dados Gerais do Problema 2:

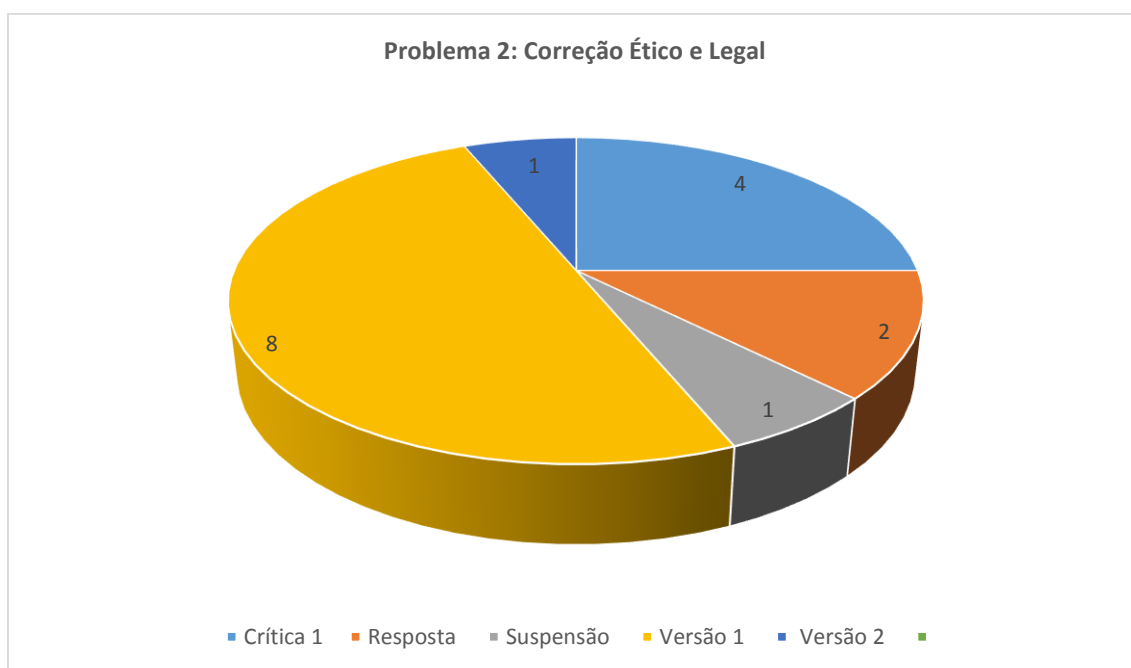


Gráfico 11: Problema 2 Matéria *Contrato de Risco*

No problema 2 da matéria *Contrato de Risco: 'Correção Ético e Legal'* foram registrados, no geral, 04 relatos de crítica 1, 02 relatos de resposta 1, 01 relato de suspensão, 08 relatos de versão 1, 01 relato de versão 2.

Tabela 19- Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 2 da Matéria *Contrato de Risco*

Índice de Pluralidade Jornalística (IPJ)	
Relato de crítica 1	04
Resposta	02
Versão 1	08
Versão 2	01
	Total: 11
	IPJ: 04/11= 0,36

Dados Gerais do Problema 3:

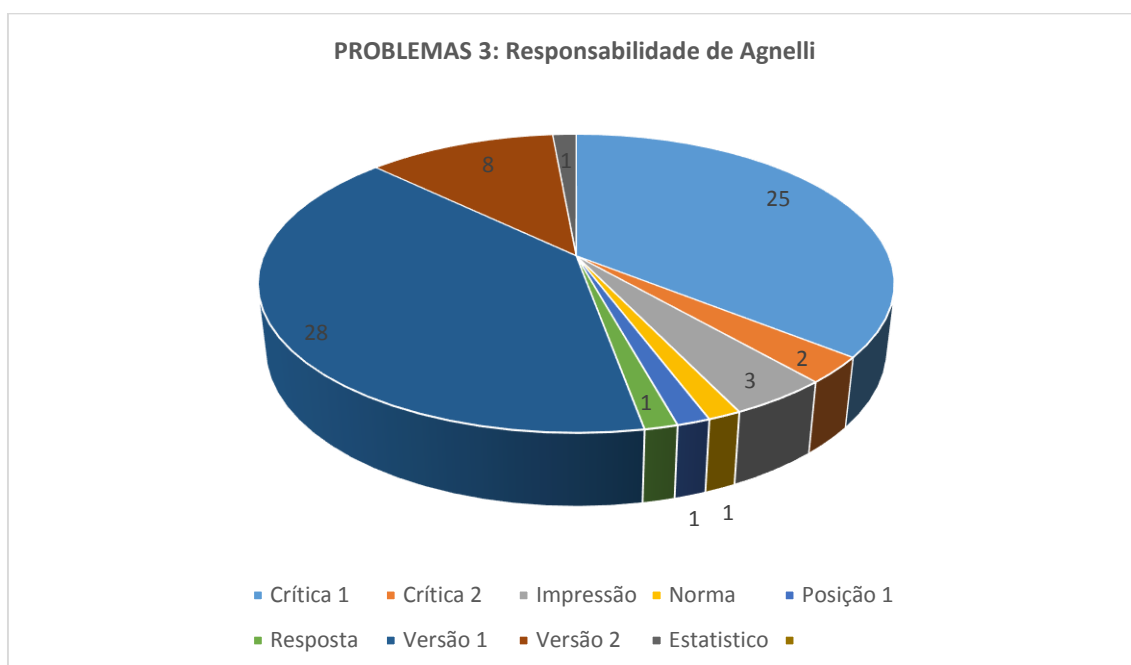


Gráfico 12: Problema 3 Matéria *Contrato de Risco*

No problema 3 da matéria *Contrato de Risco*: 'Responsabilidade de Agnelli' foram registrados, no geral, 25 relatos de crítica 1, 01 relato de crítica 2, 03 relatos de impressão, 01 relato de norma, 01 relato de posição 1, 01 relato de resposta, 28 relatos de versão 1, 08 relatos de versão 2, 01 relato estatístico.

Tabela 20- Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 2 da Matéria *Contrato de Risco*

Índice de Pluralidade Jornalística (IPJ)	
Relato de crítica 1	25
Posição 1	01
Resposta	01
Versão 1	28
	Total: 30
	IPJ: 28/30= 0,83

3.5.2.6- ICJ (Índice de Confiabilidade Jornalística)

Tabela 21 – Índice de Confiabilidade Jornalística da Matéria *Contrato de Risco*

Índice de Confiabilidade Jornalística (ICJ)	
Posição da Matéria	Pontuação da Matéria
2. Contrato de Risco	0,73

3.5.2.7- Síntese dos resultados

Tabela 22 – Síntese do IPJ e ICJ da matéria *Contrato de Risco*

Escopo	IPJ	ICJ
Geral- Transação bilionária da vale com acordo na Guiné/ Correção e viabilidade do Negócio	0,89	0,73
Problema 1 – Foi um bom negócio?	0,82	
Problema 2 – Correção Ético e Legal	0,36	
Problema 3 – Responsabilidade de Agnelli	0,83	

No Índice de Pluralidade Jornalística (IPJ) gerada, que foi de 0,89, percebemos médio alto equilíbrio da matéria. Nela, a jornalista apresenta, nos pontos de vista

alinhados, o equilíbrio desejado. No entanto, quando vamos analisar o IPJ por conflito, a jornalista apresenta um maior número de críticas relacionados à transação bilionária da Vale com acordo na Guiné do que respostas em defesa deste acordo realizado.

O que podemos observar, a partir dos dados gerados, é que a matéria Contrato de Risco, em relação à confiabilidade (ICJ) que foi 0,73, ficou um pouco distante da pontuação máxima (1 ponto) para ser confiável. Ela perdeu pontos em muitos relatos, como por exemplo, nos relatos de crítica 1, nos quais a jornalista apresentou críticas referentes ao contrato realizado, mas não apresentou/identificou as fontes que realizaram estas críticas; e nos relatos de versão 2, nos quais apresenta argumentos contra Agnelli (ex-presidente da Vale) e suas negociações, mas só identifica o cargo da fonte entrevistada.

Exemplos:

“A partir daí, as relações de Agnelli com o conselho mudaram radicalmente. Ao contrário de Rosa, Flores passou a cobrar de Agnelli que enviasse com pelo menos quinze dias de antecedência a pauta das reuniões ao conselho, bem como os documentos sobre os temas que seriam discutidos. Até então, os conselheiros tomavam conhecimento dos assuntos em cima da hora”. (Relato de crítica1).

“Esse seria o caminho a ser tomado pela Vale. No entanto, no caso da sociedade com Steinmetz, essa possibilidade não existia. Pessoas que leram o contrato disseram que a Vale se comprometeu a não processar a BSGR ou qualquer empresa do grupo de Steinmetz (e ainda qualquer diretor, empregado, agente ou consultor da empresa e do grupo do israelense) caso se sentisse prejudicada pelo acordo”. (Relato de crítica 1)

“Nessa mesma data, de acordo com o contrato entre a Vale e a BSGR, vencia o prazo para a solução da cláusula da saída da ferrovia pela Libéria. Dez dias depois, a Vale teria que depositar na conta do israelense 2 bilhões de dólares. O imbróglio, porém, não se resolvera. Steinmetz não conseguiu cumprir o que havia prometido”. (Versão 2).

3.5.3. Matéria A Verdade da Comissão

A terceira matéria analisada foi a matéria de Capa do mês de Abril 2014, edição 91- *A Verdade da Comissão*. A matéria apresenta o cenário em que se encontra a Comissão que investiga crimes da ditadura militar. Entre brigas internas e pequenas descobertas, apresenta como conselheiros chegam à reta final dos trabalhos divididos sobre a Lei de Anistia (que impede o julgamento de ex-militares que cometeram crimes) e diante do desafio de produzir um relatório que acrescente algo substantivo ao que já se sabe sobre os porões do regime militar.



Foto 03: Capa da Edição 91, Abril de 2014.

Fonte: piauí

Quadro 5– Matriz de Problemas na análise da cobertura da Matéria da Revista piauí *A verdade da Comissão*

MACRO-PROBLEMAS	PROBLEMAS	PONTOS DE VISTA
Comissão que investiga crimes da ditadura militar	Problema 1 Envolvimento de Empresários no Golpe de 64	Posição 1: - Financiamento privado da estrutura repressiva instalada com o Golpe de 1964.
		Relato de Versão 1: Empresários estão envolvidos - Criação e financiamento de filmes que viam a ameaça comunista no Brasil de João Goulart; - Implantação na população do sentimento de insatisfação e que o país estava um caos; - Documentos que comprovam a participação de empresários no regime.
		Relato de Opinião 1: - Responsabilização institucional, não só de pessoas, mas também de empresários e civis; - Medo da comissão cair no ridículo.
		Relato de Crítica: - Como as empresas estavam envolvidas nos crimes de perseguição com o regime; - A lei brasileira não prevê a responsabilização criminal de empresas por violação aos direitos humanos; - A pergunta que ninguém nunca responde: o que as empresas tiveram a ver com o regime?
	Problema 2 Falha na avaliação dos documentos de impedimento e crimes cometidos	Posição 1: Falhas na avaliação
		Relato de Crítica 1: - Comissão formada sem ter uma composição “pluralista” do colegiado, a maioria são da área jurídica; - Falta de verbas para os procedimentos e encaminhamentos; - O desenho da Comissão, um colegiado com coordenação rotativa, um dos grandes empecilhos.

		<p>Relato de Versão 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Não houve punição aos responsáveis pelo desaparecimento de 62 militares da Guerrilha do Araguaia, entre 1972 e 1974.
		<p>Relato de opinião 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Divergência sobre divulgar ou não o que estava sendo pesquisado pela comissão;
		<p>Posição 2: Não houve falhas</p>
		<p>Versão 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Dedicção de todos para solucionar os problemas; - Último país a criar a Comissão da Verdade;
		<p>Crítica 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mudança de coordenador, escolhido pelos conselheiros a cada três meses dificulta a continuidade das investigações; - Documentos foram destruídos, impedindo as investigações.
	<p>Problema 3</p> <p>Responsabilidade pelos crimes</p>	<p>Posição 1:</p> <p>Defesa dos militares que cometeram os crimes.</p>
		<p>Versão 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A lei brasileira não prevê a responsabilização criminal de empresas por violação aos direitos humanos.
		<p>Posição 2: Acusação dos militares que cometeram os crimes;</p> <ul style="list-style-type: none"> - A Lei de Anistia (que impede o julgamento de ex-militares que cometerem crimes) deveria ser revista; - Publicação dos nomes dos agentes que cometeram crimes e revisão dos currículos nas escolas militares.
		<p>Versão 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Barreiras criadas pelo judiciário e pela política brasileira para a responsabilização dos torturadores e dos comandantes dos crimes.
		<p>Crítica 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os Conselheiros não podem propor a abertura de processos contra autores de crimes contra a humanidade; - Ministério da Justiça contra a revisão da Lei da Anistia; - Forças Armadas negam os crimes; - A Lei de Anistia impede o julgamento de ex-militares que tenham cometido crimes contra a humanidade;

3.5.3.1- Tipos de Relato da Matéria *A Verdade da Comissão*

Tabela 23: Tipos de relato da Matéria *A Verdade da Comissão*

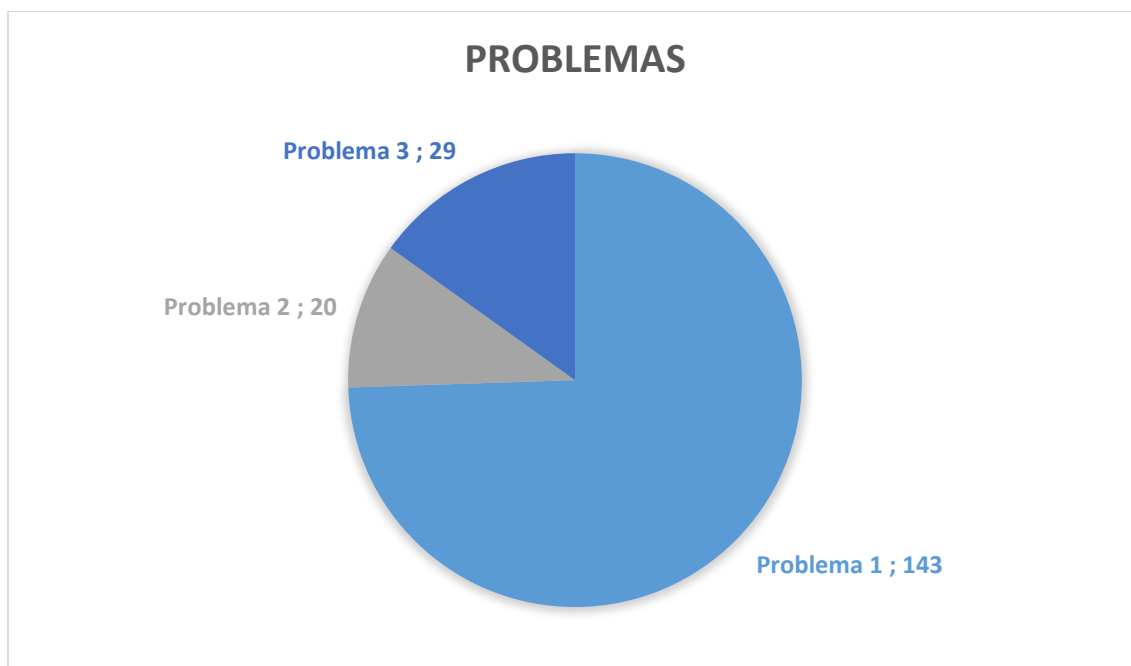
Veracidade- Por Relatos	
Tipo de Relato	Quantidade da informação acionada
Relato de Contexto	50
Relato de Crítica 1	24
Relato de Fato	81
Relato de Impressão	02
Relato de Norma	01
Relato de Opinião 1	13
Relato de Opinião 2	01
Relato de Posição 1	03
Relato de Resposta	01
Relato de Versão 1	23

Fonte: Qualijor.

3.5.3.2- Tipos de problemas

Gráfico 13- Problemas da matéria *A verdade da Comissão*

Fonte: Qualijor.



Legenda: Problema 1: Envolvimento de empresários no Golpe de 64; Problema 2: Falha na avaliação dos documentos de impedimento e crimes cometidos; Problema 3: Responsabilidade pelos crimes.

3.5.3.3- IPJ (Índice de Pluralidade Jornalística) Alinhados *A Verdade da Comissão*

Tabela 24- Índice de Pluralidade Jornalística Geral por pontos de vista alinhados da Matéria *A Verdade da Comissão*

Índice de Pluralidade Jornalística- Geral por pontos de vista alinhados		
Crítica 1	24	
Opinião 1	13	
Posição 1	03	
Versão 1	23	
Resposta	01	

	Total: 40	
IPJ	$24/40 = 0,6$	

3.5.3.4- Fontes Ouvidas

Tabela 25- Fontes Gerais da Matéria ‘A Verdade da Comissão’

Fontes	Quantidade	Cargo
Comissão da Verdade		
Claúdio Fonteles	03	Ex-Procurador-Geral da República e Conselheiro da Comissão
Rosa Cardoso	05	Advogada Criminalista e Conselheira da Comissão
Maria Rita	06	Psicanalista e Conselheira da Comissão
Paulo Sérgio Pinheiro	02	Cientista Político e Conselheiro da Comissão
José Carlos Dias	01	Advogado e Conselheiro da Comissão
Helóisa Starling	02	Assessora da Comissão
Renan Quinalha	04	Advogado
Pedro Dalari	02	Advogado Conselheiro da Comissão
José Paulo Cavalcanti Filho	05	Advogado e Conselheiro da Comissão
Fontes não identificadas		
Fonte não identificada	10	-----
Revista Piauí		
Julia Duailibi	02	Jornalista
Assembleia Paulista		
Ivan Seixas	01	Assessor da Comissão da Assembleia Paulista
Adriano Diogo	09	Presidente da Comissão da Assembleia Paulista
Outros		
Ivo Herzog	02	Filho do Jornalista Vladimir Herzog
Denise Assis	02	Pesquisadora
Marlon Weichert	06	Procurador Regional da República em São Paulo
Jorge José de Melo	01	Autor e Pesquisador
Carlos Alberto Brilhante Ustra	01	Comandante do Doi-Codi
Glenda Mezaroba	01	Cientista Política

Cláudio Guerra	01	Ex-Delegado
----------------	----	-------------

3.5.3.5- IPJ (Índice de Pluralidade Jornalística) por problemas

Dados Gerais do Problema 1:

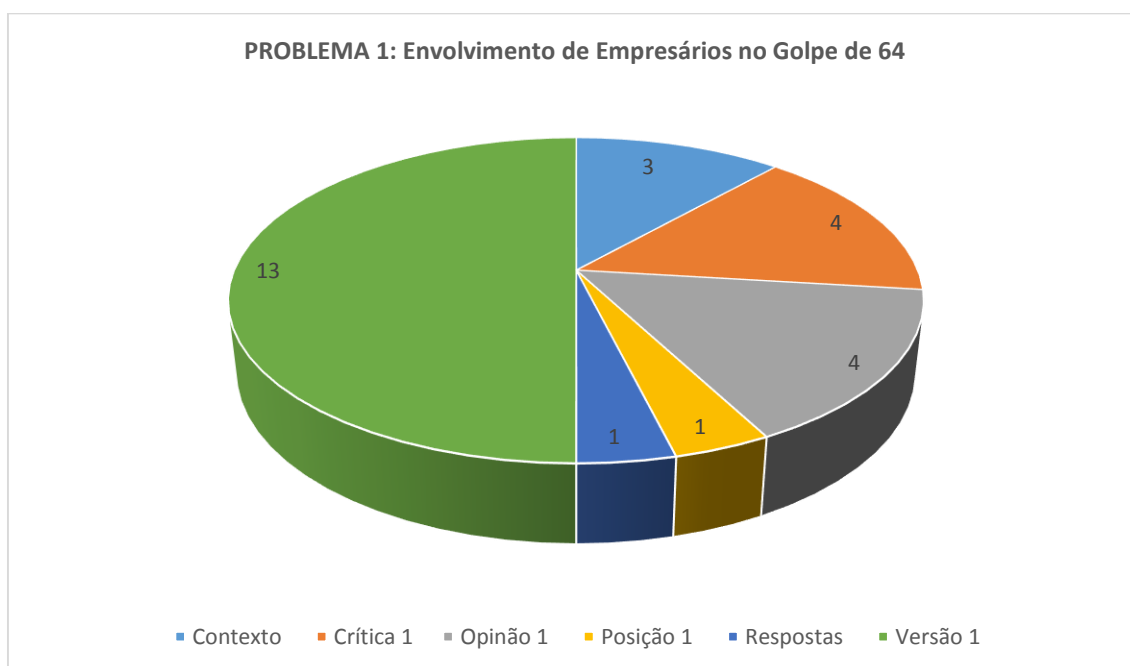


Gráfico 14- Problema 1 Matéria A Verdade da Comissão

No problema 1 da matéria *A verdade da comissão: ‘Envolvimento de Empresários no Golpe de 64’*, foram registrados, no geral, 03 relatos de contexto, 04 relatos de crítica 1, 04 de opinião 1, 01 relato de posição 1, 01 relato de resposta, 13 relatos de versão 1.

Tabela 26- Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 1 da Matéria A verdade da Comissão

Índice de Pluralidade Jornalística (IPJ)	
Relato de crítica 1	04
Opinião 1	04
Posição 1	01
Versão 1	13
Resposta	01
	Total: 19
	IPJ: 04/19= 0,21

Dados gerais do problema 2

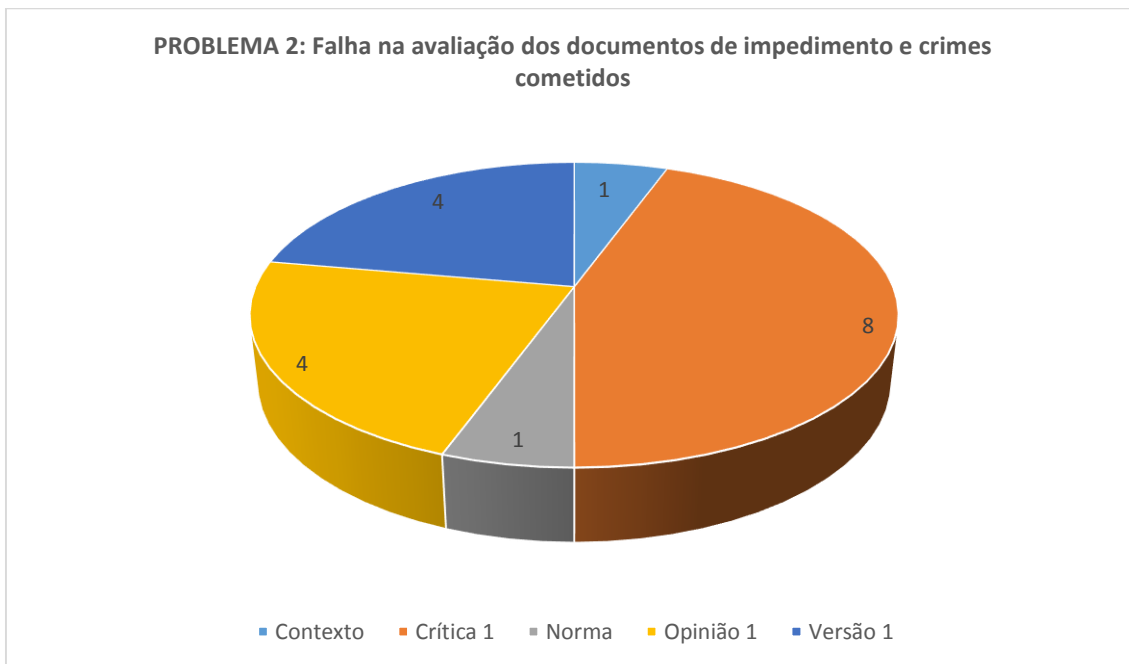


Gráfico 15- Problema 2 Matéria A Verdade da Comissão

No problema 2 da Matéria A Verdade da Comissão: ‘Falha na avaliação dos documentos de impedimento e crimes cometidos’ foram registrados, no geral, 01 relato de contexto, 08 relatos de crítica 1, 01 relato de norma, 04 relatos de opinião 1, 04 relatos de versão 1.

Tabela 27- Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 2 da Matéria A verdade da Comissão

Índice de Pluralidade Jornalística (IPJ)	
Relato de crítica 1	08
Opinião 1	04
Versão 1	04
	Total: 08
	IPJ: 08/08= 01

Dados Gerais do problema 3:

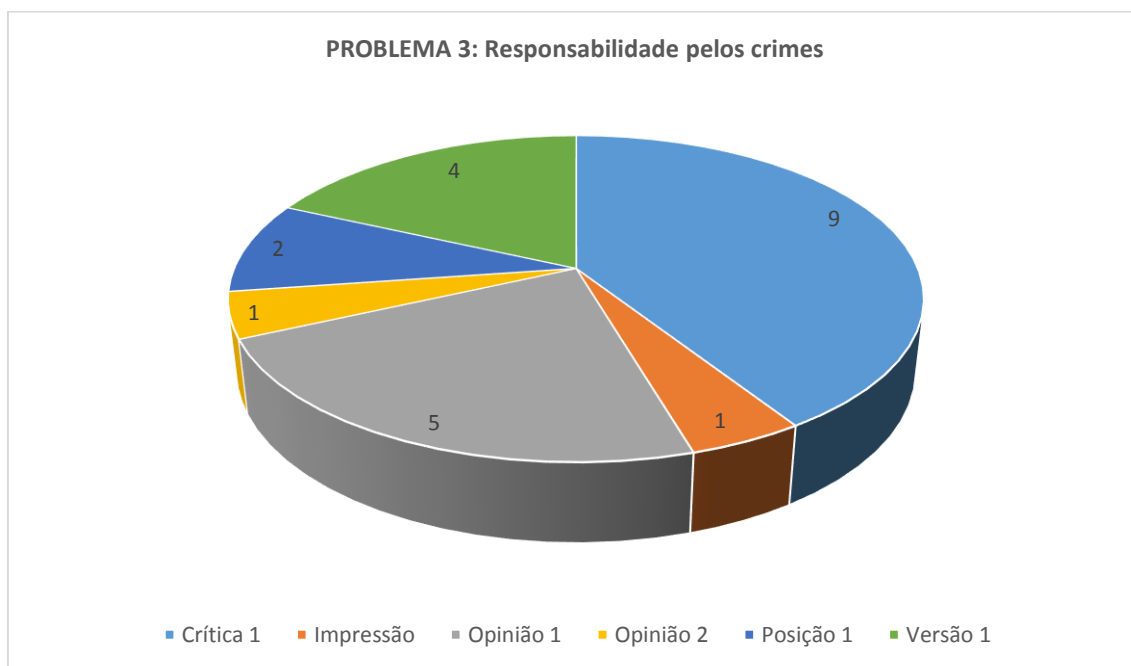


Gráfico 16: Problema 3 Matéria A Verdade da Comissão

No problema 3 da matéria *A verdade da comissão: ‘Responsabilidade pelos crimes’* foram registrados, no geral, 09 relatos de crítica 1, 01 relato de impressão, 05 de opinião 1, 01 relato de opinião 2, 02 de posição 1, 04 de versão 1.

Tabela 28– Índice de Pluralidade Jornalística do problema 3 da matéria A Verdade da Comissão

Índice de Pluralidade Jornalística (IPJ)	
Relato de crítica 1	09
Opinião 1	05
Posição 1	02
Versão 1	04
	Total: 11
	IPJ: 09/11= 081

3.5.3.6 – ICJ (Índice de Confiabilidade Jornalística)

Tabela 29– Índice de Confiabilidade Jornalística da matéria *A Verdade da Comissão*

Índice de Confiabilidade Jornalística (ICJ)	
Posição da Matéria	Pontuação da Matéria
4 A Verdade da Comissão	0,83

3.5.3.7- Síntese dos resultados

Tabela 30– Síntese do IPJ e ICJ da matéria *A Verdade da Comissão*

Escopo	IPJ	ICJ
Geral- Comissão que investiga crimes da ditadura militar	0,6	0,83
Problema 1 – Envolvimento de empresários no Golpe de 64	0,21	
Problema 2 – Falha na avaliação dos documentos de impedimento e crimes cometidos	1	
Problema 3 – Responsabilidade pelos crimes	0,81	

Na questão de IPJ podemos perceber que há um médio baixo equilíbrio na matéria, já que seu IPJ foi de 0,6. Nela, a jornalista apresenta muitas críticas e poucos relatos de resposta para se obter um médio equilíbrio na matéria.

O que podemos observar a partir dos dados gerados é que a matéria *A verdade da Comissão*, em relação à confiabilidade (ICJ), chegou próximo da pontuação máxima (1 ponto) para ser confiável 0,83. No entanto, ela perdeu pontos em muitos outros relatos, como por exemplo, nos relatos de contexto, nos quais a jornalista não deixa claro de onde ela tirou as informações apresentadas, se foram através de entrevista, documentos, arquivos, jornais antigos. A matéria não possibilita essa confiabilidade e checabilidade.

Exemplos:

“O MRT, do qual fez parte, atuou em 1971 com outros grupos no assassinato do empresário de origem dinamarquesa Henning Allbert Boilesen, diretor do Grupo Ultra. Boilesen comandava um esquema de arrecadação entre empresários paulistas para financiar a Oban (Operação Bandeirante), criada pelo Exército em 1969 para agir contra as organizações de esquerda”. (Relato de Contexto)

“Já a conta dos anistiados políticos que recorreram à Comissão de Anistia – também criada por FHC em 2001, e turbinada no governo Lula – ultrapassa 3,4 bilhões de reais. E não para de crescer”. (Relato de Contexto)

Para muitos, a má vontade da sociedade com a questão dos perseguidos políticos resulta desse gasto bilionário. Nas discussões sobre a ditadura no Brasil, o termo “reparação” precede sempre a palavra “justiça”. (Relato de Contexto)

3.5.4 – Matéria Cacos da Velha Potência

A quarta matéria analisada foi a matéria de Capa do mês de Maio 2014, edição 92 – *Cacos da Velha Potência*. A matéria apresenta projeto de investimentos para a reconstrução de Detroit depois do apocalipse pós-industrial na cidade. Apontando alguns pontos da nossa realidade, elite branca, a maioria negra que sofre discriminação e são excluídos, a cidade falida e novas formas de investimentos para mudar este cenário.



Foto 04: Capa da Edição 92, Maio de 2014.

Fonte: piauí

MACRO PROBLEMAS	PROBLEMAS	PONTOS DE VISTA
Projeto de Investimentos para a reconstrução de Detroit depois do apocalipse Pós-industrial é viável?	Problema 1 Projeto de Reconstrução da Cidade	Relato de Macro-Posição 1: - Um plano de metas encampados pela prefeitura para reinventar a cidade nos próximos cinquenta anos; - Novo Paradigma da vida nas cidades.
		Relato de Macro-Posição 2: - Em Detroit tudo é permitido.
		Posição 1: Projeto de Investimentos: - Pretende-se eliminar as construções desocupadas. Terrenos baldios vão dar lugar a hortas comunitárias estufas, parques, lagos artificiais; - Cadeia produtiva em todos os níveis, que vai absorver a mão de obra local e incrementar a economia; - Bairros com pouco ou nenhum morador terão reduzidos os serviços essenciais. - Uma esperança, e que os moradores deviam engajar-se.
		Relato de opinião 1: - Repercussão foi a pior possível.
		Relato de Propósito: - Trabalho de engajar os moradores em atividades que gerem emprego, como a ideia da agricultura urbana.
		Relato de Crítica 1: Proposta é baseada em velhas práticas e ignora desafios relacionados ao transporte e à preservação de áreas residenciais - Emulavam-se velhas práticas de segregação e privilégio para uma minoria; - Transporte público não chegará aos bairros mais distantes e carentes; - Estradas serão construídas cortando vizinhanças residenciais. - Plano péssimo para a população carente.
		Relato de Valoração Negativa: - Visitante se depara com restos de casas, edifícios, fábricas, bancos, farmácias, livrarias, restaurantes, escolas...Cenário de apocalipse.
		Relato de Versão 1: - Os sindicatos e os políticos destruíram a cidade, mas agora o caminho é a tecnologia, criatividade e empreendedorismo.
Problema 2 Nova segregação e	Posição 1: - Oportunidades de crescimento para todos.	

	causas dos problemas atuais. Oportunidade para todos?	<p>Versão 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Empresas e fundações investiram 12 bilhões de dólares na cidade nos últimos oito anos; - Engajamento de moradores em atividades que geram emprego e renda. <p>Posição 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Excludente, discriminação racial. <p>Versão 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Associações de vendas (corretores) que se recusavam a mostrar imóveis a negros.
		<p>Crítica 1: Oportunidade não é para todos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Negros tentavam morar em bairros brancos, em vão. Mantendo-os afastados da vizinhança branca; - Negação de empréstimos para Negros; - Impedimento de comprar casas nas áreas mais nobres; - O plano ignorava os três erros: raça, regionalismo e reconciliação; - Subúrbios não entra nos mapas de reconstrução; - Ausência de propostas para integrar brancos e negros, ricos e pobres.
	<p>Problema 3 Causas da decadência de Detroit</p>	<p>Tese 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Falência da indústria automobilística americana; - Desindustrialização, a fuga dos brancos para o subúrbio; - Corrupção dos governantes; - Inchaço da máquina pública; - Ganância dos sindicatos.
		<p>Tese 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desprezo pela educação e o enterro do empreendedorismo; - População sem formação nem qualificação ou perspectivas, fadada ao desemprego; - Falta de oportunidades de sustento econômico; - Desaparecimento da classe média negra, que foi buscar melhores condições de vida.
		<p>Tese 3:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Perda da referência e representação de uma elite intelectual.
	<p>Problema 4 Investimento público <i>versus</i> Investimento privado</p>	<p>Posição 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Investimento privado - Investimento de grandes empresários; - Obrigações nos serviços básicos e públicos sendo pagos por empresários; - Concessão de crédito; - Todos saem ganhando.
		<p>Relato de Macro-Posição 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Bolsões de revitalização urbana são financiados por corporações, empresas privadas, investidores bilionários, fundações e organizações não governamentais;
		<p>Relato de Crítica 1:</p>

		<ul style="list-style-type: none"> -Metade do projeto para reconstrução de Detroit seria investimento privado; - Críticas ao plano de reestruturação e os benfeitores privados da cidade. Equivocados; - Por mais que haja investimento privado a maior parte é do governo.
	Problema 5 Prefeito Duggan X Interventor Orr	Posição 1: Interventor com suas ações auxiliou no projeto de Reconstrução da cidade.
		Crítica 1: <ul style="list-style-type: none"> - Prepotência e relação dúbia com o prefeito; - Privatização de serviços; - Corte na aposentadoria; - Tentativa de favorecer aos bancos credores; - Valorização de alguns bairros; - Contratações em benefícios próprios (ex.: escritório de advocacia).
	Problema 6 Sindicato responsável pela falência de Detroit	Posição 1: <ul style="list-style-type: none"> - Culpa dos sindicatos pelas mazelas de Detroit.
		Versão 1: <ul style="list-style-type: none"> - Receita da cidade utilizada para folha de pagamento ao invés de investir em serviços para a população; - Dívida de Detroit consiste em obrigações com aposentados; - Pesados pacotes salarial imposto pelos sindicatos; - Salários altos por trabalho cada vez menos.
		Crítica 1: <ul style="list-style-type: none"> - Sem o sindicalismo e os direitos trabalhistas conquistados, Detroit não existiria; - Um erro atribuir a falência de Detroit às pensões e aos benefícios pagos aos trabalhadores;

Quadro 6– Matriz de Problemas na análise da cobertura da Matéria da Revista Piauí *Cacos da Velha Potência*.

3.5.4.1- Tipos de Relatos da matéria *Cacos da Velha Potência*

Tabela 31– Tipos de relatos da Matéria *Cacos da Velha Potência*

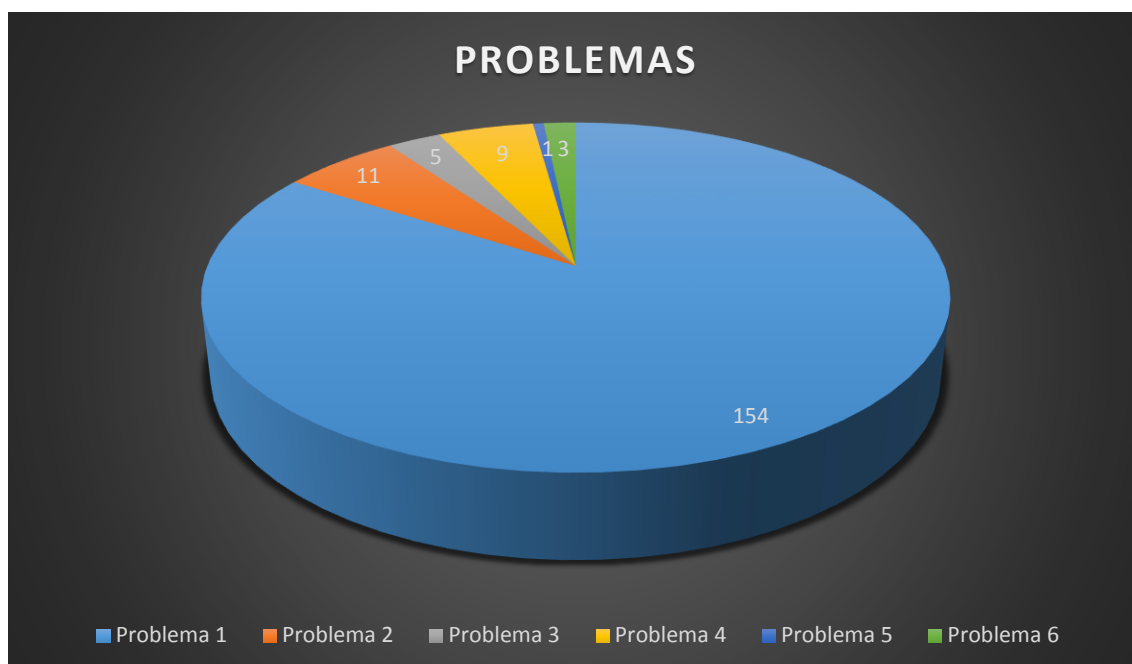
Veracidade- Por Relatos	
Tipo de Relato	Quantidade da informação acionada
Relato de Contexto	55
Relato de Crítica 1	22
Relato de Fato	72
Relato de Impressão	01
Relato de Macro Posição 1	10
Relato de Macro Posição 2	01
Relato de Norma	04
Relato de Opinião 1	01
Relato de Posição 1	12
Relato de Posição 2	03
Relato de Propósito	01
Relato de Tese 1	10
Relato de Tese 3	01
Relato de Valoração Negativa	01
Relato de Versão 1	03
Relato Estatístico	12

Fonte: Qualijor.

3.5.4.2- Tipos de problemas

Gráfico 17- Problemas da matéria *Cacos da Velha Potência*

Fonte: Qualijor.



Legenda: Problema 1: Projeto de Reconstrução da Cidade; Problema 2: Nova segregação e causas dos problemas atuais. Oportunidade para todos? Problema 3: Causas da decadência de Detroit; 4. Investimento público *versus* Investimento privado; Problema 5: Prefeito Duggan X Interventor Orr; Problema 6: Sindicato responsável pela falência de Detroit.

3.5.4.3- IPJ (Índice de Pluralidade Jornalística) Alinhados

Tabela 32- Índice de Pluralidade Jornalística Geral por pontos de vista alinhados da Matéria *Cacos da Velha Potência*

Índice de Pluralidade Jornalística- Geral por pontos de vista alinhados		
Crítica 1	22	
Macro Posição 1	10	
Opinião 1	01	
Posição 1	12	
Tese 1	10	
Versão 1	03	

	22/36= 0,61	
IPJ	0,61	

3.5.4.4- Fontes Ouvidas

Fontes	Quantidade	Cargo
Fontes Não identificadas	05	
Fonte não identificada	01	Arquiteto
Fonte não identificada	01	Empresário Imobiliário
Fonte não identificada	03	-----
Outros	17	
Ryan C. Doyle	03	Artista Plástico
Twana Brookins	01	Desempregada
José Alexandre Scheinkman	04	Economia
Steven Mcshane	02	Escultor
Joe Rashid	03	Funcionário da Brightmoor Alliance
Ali Moiin	01	Médico
Bill Nowling	01	Publicitário
L. Brooks Patterson	01	Republicano Administrador de Oakland
Willian Julius Wilson	01	Sociólogo
Brightmoor Alliance	02	
Kirk Mayes	02	Diretor
Câmara Regional de Detroit	02	
James Martinez	02	Diretor de Comunicações
Detroit	06	
Ken Cockcrel	05	Diretor do Projeto
Tom Lewand	01	Secretário de Empregos e Desenvolvimento Econômico
Empresa de Turismo Show Me Detroit Tours	04	
Kim Rusinow	04	Proprietária
Instituto de Artes de Detroit	01	

Grahan W. J. Beal	01	Diretor
Jornal Deadline Detroit	01	
Bill Mecgraw	01	Colunista
Local 22	03	
George Mcgregor	03	Presidente
Oakland	01	
L. Brooks Patterson	01	Republicano Administrador
Revista Piauí	05	
Daniela Pinheiro	05	Jornalista
Universidade Wayne State	08	
George Galster	02	Professor
Peter Hammer	06	Professor

Tabela 33- Fontes Gerais da Matéria *Cacos da Velha Potência*

3.5.4.5 – IPJ (Índice de Pluralidade Jornalística) por problemas

Dados gerais do Problema 1:

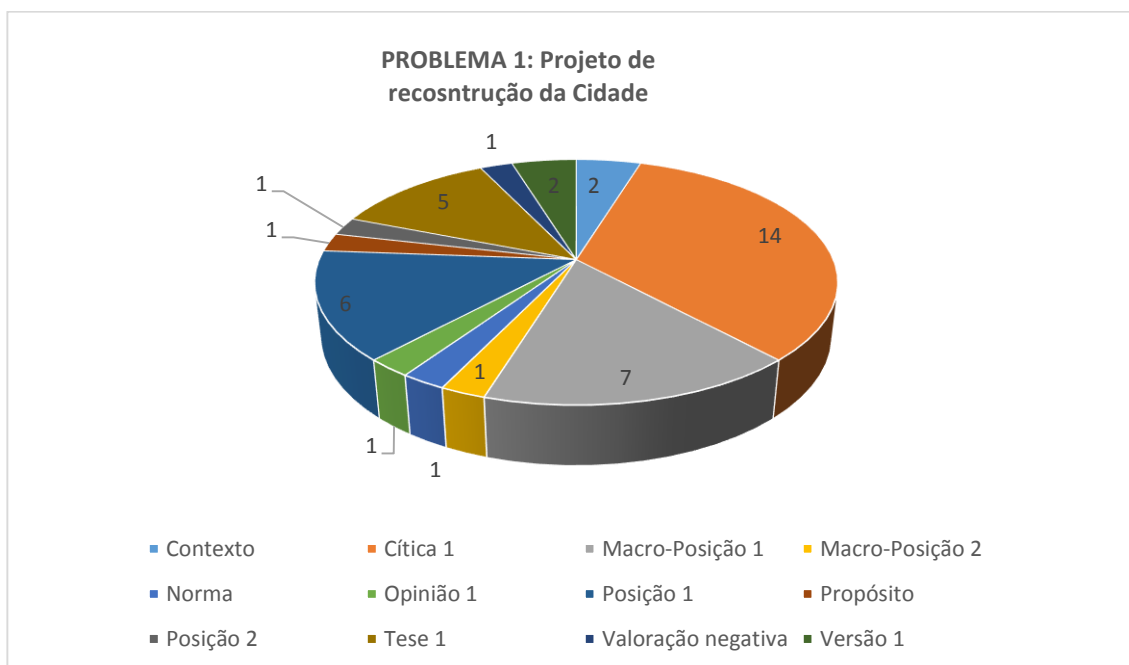


Gráfico 18 – Problema 1 da Matéria *Cacos da Velha Potência*

No problema 1 da matéria Cacos da Velha Potência: ‘*Projeto de reconstrução da Cidade*’ foram registrados, no geral, 02 relatos de contexto, 14 relatos de crítica 1, 07 relatos de macro-posição 1, 01 relato de macro-posição 2, 01 relato de norma, 01 relato de opinião, 06 relatos de posição 1, 01 relato de propósito, 01 relato de posição 2, 05 relatos de tese, 01 relato de valoração negativa, 02 relatos de versão 1.

Tabela 34– Índice de Pluralidade Jornalística do problema 1 da matéria *Cacos da Velha Potência*

Índice de Pluralidade Jornalística (IPJ)	
Relato de crítica 1	14
Opinião 1	01
Posição 1	06
Tese 1	05
Versão 1	02
	Total: 14
	IPJ: 14/14= 01

Dados gerais do Problema 2:

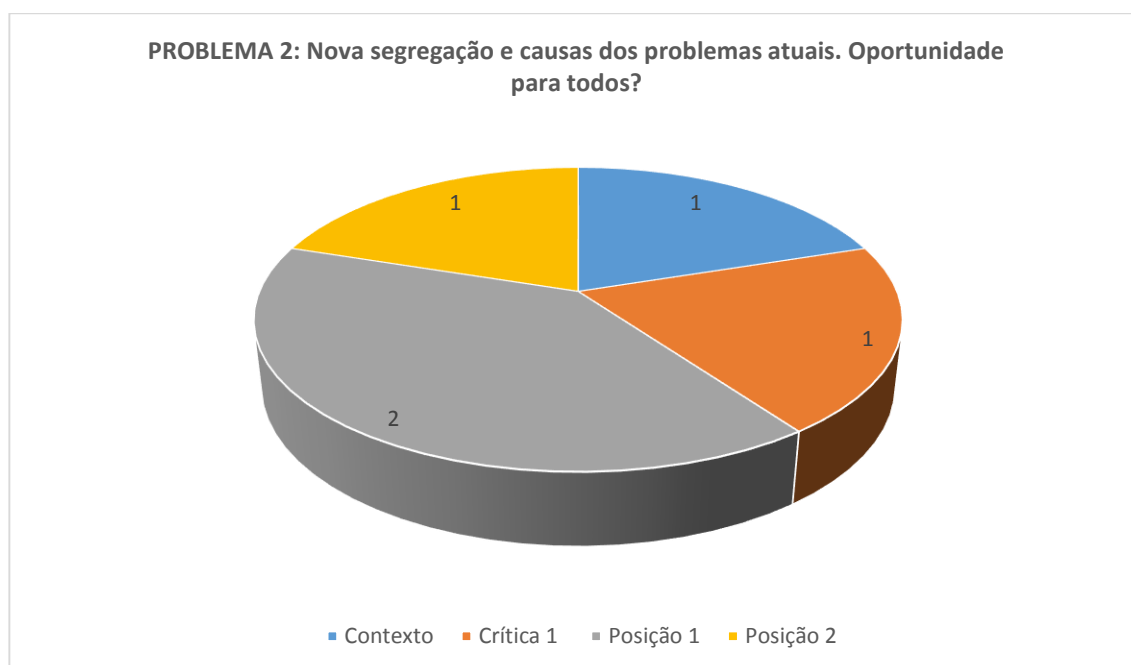


Gráfico 19- Problema 2 da Matéria *Cacos da Velha Potência*

No problema 2 da matéria ‘Cacos da Velha Potência’: ‘Nova segregação e causas dos problemas atuais. Oportunidade para todos?’ foram registrados, no geral, 01 relato de contexto, 01 relato de crítica, 02 relatos de posição 1, 01 relato de posição 2.

Tabela 35– Índice de Pluralidade Jornalística do problema 2 da matéria *Cacos da Velha Potência*

Índice de Pluralidade Jornalística (IPJ)	
Relato de crítica 1	01
Posição 1	02
Posição 2	01
	Total: 03
	IPJ: 01/03= 0,33

Dados gerais do Problema 3

O problema 3: ‘*Causas da decadência de Detroit*’ são relatos de tese que não apresentam fontes. Por isso não apresentamos gráficos nem tabelas das fontes envolvidas.

Dados gerais do Problema 4

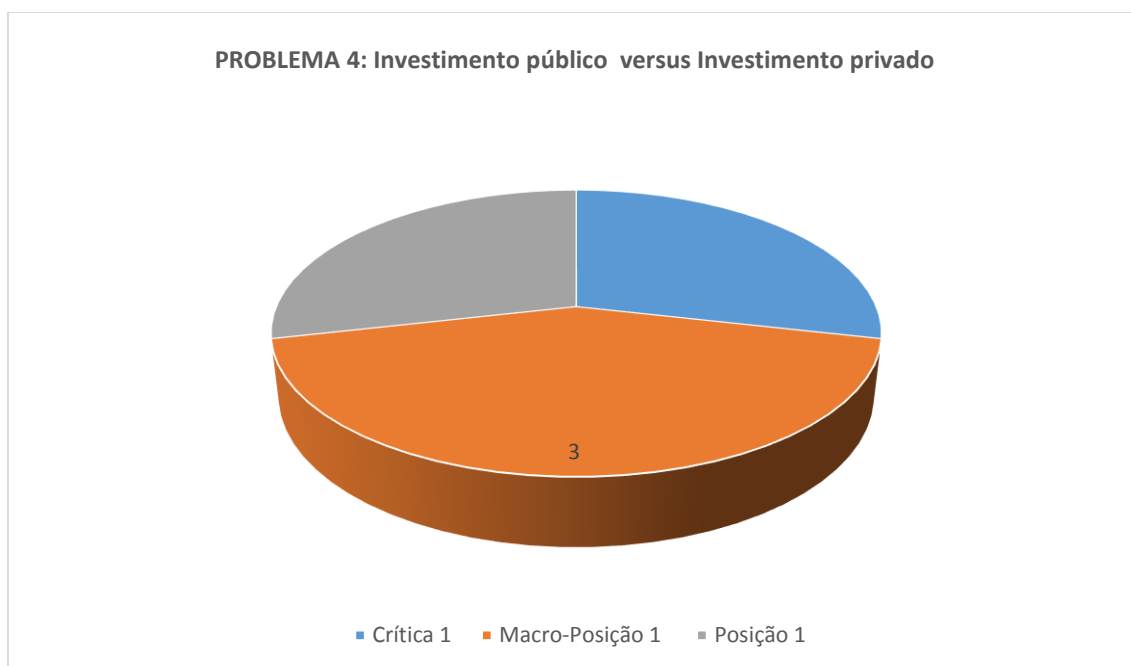


Gráfico 20- Problema 4, matéria *Cacos da Velha Potência*

No problema 4 da matéria *Cacos da Velha Potência: Investimento público versus Investimento privado*, foram registrados, no geral, 02 relatos de crítica 1, 03 relatos de macro-posição 1, 02 relatos de posição 1.

Tabela 36– Índice de Pluralidade Jornalística do problema 4 da matéria *Cacos da Velha Potência*

Índice de Pluralidade Jornalística (IPJ)	
Relato de crítica 1	02
Macro-Posição 1	03
Posição 1	02
	Total: 05
	IPJ: $02/05= 0,4$

Dados gerais do problema 5:

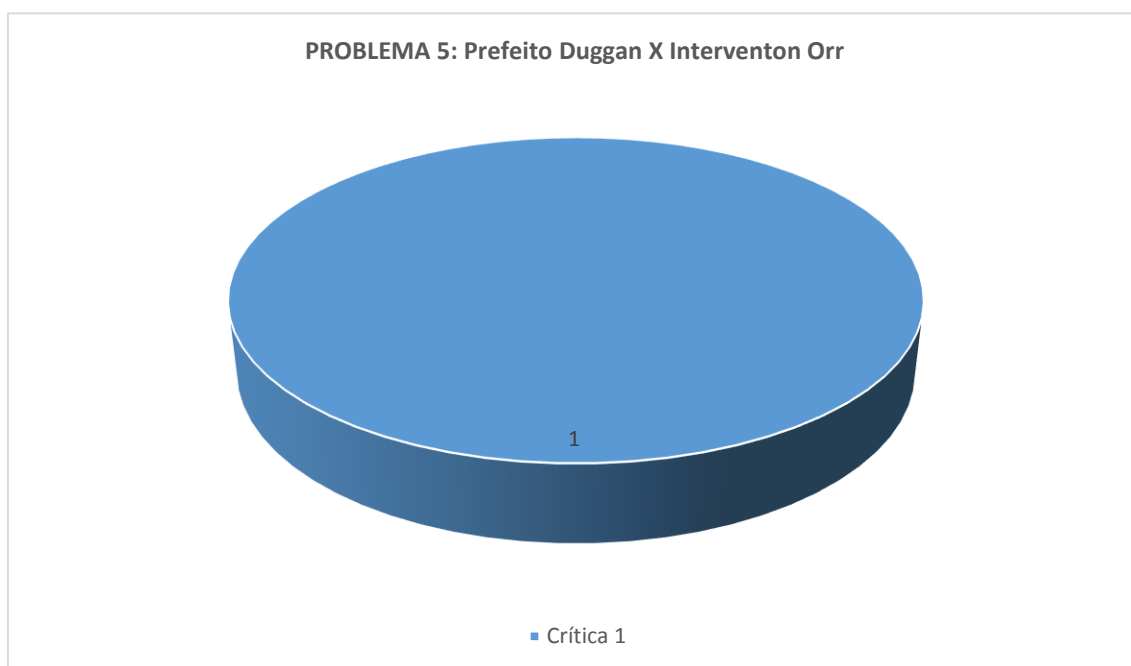


Gráfico 21- Problema 5 da Matéria *Cacos da Velha Potência*

No problema 5 da matéria *Cacos da Velha Potência: ‘Prefeito Duggan X Interventor Orr’* foi registrado 01 relato de Crítica 1.

Tabela 37- Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 5 da Matéria *Cacos da Velha Potência*

Índice de Pluralidade Jornalística (IPJ)	
Relato de crítica 1	01
Nenhum outro tipo de relato	00
	IPJ: 00/01= 0,0

Dados Gerais do problema 6

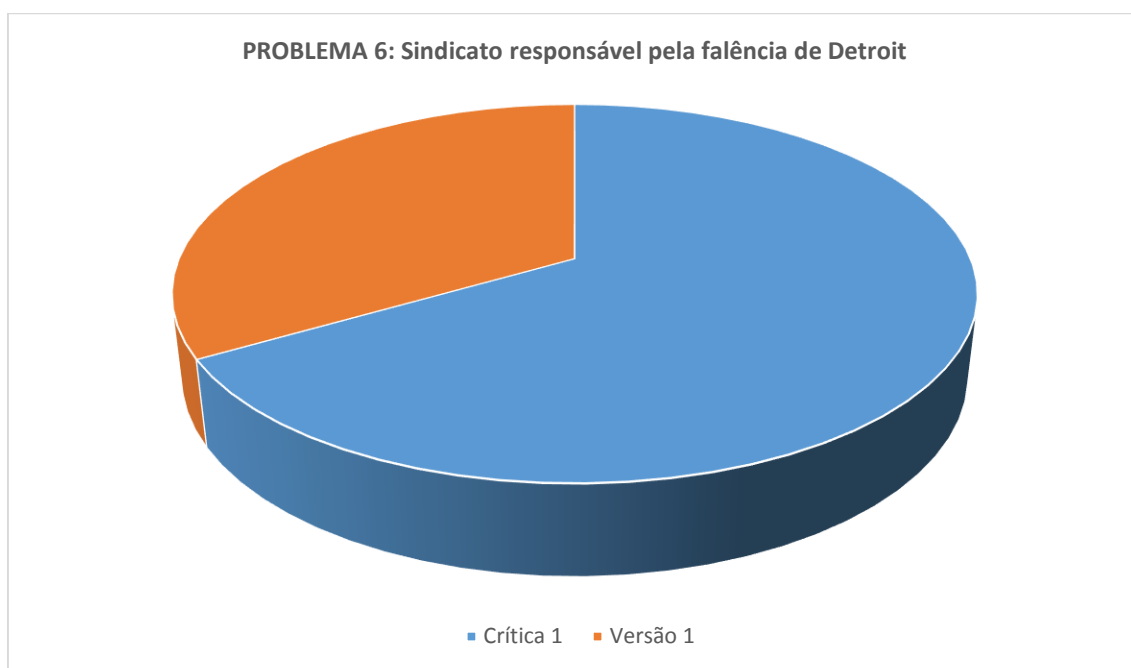


Gráfico 22- Problema 6 da Matéria *Cacos da Velha Potência*

No problema 6 da matéria *Cacos da Velha Potência*: ‘Sindicato responsável pela falência de Detroit’ foram registrados, no geral, 02 de crítica 1, 01 relato de versão 1.

Tabela 38- Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 6 da Matéria *Cacos da Velha Potência*

Índice de Pluralidade Jornalística (IPJ)	
Relato de crítica 1	02
Nenhum outro tipo de relato	01
	IPJ: 01/02= 0,5

3.5.4.6- ICJ (Índice de Confiabilidade Jornalística)

Tabela 39 – Índice de Confiabilidade Jornalística da Matéria *Cacos da Velha Potência*

Índice de Confiabilidade Jornalística (ICJ)	
Posição da Matéria	Pontuação da Matéria
Cacos da Velha Potência	0,78

3.5.4.7- Síntese dos resultados

Tabela 40 – Síntese do IPJ e ICJ da matéria *Cacos da Velha Potência*

Escopo	IPJ	ICJ
Geral- Projeto de Investimentos para a reconstrução de Detroit depois do apocalipse Pós-industrial é viável?	0,61	0,78
Problema 1 – Projeto de Reconstrução da Cidade	1	
Problema 2 – Nova segregação e causas dos problemas atuais. Oportunidade para todos?	0,33	
Problema 3 – Causas da decadência de Detroit		
Problema 4 – Investimento público <i>versus</i> Investimento privado	0,4	
Problema 6 - Sindicato responsável pela falência de Detroit	0,5	

Na questão de IPJ, podemos perceber que há um médio baixo equilíbrio na matéria. Nela, a jornalista apresenta muitas críticas e nenhum relato de resposta para obter pelo menos um médio equilíbrio. Apenas mostra versões, impressões e posições, mas não apresenta resposta das críticas apresentadas nos seis problemas identificados nela.

O que podemos observar a partir dos dados gerados é que a matéria *Cacos da Velha Potência*, em relação à confiabilidade (ICJ), ficou distante da pontuação máxima (1 ponto) para ser confiável. Ela perdeu pontos em muitos relatos, como por exemplo, nos relatos de contexto, relatos estáticos e relatos de norma, nos quais a jornalista não deixa claro de onde ela tirou as informações apresentadas, se foram através de entrevista,

documentos, arquivos, jornas antigos. A matéria não possibilita essa confiabilidade e checabilidade.

Exemplos:

“Em trinta anos, o percentual de trabalhadores sindicalizados passou de 35% para 7%. Naqueles dias, a UAW sofria uma de suas maiores derrotas: depois de meses brigando para entrar numa fábrica da Volkswagen no Tennessee, os empregados haviam votado para continuar longe dos sindicatos. Um dos argumentos era o que havia acontecido à Detroit”. (Relato Estatístico)

“Um deles foi o gueto Paradise Valley, de onde os moradores foram removidos à força pela lei do “propósito público”. Nas gestões seguintes, o padrão se repetiu. Acreditando na bonança irrestrita e infinita, outro prefeito, Jerome Cavanagh, embarcou no plano federal de erguer cidades-modelo, proposto pelo então presidente Lyndon Johnson, com ações de combate à pobreza e modernização urbana”. (Relato Norma)

A população negra continuava impedida de comprar casas em bairros valorizados e ia ocupando as que os brancos deixavam. Nos guetos, as que ficavam para trás eram assumidas pelos imigrantes recém-chegados. Ali, a pobreza era endêmica. (Relato de contexto)

3.5.5 – Matéria A Afilhada Rebelde

A quinta matéria analisada foi a matéria de Capa do mês de Outubro 2014, edição 97- *“A Afilhada Rebelde”* - A matéria apresenta o estilo, as ideias, as decisões e a ambígua relação de Dilma com Lula. Brigas políticas são ressaltadas ao longo da matéria com partido e com a base aliada, mostrando comportamento da presidente, seu autoritarismo e apadrinhamento de Lula para governar.



Foto 05: Capa da Edição 97, Outubro de 2014.

Fonte: Piauí

Quadro 7 – Matriz de Problemas na análise da cobertura da Matéria da Revista Piauí *A Afilhada Rebelde*

MACRO PROBLEMAS	PROBLEMAS	PONTOS DE VISTA
Ameaças e brigas contra o Governo Dilma	Problema 1 Brigas políticas e comportamento nada amigável de Dilma e tomadas de decisões que desagradam.	Posição 1: Sem brigas e comportamento amigável;
		Relato de Versão 1: - Comprometida em mudar a vida do pobre; - Engraçada, lado leve, humor afiado; - Trata o governo como uma grande família; - Não se permite errar; - Se demitissem alguém sem a consulta dela, era desmoralizado; - Não liga para críticas.
		Relato de Resposta 1: - Quando ela escreve, ela é clara, objetiva e focada; - Acertos da equipe não passam de obrigação; - Insiste em saber tudo o que pode dar errado, e só então se interessa pelo que pode dar certo; - Ninguém chega ao poder sendo boazinha.
		Relato de Posição 2: Muitas brigas e comportamento desagradável; - Esporros sempre para os mais fracos.
		Relato de Versão 2: - Metade da equipe não gosta dela e a outra metade tem medo; - Não confia, não delega, não divide informações; - Desmoraliza qualquer um que tomar atitudes sem passar por ela.
		Relato de Crítica 1: - Opiniões fortes, temperamento irascível, a inexperiência política e vocabulário prolixo (frases desconexas, longas, truncadas);

		<ul style="list-style-type: none"> - Inabilidade política, arrogância; - Não falava com a bancada do PT; - Dificultava a distribuição de cargos, não recebia políticos, não respondia empresários; - Reuniões ministeriais mingando; -Controlava tudo.
	Problema 2 Brigas internas do Partido e com a base aliada	Relato de Posição 1: As atitudes do partido influenciam na visão da presidente.
		Relato de Versão 1: <ul style="list-style-type: none"> - O partido se sente sem cúmplice; - Dilma nunca pensou em ser candidata;
		Relato de Posição 2: Atitudes não são julgadas por causa do partido/Manipulação da Mídia.
		Relato de Crítica 2: <ul style="list-style-type: none"> - Não tem a coragem de enfrentar a TV Globo; - Veículos perderam dinheiro e influência. -
	Problema 3 Rejeição política Autoritarismo	Posição 1: Baixa popularidade política
		Relato de Hipótese 1: Rejeição por causa de decisões econômicas, inexperiência política, temperamento insular.
		Relato de Versão 1: todos querem a volta de Lula e não de Dilma.
		Relato de Crítica 1: Nomeações de ministros fracos, diminuindo sua popularidade; <ul style="list-style-type: none"> - Inflação alta.
		Relato de Resposta 1: Dilma não queria outro ‘superministro’, queria alguém em quem pudesse confiar e mandar.
		Relato de Versão 2: Dilma é bem vista porque faz um trabalho interno excelente; <ul style="list-style-type: none"> - Vários investimentos em meio à crise; -Busca resultados e não holofotes.
		Relato de Crítica 1: <ul style="list-style-type: none"> - Não tem pulso firme ou estofo político.
	Problema 4 Apadrinhamento e comando de Lula	Posição 1: Dilma acata as ordens de Luiz Inácio Lula da Silva

		Relato de Versão 1: - Entre os dois a relação nunca foi de paridade; - Muita exposição e sem anteparo; - Depois de quase quatro anos de mandato, ela ainda precisava umbilicalmente de Lula para se eleger.
		Relato de Crítica 1:
		Posição 2: Dilma toma as próprias decisões.
		Relato de Versão 2: - Nem tudo que era sugerido por Lula ela acatava; - Parcerias e atitudes que declaram independência de Lula.
		Relato de Crítica 2: Quando ela pensava em tomar decisões, já estavam tomadas por Lula; - Quando os problemas apareciam, corria para consultar Lula; - Jantares privados organizados por Lula sem passar por Dilma (Inabilidade política e dificuldade de tocar o governo).

3.5.5.1- Tipos de Relatos

Tabela 41- Tipos de relatos da Matéria ‘A Afilhada Rebelde’

Veracidade- Por Relatos	
Tipo de Relato	Quantidade da informação acionada
Relato de Contexto	29
Relato de Crítica 1	14
Relato de Crítica 2	06
Relato de Fato	127
Relato de Hipótese 1	02
Relato de Impressão	03
Relato de Resposta	05
Relato de Versão 1	15
Relato de Versão 2	16
Relato Estatístico	10

Fonte: Qualijor.

3.5.5.2- Tipos de problemas

Gráfico 23- Problemas da matéria *A Afilhada Rebelde*

Fonte: Qualijor.



Legenda: Problema 1: Brigas políticas e comportamento nada amigável de Dilma e tomadas de decisões que desagradam; Problema 2: Brigas internas do Partido e com a base aliada; Problema 3: Rejeição política e autoritarismo; Problema 4: Apadrinhamento e comando de Lula.

3.5.5.3- IPJ (Índice de Pluralidade Jornalística) Alinhados

Tabela 42- Índice de Pluralidade Jornalística Geral por pontos de vistas alinhados.

Índice de Pluralidade Jornalística- Geral por pontos de vista alinhados		
Crítica 1	14	
Hipótese 1	02	
Resposta	05	
Versão 1	15	
	Total: 22	
IPJ	$14/22= 0,63$	

3.5.5.4- Fontes Ouvidas

O quadro abaixo das fontes ouvidas se trata da emissão de pontos de vista, por isso aparece identificada a presença do repórter no quadro de fontes ouvidas.

Fontes	Quantidade	Cargo
Fontes Não identificadas		
Fonte não identificada	01	Advogado Ligado ao Partido
Fonte não identificada	01	Assessor da Presidência
Fonte não identificada	01	Assessores
Fonte não identificada	01	Dirigente do PT
Fonte não identificada	01	Empresário
Fonte não identificada	01	Ex- Assessora do Presidente
Fonte não identificada	01	Ex-Auxiliar da Presidente
Fonte não identificada	03	Ex-Integrante da Equipe Econômica
Fonte não identificada	01	Ex-Ministro do governo Lula
Fonte não identificada	21	-----
Fonte não identificada	01	Ministro Tucano e Petista
Fonte não identificada	01	Secretário do Governo
Fonte não identificada	01	Um interlocutor próximo a Lula
Fonte não identificada	01	Um ministro do Governo
Outros		
Paulo Teixeira	01	Deputado do PT de São Paulo
Giles Azevedo	05	Ex-Chefe de gabinete da presidente
Roberto Kalil Filho	01	Médico e Diretor do Hospital Sírio-Libanês
Nelson Jobim	01	Ministro da Defesa
Rui Falcão	01	Presidente da Legenda
Maria das Graças Foster	01	Presidente da Petrobras

Tabela 42- Fontes Gerais da Matéria A Afilhada Rebelde

3.5.5.5 – IPJ (Índice de Pluralidade Jornalística) por problemas

Dados Gerais do Problema 1

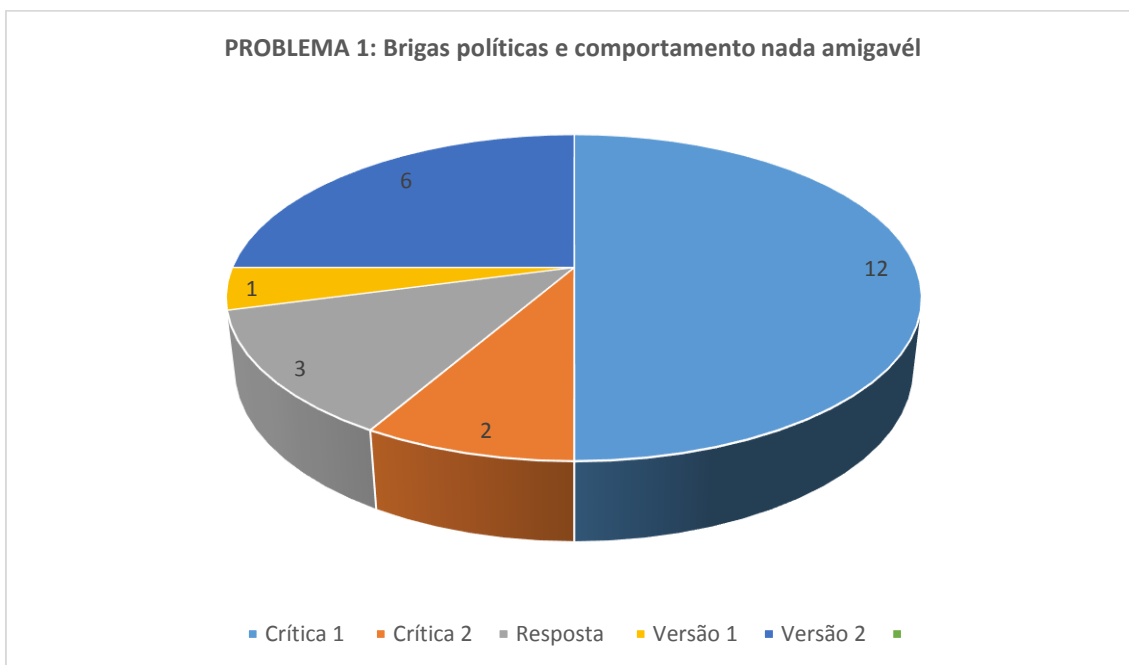


Gráfico 24- Problema 1 da Matéria A Afilhada Rebelde

No problema 1 da matéria *A afilhada Rebelde: ‘Brigas políticas e comportamento nada amigável de Dilma e tomadas de decisões que desagradam’* foram registrados, no geral, 12 relatos de crítica 1, 02 relatos de crítica 2, 03 relatos de resposta, 01 relato de versão, 06 relatos de versão 2.

Tabela 43- Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 1 da Matéria A Afilhada Rebelde

Índice de Pluralidade Jornalística (IPJ)	
Relato de crítica 1	12
Resposta	03
Versão 1	01
	Total: 04
	IPJ: 04/12= 0,33

Dados Gerais do Problema 2

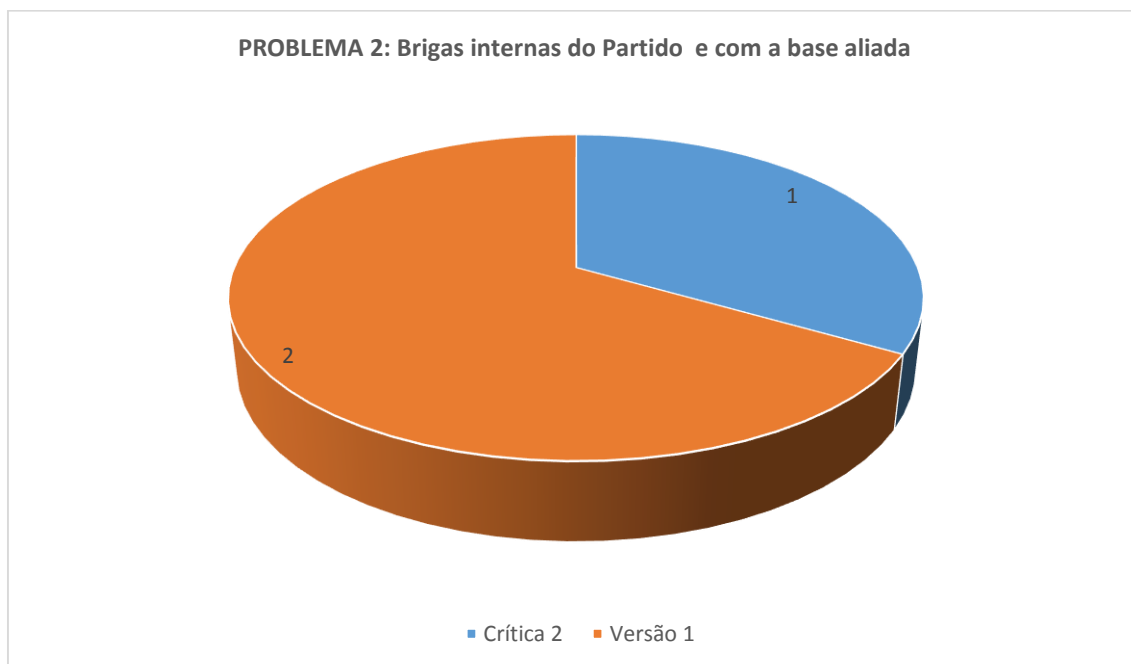


Gráfico 25- Problema 2 Matéria A Afilhada Rebelde

No Problema 2 da matéria *A Afilhada Rebelde: 'Brigas internas do Partido e com a base aliada'*, foram registrados 01 relato de crítica 2, 02 relatos de versão 1.

Tabela 44- Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 2 da Matéria A Afilhada Rebelde

Índice de Pluralidade Jornalística (IPJ)	
Relato de crítica 2	01
Versão 1	02
	Total: 02
	IPJ: $01/02= 0,5$

Dados Gerais do Problema 3

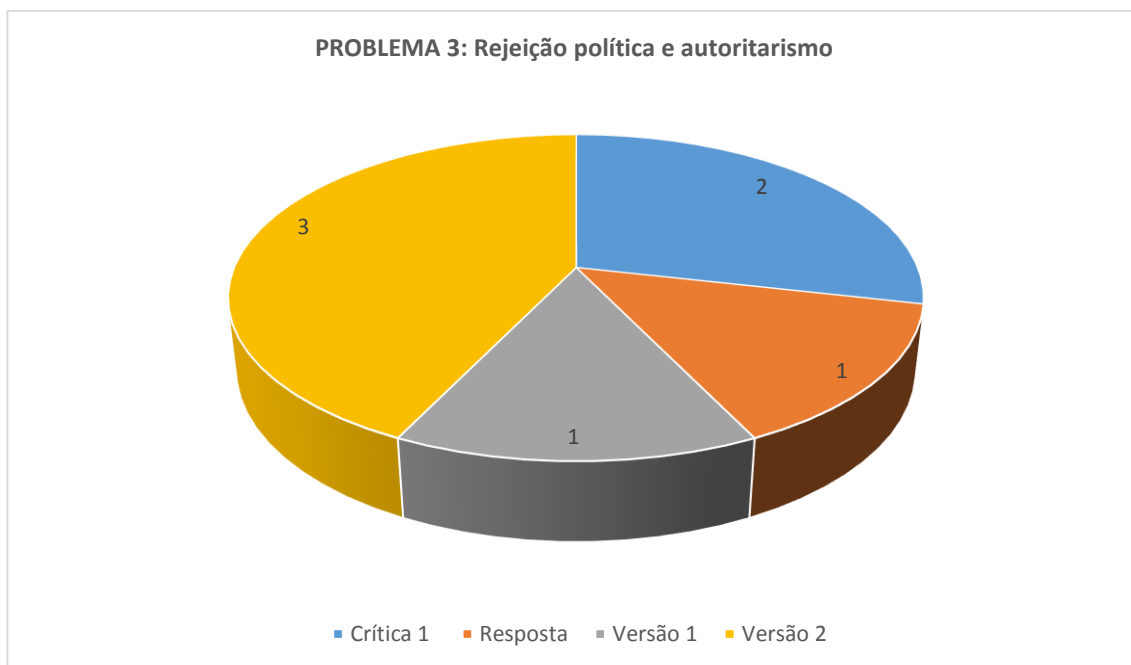


Gráfico 26- Problema 3 da Matéria A *Afilhada Rebelde*

No problema 3 da matéria *A Afilhada Rebelde: 'Rejeição Política e autoritarismo'* foram registrados, no geral, 02 relatos de crítica 1, 01 relato de resposta, 01 relato de versão 1, 03 relatos de versão 2.

Tabela 45- Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 3 da Matéria A *Afilhada Rebelde*

Índice de Pluralidade Jornalística (IPJ)	
Relato de crítica 1	02
Resposta	01
Versão 1	02
	Total: 03
	IPJ: $02/03= 0,66$

Dados Gerais do Problema 4:

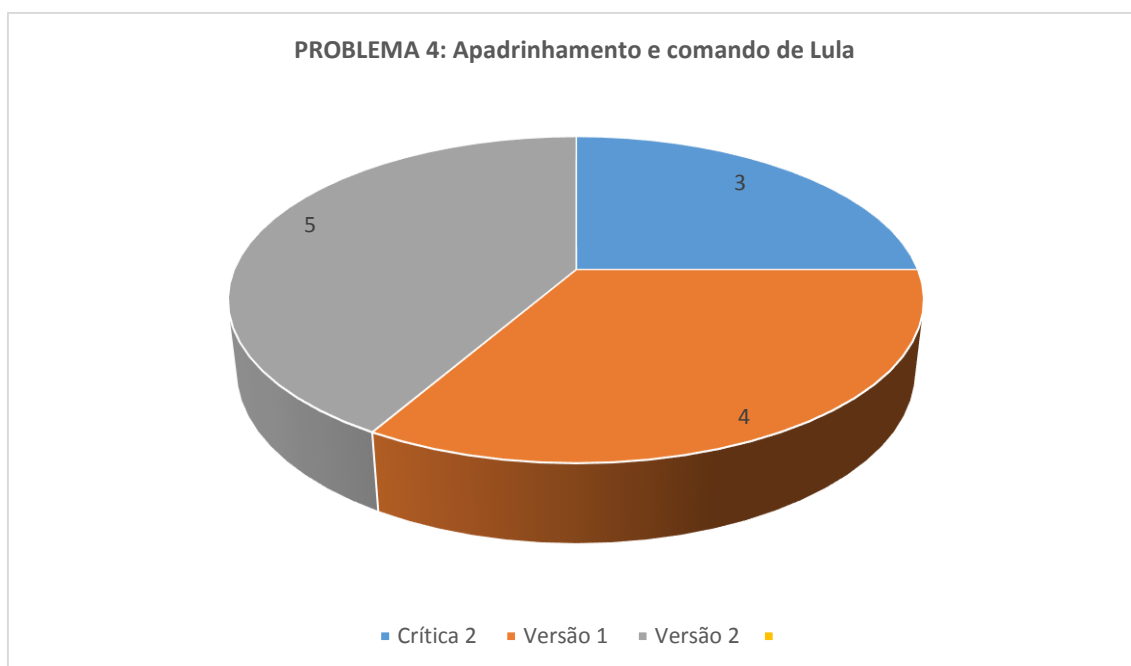


Gráfico 27- Problema 4 da Matéria A Afilhada Rebelde

No problema 4 da matéria *A Afilhada Rebelde*: ‘Apadrinhamento e comando de Lula’ foram registrados no geral, 03 relatos de crítica 2, 04 relatos de versão 1, 05 relatos de versão 2.

Tabela 46- Índice de Pluralidade Jornalística do Problema 4 da Matéria A Afilhada Rebelde

Índice de Pluralidade Jornalística (IPJ)	
Relato de crítica 2	03
Versão 2	05
	Total: 05
	IPJ: $3/5 = 0,6$

3.5.5.6- ICJ (Índice de Confiabilidade Jornalística)

Tabela 47– Índice de Confiabilidade Jornalística da Matéria *A Afilhada Rebelde*

Índice de Confiabilidade Jornalística (ICJ)	
Posição da Matéria	Pontuação da Matéria
5 A Afilhada Rebelde	0,81

3.5.5.7- Síntese dos resultados

Tabela 48– Síntese do IPJ e ICJ da matéria *A Afilhada Rebelde*

Escopo	IPJ	ICJ
Geral- Ameaças e brigas contra o Governo Dilma.	0,63	0,81
Problema 1 – Brigas políticas e comportamento nada amigável de Dilma e tomadas de decisões que desagradam.	0,33	
Problema 2 – Brigas internas do Partido e com a base aliada.	0,5	
Problema 3 – Rejeição política Autoritarismo.	0,66	
Problema 4 – Apadrinhamento e comando de Lula.	0,6	

O que podemos observar é que existe um médio baixo equilíbrio na matéria *A Afilhada Rebelde*. A jornalista não apresenta ou proporciona espaço para as respostas das críticas que foram apresentadas. Até foi cedido o espaço de resposta, mas não com o mesmo direito de espaço que as críticas forma apresentadas.

O que podemos observar a partir dos dados gerados é que a matéria *A Afilhada Rebelde*, em relação à confiabilidade (ICJ), ficou próxima da pontuação máxima (1 ponto) para ser confiável. Ela perdeu pontos em alguns relatos, como por exemplo, nos relatos de contexto, e por não identificar a fonte que estava dando aquele relato, seja ele de crítica, resposta ou versão, em que a jornalista apenas apresenta o cargo do entrevistado e, em alguns relatos, nem isso ela faz. A matéria não possibilita essa confiabilidade e checabilidade.

Exemplos:

Ele soube da notícia pela internet. “Ela só não esclareceu se também vai mudar. Se vai deixar de ministrar para começar a presidir”, disse um secretário do governo com status de ministro. (Relato de crítica 2)

Em fevereiro, o “Volta, Lula” já havia se espalhado como gripe no inverno. Institutos de pesquisa simulavam o nome do ex-presidente nas apostas eleitorais – e ele ganhava com folga –, o petismo alimentava o boato e os empresários, insatisfeitos, engrossavam o coro. Dilma procurou Lula e pediu-lhe um gesto capaz de aplacar a boataria. (Relato de Contexto).

3.5.5 – Comparativo final das matérias

Segue abaixo a apresentação comparando o resultado final de cada matéria avaliada. Apresentando o IPJ (Índice de Pluralidade Jornalística) qual índice de cada matéria e o *rank* que ocupou comparando os demais resultados. O mesmo se deu para ICJ (Índice de Confiabilidade Jornalística). No final, somou-se o valor total do IPJ e do ICJ e dividiu-se pelo número de matérias para obter o IPJ e o IJC Médio.

Tabela 49- Comparativo final das matérias

Matéria	IPJ		ICJ		IPJ Médio	ICJ Médio
	Índice	Rank	Índice	Rank		
Matéria – Los Doctores	0,73	2°	0,82	2°	0,692	0,794
Matéria – Contrato de Risco	0,89	1°	0,73	5°		
Matéria – A Verdade da Comissão	0,6	5°	0,83	1°		
Matéria – Cacos da Velha Potência	0,61	4°	0,78	4°		
Matéria – A Afilhada Rebelde	0,63	3°	0,81	3°		

Através dos dados gerados, observa-se que a matéria que teve melhor IPJ (Índice de Pluralidade Jornalística) ocupando o primeiro lugar foi *Contrato de Risco*. Mas, no ICJ (Índice de Confiabilidade Jornalística) ficou em última (5ª) posição. E a matéria que ficou em primeiro lugar no ICJ, *A Verdade da Comissão* ocupa a quinta posição no IPJ. As demais matérias (*Los Doctores; Cacos da Velha Potência e A Afilhada Rebelde*) apresentam equilíbrios tanto no Índice de Pluralidade como no Índice de Confiabilidade.

Los Doctores- ficou na segunda posição nos dois requisitos;

A Afilhada Rebelde- ficou na terceira posição; e

Cacos da Velha Potência- ficou na quarta posição.

3.6 – Análise da metodologia e do Qualijor

A seguir é apresentada a avaliação e visão da pesquisadora em relação à metodologia do Qualijor. O quadro se divide em três momentos: 1) Avaliação da Matriz de Relatos; abordando grau de satisfação de cada item utilizado para chegar aos dados obtidos. 2) Avaliação da Matriz de Problema; e 3) Avaliação do Qualijor, atribuindo para cada item um grau de satisfação: (Bom); (Parcial) e (Ruim).

Tabela 50- Análise da metodologia e do Qualijor

Objeto avaliado	Item	Grau de satisfação		
		Bom	Parcial	Ruim
Matriz de Relatos	Tipos de relatos (abrangência)	X		
	Definição clara / não rivalizam, não coincidem	X		
	Sistema de pontuação claro		X	
Matriz de Problema	Organização da matéria	X		
	Organização dos pontos de vista	X		
Qualijor	Facilidade de cadastro de matérias	X		
	Facilidade de avaliar matérias / Relatos e problemas	X		
	Facilidade de avaliar matérias / Atributos (fontes)		X	
	Facilidade de gerar relatórios	X		
	Promover transparência editorial *	X		

*destacar importância para fins de accountability

A partir da avaliação e marcar o grau de satisfação, segue abaixo apresentação do resultado que foi marcado no quadro seguido de justificativa para esta marcação e recomendações para aprimorar e melhorar o sistema Qualijor.

Matriz de relatos –

- ✓ Tipos de relatos (abrangência) – Resultado: Bom

Os relatos são claros e têm uma explicação objetiva para análise e identificação do mesmo. Além de auxiliar ao pesquisador a ter um olhar mais reflexivo e crítico na análise de uma matéria como um todo, o que com toda certeza refletirá na vida profissional do pesquisador na hora de noticiar um fato.

Na análise da Revista *piauí*, senti falta da existência de alguns tipos de relatos, a citar, por exemplo, relato de descrição de ambiente, descrição do personagem, mas como foi a primeira vez que o sistema foi testado em matérias tão grandes e com características do jornalismo literário, acredito que possa ser implantado depois.

Mas, no geral, os relatos expressam uma avaliação, um juízo de valor, uma defesa de argumento.

✓ Definição clara/ não rivalizam, não coincidem- Resultado: Bom

A definição de cada relato é clara, inclusive proporciona ao pesquisador exatamente quando um relato não se enquadra em nenhuma definição estabelecida, se aproxima das definições estabelecidas, mas não é aquela que está explícita ali nas 26 categorias e definições fixas.

✓ Sistema de pontuação – Resultado: Parcial

A pontuação é aplicada conforme critérios que indicam, minimamente, meios para checar a informação, clareza e distinção dos dados e pontos de vistas. Quanto mais atende aos requisitos, maior é a pontuação do relato e, conseqüentemente, maior a sua confiabilidade. Ou seja, as definições são claras na matriz, tornando assim o sistema de pontuação eficaz e de fácil compreensão. No entanto, acredito que no sistema deveria haver um painel para identificação não apenas da pontuação, mas do requisito e sua descrição que está sendo pontuado, como é claro e objetivo na matriz. Porque, por exemplo, na matriz a pontuação é clara, varia entre 0,0, 0,5 e 1, que representam, respectivamente, ‘Não atende os requisitos exigidos’, ‘atende de forma parcial’ e ‘atende completamente’, mas a pontuação é baseada na descrição de requisito que o avaliador está fazendo e identificando. E quando se vai para o sistema, não há este espaço para apresentar qual requisito foi identificado naquele relato, apesar de estar bem claro e presente na matriz.

Matriz de problema-

✓ Organização da matéria – Resultado: Bom

A separação e ideia de dividir em pequenas unidades torna-se a análise prática e desperta no pesquisador um olhar mais crítico em relação ao que está analisando. Principalmente porque na hora de construir a matriz de problema possibilita ter um recorte e visão do todo da matéria.

- ✓ Organização dos pontos de vista- Resultado: Bom

Os pontos de vista também têm uma apresentação clara, mas acredito que apresentação em ordem alfabética, pelo menos no sistema, tornaria ela mais ágil.

Qualijor-

- ✓ Facilidade de cadastro das matérias – Resultado: Bom

Não há nenhuma dificuldade no cadastro das matérias. A única dificuldade encontrada foi a divisão de um relato em 400 caracteres, havendo assim, em muitos momentos, uma quebra do raciocínio de uma frase.

- ✓ Facilidade de avaliar as matérias/Relatos e problemas – Resultado: Bom

Estão claros seguindo o padrão da matriz. Mas para facilitar a avaliação e pontuação, descrever e colocar em ordem alfabética todos os relatos ajudaria a ter uma maior agilidade e praticidade.

- ✓ Facilidade de avaliar matérias/ Atributos (fontes)- Resultado: Parcial

Por mais que tenha uma finalidade importante, não existe uma praticidade na hora de sair neste quesito. Nele, o pesquisador precisa atualizar o sistema (apertando f5) cada vez que finaliza o cadastro para retornar ao próximo relato.

Acredito que a instalação de um botão para sair tornaria esta parte da avaliação muito mais funcional e prática.

No mais, esta finalidade é importante porque possibilita saber se as fontes consultadas foram acionadas com frequência, a visibilidade que tiveram cada uma dentro da cobertura jornalística e quando relacionadas com os relatos de pontos de vista, que são encontrados na matriz de problemas, avaliando, assim, sua posição dentro de um dado assunto de conflito. Essa avaliação acrescenta mais informações e credibilidade ao requisito pluralidade.

- ✓ Facilidade de gerar relatórios- Resultado: Bom

Neste ponto o sistema está avançado. Com o lançamento dos dados no sistema Qualijor, é possível gerar diversos relatórios que ilustram como se desenvolveu a cobertura jornalística em todos os sentidos que o pesquisador precisar. Dados precisos e gerais de tudo que foi cadastrado pelo pesquisador.

- ✓ Promover transparência editorial – Resultado: Bom

O sistema possibilita uma visão geral da matéria avaliada ou até mesmo de um veículo (jornal, revista, emissoras de rádio e tevê). É possível ter uma noção de

transparência nos procedimentos de apuração das notícias. Porque apresentará para a sociedade métodos claros e confiáveis para avaliação de desempenho do trabalho e de qualidade do seu produto jornalístico.

Como os meios de comunicação precisam ter uma coerência e eficácia entre o que prometem e o que entregam na forma de produto jornalístico, o sistema Quailjor facilita esta autoavaliação e pode prestar contas à sociedade do que está sendo ofertado. É uma ferramenta de avaliação da qualidade e pode figurar como um instrumento de *accountability*.

Sendo assim, o Qualijor permite a geração e consolidação de indicadores que ajudam na construção dos índices de pluralidade e segurança da informação, atestando a qualidade dos produtos analisados.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procurou realizar uma avaliação dos indicadores pluralidade e confiabilidade no jornalismo literário da Revista *piauí*, trabalhando a questão da confiabilidade e qualidade jornalística. A ideia era verificar se as matérias produzidas pela *piauí* apresentavam confiabilidade e pluralidade em suas reportagens.

Para o resultado das análises foi aplicada a análise de conteúdo a partir das categorias constantes da matriz de confiabilidade, através do software de gestão da produção jornalística denominado Qualijor, que possui, como foi apresentado anteriormente, entre outras estruturas, uma matriz específica para a avaliação da veracidade, instrumento de avaliação desenvolvidos no âmbito do Programa de Pesquisa em Qualidade, Inovação e Tecnologia Aplicadas ao Jornalismo (Qualijor), na Universidade Federal de Sergipe-UFS.

Esta pesquisa pretendeu, ainda, testar uma metodologia que pudesse avaliar o grau de pluralidade e confiabilidade de uma cobertura jornalística. O sistema se diferencia por extrair uma grande quantidade de dados detalhados durante o processo avaliativo, como foi realizado nas cinco matérias analisadas da revista em questão.

Os dados apresentados permitem afirmar a qualidade dos conteúdos em relação à confiabilidade e à pluralidade das matérias analisadas.

Diante dos resultados obtidos nas cinco matérias analisadas, podemos identificar algumas falhas que possivelmente passaram despercebidas no trabalho de apuração do jornalista, como por exemplo, os relatos de contexto, que em muitos momentos os jornalistas da *piauí* não descreveram ao longo da matéria de onde aquela informação foi retirada.

Outra coisa que podemos ressaltar com a análise das matérias é que muitas vezes, no jornalismo literário, quando há uma busca em captar não só as palavras, mas silêncios, hesitações, texturas, gestos, delicadezas e contradições, é preciso deixar claro como o jornalista vivenciou ou presenciou aquele momento. Porque por mais que o jornalismo literário busque e se diferencie do jornalismo factual, como vimos no primeiro capítulo, por causa da sua descrição mais detalhada da realidade, como por exemplo, a construção cena a cena, diálogos, caracterização dos personagens, hábitos, maneiras, captação mais densa e completa da realidade que o relato reproduz, ou mesmo tamanho do texto, sem um controle pré-estabelecido, informação mais criativa, alegando que todas estas características são sinônimos de qualidade editorial, percebemos que na maioria dos

relatos das cinco matérias analisadas muitos não contribuem para uma possível verificação. Fazendo com que o leitor se pergunte como o jornalista conseguiu aquela informação. Como por exemplo: ‘

Instalou-se a primeira das muitas crises com a base aliada. Sem avisar Dilma, Lula desembarcou em Brasília para acalmar os ânimos dos correligionários. Reuniu-se com o vice-presidente, Michel Temer, foi fotografado ao lado de José Sarney e Renan Calheiros, dourou a pílula e, para alguns, atribuiu à inexperiência da sucessora a confusão, afinal contornada’. (Trecho da matéria ‘A Afilhada Rebelde’)

Pressionada por Lula, ela cedia nas alianças, mas até a última hora tentava uma carta diferente. Foi o caso da ida de Renan Calheiros para a presidência do Congresso Nacional. Ainda que o PT tivesse combinado, por escrito, o revezamento com o outro partido, quando a posse se aproximou, ela insinuou que Calheiros desistisse do cargo em troca do apoio incondicional do governo para elegê-lo governador de Alagoas. (Trecho da matéria ‘A Afilhada Rebelde’)

A presidente tinha coisas a resolver e se trancou no Planalto novamente. Em pouco tempo, a rotina voltou ao normal: reuniões infundáveis, encontros secretos, broncas. A gerentona estava de volta. (Trecho da matéria ‘A Afilhada Rebelde’)

A descrição é um dos elementos primordiais para a caracterização do jornalismo literário, mas é preciso deixar claro nesta descrição as fontes de informação daquele relato.

No capítulo 2, McQuail (2012), sobre as possibilidades de verificação, disse que é preciso verificar o grau em que os fatos apresentados são verificáveis ou apoiados por uma fonte reconhecida e por evidências relevantes. “Quanto maior a proporção de unidades de informações verificáveis em um texto, mais real ele poderá ser considerado” (McQUAIL, 2012, p. 216).

A partir dos resultados das matérias, podemos perceber, ainda, que a matriz reforça seu potencial de ferramenta de *accountability* ao atender prontamente às características destes meios definidas por McQuail (2013), onde o autor diz que o termo *accountability* liga-se à capacidade de averiguar e cobrar responsabilidade e transparência no cumprimento de determinadas obrigações, sejam elas de cunho legal ou moral. Ainda que a responsabilidade social seja essencial para os sistemas de monitoramento, o que mais interessa aos estudos de *accountability* não é a responsabilidade social em si, mas a capacidade de verificar seu efetivo cumprimento.

Podemos observar, também, com a análise das cinco matérias da *Piauí*, que em relação à qualidade como instrumento de *accountability*, a matriz se destaca por solucionar três desafios apontados por Guerra (2015) quando se fala em avaliação de

qualidade dos produtos e processor jornalísticos: 1. O desenvolvimento de métodos claros e confiáveis para avaliação de desempenho do trabalho e de qualidade dos produtos jornalísticos; 2. Parâmetros consensuais acerca de melhores práticas e dos valores que devem reger o negócio; 3. Gera e proporciona pesquisas inovadoras tanto de métodos de avaliação quanto de produção jornalística, capazes de atender a exigências cada vez maiores de qualidade (medida e verificada) para produtos jornalísticos.

A análise realizada na Revista *piauí* contribui para demonstrar a efetividade da ferramenta em relação à extração de dados para analisar a confiabilidade e pluralidade de uma matéria de forma detalhada e com números precisos.

O Qualijor segue em contínuo desenvolvimento, assim como o amadurecimento teórico e metodológico da proposta. E neste trabalho ficou claro, em alguns momentos, que é preciso apresentar algumas melhorias e reformular algumas categorias, como por exemplo: a matriz precisa desenvolver um acesso mais prático na hora de cadastrar as fontes em questão para se tornar mais funcional; acrescentar relatos de depoimento e relato de descrição.

Mesmo ainda estando em período de teste, a ferramenta já parece qualificada para auxiliar um estado de constante melhoramento dos saberes e procedimentos institucionais e organizacionais. A matriz de confiabilidade, bem como o Qualijor, neste sentido, também se apresenta como um recurso que mesmo estando em via e finalização está sempre aberto a acréscimos e aperfeiçoamentos. A ferramenta se apresenta como hábil para alcançar produções mais qualificadas, mas ainda mais hábil para auxiliar na constante reavaliação e revalidação do que é necessário para alcançar uma qualidade jornalística cada vez maior.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. **Código de Ética e Regulamentação**. Disponível em: <http://www.anj.org.br/codigo-de-etica-e-autorregulamentacao>. Acesso em: 02/01/2017.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT NBR ISO 9000:2005 – **Sistemas de gestão da qualidade** - fundamentos e vocabulário. Rio de Janeiro, RJ: ABNT, 2005.
- BAHIA, Juarez. 1990. **Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira**.- São Paulo, Auca.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1988.
- BENETI, Carina Andrade. **A qualidade da informação jornalística: uma análise da cobertura da grande imprensa sobre os transgênicos em 2004**. Dissertação. Universidade de Brasília, 2006.
- BENJAMIN, Walter. 1983. **Olhar**. Coleção Os Pensadores. São Paulo, Abril.
- BERTRAND, C-J. **O arsenal da democracia**. Bauru, SP: Edusc, 2002.
- BRUM, Eliane. O bom Jornalismo se aplica a tudo o que é da vida. 2013. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/ed737-o-bom-jornalismo-se-aplica-a-tudo-o-que-e-da-vida/>. Acessado em: 23/03/2016.
- BUENO, Eduardo. "**O velho 'new journalism' está de volta**", ZelO Hora, Porto Alegre, 10 abro 1994, Segundo Caderno, p. 7-10.
- BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo, literatura e violência. A escrita de João Antônio**. São Paulo: Faac, 2005.
- CASTRO, G.; GANELO, Alex (Org). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2005.
- CASATTI, Denise. **O jornalismo literário encontra-se adormecido**. Disponível em: <http://www.cibersociedad.net/congres2006/gts/comunicacio.php?id=417&llengua=po> Acesso em: 17/03/2016.
- CERQUEIRA, Luiz A. Egypto de. **Qualidade jornalística: ensaio para uma matriz de indicadores**. Brasília: Unesco. Comunicação e Informação. Série Debates CI, n 6, novembro/2010.
- CHIAVENATO, I. **Administração: teoria, processo e prática**. 4ª edição, revista e ampliada. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- CHRISTOFOLLI, Rogério; FRANÇA Laux, Ana Paula. **Confiabilidade, credibilidade e reputação: no jornalismo e na blogosfera**. Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, vol 31, núm. 1, enero-junio, 2008, pp. 29-50. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da comunicação São Paulo, Brasil.
- CLEMENTE, Tatiany Araújo. **A Função do lead no jornalismo impresso atual**. Brasília, 2005.
- COIMBRA, Oswaldo. **O Texto da Reportagem Impressa. Um Curso sobre sua estrutura**. Editora Atica. São Paulo,1990.
- CZARNOBAI, Andre Felipe Pontes. **Gonzo: o filho bastardo do jornalismo**. Porto Alegre, 2003.
- DANTAS, Audálio. **Repórteres**. São Paulo: Editora Senac, 1997.
- DINES, Alberto. 2009. **O papel do jornal e a profissão do jornalista**. São Paulo: Summus.
- FARIA, Nidia Sofia. **Jornalismo literário: um olhar histórico para o gênero e suas características**. 2011.

FEITOZA, Liliane N.S. **Relevância jornalística**: análise e teste de ferramenta para fins de avaliação de qualidade e *accountability*. São Cristóvão, 2016.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Vitória: 2007.

FILHO, C.B. **Ética na comunicação**. São Paulo, 2008.

FILGUEIRAS, Fernando. **Além da Transparência: Accountability e Política da Publicidade**. São Paulo, 2011.

FRANDALOZO, Juliana A. S. **A importância do jornalismo de qualidade na redução de riscos e desastres**. 2012. Instituto tecnológico y de estudios superiores de Monterrey estados de México, México.

FRANÇA, Viviane Amaral. **Jornalismo e Literatura**: Uma análise dos elementos jornalísticos e literários e seus hibridismos na construção dos perfis de Joe Gould. Belo Horizonte: Centro Universitário de Belo Horizonte. 2008. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/franca-viviane-jornalismo-e-literatura.pdf>> Acesso em: 07/05/2016.

FREITAS, Helena (2002) *Jornalismo e Literatura: Inimigos ou Amantes?*. Rumford, Peregrinação Publications.

GENRO, Filho, Adelmo. 1987. **O segredo da pirâmide- Para uma teoria marxista do jornalismo**. Publicado em 1996, Revista da Fenaj. ano I, n.1.

GUERRA, J. L. **Monitoramento de Cobertura e Produção Experimental Monitorada: pesquisa aplicada voltada para a qualificação de produtos e processos jornalísticos**. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2007, Aracaju. Anais do V Congresso Brasileiro de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJor, 2007.

GUERRA, J. L. **O percurso interpretativo na produção da notícia: verdade e relevância como parâmetros de qualidade jornalística**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

GUIMARÃES, Ligia. Processo de Produção jornalística: do nariz de cera ao *lead* nos jornais de São Luis. 2006.

GUTIÉRREZ COBA, L. **Análisis de la calidad informativa, primer paso hacia el cambio?**. Palavra chave, vol 9,1, pp. 29-56. 2006.

HABERMAS, Jürgen. 2003. **Mudança estrutural da esfera pública: investigação quanto a uma categoria da sociedade burguesa**
a. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

HANDSTEIN, H. **Qualität im lokalen Zeitungsjournalismus. Theoretischer Entwurf und empirische, München, AVM Akademische Verlagsgemeinschaft**. 2010.

HASSEMER, G. y G. RAGER. **Das Bessere als Feind des Guten. Qualität in der Tageszeitung, en G. Ranger et al.: Zeitungsjournalismus**. Empirische Leserschaftsforschung, Konstanz, UVK, Verlagsgesellschaft mbH, pp. 19-29.

HERSCOVITZ, Heloiza G.

HERSEY, John Hiroshima. **Jornalismo com H**. Ed. Companhia das Letras; Edição: 1, 2002.

LAGE, Nilson; 1985. Estrutura da notícia. São Paulo, Ática.

LIMA, Alceu Amoroso. **O Jornalismo como gênero literário**. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é Livro-reportagem**. São Paulo, Brasiliense, 1993.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O Livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 2º edição. Campinas: Editora Unicamp, 1995.

LIMA, Edvaldo Pereira, 1951 – Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.4. ed. Barueri: Manole, 2009.

- LOPEZ, Debora Cristina. **Sociedade da Informação e jornalismo: campos de interação e intervenção**. 2006. Revista de economia de las tecnologías de la información y comunicación.
- MAIA, R.C.M. **Mídia e diferentes dimensões da accountability**. 2006. Minas Gerais. Publicando em Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação.
- MANIN, Bernard. **The principles of representative government**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- MARQUES, Fabrício. **Jornalismo e literatura: modos de dizer**. Caxias do Sul, 2009.
- MCQUAIL, D. **Audience analysis**. London: Sage Publications, 1997.
- MCQUAIL, D. **Media performance**. Mass Communication and the public interest, Londres, Sage. 1992.
- MEYER, Thomas. **Media democracy: how the media colonize politics**. Cambridge: Polity Press, 2002.
- MEDEL, Manuel Ángel V. **Discurso literário e discurso jornalístico: convergências**. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. (org.). **Jornalismo e Literatura: a Sedução da Palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002. P. 15-28.
- MENDES, Juliana. **Os Elementos do Jornalismo**. Publicado por: Comunicação Comunitária. Disponível em: <https://www.radiotube.org.br/texto-m00de0eX>. Acessado em: 22/10/2016.
- MEDINA, Cremilda. **Notícia: Um produto à venda jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo.
- MENEZES, Fagundes de. **Jornalismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Razão Cultural, 1997.
- MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas: o caso da Editora Abril**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1997. 366 p. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1997.
- MOMPART, J.L. G; SAMPIO, D.P. **La Calidad Periodística Teorias, investigaciones y sugerencias profesionales**. 2013. Barcelona, p. 17- 39.
- NECCHI, Vitor. **A (im) pertinência da denominação “jornalismo literário”**. 2007.
- OLIVEIRA, V. **A mídia em pauta: accountability midiático na TV Comunitária de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: UFMG, Anais do 8.º Encontro de Extensão da UFMG, 3 a 8 de outubro de 2005.
- OLIVEIRA, P. **Radicalmente Chique: os procedimentos de extensão no *New Journalism* de Tom Wolfe, em *Radical Chique***. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos, 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.
- PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.
- PEDROSO, Rosa Nívea. **O jornalismo como uma forma de narração da história do presente: uma interpretação da Tese de Doutorado em Periodística de Tobias Peucer**. Estudos em Jornalismo e Mídia. v. 1 n. 2 – 2º semestre de 2004. p. 61-72.
- PEUCER, Tobias. **Os relatos jornalísticos**. Estudos em Jornalismo e Mídia. Vol. 1 n. 2 – 2º semestre de 2004. p. 13-30.
- PICARD, R. D. **Commercialism and Newspaper Quality**, *Newspaper Research Journal*, vol. 25, 1, pp.54-65.
- PIEDRAHITA, Manuel. **Jornalismo Moderno: História, perspectivas e tendências rumo ao ano 2000**. Lisboa: Editorial Paraninfo, S.A., 1993.
- PINTO, M.; MARINHO, S. **A qualidade em jornalismo: problematização e operacionalização do conceito**. In: Congresso Luso-Brasileiro de Estudos Jornalísticos, 1; e Congresso Luso-Galego de Estudos Jornalísticos, 2. Porto, 10-11 abr. 2003. Anais... Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2003.

- PORTO, Mauro P. **Enquadramentos da Mídia e Política**. In. ALBINO, Antonio. PRZEWORSKI, Adam; STOKES, Susan; MANIN, Bernard. **Democracy, accountability and representation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- REESE, Stephen D. et al. (Eds). **Framing public life: perspectives on media and our understanding of the social life**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Publishers, 2003.
- RIBEIRO, José Hamilton. **De quando a literatura abraça o jornalismo**. *Revista Paralelos*, Rio de Janeiro, 15 fev. 2004, entrevista concedida a Eduardo Martins Vasconcellos. Disponível em: <<http://www.paralelos.org/out03/000146.html>>. Acesso em 16/05/2016.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950**. Rio de Janeiro, 2003.
- RIPOLLÉS; RADABÁN. **La Calidad Periodística Teorías, Investigaciones y Sugerencias Profesionales**. 2013.
- RODRIGUES, Catarina. **Blogs e a fragmentação do espaço público**. Livros Labcom, Covilhã, 2006. Disponível em: <http://www.labcom.ubi.pt/livroslabcom/pdfs/rodrigues-catarina-blogs-fragmentacao-espaco-publico.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2016.
- RUBIM, Canelas. (org.) **Comunicação e Política: conceitos e abordagens**. Salvador, UFBA:2004. (pp.74-104).
- SÁNCHEZ- TABERNEIRO, A. **Los contenidos de los medios de comunicación**. Calidad, recontabilidad y competencia, Barcelona, Deusto/Planeta. 2008.
- SALLES, João Moreira.2011. Disponível em: <http://www.revistapiaui.com.br>. Acessado em: 15/12/2016.
- SAYÃO, Juliana. **O Jornalismo Literário e as Falas de seus Entrevistados: Um Estudo de Linguística Sistêmico-Funcional**. Dissertação de Mestrado, São Paulo, 2011.
- SCHMIDT, B.B. **Construindo Biografias...Historiadores e jornalistas: Aproximações e Afastamentos**. 1997 p. 1-21.
- SCHULZ, W. **Preconditions of journalistic Quality in na open Society, apresentado em el Congreso News Media and Politics-Independent journalism**, 6-7 de outubro del 2000 (Budapest).
- SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.
- SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos. Proposta de novos critérios de classificação**. LabCom Books 2009.
- SLACK, N.; CHAMBERS, S. e JOHNSTON, R. **Administração da Produção**. São Paulo: Atlas, 2007.
- SUZUKI JR., Matias. **Jornalismo com H**. In: HERSEY, Jonh. Hiroshima. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 161-172.
- TAVARES, Bruno da Silva. **Pluralidade na Cobertura do Jornal Nacional Sobre os Preparativos para Copa do Mundo 2014: Avaliação da conformidade do conteúdo jornalístico com as garantias do documento editorial da Globo**. São Cristóvão, 2014. Dissertação de Mestrado.
- TORRE; TÉRAMO. **Periodismo de Calidad deates y desafios**. 2007.
- TUCHMAN, Gaye. **Making news. A study in the construction of reality**. New York: Free Press, 1978.
- KOVACH, Bill, e ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: O que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.
- VIZEU, Alfredo. **O Jornalismo e as "teorias intermediárias": Cultura profissional**,

rotinas de trabalho, constrangimentos organizacionais e as perspectivas da Análise do discurso(AD). 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredojornalismo-teorias-intermediarias.pdf>>. Acesso 12/03/2016.

VILAS BOAS, Sérgio. **O estilo magazine:** o texto em revista. São Paulo: Summus, 1996.

WOLFE, T. 2005. **Radical chique e o Novo Jornalismo.** São Paulo, Companhia das Letras, 254 p.

WEISE, Angélica Fabiane. **Para Compreender o Jornalismo literário.** 2003. Disponível em:

http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorioacademico/_ed730_para_compreender_o_jornalismo_literario/. Acessado em: 23/05/2016.

APÊNDICE

Descrição de fontes por problemas

MATÉRIA 1 – LOS DOCTORES

PROBLEMA 1

Dentro dos relatos de crítica 1 do problema 1, as fontes que se destacaram foram as seguintes:

Relato de crítica 1, problema 1 ‘Los Doctores’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Não Identificada	-----	-----	Crítica 01	02
Associação Médica Brasileira	Florentino Cardoso	Presidente	Crítica 01	02
Mais Médico	Abraham García	Médico	Crítica 01	01
				Total: 05

Exemplos do relato de crítica 1, problema 1:

“O controverso programa do governo federal cujo objetivo é contratar temporariamente (por três anos, renováveis por mais três) médicos brasileiros e estrangeiros que estejam dispostos a trabalhar em unidades básicas de saúde de regiões com déficit de profissionais” (Fonte: Não Identificada).

“O questionei sobre as periferias, os grotões, as áreas rurais – alvo principal do Mais Quando Médicos –, Cardoso respondeu com uma frase de efeito: “Quantidade não é qualidade.” No Maranhão, pior estado brasileiro no ranking divulgado pelo Ministério da Saúde, há 0,58 médico para cada mil habitantes” (Fonte: Florentino Cardoso).

“Eles não podem falar tanto. Não têm essa liberdade. É normal, no regime comunista dos Castro é assim. Estão recebendo no Brasil dez vezes mais do que recebem lá. Então não podem abrir o bico. Mas teriam muito que dizer”, provocou” (Fonte: Abraham Garcia).

Relato Estatístico, problema 1 ‘Los Doctores’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Associação Médica Brasileira	Florentino Cardoso	Presidente	Estatístico	01
Mais Médico	Morzar Sales	Coordenador	Estatístico	01
Mais Médico	Norkis Sanchez Alonso	Médica	Estatístico	01
				Total: 03

Exemplos do relato Estatístico, problema 1:

“Ele contestou, no entanto, o dado do governo federal de que o Brasil precisa de mais profissionais porque possui apenas 1,8 médico por mil habitantes – um índice bem inferior, por exemplo, ao de Cuba (6 médicos por mil habitantes). São Paulo, Porto Alegre, Brasília e Rio de Janeiro possuem “mais de 4 médicos por mil habitantes, índices superiores aos de muitos países europeus”, afirmou” (Fonte: Florentino Cardoso).

“Afirmou que de 18% a 37% dos profissionais que atuam nesses países são formados no exterior. “No Brasil, só há 1,79% de profissionais [médicos] oriundos de outros países, dos quais só 0,6% estrangeiros”, falou” (Fonte: Mozart Sales).

Relato de Resposta, problema 1 ‘Los Doctores’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Fonte Não Identificada	-----	-----	Resposta	01
Mais Médico	Mozart Sales	Coordenador	Resposta	04
				Total: 05

Exemplos do relato de Resposta, problema 1:

“Padilha posou para a foto em Havana com a nova leva de médicos cubanos, mas se recusou a falar sobre os pontos controversos do programa. Por mais de um mês ele se esquivou de conceder entrevistas. O coordenador do Programa Mais Médicos no Ministério, Mozart Sales, disse que não existe nenhuma intenção de “canibalizar” o mercado de trabalho no setor” (Fonte: Mozart Sales).

“Citou a Austrália, o Canadá, a Inglaterra, Espanha e Portugal como exemplos de países com tradição de intercâmbio de médicos e que apelaram para a estratégia de importar temporariamente profissionais de outras nacionalidades”. (Fonte: Mozart Sales).

Relato de Opinião 1, problema 1 ‘Los Doctores’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Universidade Federal do Rio de Janeiro	Ligia Bahia	Professora de Medicina e Saúde Pública	Opinião	01
				Total: 01

Exemplos do relato de Opinião1, problema 1:

“Temos o a.C. e o d.C., antes de Cuba e depois de Cuba”, brincou Ligia Bahia, de 58 anos, professora de medicina e saúde pública da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Estudiosa do Sistema Único de Saúde, do qual é grande defensora, ela não se reconhece no debate polarizado sobre o programa” (Fonte: Ligia Bahia)

PROBLEMA 2

Dentro dos relatos de crítica 1 do problema 2, as fontes que se destacaram foram as seguintes:

Relato de crítica 1, problema 2 ‘Los Doctores’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Associação Médica Brasileira	Florentino Cardoso	Presidente	Crítica 01	01
				Total: 01

Exemplos do relato de Crítica 1, problema 2:

“Igualmente inflexível, Florentino Cardoso, da AMB, insistiu que o governo “engana a população ao sustentar que o Mais Médicos vai resolver o problema da saúde”, mas admitiu que “o acesso” vai melhorar” (Fonte: Florentino Cardoso).

Relato de Opinião 1, problema 2 ‘Los Doctores’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Mais Médicos	Rodrigo Cariri Chalegre	Médico e Tutor	Opinião 01	01
				Total: 01

Exemplo do relato de Opinião 1, problema 2:

“Cariri sustenta que, mesmo que se livre do processo, já está cumprindo uma pena dura ao ter a ética médica questionada. Sem vínculos com o PT – “Deus me livre” –, ele não vê coloração partidária no Mais Médicos. “Mas é óbvio que isso vai se reverter em votos. É inevitável”, afirmou” (Fonte: Rodrigo Cariri Chalegre).

PROBLEMA 3

Dentro dos relatos de crítica 1 do problema 3, as fontes que se destacaram foram as seguintes:

Relato de crítica 1, problema 3 ‘Los Doctores’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
-------	--------	-------	--------	------------

Mais Médicos	Norkis Sanches Alonso	Médica	Crítica 01	01
Universidade Federal do Rio de Janeiro	Ligia Bahia	Professora de Medicina e Saúde Pública	Crítica 01	02
				Total: 03

Exemplos do relato de Crítica 1, problema 3:

“O curso preparatório de atenção primária no SUS foi ministrado por enfermeiros e agentes comunitários. Havia apenas um médico dando aulas na turma das cubanas. “Era evidente que havia algo no ar”, concluiu Norkis” (Fonte: Norkis Sanches Alonso)

“Avalia, por um lado, que o governo federal camufla problemas estruturais daquele que deveria ser um “sistema universal de saúde”. Mas diz que, na outra ponta, “as entidades médicas fizeram um papelão e agiram de forma mesquinha ao desprezar as necessidades da população e demonstrar um preconceito enorme contra os cubanos” (Fonte: Lígia Bahia).

Relato de Opinião 1, problema 3 ‘Los Doctores’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Mais Médicos	Abraham García	Médico	Opinião 1	01
Universidade Federal do Rio de Janeiro	Ligia Bahia	Professora de Medicina e Saúde Pública	Opinião 1	01
				Total: 02

Exemplo do relato de Opinião 1, problema 3:

“Um país com dimensões continentais “não pode depender da importação de médicos”. Outro absurdo criado pelo Mais Médicos, apontou a especialista, é o fato de os cubanos trabalharem como se fossem enfermeiros. “Eles não podem fazer cirurgias, nada. Estão morrendo de medo que alguém morra na mão deles. Ora, isso não tem cabimento” (Fonte: Ligia Bahia).

Relato de Versão 1, problema 3 ‘Los Doctores’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Mais Médicos	Norkis Sanches Alonso	Médica	Versão 1	01
				Total: 02

Exemplo do relato de Versão 1, problema 3:

“Não temos problemas com os médicos brasileiros. Estão cuidando do espaço deles. Mas não sei o que se passa. Só estamos ajudando o Brasil”, respondeu Norkis quando lhe perguntei sobre a hostilidade e as reservas dos colegas nativos em relação aos cubanos. Depois de instantes, ela acrescentou: “Em Minas Gerais os médicos brasileiros não quiseram dar aulas para nós” (Fonte: Norkis Sanches Alonso).

PROBLEMA 4

Dentro dos relatos de crítica 1 do problema 4, as fontes que se destacaram foram as seguintes:

Relato de crítica 1, problema 4 ‘Los Doctores’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Associação Médica Brasileira	Florentino Cardoso	Presidente	Crítica 01	01
Conselho Federal de Medicina	Roberto Luiz d’Avila	Presidente	Crítica 01	04
Mais Médicos	Rodrigo Cariri Chalegre	Médico e Tutor	Crítica 01	01
Mais Médicos	Abraham García	Médico	Crítica 01	02
Universidade Federal do Rio de Janeiro	Ligia Bahia	Professora de Medicina e Saúde Pública	Crítica 01	01
				Total: 09

Exemplos do relato de Crítica 1, problema 4:

“Eles estão trabalhando, então têm de receber salário, e não bolsa. O governo está burlando a lei”, argumentou o presidente da AMB, Florentino Cardoso. “Entendemos

que o médico deva prestar o Revalida e, se aprovado, poderá trabalhar não só neste programa, mas no Sírio-Libanês e no Einstein, onde também vai atender à burguesia brasileira” (Fonte: Florentino Cardoso).

“O profissional pode servir em qualquer lugar, desde que prove sua capacitação”, disse por sua vez o cardiologista Roberto Luiz d’Avila, presidente do CFM. Se os milhares de cubanos se submetessem ao Revalida, ele acredita que pouquíssimos prosseguiriam no país” (Fonte: Roberto Luiz d’Avila).

“Disse que “nunca, nunca”, desde que chegou a Manaus, recebeu os históricos dos pacientes atendidos por profissionais do país. E alegou que não é o Revalida que vai dizer se ele é ou não um bom médico” (Fonte: Abraham Garcia).

Relato de resposta, problema 4 ‘Los Doctores’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Mais Médicos	Rodrigo Cariri Chalegre	Médico e Tutor	Resposta	04
Mais Médicos	Morzar Sales	Coordenador	Resposta	02
				Total: 06

Exemplos do relato de resposta, problema 4:

“Cuba faz transplantes, cirurgia oftalmológica, tudo de alta complexidade. Mas, claro, você não tem ali a hotelaria do Sírio-Libanês.” Coordenador do curso de medicina da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em Caruaru, Cariri é responsável por uma equipe de 22 supervisores do programa do governo” (Fonte: Rodrigo Cariri Chalegre).

“Citou a Austrália, o Canadá, a Inglaterra, Espanha e Portugal como exemplos de países com tradição de intercâmbio de médicos e que apelaram para a estratégia de importar temporariamente profissionais de outras nacionalidades” (Fonte: Morzar Sales).

PROBLEMA 5

Dentro dos relatos de crítica 1 do problema 5 a fonte que se destacou foi a seguinte:

Relato de crítica 1, problema 5 ‘Los Doctores’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Conselho Federal de Medicina	Roberto Luiz d’Avila	Presidente	Crítica 01	01
				Total: 01

Exemplos do relato de Crítica 1, problema 5:

“Não conseguiu elencar nenhum aspecto positivo do Mais Médicos, então implantado havia quatro meses, e reclamou da falta de esclarecimentos do Ministério da Saúde sobre o paradeiro dos “intercambistas” e sobre a identidade de seus “tutores” e “supervisores”, o que dificulta a fiscalização e a avaliação sobre a eficácia do programa” (Fonte: Roberto Luiz d’Avila).

PROBLEMA 6

Dentro dos relatos de crítica 1 do problema 6, as fontes que se destacaram foram as seguintes:

Relato de crítica 1, problema 6 ‘Los Doctores’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Fonte não identificada	-----	-----	Crítica 01	01
Mais Médicos	Norkis Sanchez Alonso	Médica	Crítica 01	01
Mais Médicos	Abraham García	Médico	Crítica 01	01
				Total: 03

Exemplos do relato de Crítica 1, problema 6:

“Nossa família recebe um tanto, e outro tanto fica no banco, direitinho. Tem uma conta e tem um cartão”, disse Norkis. No caso dela, seus familiares têm direito a 700 pesos cubanos por mês, o equivalente a 30 dólares, uma ninharia que, no entanto, Norkis se preocupa em justificar: “Sou especialista, máster, professora da Escola Latino-Americana de Medicina, tenho 23 anos de experiência.” (Fonte: Norkis Sanchez Alonso).

“Eles não podem falar tanto. Não têm essa liberdade. É normal, no regime comunista dos Castro é assim. Estão recebendo no Brasil dez vezes mais do que recebem lá. Então não podem abrir o bico. Mas teriam muito que dizer”, provocou” (Fonte: Abraham García).

Relato de Estatístico, problema 6 ‘Los Doctores’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Fonte não identificada	-----	-----	Estatístico	01
				Total: 03

Exemplos do relato de Estatístico, problema 6:

À exceção dos “cooperados cubanos” (quase 80% dos médicos envolvidos), os demais contratados, estrangeiros e brasileiros, recebem uma bolsa mensal de 10 mil reais do governo federal, além do auxílio para aluguel e alimentação, a cargo das prefeituras credenciadas ao programa – 4 027 das 5 570 existentes no país. (Fonte: Não Identificada).

Relato de Resposta, problema 6 ‘Los Doctores’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Mais Médicos	Norkis Sanchez Alonso	Médica	Resposta	02
Mais Médicos	Odalís Osório Jimenez	Médica	Resposta	04

Exemplos do relato de Resposta, problema 6:

“Na prática, o auxílio-aluguel (1 500 reais) e o auxílio-alimentação (500 reais) que as duas cubanas recebem da Prefeitura de Mauá compõem a maior parte da verba que chega mensalmente às suas mãos. Na opinião delas, dá e sobra. Como vão a pé para o trabalho, gastam quase nada com transporte” (Fonte: Norkis Sanchez).

“Vestidas de branco e trajando jaleco, já prontas para ir trabalhar, entreolharam-se e ficaram caladas por alguns instantes. A seguir, revelaram receber 400 dólares (cerca de 950 reais) de salário, além de 600 dólares (cerca de 1 450 reais) no banco de Cuba. Acrescentaram que é uma excelente quantia diante da realidade cubana” (Fonte: Odalís Osório Jimenez).

PROBLEMA 7

Dentro dos relatos de crítica 1 do problema 7, as fontes que se destacaram foram as seguintes:

Relato de crítica 1, problema 7 ‘Los Doctores’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Fonte não identificada	-----	-----	Crítica 01	01
Mais Médicos	Abraham García	Médico	Crítica 01	04
				Total: 05

Exemplos do relato de Crítica 1, problema 7:

“Em Manaus, o resultado de um exame de ressonância magnética pode demorar mais de quatro meses. Laudos de exames de rotina (hemograma, fezes e urina) só serão conhecidos entre trinta a sessenta dias depois da coleta” (Fonte: Não Identificada)

“Depois de um mês de hotel, colocaram os cubanos num apartamento, todos juntos, sem camas, sem geladeira, sem nada. Foram tratados como cachorros. Eles falaram isso na reunião com a subsecretária. Ela alegou que a prefeitura não estava preparada. Então por que se inscreveu para o programa?”, questionou García” (Fonte: Abraham García).

MATÉRIA 2 CONTRATO DE RISCO – DESCRIÇÃO DE FONTES POR PROBLEMA

Dentro dos relatos de Crítica 1 do problema 1, as fontes que se destacaram foram as seguintes:

Relato de crítica 1, problema 1 ‘Contrato de Risco’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Fonte não identificada	-----	Advogado Envolvido no Assunto	Crítica 01	01
Vale	Roger Agnelli	Ex-Presidente	Crítica 01	01
Fonte não identificada	-----	Executivo da Mineradora Brasileira	Crítica 01	01
Fonte não identificada	-----	Um Executivo da Companhia	Crítica 01	04
Revista Piauí	Consuelo Dieguez	Jornalista	Crítica 01	09
Vale	Fábio Barbosa	Diretor- Financeiro	Crítica 01	05
Fonte não identificada	-----	Ex-Executivo	Crítica 01	01
Vale	-----	Funcionário da Vale	Crítica 01	01
Vale	Ricardo Flores	Presidente do Conselho	Crítica 01	01
Beny Steinmetz Group Resources (BSGR)	Beny Steinmetz	Empresário Israelense	Crítica 01	01
				Total: 25

Exemplos de Relato de Crítica 1, problema 1:

“Em 2010, mesmo com parte dos executivos contrários à operação, a Vale comprou 51% de participação num projeto de exploração nas montanhas de Simandou, na República da Guiné, um pequeno país miserável na costa ocidental africana. A área é uma das maiores reservas de ferro do mundo ainda intactas” (Fonte: Jornalista/Consuelo Dieguez).

“Se em tese o projeto parecia fazer sentido, mostrava-se extremamente duvidoso quando confrontado com dados da realidade. Um dos que mais questionavam a viabilidade de Simandou era Fábio Barbosa, então diretor-financeiro da Vale. De opiniões firmes, ele passou a ter embates frequentes com Agnelli e José Carlos Martins, defensores fervorosos da parceria com Steinmetz” (Fábio Barbosa/Diretor-Financeiro da Vale).

“O fato, segundo esse executivo, é que o conselho nunca teve ciência do que foi assinado. “Eles apenas foram informados da estratégia, mas não conheciam os detalhes do contrato.” O contrato, no entanto, não garantia que a Vale permaneceria dona dos 51% se não pagasse os 2 bilhões de dólares restantes, caso a questão logística não fosse solucionada” (Um Executivo da Companhia).

“Durante a reunião em que o assunto foi tratado, alguns conselheiros tentaram argumentar que não tiveram conhecimento de todos aqueles “detalhes”. Flores levantou a voz. “Como não sabiam? Ninguém aqui é menino. Todo mundo tem responsabilidade por esse contrato.” Agnelli foi avisado, em março de 2011, de que não continuaria mais à frente da empresa” (Ricardo Flores/Presidente do Conselho)

“Um integrante do cerimonial conduziu Steinmetz a outra mesa. Era ordem de Condé que o israelense não se sentasse na mesa principal. “Ali ficou claro para mim que o presidente Condé não tinha um bom relacionamento com o Beny”, disse-me Agnelli”. (Roger Agnelli/Ex-presidente da Vale).

Relato de Impressão 1, problema 1 ‘Contrato de Risco’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Revista Piauí	Consuelo	Jornalista	Impressão	01
	Dieguez		01	
				Total: 01

Exemplo de Relato de Impressão1, problema 1:

“Na mineração, ele se associou ao banqueiro André Esteves, do BTG Pactual, um dos mais atilados captadores de negócios, com quem estuda a aquisição de novas minas. São todos investimentos de longo prazo, ainda longe de dar retorno aos acionistas. Enquanto Agnelli esteve à frente da Vale, entre 2001 e 2011, o lucro da companhia saltou de 3 bilhões de reais para 30 bilhões” (Fonte: Jornalista/Consuelo Dieguez).

Relato de Opinião 1, problema 1 ‘Contrato de Risco’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
-------	--------	-------	--------	------------

Vale	Murilo Ferreira	Novo Presidente	Opinião 01	01
				Total: 01

Exemplo de Relato de Opinião 1, problema 1:

“Mineração de ferro depende tanto do minério como da logística. A associação dos dois é que permitirá calcular se o negócio é competitivo.” E continuou, com voz pausada: “O que faz o minério diferente após as especificações é a sua capacidade de escoamento. Existem reservas boas, notáveis. Mas é preciso soma” (Fonte: Murilo Ferreira/Novo presidente da Vale).

Relato de Posição 1, problema 1 ‘Contrato de Risco’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELA TO	QUANTID ADE
Vale	Claúdio Frischatk	Consultor/Especialista em Mineração	Posição 01	01
				Total: 01

Exemplo de Relato de Posição 1, problema 1:

“Para a Vale, a exploração de Simandou poderia solucionar dois problemas ao mesmo tempo: o estrangulamento da produção em Carajás e a desvantagem logística. “A Vale seria imbatível porque ficaria em pé de igualdade com suas rivais em termos de frete e com um minério de qualidade muito superior”, disse o consultor Cláudio Frischartk, especialista em mineração” (Fonte: Cláudio Frischartk/Consultor).

Relato de Resposta, problema 1 ‘Contrato de Risco’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Fonte não identificada	-----	-----	Resposta	01
Vale	Roger Agnelli	Ex-Presidente	Resposta	02
				Total: 03

Exemplo de Relato de Resposta, problema 1:

“Na sala de reuniões de sua empresa, Agnelli empertigou-se na cadeira colorida. Sustentou que os entraves ao desenvolvimento da infraestrutura eram pequenos diante do poderio da Vale. “A Vale tem uma enorme experiência em operar em áreas difíceis”, disse. E assegurou que, da forma como havia sido idealizado, o projeto tinha tudo para dar certo” (Roger Agnelli/Ex-presidente da Vale).

“Os sócios de Simandou tinham consciência de que o escoamento do minério pelo país vizinho era condição essencial para viabilizar o projeto. E aí entraria a rede de relacionamentos de Steinmetz.” (Fonte: Não identificada).

Relato de Versão 1, problema 1 ‘Contrato de Risco’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Fonte não identificada	-----	Outro Executivo da Companhia	Versão 1	01
Revista piauí	Consuelo Dieguez	Jornalista	Versão 1	06
Vale	Roger Agnelli	Ex-presidente	Versão 1	16
				Total: 23

Exemplo de Relato de Versão 1, problema 1:

“Não havia na Guiné trabalhadores qualificados para tocar as obras. // Pensou-se em empregar o fly-in e fly-out adotado pelas plataformas de petróleo, um esquema de revezamento que alternaria o trabalho das equipes: a cada quinze dias um grupo de operários brasileiros iria para Simandou e outro voltaria para o Brasil, retornando à Guiné quinze dias depois, e assim por diante” (Fonte não identificada/ Outro executivo da companhia)

“Foi registrado em ata e todos os acionistas estavam conscientes de que pagaríamos 500 milhões de dólares para termos a opção de comprar os 51% de Simandou. Caso não conseguíssemos que a ferrovia saísse pela Libéria, não pagaríamos o restante. Perderíamos os 500 milhões por não desenvolvermos a jazida, mas ficaríamos sócios em Simandou.” (Roger Agnelli/Ex-presidente da Vale).

Relato de Versão 2, problema 1 ‘Contrato de Risco’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Fonte não identificada	-----	Outro Executivo da Companhia	Versão 2	09
Fonte não identificada	-----	Um executivo da Companhia	Versão 2	01
Revista piauí	Consuelo Dieguez	Jornalista	Versão 2	01
Vale	-----	Ex-Executivo	Versão 2	02
				Total: 13

Exemplo de Relato de Versão 2, problema 1:

“Ele, como responsável pela assinatura do balanço da Vale junto à SEC (órgão de fiscalização do mercado acionário americano), dizia que, caso os acionistas da Vale fossem prejudicados com o negócio, quem iria preso seria primeiro o Roger, e, depois, ele”, contou esse executivo” (Ex-Executivo da Vale).

“O fato, segundo esse executivo, é que o conselho nunca teve ciência do que foi assinado. “Eles apenas foram informados da estratégia, mas não conheciam os detalhes do contrato.” O contrato, no entanto, não garantia que a Vale permaneceria dona dos 51% se não pagasse os 2 bilhões de dólares restantes, caso a questão logística não fosse solucionada” (Um Executivo da Companhia).

“Nessa mesma data, de acordo com o contrato entre a Vale e a BSGR, vencia o prazo para a solução da cláusula da saída da ferrovia pela Libéria. Dez dias depois, a Vale teria que depositar na conta do israelense 2 bilhões de dólares. O imbróglio, porém, não se resolvera. Steinmetz não conseguiu cumprir o que havia prometido” (Fonte: Jornalista/Consuelo Dieguez).

Relato de Estatístico, problema 1 ‘Contrato de Risco’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Vale	Fábio Barbosa	Diretor-financeiro	Estatístico	01
Vale	Roger Agnelli	Ex-presidente	Estatístico	01
				Total: 02

Exemplo de Relato de Estatístico, problema 1:

“Barbosa fazia vários questionamentos. A começar pelo valor e condições da compra. A Vale concordou em pagar 2,5 bilhões de dólares a Steinmetz para ficar com 51% da área, sendo que 500 milhões seriam desembolsados na assinatura do contrato, à vista” (Fonte: Fábio Barbosa)

“O minério dessas minas é considerado o melhor do mundo, em função do alto teor de ferro: em Carajás ele é de 67%, enquanto nas minas das principais concorrentes da Vale o teor é de 30%” (Roger Agnelli/Ex-presidente da Vale).

PROBLEMA 2-

Dentro dos relatos de Crítica 1 do problema 2 as fontes que se destacaram foram as seguintes:

Relato de Crítica 1, problema 2 ‘Contrato de Risco’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Revista Piauí	Consuelo Dieguez	Jornalista	Crítica 1	04
				Total: 04

Exemplo de Relato de Crítica 1, problema 2:

“A mineradora se viu na desconfortável situação de ter o nome vinculado a uma transação sobre a qual pesam acusações de suborno, e cuja legitimidade está sendo

questionada pelo atual governo da Guiné, por entidades internacionais de combate à corrupção e pela Justiça americana” (Fonte: Jornalista/Consuelo Dieguez).

“Aconselhou que Condé contratasse os serviços de Scott Horton, advogado do escritório americano DLA Piper, especialista em investigações sobre corrupção em todo o mundo. À revista New Yorker, Horton disse que “para enfrentar um sujeito como Steinmetz, o governo de Condé precisava de ajuda externa”. // Roger Agnelli, de 54 anos, é um homem magro e jovial” (Fonte: Jornalista/Consuelo Dieguez).

Relato de Resposta, problema 2 ‘Contrato de Risco’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Vale	Roger Agnelli	Ex-presidente	Resposta	02
				Total: 02

Exemplo de Relato de Resposta, problema 2:

“Agnelli não aceita ser criticado por essa associação. Alegou que, se há algum problema com a concessão, a questão tem que ser resolvida entre Steinmetz e a Guiné. “Eles é que têm que se entender”, disse, batendo na mesa. “A Vale fez o que tinha que fazer e, na época, não havia nada que desabonasse o Beny.” (Roger Agnelli/Ex-presidente da Vale).

Relato de Suspensão, problema 2 ‘Contrato de Risco’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Vale	Roger Agnelli	Ex-presidente	Suspensão	01
				Total: 01

Exemplo de Relato de Suspensão, problema 2:

“A Vale não tem nada a ver com isso. Está absolutamente correta, limpa”, disse. “Além do que, eu não sou mais presidente da companhia. Saí de lá em 2011 e não tenho conhecimento do que aconteceu depois.” Lembrei que o negócio tinha sido fechado por ele, durante sua gestão”. (Roger Agnelli/Ex-presidente da Vale).

Relato de Versão 1, problema 2 ‘Contrato de Risco’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Vale	Fábio Spina	Advogado	Versão 1	06
Vale	Roger Agnelli	Ex-presidente	Versão 1	02

				Total: 08
--	--	--	--	-----------

Exemplo de Relato de Versão 1, problema 2:

“Antes de fechar o contrato fizemos uma due diligence. A Vale contratou dois escritórios internacionais de advocacia, o Cleary Gottlieb e o Clifford Chance, para proceder a uma investigação independente de como essa concessão foi obtida. Nenhum deles encontrou nada de suspeito”, explicou”. (Fonte: Fabio Spina/Advogado).

“A empresa também contratou a firma americana Nardello & Co para examinar a transação. Todos os cuidados legais, segundo Spina, foram tomados antes de a empresa selar a sociedade com a BSGR” (Fonte: Fabio Spina/Advogado).

“A forma como a Rio Tinto perdeu a concessão foi absolutamente legal, dentro do Código Mineral vigente na Guiné. Não havia motivos para os protestos da companhia. Eles estão lá há vinte anos e, até agora, não fizeram nada”, argumentou” (Roger Agnelli/Ex-presidente da Vale).

Relato de Versão 2, problema 2 ‘Contrato de Risco’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Vale	-----	Ex-Executivo	Versão 2	01
				Total: 01

Exemplo de Relato de Versão 2, problema 2:

“Fábio Barbosa, como diretor-financeiro da mineradora brasileira, recusou-se a assiná-lo. Orientou os executivos da sua área a também não assumir tal responsabilidade” (Fonte: Ex-Executivo).

PROBLEMA 3 -

Dentro dos relatos de Crítica 1 do problema 3 as fontes que se destacaram foram as seguintes:

Relato de Crítica 1, problema 3 ‘Contrato de Risco’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Fonte não identificada	-----	Advogado envolvido no assunto	Crítica 1	01
Fonte não identificada	-----	-----	Crítica 1	02
Fonte não identificada	-----	Um executivo da companhia	Crítica 1	06
Revista Piauí	Consuelo Dieguez	Jornalista	Crítica 1	09
Vale	-----	Ex-Executivo	Crítica 1	01

Vale	Roger Agnelli	Ex-presidente	Crítica 1	03
Vale	-----	Funcionário	Crítica 1	01
Vale	Ricardo Flores	Presidente do Conselho	Crítica 1	01
Beny Steinmetz Group Resources (BSGR)	Beny Steinmetz	Empresário israelense	Crítica 1	01
				Total: 25

Exemplo de Relato de Crítica 1, problema 3:

“Fez uma pausa e lançou mão de um argumento pedestre para explicar a possibilidade de o sócio da mineradora não ser o que ele imaginava no início, embora considere difícil ter se enganado sobre a sua índole.” (Roger Agnelli/Ex-presidente da Vale).

“A Vale saiu em busca de novos negócios pelo mundo. A frustrada tentativa de aquisição da canadense Alcan, fabricante de alumínio, em 2007, foi um deles. A Rio Tinto acabou desembolsando 38 bilhões de dólares e ficou com a empresa. A insistência de Roger Agnelli em adquirir a companhia canadense foi um dos motivos, à época, da saída de alguns executivos graúdos da Vale” (Fonte: Jornalista/Consuelo Dieguez).

“Perguntei-lhe se era sinal de amorismo desembolsar 500 milhões de dólares confiando apenas na promessa de um empresário cujo relacionamento com a Vale era incipiente. Ele me respondeu de forma lacônica: “No mínimo.” No dia 30 de abril de 2010, Steinmetz chegou ao Rio, junto com outros executivos da BSGR, para a assinatura do contrato com a Vale, na sede da companhia, no Centro da cidade”. (Fonte: Ex executivo da Vale).

Relato de Crítica 2, problema 3 ‘Contrato de Risco’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Fonte não identificada	-----	-----	Crítica 2	01
				Total: 01

Relato de Impressão, problema 3 ‘Contrato de Risco’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Revista Piauí	Consuelo Dieguez	Jornalista	Impressão	03
				Total: 03

Exemplo de Relato de Impressão, problema 3:

“Encontrei-me com ele no começo de uma tarde abafada de janeiro, na sala de reuniões da AGN, ocupada por uma grande mesa rodeada por cadeiras coloridas, numa decoração que faz pensar mais num escritório de jovens empreendedores da internet do que no vetusto negócio de mineração” (Fonte: Jornalista/Consuelo Dieguez).

“O executivo procura se encaixar nesse novo cenário. Sua expressão está mais relaxada que nos tempos da Vale. Sua fala é mais descontraída e ele sorri com certa frequência. Exibia um saudável bronzado adquirido nos dias que passou em sua casa no balneário de Angra dos Reis, no Rio” (Fonte: Jornalista/Consuelo Dieguez).

Relato de Norma, problema 3 ‘Contrato de Risco’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Revista Piauí	Consuelo Dieguez	Jornalista	Norma	01
				Total: 01

Exemplo de Relato de Norma, problema 3:

“A imposição de que o escoamento do minério de Simandou seja feito por uma ferrovia através da Guiné está registrada no Código Mineral local. É um dos principais obstáculos ao desenvolvimento da extração no país” (Fonte: Jornalista/Consuelo Dieguez).

Relato de Posição1, problema 3 ‘Contrato de Risco’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Revista piauí	Consuelo Dieguez	Jornalista	Posição 1	01
				Total: 01

Exemplo de Relato de Posição 1, problema 3:

“A produção de minério de ferro duplicou, e a empresa, que era a oitava mineradora do mundo, passou a ser a segunda maior, atrás apenas da anglo-australiana BHP Billiton. Na sua gestão, a Vale se internacionalizou, comprando minas e empresas ao redor do planeta” (Fonte: Jornalista/Consuelo Dieguez).

Relato de Resposta, problema 3 ‘Contrato de Risco’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Vale	Roger Agnelli	Ex-presidente	Resposta	01
				Total: 01

Exemplo de Relato de Resposta, problema 3:

“Agnelli não aceita ser criticado por essa associação. Alegou que, se há algum problema com a concessão, a questão tem que ser resolvida entre Steinmetz e a Guiné. “Eles é que têm que se entender”, disse, batendo na mesa. “A Vale fez o que tinha que fazer e, na época, não havia nada que desabonasse o Beny.” (Roger Agnelli/Ex-presidente da Vale).

Relato de Versão 1, problema 3 ‘Contrato de Risco’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Vale	Fábio Spina	Advogado	Versão 1	01
Fonte não identificada	-----	-----	Versão 1	01
Fonte não identificada	-----	Outro executivo da companhia	Versão 1	01
Fonte não identificada	-----	Um executivo da companhia	Versão 1	02
Vale	Roger Agnelli	Ex-presidente	Versão 1	19
Revista Piauí	Consuelo Dieguez	Jornalista	Versão 1	03
Guiné	Alpha da Guiné	Presidente	Versão 1	01
				Total: 28

Exemplo de Relato de Versão 1, problema 3:

“Foi com uma expressão de inocência que Agnelli explicou o acerto com o sócio: “O Beny nos disse que estava tudo certo, que ele já havia conversado com o governo da Libéria e com o da Guiné e que todos concordaram que o minério de Simandou seria escoado pela Libéria”, contou, pitando mais uma vez seu cigarro eletrônico.” (Roger Agnelli/Ex-presidente da Vale).

“Estava desesperado para vender alguns ativos e, dessa forma, recompor o caixa da Rio Tinto. Agnelli viu ali uma oportunidade e foi às compras. A Vale levou uma mina de ferro em Corumbá, no Mato Grosso, e uma de potássio, na Argentina” (Fonte: Jornalista/Consuelo Dieguez).

“Para convencer a Vale, o israelense afirmou aos executivos da mineradora que havia conseguido a autorização tanto do governo da Guiné quanto da Libéria para que o

minério de Simandou fosse escoado por solo liberiano. O problema é que a garantia foi dada de boca, sem qualquer documento que a registrasse.”(Fonte: Não identificada).

“O Roger estava certo”, disse-me um executivo da companhia. “A Vale é uma empresa com ações no mercado e não podia se sujeitar a exigências descabidas do governo, que queria se intrometer na administração da empresa. A Vale não é a Petrobras, onde o governo faz ingerência sem parar.” As relações com Lula se normalizaram, mas Agnelli nunca teve um bom entendimento com a presidente Dilma” (Fonte: Um executivo da companhia).

Relato de Versão 2, problema 3 ‘Contrato de Risco’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Fonte não identificada	-----	Outro executivo da companhia	Versão 2	01
Fonte não identificada	-----	Um executivo da companhia	Versão 2	04
Revista piauí	Consuelo Dieguez	Jornalista	Versão 2	01
Fonte não identificada	-----	Ex executivo	Versão 2	02
				Total: 08

Exemplo de Relato de Versão 2, problema 3:

“Funciona bem em plataformas, cujas distâncias são, no máximo, de 300 quilômetros da costa. No caso da Guiné, a milhares de quilômetros do Brasil, a solução exigiria a contratação de um Boeing 747, que teria que aterrissar na Libéria, de onde os operários seriam levados até a montanha do minério por caminhos precários” (Fonte: Não identificada/outro executivo da companhia).

“Nessa mesma data, de acordo com o contrato entre a Vale e a BSGR, vencia o prazo para a solução da cláusula da saída da ferrovia pela Libéria. Dez dias depois, a Vale teria que depositar na conta do israelense 2 bilhões de dólares. O imbróglio, porém, não se resolvera. Steinmetz não conseguiu cumprir o que havia prometido” (Fonte: Jornalista/Consuelo Dieguez).

Tabela 57– Relato de Estatístico, problema 3 ‘Contrato de Risco’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Vale	Roger Agnelli	Ex-presidente	Estatístico	01
				Total: 01

Exemplo de Relato de Resposta, problema 3:

“O minério dessas minas é considerado o melhor do mundo, em função do alto teor de ferro: em Carajás ele é de 67%, enquanto nas minas das principais concorrentes da Vale o teor é de 30%”(Roger Agnelli/Ex presidente da Vale).

MATÉRIA 3 A VERDADE DA COMISSÃO – DESCRIÇÃO DE FONTES POR PROBLEMA

PROBLEMA 1

Dentro dos relatos de Contexto do problema 1, as fontes que se destacaram foram as seguintes:

Relato de Contexto, problema 1 ‘A Verdade da Comissão’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Fonte não identificada	-----	-----	Contexto	02
Assembleia Paulista	Adriano Diogo	Presidente da Comissão da Assembleia Paulista	Contexto	01
				Total: 03

Exemplo de Relato de Contexto, problema 1:

“Os dados revelados na reunião, no entanto, avançaram pouco em relação ao que já se sabia desde o remoto ano de 1981, quando foi lançado o livro clássico de René Armand Dreifuss, 1964: *A Conquista do Estado, que mergulha na ação do Ipes e de seu irmão, o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (Ibad), criado em 1959 para financiar candidatos anticomunistas e opositores a Goulart*” (Fonte: Não identificada).

“Adriano Diogo diz que a comissão paulista vive a “pão seco e água barrenta”. Citou com um pingo de inveja a comissão do Rio, que obteve 2 milhões de reais da Faperj para as pesquisas. O governo de Geraldo Alckmin não quis uma comissão ligada ao Executivo, mas aceitou a do Legislativo, no qual tem a maioria” (Fonte: Adriano Diogo).

Relato de Crítica 1, problema 1 ‘A Verdade da Comissão’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Fonte não identificada	-----	-----	Crítica 1	01
Assembleia Paulista	Adriano Diogo	Presidente da Comissão da Assembleia Paulista	Crítica 1	02
Outros	Marlon Weichert	Procurador Regional da República em São Paulo	Crítica 1	01
				Total: 04

Exemplo de Relato de Crítica 1, problema 1:

“Weichert faz parte do núcleo de procuradores que já abriram seis ações civis, seis ações criminais e mais de 200 investigações sobre crimes cometidos por agentes de Estado na ditadura. Foi convidado para a reunião do GT13, na Assembleia, durante a qual disse que a lei brasileira não prevê a responsabilização criminal de empresas por violação aos direitos humanos” (Fonte: Marlon Weichert).

“Toda essa questão dos mortos, desaparecidos, das perseguições, que as empresas são filhas da puta, já sabemos. Não precisa repetir isso para nós, aqui é tudo cobra criada. Ah, ‘eu fui perseguido’. Sim, companheiro, e daí? Todo mundo foi perseguido, não é essa a discussão. A discussão é aquilo que está na telinha: o que as empresas tiveram a ver com o regime?” (Fonte: Adriano Diogo).

Relato de opinião 1, problema 1 ‘A Verdade da Comissão’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Comissão da Verdade	Renan Quinalha	Advogado	Opinião 1	01
Comissão da Verdade	Rosa Cardoso	Advogada Criminalista e Conselheira da Comissão	Opinião 1	01
Comissão da Verdade	Paulo Sérgio Pinheiro	Cientista Político e Conselheiro da Comissão	Opinião 1	01
Comissão da Verdade	Maria Rita	Psicanalista e Conselheira da Comissão	Opinião 1	01
				Total: 04

Exemplo de Relato de Opinião 1, problema 1:

“Nós temos que fazer uma responsabilização institucional, não só de pessoas. Qual é a natureza dessa ditadura empresarial-militar? Temos de responsabilizar civis por isso, as empresas por isso. A grande questão é contar essa história e fazer a responsabilização”, disse Rosa após ouvir as demais falas na Assembleia” (Fonte: Rosa Cardoso).

No ano passado, havia pelo menos uma reunião por semana. Agora, duas por mês, no máximo. “A Comissão da Verdade funcionando bem não é uma notícia muito quente.

Talvez uma notícia mais quente sejam esses atritos, essas confusões que são para ficar em toda a confidencialidade”, disse Paulo Sérgio Pinheiro” (Fonte: Paulo Sérgio Pinheiro).

“Quinalha avalia que haverá “frustração de qualquer modo” na conclusão do trabalho da CNV” (Fonte: Renan Quinalha).

“Era chato para nós. Nosso medo, e o Paulo Sérgio expressava isso o tempo todo, era que a Comissão caísse no ridículo.” Claudio Fonteles gosta de relatar que passava horas pesquisando documentos no Arquivo Nacional” (Fonte: Maria Rita).

Relato de posição 1, problema 1 ‘A Verdade da Comissão’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Outros	Denise Assis	Pesquisadora	Posição 1	01
				Total: 01

Exemplo de Relato de Posição 1, problema 1:

“A audiência começara pela manhã, numa reunião fechada, durante a qual Denise e outros quatro pesquisadores apresentaram teses e documentos sobre o financiamento privado da estrutura repressiva instalada com o golpe de 1964 e radicalizada depois do AI-5, no final de 1968 (Fonte: Denise Assis).

Relato de resposta, problema 1 ‘A Verdade da Comissão’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Outros	Carlos Alberto Ustra	Comandante do Do-Codi	Resposta 1	01
				Total: 01

Exemplo de Relato de Resposta, problema 1:

Procurei Ustra e recebi dele o seguinte e-mail: “Eu gostaria de conversar com a senhora, mas por vários motivos resolvi não dar entrevistas. Sei que a senhora está cumprindo o seu papel. Gostaria de ajudá-la, mas, após as entrevistas que dei, o que saiu publicado não foi exatamente aquilo que eu falei. Desculpe-me se não posso ajudá-la, como seria o meu desejo” (Fonte: Carlos Alberto Ustra).

Relato de versão 1, problema 1 ‘A Verdade da Comissão’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
-------	--------	-------	--------	------------

Fonte não identificada	-----	-----	Versão 1	03
Outros	Denise Assis	Pesquisadora	Versão 1	01
Assembleia Paulista	Adriano Diogo	Presidente da Comissão da Assembleia Paulista	Versão 1	03
Comissão da Verdade	Heloísa Starling	Assessora da Comissão	Versão 1	01
Comissão da Verdade	Maria Rita	Psicanalista e Conselheira da Comissão	Versão 1	02
Revista Piauí	Julia Duailibi	Jornalista	Versão 1	01
Comissão da Verdade	Rosa Cardoso	Advogado Criminalista e Conselheira da comissão	Versão 1	01
Comissão da Verdade	Paulo Sérgio Pinheiro	Cientista Político e Conselheiro da Comissão	Versão 1	01
				Total: 13

Exemplo de Relato de Versão 1, problema 1:

Os filmes, segundo a pesquisadora, “em momento algum diziam frontalmente: ‘Vamos derrubar o Jango.’ Diziam: o setor tal está precário, o setor tal está sem recurso do governo. Com isso, iam fomentando o sentimento de insatisfação. Foi assim que chegaram a 1964 com pleno domínio da opinião pública no sentido de inculcar que o país estava um caos” (Fonte: Denise Assis).

“O depoimento do ex-governador é reproduzido no documentário Cidadão Boilesen, no qual ele fala da ajuda dos empresários ao 2º Exército, que, na “penúria”, precisava reagir à “implantação da República Socialista do senhor Jango Goulart” (Fonte: Não Identifica).

“Entre 1971 e 1978, Mattos compareceu, às vezes por até três horas, ao prédio, comandado pelo truculento delegado Sérgio Paranhos Fleury. Não se sabe o que fazia por lá, mas suspeita-se que Figueiredo ajudava a recolher as famosas “caixinhas” entre os empresários paulistas.”(Fonte: Não identifica).

PROBLEMA 2

Dentro dos relatos de Contexto do problema 1, as fontes que se destacaram foram as seguintes:

Relato de Contexto, problema 2 ‘A Verdade da Comissão’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Fonte não identificada	-----	-----	Contexto	01
				Total: 01

Exemplo de Relato de Contexto, problema 1:

“Estima-se que ao todo 20 milhões de páginas serão digitalizadas e colocadas para consulta pública no Arquivo Nacional, ao custo de pelo menos 2,8 milhões de reais. O mais importante, porém, são os arquivos militares, e eles continuam desaparecidos” (Fonte: Não identificada).

Relato de Crítica 1, problema 2 ‘A Verdade da Comissão’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Fonte não identificada	-----	-----	Crítica 1	01
Assembleia Paulista	Adriano Diogo	Presidente da Comissão da Assembleia Paulista	Crítica 1	03
Vale	Maria Rita	Psicanalista e Conselheira da Comissão	Crítica 1	02
Outros	Marlon Weichert	Procurador Regional da República em São Paulo	Crítica 1	01
Revista Piauí	Julia Duailibi	Jornalista	Crítica 1	01
				Total: 08

Exemplo de Relato de Crítica 1, problema 2:

“E aí, em seguida, ela demitiu de uma maneira muito ruim, muito rude, o nosso secretário-executivo, o Pedro Pontual, que era ótimo. E colocou o André Sabóia, que está lá até hoje. Aí mandei a carta para todos os membros, o que eu não deveria ter feito.” O desenho da Comissão, um colegiado com coordenação rotativa, é apontado como um dos maiores empecilhos a seu desempenho” (Fonte: Maria Rita).

“Pouco antes, o próprio Neto reclamava da falta de estrutura e apoio ao grupo coordenado por Rosa Cardoso. Não tinha conseguido autorização para imprimir na gráfica da Assembleia o material que seria debatido na reunião, não obteve verba para

o lanche que foi distribuído. “Não conseguimos nem comprar passagem para o Pedro Campos [pesquisador e autor de *A Ditadura dos Empreiteiros*.” (Fonte: Adriano Diogo).

Relato de Norma, problema 2 ‘A Verdade da Comissão’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Fonte não identificada	-----	-----	Norma	01
				Total: 01

Exemplo de Relato de Norma, problema 2:

“Militares criticaram sua nomeação alegando que a Lei 12.528, de 2011, que criou a CNV, prevê a “imparcialidade” dos conselheiros. O grau de envolvimento e de interesse com os trabalhos da Comissão da Verdade varia entre seus membros” (Fonte: não identificada).

Relato de opinião 1, problema 2 ‘A Verdade da Comissão’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Assembléia Paulista	Ivan Seixas	Assessor da Comissão da Assembleia Paulista	Opinião 1	01
Vale	José Paulo Cavalcanti Filho	Advogado e Conselheiro da Comissão	Opinião 1	01
Vale	Heloísa Starling	Assessora da Comissão	Opinião 1	01
Vale	Maria Rita	Psicanalista e Conselheira da Comissão	Opinião 1	01
				Total: 04

Exemplo de Relato de Opinião 1, problema 2:

“Há uma diferença no modo como entendemos o trabalho da Comissão. Fonteles é aposentado e mora em Brasília. Ele ia para o Itamaraty das oito da manhã às cinco da tarde. E queria que eu fosse junto. Isso é função para assessor, não para membro da Comissão”, argumentou Cavalcanti” (Fonte: José Paulo Cavalcanti Filho).

“O problema em relação ao Claudio não era tornar público ou não. Existe sobre isso uma divisão na Comissão. Gente que acha que não deve falar, deixar tudo para o relatório. Eu, às vezes, dou entrevista. Não estou o tempo todo fazendo publicidade, mas não escondo o que estou pensando” (Fonte: Maria Rita).

“Para Heloísa Starling, assessora da Comissão que pesquisa o período, “não há nada mais importante que esses papéis”. “Faria qualquer coisa para pôr as mãos neles”, disse

ela, sorrindo, durante um seminário sobre os cinquenta anos do golpe, promovido pelo Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), em São Paulo” (Fonte: Heloísa Starling).

Relato de Versão 1, problema 2 ‘A Verdade da Comissão’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Outros	Ivo Herzorg	Filho do Jornalista Vladimir Herzog	Versão 1	01
Fonte não identificada	-----	-----	Versão 1	02
Comissão da Verdade	José Paulo Cavalcanti Filho	Advogado e Conselheiro da Comissão	Versão 1	01
				Total: 04

Exemplo de Relato de Versão 1, problema 2:

“Algumas pessoas estão se dedicando de maneira muito intensa. A Maria Rita Kehl, se você mandar um e-mail para ela, recebe uma resposta automática dizendo que nos próximos anos ela está na CNV, para não procurá-la. A Rosa, vejo sempre participando. Paulo Sérgio está lá, enrolado com as coisas dele, com a ONU, com as guerras no Oriente Médio. Mas quando está aqui ele se dedica fortemente. E acabou”, (Fonte: Ivo Herzorg).

“A maioria foi contra, mas ele ignorou e lançou na rede mais de 150 páginas sobre suas incursões ao Arquivo Nacional, em Brasília. “Com aquele temperamento que é um vulcão, o Paulo Sérgio tinha pedido para o Fonteles não publicar esses textos. E ele publicou. Foi um horror, tinha imprecisão de tudo quanto é tipo”, lembrou Cavalcanti” (Fonte: José Paulo Cavalcanti Filho).

“Como a Comissão tem o poder de convocar testemunhas, Ustra foi obrigado a comparecer. Estava acompanhado de militares da reserva, entre os quais o general Luiz Adolfo Sodré de Castro, que até 2011 era o comandante militar do Planalto. Era a primeira vez que o coronel seria questionado sobre os crimes em frente às câmeras de tevê.”(Fonte: Não identificada).

PROBLEMA 3

Dentro dos relatos de Crítica 1 do problema 3, as fontes que se destacaram foram as seguintes:

Relato de Crítica 1, problema 3 ‘A Verdade da Comissão’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Outros	Renan Quinalha	Advogado	Crítica 1	03
Outros	Glenda Mezaroba	Cientista Política	Crítica 1	01
Fonte não identificada	-----	-----	Crítica 1	03
Assembleia Paulista	Marlon Weichert	Procurador Regional da República em São Paulo	Crítica 1	01
Comissão da Verdade	José Carlos Dias	Advogado e Conselheiro da Comissão	Crítica 1	01
				Total: 09

Exemplo de Relato de Crítica 1, problema 3:

“Os conselheiros não descartam que o STF, com uma composição diferente da de 2010, reveja a questão, principalmente porque depois da votação veio, no mesmo ano, a condenação do Brasil pela Corte Interamericana de Direitos Humanos, da Organização dos Estados Americanos, por não ter punido os responsáveis pelo desaparecimento de 62 militantes da Guerrilha do Araguaia, entre 1972 e 1974” (Fonte: Não identificada).

O texto diz que as investigações deveriam se debruçar sobre um período de 42 anos, de 1946 a 1988. Em mais uma concessão no Congresso, não se especificou que o alvo dos trabalhos seriam os crimes cometidos pelos militares. Com base nessa imprecisão, José Carlos Dias soltou que o grupo investigaria “os dois lados” (Fonte: José Carlos Dias).

“Há uma responsabilidade assumida em abstrato. O Estado reconhece que a pessoa morreu em suas dependências, mas não indica exatamente por que razões essas pessoas foram mortas, quem são os envolvidos, onde estão os restos mortais. Não há uma concretização dessa assunção de responsabilidade. Nunca houve um pedido de retratação das Forças Armadas”, (Fonte: Renan Quinalha).

Relato de Impressão, problema 3 ‘A Verdade da Comissão’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Comissão da Verdade	Rosa Cardoso	Advogada Criminalista e	Impressão	01

		Conselheira da Comissão		
				Total: 01

Exemplo de Relato de Impressão, problema 3:

“Suas posições, que não hesita em tornar públicas, lhe renderam a simpatia dos familiares de mortos e desaparecidos, mas também muitas críticas dos colegas da Comissão. “A minha compreensão é a de que esse é um trabalho coletivo, e alguns não entendem isso”, disse Rosa, na sala de reuniões de seu escritório, no 7º andar de um prédio no Centro do Rio, numa tarde de fevereiro”. (Fonte: Rosa Cardoso).

Relato de opinião 1, problema 3 ‘A Verdade da Comissão’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Outros	Marlon Weichert	Procurador Regional da República em São Paulo	Opinião 1	01
Comissão da Verdade	José Paulo Cavalcanti Filho	Advogado e Conselheiro da Comissão	Opinião 1	02
Comissão da Verdade	Pedro Dalari	Advogado e Conselheiro da Comissão	Opinião 1	02
				Total: 05

Exemplo de Relato de opinião 1, problema 3:

“E continuou, em tom mais irônico: “Os holofotes são poderosos, nem todo mundo resiste. A carne é fraca... Eu já passei da idade. Tenho 65 anos, mas a profissão me dá 200.” Em reuniões internas, mais de uma vez Cavalcanti chamou o golpe de 64 de “revolução”. Foi corrigido pelos colegas. (Fonte: José Paulo Cavalcanti Filho).

“Num discurso que tempera pragmatismo com jargões administrativos, ele minimiza o mérito das recomendações finais: “Embora importantes, as recomendações são opiniões, sugestões. O que será determinante é a consistência do relato. Esse é o core business.” Para Dallari, “mais do que isso” a Comissão não pode fazer”. (Fonte: Pedro Dalari).

Relato de Opinião 2, problema 3 ‘A Verdade da Comissão’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Outros	Marlon Weichert	Procurador da República em São Paulo	Opinião 2	01
				Total: 01

Exemplo de Relato de Opinião 2, problema 3:

Relato de Posição 1, problema 3 ‘A Verdade da Comissão’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Comissão da Verdade	Rosa Cardoso	Advogada Criminalista e Conselheira da Comissão	Posição 1	02
				Total: 01

Exemplo de Relato de Posição 1, problema 3:

“Na CNV, Rosa é dona das posições mais firmes – ou radicais, a depender do interlocutor. Quer, por exemplo, que a Comissão defenda em seu relatório final a revisão da Lei da Anistia, que hoje impede o julgamento de ex-militares que tenham cometido crimes contra a humanidade, como torturas, assassinatos e ocultação de cadáveres” (Fonte: Rosa Cardoso).

“Não é o que pensa a maioria dos conselheiros – apesar de questionarem a lei de 1979, eles consideram que essa é uma discussão do Congresso e do Judiciário. Rosa também é a favor de divulgar os nomes de agentes públicos que cometeram os crimes e defende a revisão do currículo das escolas militares” (Fonte: Rosa Cardoso).

Relato de Versão 1, problema 3 ‘A Verdade da Comissão’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Outros	Cláudio Guerra	Ex delegado	Versão 1	01
Outros	Ivo Herzorg	Filho do jornalista Vladimir Herzog	Versão 1	01
Outros	Marlon Weichert	Procurador Regional da República em São Paulo	Versão 1	01
Outros	José Paulo Cavalcanti Filho	Advogado e Conselheiro da Comissão	Versão 1	01
				Total: 04

Exemplo de Relato de Versão 1, problema 3:

“Os outros três integrantes tergiversam. “Nós já tínhamos acertado que não iríamos discutir publicamente as recomendações finais do relatório. Que iríamos postergar os elementos desagregadores. Mas a Rosa, durante o balanço de um ano da Comissão, anunciou para o país que íamos recomendar a revisão da lei”, reclamou Cavalcanti.

(Fonte: José Paulo Cavalcanti Filho).

A nova versão do documento registra como causa da morte não o infame “suicídio”, mas “lesões e maus-tratos sofridos na dependência do II Exército de São Paulo (DOI-Codi)”. “O atestado ia mudar com ou sem comissão. A gente ia pegar os advogados e fazer”, disse-me Ivo Herzog. (Fonte: Ivo Herzog).

Nesse período, os ossos foram analisados por diferentes equipes de antropologia forense, ficaram trancafiados em armários e chegaram a ser danificados devido a uma inundação num laboratório de Campinas. “É terrível. Quase todas as mães já morreram. Agora são os irmãos e os filhos que pedem a identificação de parentes”, afirmou o procurador. (Fonte: Marlon Weichert).

Em 2012, o ex-delegado Cláudio Guerra, do Dops, deu depoimento para um livro no qual sustenta que Fernando estava entre os dez militantes que, mortos em tortura, foram incinerados nos fornos da usina de açúcar Cambahyba, no Rio, que pertencia ao empresário Heli Ribeiro Gomes, ex vice-governador do Estado. (Fonte: Cláudio Guerra).

MATÉRIA 4 ‘CACOS DA VELHA POTÊNCIA’

PROBLEMA 1

Dentro dos relatos de Contexto do problema 1 as fontes que se destacaram foram as seguintes:

Relato de Contexto, problema 1 ‘Cacos da Velha Potência’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Fonte não identificada	-----	-----	Contexto	01
Universidade Wayne State	George Galster	Professor	Contexto	01
				Total: 02

Exemplo de Relato de Contexto, problema 1:

“Os sindicatos e os políticos destruíram a cidade. Mas agora há luz no fim do túnel”, comentou um empresário do ramo imobiliário, cuja mulher estava fantasiada de colombiana. “Detroit nunca mais será os carros, essa cena do Rivera ficou para trás”, disse, apontando para uma das paredes. “O caminho é tecnologia, criatividade e empreendedorismo.” (Fonte: Não identificada).

“Não vejo como reinventar um lugar ignorando as razões primordiais de como chegamos até aqui”, disse. O “até aqui” era a distopia absoluta. Nenhuma outra cidade americana – com exceção de Nova Orleans, destruída pelo furacão Katrina em 2005 – sofreu uma

devastação do quilate de Detroit. Não só a ruína urbana, mas socioeconômica, financeira, fiscal” (Fonte: Geroge Galster/Professor).

Relato de Crítica 1, problema 1 ‘Cacos da Velha Potência’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Outros	Ryan C. Doyle	Artista Plástico	Crítica 1	01
Outros	Twana Brookins	Desempregada	Crítica 1	01
Fonte não identificada	-----	Empresário Imobiliário	Crítica 1	01
Outros	Joe Rashid	Funcionário da Brightmoor Alliance	Crítica 1	01
Outros	Ali Moiin	Médico	Crítica 1	01
Outros	L. Brooks Patterson	Republicano Administrador de Oakland	Crítica 1	02
Revista Piauí	Daniela Pinheiro	Jornalista	Crítica 1	01
Universidade Wayne State	George Galter	Professor	Crítica 1	01
Universidade Wayne State	Peter Hammer	Professor	Crítica 1	05
				Total: 14

Exemplo de Relato de Crítica 1, problema 1:

“Entre eles, Twana Brookins, de 42 anos, que mora na vizinhança, tem duas filhas, vive com 200 dólares por mês de auxílio do governo e está desempregada. Perguntei o que ela havia achado da palestra. “Ótima, mas muita gente se incomoda com algumas dessas ideias. Saímos há pouco tempo da escravidão e eles nos sugerem plantar alface?” (Twana Brookins/Desempregada)

‘Mas foi olhar pela janela e avistei os destroços da Michigan Central Station, um monumento neoclássico com 900 janelas, todo pichado, de onde o último passageiro desembarcou em 1988. Para Kim, Detroit é uma “sucessão de erros de gestão”, ocorrida sobretudo nos últimos quarenta anos” (Daniela Pinheiro/Jornalista)

“Branco e ativista gay, ele é uma das vozes mais críticas contra as mudanças em curso na cidade. “Esse plano é péssimo para a população carente”, disse na abertura de seu discurso. Segundo ele, o plano ignorava o que chamou de os três erros: raça, regionalismo e reconciliação. O racismo, segundo ele, era o ponto nevrálgico de qualquer discussão sobre Detroit” (Fonte: Peter Hammer/Professor).

“Segundo Patterson, os subúrbios “não tinham nada a ver com anos de corrupção em Detroit”. Lá pelas tantas, orgulhoso, chegou a reproduzir para a repórter uma frase de sua lavra que julgava espirituosa. Anos antes, previra que a saída de Detroit era se

transformar numa reserva indígena. “Daí a gente levanta uma cerca, joga por cima o milho e os cobertores...” (L. Brooks Patterson/ Republicano Administrador de Oakland).

Relato de Macro-Posição1, problema 1 ‘Cacos da Velha Potência’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Detroit	Ken Cockrel	Diretor do projeto	Macro-Posição 1	05
Detroit	Tom Lewand	Secretário de Empregos e Desenvolvimento Econômico	Macro-Posição 1	01
Revista Piauí	Daniela Pinheiro	Jornalista	Macro-Posição 1	01
				Total: 07

Exemplo de Relato de Macro-Posição 1, problema 1:

“Em Detroit, costumam ser brancos. Lançado com alarde há um ano, o Detroit Cidade do Futuro é um plano de metas encampado pela prefeitura para reinventar a cidade nos próximos cinquenta anos. Foi elaborado por um grupo de arquitetos, urbanistas, cientistas políticos e sociólogos, financiados por fundações privadas” (Fonte: Daniela Pinheiro/Jornalista)

“O trabalho consumiu dois anos e, segundo a equipe, foram ouvidos 30 mil cidadãos em centenas de debates públicos. O secretário de Empregos e Desenvolvimento Econômico de Detroit, Tom Lewand, disse aos jornais que o plano era sua “bíblia”. Pela proposta, Detroit vai se tornar um Vale do Silício meio hippie, meio boêmio, meio cabeça”. (Fonte: Tom Lewand)

“Um polo de empresas de tecnologia, ateliês de artistas plásticos, reduto de promissores escritores rodeado por um paraíso ecológico e sustentável. “Será um novo paradigma da vida nas cidades”, comentou o diretor do projeto, Ken Cockrel – um gigante que lembrava um jogador da liga de basquete – na solenidade de inauguração da nova sede da organização, em fevereiro”. (Fonte: Ken Cockrel).

Relato de Macro-Posição 2, problema 1 ‘Cacos da Velha Potência’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Outros	Ryan C. Doyle	Artista Plástico	Macro-Posição 2	01
				Total: 01

Exemplo de Relato de Macro-Posição 2, problema 1:

“Dentre sua produção, destaca-se uma obra coletiva, um barco construído com lixo – com o qual desembarcou na Bienal de Veneza em 2009 – e, recentemente, um dragão de metal de 6 metros de altura que se movimenta soltando fogo pela boca. “Eu seria preso em qualquer outro lugar. Chamariam bombeiro, polícia. Mas aqui é Detroit. Tudo é permitido”, disse” (Fonte: Ryan C. Doyle/Artista Plástico).

Relato de Norma, problema 1 ‘Cacos da Velha Potência’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Outros	Joe Rashisd	Funcionário da Brightmoor Alliance	Norma	01
				Total: 01

Exemplo de Relato de Norma, problema 1:

“Logo após o anúncio do plano de reestruturação da cidade, o fantasma da realocação passou a assombrar os moradores. Há décadas, Detroit se vale de uma lei municipal para remover residentes que ocupem áreas destinadas a projetos de renovação urbana e desenvolvimento econômico” (Joe Rashird/Funcionário da Brightmoor Alliance).

Relato de Opinião 1, problema 1 ‘Cacos da Velha Potência’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Jornal Deadline Detroit	Bill Mcgraw	Colunista	Opinião 1	01
				Total: 01

Exemplo de Relato de Opinião 1, problema 1:

“A repercussão foi a pior possível, mas ele manteve a declaração. “O maior incômodo foi que, de fato, sabe-se que Patterson deu voz ao pensamento de boa parte da elite branca que orbita em volta da negra Detroit”, disse-me o colunista Bill McGraw, do jornal Deadline Detroit.” (Fonte: Bill Mcgraw)

Relato de Posição 1, problema 1 ‘Cacos da Velha Potência’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Fonte não identificada	-----	Empresário Imobiliário	Posição 1	01
Brightmoor Alliance	Kirk Mayes	Diretor	Posição 1	01
Revista Piauí	Daniela Pinheiro	Jornalista	Posição 1	03
Turismo Show Me Detroit Tours	Kim Rusinow	Proprietária	Posição 1	01
				Total: 06

Exemplo de Relato de Posição 1, problema 1:

Na semana anterior, ela havia acompanhado um casal de paulistanos. “As pessoas chegam aqui e baixam a voz para dizer: ‘Quero ver as ruínas’, como se estivessem falando um palavrão. Querer ver só isso é como querer ler meio livro”, comentou. “Eu mostro a Detroit que está dando certo porque é isso que vivemos hoje. Se quiserem ver escombros, procurem outras empresas que fazem isso”, disse. (Kim Rusinow/Proprietária).

“Durante anos, Brightmoor era a terra dos fracassados. Nunca prestaram atenção em nós porque aqui não tem prédio bonito, de valor histórico”, trovejou. Da plateia vinham gritos de “Amém”, palmas, assobios. Ele disse que o plano Detroit Cidade do Futuro trazia “uma esperança” e que os moradores deviam se engajar” (Kirk Mayes/ Diretor)

Relato de Propósito, problema 1 ‘Cacos da Velha Potência’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Outros	Joe Raschid	Funcionário da Brightmoor Alliance	Propósito	01
				Total: 01

Exemplo de Relato de Propósito, problema 1:

“Nosso trabalho é engajar os moradores em atividades que gerem emprego, como a ideia de agricultura urbana”, comentou. “Mas, depois de tanto tempo de abandono, é difícil mobilizar gente.” (fonte: Joe Raschild/Funcionário).

Relato de Posição 2, problema 1 ‘Cacos da Velha Potência’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Outros	Ryan C. Doyle	Artista Plástico	Posição 2	01
				Total: 01

Exemplo de Relato de Posição 2, problema 1:

“Dentre sua produção, destaca-se uma obra coletiva, um barco construído com lixo – com o qual desembarcou na Bienal de Veneza em 2009 – e, recentemente, um dragão de metal de 6 metros de altura que se movimenta soltando fogo pela boca. “Eu seria preso em qualquer outro lugar. Chamariam bombeiro, polícia. Mas aqui é Detroit. Tudo é permitido”, disse” (Fonte: Ryan C. Doyle)

Relato de Tese 1, problema 1 ‘Cacos da Velha Potência’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Outros	José Alexandre Scheinkman	Economista	Tese 1	04
Outros	Eillian Julius Wilson	Sociólogo	Tese 1	01
				Total: 05

Exemplo de Relato de Tese 1, problema 1:

“Não faltam argumentos para explicar o que aconteceu em Detroit: a falência da indústria automobilística americana, a desindustrialização, a fuga dos brancos para o subúrbio, a corrupção dos governantes, o inchaço da máquina pública, a ganância dos sindicatos de trabalhadores” (fonte: José Alexandre)

“Um dos maiores estudiosos da questão racial no país, o sociólogo americano William Julius Wilson, da Universidade Harvard, pregava: quando uma minoria perde a referência ou deixa de ser representada por uma elite intelectual, ela tende a desaparecer” (Fonte: Eillian Julius Wilson).

Relato de Valoração Negativa, problema 1 ‘Cacos da Velha Potência’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
-------	--------	-------	--------	------------

Fonte não identificada	-----	-----	Valoração Negativa	01
				Total: 01

Exemplo de Relato de Valoração Negativa, problema 1:

“Por todo lado, o visitante se depara com restos de casas, edifícios, fábricas, bancos, farmácias, livrarias, restaurantes, escolas, hospitais, igrejas, sinagogas – que, cobertos pela neve do inverno mais rigoroso dos últimos vinte anos, tornavam a paisagem ainda mais melancólica. // Em contraste com o cenário de apocalipse pós-industrial, resplande a Detroit das oportunidades” (Fonte: não identificada).

Relato de Versão1, problema 1 ‘Cacos da Velha Potência’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Fonte não identificada	-----	Empresário Imobiliário	Versão 1	01
Local 22	George Mcgregor	Presidente	Versão 1	01
				Total: 02

Exemplo de Relato de Versão 1, problema 1:

“Os sindicatos e os políticos destruíram a cidade. Mas agora há luz no fim do túnel”, comentou um empresário do ramo imobiliário, cuja mulher estava fantasiada de colombina. “Detroit nunca mais será os carros, essa cena do Rivera ficou para trás”, disse, apontando para uma das paredes. “O caminho é tecnologia, criatividade e empreendedorismo.” (Fonte: Não identificada)

“Agora é fácil botar a culpa nos sindicatos. Bom é ser operário na China, não é?”, disse, às gargalhadas. Quando perguntei se era verdade a história do Viagra para os operários, ele apenas riu. “Olha, as empresas não querem pagar nada, a prefeitura não quer pagar nada. Falar que não existe dinheiro para pagar as pensões dos aposentados é mentira.” (Fonte: George Mcgregor).

PROBLEMA 2

Dentro dos relatos de Contexto do problema 1, as fontes que se destacaram foram as seguintes:

Contexto, problema 2 ‘Cacos da Velha Potência’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
-------	--------	-------	--------	------------

Fonte não identificada	-----	Arquiteto	Contexto	01
				01
				Total: 02

Exemplo de Relato de Contexto, problema 1:

“Um xeque árabe – de fato, um arquiteto loiro – engrossou o coro. “Até a Vogue está vindo fazer uma matéria. Somos o novo Brooklyn”, falou, referindo-se ao badalado bairro nova-iorquino. Detroit parecia a terra das oportunidades” (Fonte: Não identificada).

Crítica 1, problema 2 ‘Cacos da Velha Potência’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Universidade Wayne State	George Galster	Professor	Crítica 1	01
				Total: 01

Exemplo de Relato de Crítica 1, problema 1:

“Quando ouço a palavra ‘Detroit’ ser pronunciada junto ao substantivo ‘oportunidade’, eu sempre me pergunto: ‘Oportunidade para quem?’”, comentou o professor George Galster, da Universidade Wayne State, autor do livro Driving Detroit, uma saga épica sobre o desmantelo local, durante um passeio de carro pela cidade. (Fonte: George Galster)

Posição 1, problema 2 ‘Cacos da Velha Potência’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Fonte não identificada	-----	Arquiteto	Posição 1	01
Outros	Steven Mcshane	Escultor	Posição 1	01
				Total: 02

Exemplo de Relato de Posição 1, problema 1:

“Não quer dizer nada. Na nossa geração, essa questão do racismo está superada. Isso é uma coisa dos nossos pais, que ainda têm problemas com esse assunto”, disse o escultor Steven McShane, que também tinha se tornado um latifundiário. Falou-se sobre como seria a vida em Detroit em quinze anos. (Fonte: Steven Mcshane).

Posição 2, problema 2 ‘Cacos da Velha Potência’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Outros	Steven Mcshane	Escultor	Posição 2	01
				Total: 02

Exemplo de Relato de Posição 1, problema 1:

“Estamos criando nossa própria maneira de viver aqui. Pode ser desde ensinar os filhos em casa, abolir as escolas, vai saber. Aqui temos uma autonomia temporária porque tudo é tão disfuncional que acabamos achando nossas próprias soluções”, disse” (Fonte: Steven Meshane).

PROBLEMA 4

Dentro dos relatos de Crítica 1 do problema 4, as fontes que se destacaram foram as seguintes:

Crítica 1, problema 4 ‘Cacos da Velha Potência’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Outros	Ryan C. Doyle	Artista Plástico	Crítica 1	01
Fonte Não Identificada	-----	-----	Crítica 1	01
				Total: 02

Exemplo de Relato de Crítica 1, problema 1:

Com quase 2 metros de altura e cara de poucos amigos, Doyle – que tem uma filha chamada Dynamite – criticava o plano de reestruturação e os benfeitores privados da cidade. “Eles são equivocados em tudo. Só reformam loft porque acham que artista só mora em loft, e é para nós que eles querem vender”, comentou virando um copo de cerveja. (Fonte: Ryan C. Doyle).

“Todos os investimentos de Gilbert estão exatamente na área em que o plano de revitalização propunha ser a prioridade de verbas públicas. Ainda que ele esteja investindo pesado no Centro, em todos os projetos – como a construção de um Veículo Leve sobre Trilhos, o M-1, que vai passar na porta das firmas do grupo –, o governo entra com a parte mais vultosa”. (Fonte: Não identificada).

Macro-Posição 1, problema 4 ‘Cacos da Velha Potência’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Camãra Regional de Detroit	James Martinez	Diretor de Comunicações	Macro-Posição 1	01
Empresa de Turismo Show Me Detroit Tours	Kim Rusinow	Proprietária	Macro-Posição 1	02
				Total: 03

Exemplo de Relato de Macro-Posição 1, problema 4:

“Para compreender Detroit, sustentou, era preciso entender o voluntariado e os grandes benfeitores da cidade. “Tudo mudou graças ao dinheiro deles, não foi o governo.” Como um Plano Marshall privado, os bolsões de revitalização urbana são financiados por corporações, empresas privadas, investidores bilionários, fundações e organizações não governamentais. (Fonte: Kim Rusinow).

“Os empresários apostam que são essas pessoas que vão mudar a cara de Detroit e construir o que está sendo semeado aqui”, disse-me dias depois James Martinez, diretor de Comunicações da Câmara Regional de Detroit. (Fonte: James Martinez).

Posição 1, problema 4 ‘Cacos da Velha Potência’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Camãra Regional de Detroit	James Martinez	Diretor de Comunicações	Posição 1	01
Empresa de Turismo Show Me Detroit Tours	Kim Rusinow	Proprietária	Posição 1	01
				Total: 02

Exemplo de Relato de Posição 1, problema 4:

“Todo mundo sai ganhando”, comentou. Segundo Martinez, empresas e fundações investiram 12 bilhões de dólares na cidade nos últimos oito anos. Um terço bancado pelo empresário Dan Gilbert, dono da Quicken Loans, a maior empresa do país de concessão de crédito imobiliário pela internet (Fonte: James Martinez).

“Eles pagam a demolição de prédios, a limpeza das ruas, a compra de carros de polícia e ambulâncias. Bancam generosas bolsas de trabalho e premiam iniciativas de planejamento urbano, empresariais e artísticas”. (Fonte: Kim Rusinow).

PROBLEMA 5

Dentro dos relatos de crítica 1 do problema 5, as fontes que se destacaram foram as seguintes:

Crítica 1, problema 5 ‘Cacos da Velha Potência’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Instituto de Artes de Detroit	Graham W. J. Beal	Diretor	Crítica 1	01
				Total: 01

Exemplo de Relato de Crítica 1, problema 5:

“Mas via com desconfiança a ideia de valorizar apenas alguns bairros. Ele citou o exemplo de São Francisco, onde os milionários do Vale do Silício ocuparam o Centro da cidade, fizeram o valor dos imóveis disparar e criaram uma sociedade à parte, até mesmo com linhas de ônibus particulares” (Fonte: Graham W. J. Beal).

PROBLEMA 6

Dentro dos relatos de crítica 1 do problema 6, as fontes que se destacaram foram as seguintes:

Crítica 1, problema 6 ‘Cacos da Velha Potência’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Local 22	George Mcgregor	Presidente	Crítica 1	02
				Total: 02

Exemplo de Relato de Crítica 1, problema 6:

“Eles estão conseguindo acabar com o sindicalismo e convencer a população que ter direito trabalhista é nocivo. Mas, sem eles, essa cidade nem sequer teria existido.” No final de abril, descobriu-se que o governo do Tennessee havia oferecido 300 milhões de dólares em incentivos fiscais para que a Volkswagen abrisse mais uma fábrica no estado” (Fonte: George Mcgregor).

Versão 1, problema 6 ‘Cacos da Velha Potência’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Outros	Bill Nowling	Publicitário	Versão 1	01
				Total: 01

Exemplo de Relato de Versão 1, problema 6:

“Durante anos, a receita da cidade foi canibalizada para pagar a folha de pagamento em vez de providenciar serviços básicos para a população”, disse o porta-voz de Orr, o publicitário Bill Nowling, um sujeito boa praça, eficiente, e uma versão compacta do ator James Gandolfini. “Era uma bomba-relógio. Até que demorou para explodir”, comentou” (Fonte: Bill Nowling).

MATÉRIA 5 “A AFILHADA REBELDE”

Dentro dos relatos de crítica 1 do problema 1, as fontes que se destacaram foram as seguintes:

Crítica 1, problema 1 ‘A Afilhada Rebelde’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Fonte não identificada	-----	Assessor da Presidência	Crítica 1	01
Fonte não identificada	-----	Dirigente do PT	Crítica 1	01
Fonte não identificada	-----	Ex-Integrante da Equipe Econômica	Crítica 1	03
Fonte não identificada	-----	Ex-Ministro do Governo Lula	Crítica 1	01
Fonte não identificada	-----	-----	Crítica 1	05
Fonte não identificada	-----	Um interlocutor próximo a Lula	Crítica 1	01
				Total: 12

Exemplo de Relato de Crítica 1, problema 1:

“Dilma não liberava dinheiro, dificultava a distribuição de cargos, não recebia os políticos, não respondia aos empresários. Um assessor da Presidência resumiu as razões do comportamento: “Ela achava que já sabia o que eles iam pedir ou reclamar. Então, na cabeça dela, não tinha que gastar tempo com isso.” (Fonte: Assessor da Presidência).

“Aos poucos, as reuniões ministeriais também foram minguando. Desde a posse, todos os ministros haviam sido proibidos de falar com a imprensa. Qualquer declaração oficial, só por meio do porta-voz ou da própria presidente”. (Fonte não identificada).

“Esse método prejudicou muito porque ninguém tinha coragem, ânimo ou saco de se contrapor a ela. A ausência do contraditório fez com que ela embarcasse em muitas canoas furadas”, comentou um ex-integrante da equipe econômica do governo, em meados de setembro, durante um almoço, no Rio. “Na econômica, por exemplo”, disse” (Fonte: Ex-Integrante da Equipe Econômica)

“O voluntarismo, as opiniões fortes, o temperamento irascível, a inexperiência política e até o vocabulário prolixo, de falas longas e enfadonhas, permeadas de termos técnicos. Um dos mais próximos interlocutores de Lula disse ter sempre defendido que ela precisava de “assessoria emocional” para ser presidente”. (Fonte: Um interlocutor próximo a Lula).

Crítica 2, problema 1 ‘A Afilhada Rebelde’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Fonte não identificada	-----	Empresário	Crítica 2	01
Fonte não identificada	-----	-----	Crítica 2	01

				Total: 02
--	--	--	--	-----------

Resposta, problema 1 ‘A Afilhada Rebelde’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Fonte não identificada	-----	Assessores	Resposta	01
Fonte não identificada	-----	-----	Resposta	02
				Total: 03

Exemplo de Relato de Resposta, problema 1:

“Todos nós aqui sabemos que cada um de nós escolhe – a vida faz a gente escolher – alguma das datas em que a gente nunca vai esquecer dessa data.”

Assessores afirmam que, quando escreve, ela é clara, objetiva e focada. (Fonte: Assessores)

“Sou uma mulher dura cercada de homens meigos”, Dilma aprendeu a repetir desde a campanha de 2010, sempre que seu temperamento era questionado. Acertos da equipe nunca são comemorados, não passam de obrigação; desculpas, sinal de fraqueza; dúvidas, prova de desconhecimento” (Fonte não identificada).

Versão 1, problema 1 ‘A Afilhada Rebelde’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Outros	Rui Falcão	Presidente da Legenda	Versão 1	01
				Total: 01

Exemplo de Relato de Versão 1, problema 1:

Em uma tarde na sede do Partido dos Trabalhadores, o presidente da legenda, Rui Falcão, falava sobre as críticas à gestão econômica. “Por má vontade ou desinformação, ela é acusada de ser intervencionista, mas, na verdade, ela tomou decisões que beneficiaram a população, não acionistas ou empresários”, comentou. “Por que a grita? Porque muita gente rica, pela primeira vez, perdeu dinheiro.” (Fonte: Rui Falcão)

Versão 2, problema 1 ‘A Afilhada Rebelde’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
-------	--------	-------	--------	------------

Fonte não identificada	-----	-----	Versão 2	05
Fonte não identificada	-----	Ministro Tucano e Petista	Versão 2	01
				Total: 06

Exemplo de Relato de Versão 2, problema 1:

Há quem veja nesse comportamento um eco do próprio passado. Dilma foi torturada pela ditadura e ficou presa durante três anos. “A cabeça dela é a cabeça de célula, de aparelho, como se ainda estivéssemos na luta armada, com gente do nosso lado podendo nos trair ou gente atrás de nós querendo nos pegar”, disse um ministro que passou pelos governos tucano e petista. (Fonte: Ministro Tucano e Petista).

Detalhe: só as besteiras. Dilma não confia, não delega, não divide informação sobre o governo com o próprio time. Nas reuniões, avisava aos presentes: “Nem todo mundo vai saber de tudo. A informação aqui será compartimentada. Quem tem que saber de tudo sou eu, não vocês.” (Fonte: não identificada).

PROBLEMA 2

Dentro dos relatos de crítica 2 do problema 2, as fontes que se destacaram foram as seguintes:

Crítica 2, problema 2 ‘A Afilhada Rebelde’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Fonte não identificada	-----	-----	Crítica 2	01
				Total: 01

Exemplo de Relato de Crítica 2, problema 2:

“Petistas mais mordazes comentam que ela herdou tudo do brizolismo, menos a qualidade: a coragem de enfrentar a TV Globo.” (Fonte: Não identificada).

Versão 1, problema 2 ‘A Afilhada Rebelde’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Fonte não identificada	-----	-----	Versão 1	01
Fonte não identificada	-----	Ex-Assessora da Presidente	Versão 1	01

				Total: 02
--	--	--	--	-----------

Exemplo de Relato de Versão 1, problema 2:

“Os petistas se sentiam sem uma cúmplice. E Lula, às vezes, idem. Quando estourou o caso Rosemary Noronha – funcionária da Presidência em São Paulo, apontada como “amiga íntima” de Lula e acusada de tráfico de influência –, Dilma nem titubeou. “Ela mandou demitir na hora, não quis nem saber”, contou uma ex-assessora da presidente” (Fonte: Ex-Assessora da Presidente).

“A todo tempo, os petistas trazem à tona que Dilma nunca pensou, desejou, quis ou se preparou para ser presidente da República. Repetem que ela se comportava como alguém independente, que não havia entendido que na verdade era apenas parte de um projeto político mais amplo”. (Fonte: não identificada).

PROBLEMA 3

Dentro dos relatos de crítica 1 do problema 3 a fonte que se destacaram foram as seguintes:

Crítica 1, problema 3 ‘A Afilhada Rebelde’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Fonte não identificada	-----	-----	Crítica 1	01
Outros	Nelson Jobim	Ministro da Defesa	Crítica 1	01
				Total: 02

Exemplo de Relato de Crítica 1, problema 3:

A nomeação repercutiu mal no entorno, que ficou com a impressão de que as duas eram “café com leite”: não tinham pulso firme ou estofo político. Como verbalizou o então ministro da Defesa, Nelson Jobim, a Piauí, em agosto de 2011: “Ideli é muito fraquinha e Gleisi nem sequer conhece Brasília.” (Fonte: Nelson Jobim)

Resposta, problema 3 ‘A Afilhada Rebelde’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Fonte não identificada	-----	-----	Resposta	01
				Total: 01

Exemplo de Relato de Resposta, problema 3:

“A presidente tinha suas razões. Primeiro, não queria outro “superministro” para lhe fazer frente – Palocci era uma exceção. Até o último minuto, Lula garantiu ao titular da Casa Civil que ele ficaria no cargo, mas Dilma sepultou a hipótese” (Fonte: Não identificada).

Versão1, problema 3 ‘A Afilhada Rebelde’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Fonte não identificada	-----	Advogado ligado ao partido	Versão 1	01
				Total: 01

Exemplo de Relato de Versão 1, problema 3:

Desde que pescando no píer da Presidência, o entourage, os salamaleques, o poder. Dizia que Lula ainda era a única pessoa capaz de manter o país nos trilhos. Fazia coro com o Serpentário do Ipiranga. “Ele sempre quis voltar, a Marisa queria que ele voltasse, os filhos queriam e boa parte do PT também”, disse-me um advogado de renome ligado ao partido, em seu escritório, em deixara o Alvorada, Marisa Letícia sentia falta da rotina brasileira – as manhãs de São Paulo. (Fonte: Advogado ligado ao partido).

Versão 2, problema 3 ‘A Afilhada Rebelde’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Outros	Giles Azevedo	Ex-Chefe de Gabinete da Presidente	Versão 2	03
				Total: 03

Exemplo de Relato de Versão 2, problema 3:

“Ela quer resolver, não quer gastar tempo com firula.” Segundo ele, a praticidade e a discrição da presidente eram uma novidade no cargo. “Ela trabalha para dentro. Não quer holofote, quer resultado, isso é uma coisa diferente na política brasileira.” (Fonte: Giles Azevedo)

Para ele, é um grande equívoco afirmar que Dilma não sabe fazer política. “Baixar os juros do sistema financeiro mexendo com lucros de banqueiros, desafiar interesses econômicos nos contratos de energia elétrica, criar a Comissão da Verdade, isso é não fazer política?”, indagou. “Ela fez isso sozinha.” (Fonte: Giles Azevedo)

PROBLEMA 4

Dentro dos relatos de crítica 2 do problema 4, as fonte que se destacaram foram as seguintes:

Crítica 2, problema 4 ‘A Afilhada Rebelde’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Fonte não identificada	-----	Ex-Auxiliar da Presidente	Crítica 2	01
Fonte não identificada	-----	-----	Crítica 2	01
Fonte não identificada	-----	Secretário do Governo	Crítica 2	01
				Total: 03

Exemplo de Relato de Crítica 2, problema 4:

Ele agradeceu. “Ela ia com o milho e eles voltavam com a pipoca. Ela não entendia o quão mais fundo era o buraco”, comentou uma ex-auxiliar da presidente. (Fonte: Ex-Auxiliar da Presidente).

Ele soube da notícia pela internet. “Ela só não esclareceu se também vai mudar. Se vai deixar de ministrar para começar a presidir”, disse um secretário do governo com status de ministro. (Fonte: Ex-Secretário do Governo).

Versão 1, problema 4 ‘A Afilhada Rebelde’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Outros	Paulo Teixeira	Deputado do PT de São Paulo	Versão 1	01
Outros	Giles Azevedo	Ex-Chefe de Gabinete da Presidente	Versão 1	02
Fonte não identificada	-----	-----	Versão 1	01
				Total: 04

Exemplo de Relato de Versão 1, problema 4:

“No Congresso, Dilma perdeu em várias votações relevantes para o governo. Com uma articulação política frágil, sem vocação para fazer o jogo da arraia-miúda, ela ficou à mercê do fisiologismo. “No segundo e terceiro anos de governo, como estava sem anteparo, ela se expôs muito”, comentou o deputado Paulo Teixeira, do PT de São Paulo, em seu gabinete na Câmara, em agosto.” (Fonte: Paulo Teixeira)

“Mas era fato que, depois de quase quatro anos de mandato, ela ainda precisava umbilicalmente de Lula para se eleger. “É difícil suceder o Lula. O carisma, o processo de transferência, é um peso muito grande”, afirmou Giles Azevedo. Segundo ele, qualquer candidato do partido estaria na mesma situação”. (Fonte: Giles Azevedo)

A relação de ambos, ele disse, para aplacar qualquer boato de desentendimento, era excelente. “Mas ela pensa, né?” (Fonte: Giles Azevedo).

Versão 2, problema 4 ‘A Afilhada Rebelde’

ÓRGÃO	PESSOA	CARGO	RELATO	QUANTIDADE
Outros	-----	-----	Versão 2	01
Outros	Maria das Graças Foster	Presidente da Petrobrás	Versão 2	01
Fonte não identificada	-----	Um Ministro do Governo	Versão 2	03
				Total: 05

Exemplo de Relato de Versão 2, problema 4

Comentei que gostaria de ouvir uma “voz amiga” da presidente, pois me surpreendia como seus assessores e interlocutores mais próximos reservavam a Dilma críticas tão ácidas e comentários tão ferinos. “É injusto com ela, muito injusto”, disse Foster logo no começo da conversa. “E isso acontece porque ela é justa e paga um preço alto por isso”, avaliou. (Fonte: Maria das Graças Foster)

Há quem enxergue na parceria uma declaração de independência em relação a Lula. Foi o que disse um ministro do governo durante um café da manhã, no final de agosto. “A impressão é que ela e Mercadante sequestraram nosso projeto e agora acham que podem melhorá-lo”, afirmou. (Fonte: Não identificada/Um ministro do Governo)

ANEXO

Matriz de Relatos

Os relatos são unidades da notícia. Uma notícia, para fins de nossa análise, deve ser dividida em relatos, unidades informativas menores, sobre as quais seja possível definir um objetivo, isto é, a intenção daquele fragmento em relação à notícia da qual faz parte. O relato deve expressar, assim, a intenção jornalística na produção da informação. A depender da clareza expressa para essa intenção ou da clareza existente na construção deste fragmento de texto em relação à sua intenção, deverá ser atribuída uma pontuação que expresse o grau de segurança da informação, isto é, o quanto essa informação está clara em relação ao conteúdo e em relação à sua intenção informativa.

Além disso, a pontuação considera, também, os prováveis elementos de prova nos relatos em que isso é pertinente ou necessário. Nesse caso, a capacidade de a matéria ou relato oferecer os caminhos comprobatórios para aquilo que afirma. Os relatos podem apresentar mais de uma intenção, portanto, podem receber mais de uma indicação.

- 1) **Relato de fato:** relato baseado em fato, algo efetivamente acontecido e passível de comprovação.

Pontuação	Requisito
1	a. Quando registro de fato, com pouco risco de contestação. Cabe ao jornalista obviamente avaliar o risco de tal afirmação.
1	b. Quando registro de fato com risco de contestação, mas devidamente baseado em prova, o que confere maior poder de sustentação da informação.
0,5	c. Quando registro de fato com risco de contestação, apenas parcialmente sustentado por provas >> ou de conhecimento público.
0,5	d. Quando, em termos de conteúdo, atende aos requisitos a e b, mas o texto é ambíguo e impreciso a ponto de não proporcionar segurança na interpretação da informação.
0,0	e. Quando, em termos de conteúdo, atende ao requisito c, mas o texto é ambíguo e impreciso a ponto de não proporcionar segurança na interpretação da informação.
0,0	f. Quando registro de fato com risco de contestação, sem estar sustentado por provas.

Situações que não se encaixem em nenhum dos requisitos deverão ser identificadas conforme o intervalo em que se encontram e a sua pontuação também deverá ser intermediária a pontuação dos requisitos entre os quais se situa. Avaliar em algum momento a possibilidade de considerar a plausibilidade do relato nas categorias de pontuação de fato.

- 2) **Relato de Contexto:** relato que apresenta um modelo explicativo para uma macro dimensão da realidade, sem que se vislumbre situação de potencial conflito para modelos explicativos consolidados. Se passível de conflito, deve ser enquadrado como Tese.

Pontuação	Requisito
1	a. Quando situa um conjunto de relatos dentro de uma rede de relações na qual está inserido, sem que tal compreensão – a da rede de relações – seja potencialmente geradora ou objeto de conflito.
0,5	b. Quando situa um conjunto de relatos dentro de uma rede de relações na qual está inserido, mas tal compreensão – a da rede de relações – é potencialmente geradora ou objeto de conflito.

0,5	c.	Quando situa um conjunto de relatos dentro de uma rede de relações na qual está inserido, sem que tal compreensão – a da rede de relações – seja potencialmente geradora ou objeto de conflito, mas o texto não é suficientemente claro.
0,0	d.	Quando situa um conjunto de relatos dentro de uma rede de relações na qual está inserido, mas tal compreensão – a da rede de relações – é geradora ou objeto de conflito real ou iminente.
0,0	e.	Quando situa um conjunto de relatos dentro de uma rede de relações na qual está inserido, sem que tal compreensão – a da rede de relações – seja potencialmente geradora ou objeto de conflito, mas o texto não é claro.

3) Relato de norma: relato baseado em algum documento normativo (lei, código de ética, resolução, etc.).

Pontuação	Requisito	
1	a.	Quando registro vem com o artigo (parágrafo, inciso, etc.), o nome ou número da lei.
1	b.	Quando o registro vem com o nome ou o número da lei, sem que a ausência de informações mais específicas comprometa a precisão e o entendimento da matéria.
0,5	c.	Quando o registro vem com o nome ou o número da lei, mas a ausência de informações mais específicas compromete a precisão e o entendimento da matéria.
0,5	d.	Quando faz referência genérica à lei, e isso constitui uma informação parcial para o melhor entendimento da matéria. Quando o texto não permite uma rápida conferência com a lei indicada.
0,0	e.	Quando, em termos de conteúdo, atende aos requisitos a e b, mas o texto é ambíguo e impreciso a ponto de não proporcionar segurança no entendimento da lei.
0,0	f.	Quando o texto não confere com a lei.

Situações que não se encaixem em nenhum dos requisitos deverão ser identificadas conforme o intervalo em que se encontram e a sua pontuação também deverá ser intermediária a pontuação dos requisitos entre os quais se situa.

4) Relato estatístico: relato baseado em dados estatísticos.

Pontuação	Requisito	
1	a.	Quando informado o dado e a fonte (documento específico e autoria).
1	b.	Quando informado o dado, citando ou fonte ou documento, desde que um ou outro seja de amplo conhecimento público ou técnico.
0,5	c.	Quando informado apenas o dado, sem que a ausência de documento e autoria comprometa aspectos essenciais à matéria.
0,5	d.	Quando informado o dado, mas ele não é satisfatoriamente empregado para o esclarecimento preciso da informação a qual se vincula. Mesmo que tenha citado o documento e a autoria.
0,0	e.	Quando, em termos de conteúdo, atende aos requisitos a e b, mas o texto é ambíguo e impreciso a ponto de não proporcionar segurança no entendimento do dado.
0,0	f.	Quando não é possível aferir a autenticidade do dado.

Situações que não se encaixem em nenhum dos requisitos deverão ser identificadas conforme o intervalo em que se encontram e a sua pontuação também deverá ser intermediária à pontuação dos requisitos entre os quais se situa.

- 5) **Relato de Versão 1, 2, 3, 4 etc.:** relato destinado a dar conta de um aspecto factual, mas que não tem elementos comprobatórios para se firmar como fato, pois situado no âmbito de um conflito. O predomínio de uma versão resulta em parcialidade. Requer equilíbrio entre as versões. **Versão <> Versão; Versão <> Crítica** (*neste caso, a crítica será respondida em tese com o reforço da versão criticada*);

Pontuação	Requisito	
1	a.	Quando o relato é apresentado devidamente como versão e o teor da versão está claro.
0,5	b.	Quando o relato é apresentado como versão, mas o texto não é suficientemente claro quanto a esta condição.
0,5	c.	Quando o relato é apresentado como versão, mas o texto não é suficientemente claro quanto ao teor da versão em si.
0,0	d.	Quando o relato não é apresentado como versão, embora o seja.
0,0	e.	Quando não é compreensível o teor da versão apresentado no relato.

- 6) **Relato de Tese 1, 2, 3, 4 etc.:** relato que apresenta um modelo explicativo para uma macro dimensão da realidade, mas que enfrenta modelos explicativos diferentes, em situação de real ou potencial conflito. **Tese <> Tese; Tese <> Crítica** (*neste caso, a crítica será respondida em tese com o reforço da tese criticada*)

Pontuação	Requisito	
1	a.	Quando o relato é apresentado devidamente como tese e o teor da tese está claro.
0,5	b.	Quando o relato é apresentado como tese, mas o texto não é suficientemente claro quanto a esta condição.
0,5	c.	Quando o relato é apresentado como tese, mas o texto não é suficientemente claro quanto ao teor da tese em si.
0,0	d.	Quando o relato não é apresentado como tese, embora o seja.
0,0	e.	Quando não é compreensível o teor da tese apresentado no relato.

- 7) **Relato de Posição 1, 2, 3, 4 etc.:** relato que apresenta uma pretensão de interesse pontual, numa situação real ou potencial de conflito. **Posição <> Posição; Posição <> Crítica** (*neste caso, a crítica será respondida em posição com o reforço da versão criticada*)

Pontuação	Requisito	
1	a.	Quando o relato é apresentado devidamente como posição e o teor da posição está claro.
0,5	b.	Quando o relato é apresentado como posição, mas o texto não é suficientemente claro quanto a esta condição.
0,5	c.	Quando o relato é apresentado como posição, mas o texto não é suficientemente claro quanto ao teor da posição em si.
0,0	d.	Quando o relato não é apresentado como posição, embora o seja.
0,0	e.	Quando não é compreensível o teor da posição apresentada no relato.

- 8) **Relato de Macro-Posição 1, 2, 3, 4 etc.:** relato que apresenta um conjunto estruturado de propostas e valores, implícitos ou explícitos, a ser implementado

no futuro. Expressão de uma vontade. **Macro-Posição <> Macro Posição;**
Macro-Posição <> Crítica

Pontuação	Requisito	
1	a.	Quando o relato é apresentado devidamente como projeto e o teor do projeto está claro.
0,5	b.	Quando o relato é apresentado como projeto, mas o texto não é suficientemente claro quanto a esta condição.
0,5	c.	Quando o relato é apresentado como projeto, mas o texto não é suficientemente claro quanto ao teor do projeto em si.
0,0	d.	Quando o relato não é apresentado como projeto, embora o seja.
0,0	e.	Quando não é compreensível o teor do projeto apresentado no relato.

- 9) **Relato de Crítica 1, 2, 3, 4 etc.:** relato que apresenta uma crítica a uma situação de fato, atribuindo responsabilidade a alguém pelo estado de coisas constatado. Apresenta uma adjetivação da situação de fato. **Crítica <> Resposta, o Crítica <> nPV (qualquer Ponto de Vista)**

Pontuação	Requisito	
1	a.	Quando o relato é apresentado devidamente como crítica e o teor da crítica está claro.
0,5	b.	Quando o relato é apresentado como crítica, mas o texto não é suficientemente claro quanto a esta condição.
0,5	c.	Quando o relato é apresentado como crítica, mas o texto não é suficientemente claro quanto ao teor da crítica em si.
0,0	d.	Quando o relato não é apresentado como crítica, embora o seja.
0,0	e.	Quando não é compreensível o teor da crítica apresentada no relato.

- 10) **Relato de Resposta:** relato que responde a um relato de crítica, justificando-se. **Crítica <> Resposta; Recomendação <> Resposta**

Pontuação	Requisito	
1	a.	Quando o relato é apresentado devidamente como resposta e o teor da resposta está claro.
0,5	b.	Quando o relato é apresentado como resposta, mas o texto não é suficientemente claro quanto a esta condição.
0,5	c.	Quando o relato é apresentado como resposta, mas o texto não é suficientemente claro quanto ao teor da resposta em si.
0,0	d.	Quando o relato não é apresentado como resposta, embora o seja.
0,0	e.	Quando não é compreensível o teor da resposta apresentada no relato.

- 11) **Relato de Prenúncio:** informe de algo que tem muitas chances de vir a acontecer, como agendas, por exemplo, mas não aconteceu ainda.

Pontuação	Requisito	
1	a.	Quando informado o dado com alta previsibilidade de acontecer, o que pode ser medido pelos antecedentes fáticos de natureza preparatória ou preliminar. Normalmente, prenúncio envolve agenda.
1	b.	Quando informado o fato com alta previsibilidade de acontecer, mesmo que marcado por instabilidades próprias de certas áreas (como a política), mas cuja não ocorrência não acarretaria maiores prejuízos ou poderia ser corrigida imediatamente no fluxo regular do noticiário. Também agenda.
0,5	c.	Quando nas condições a e b, mas o texto da informação não é suficientemente claro ou enseja algum tipo de ambiguidade que

		comprometa a interpretação do fato tanto em relação ao fato como a sua condição de ainda vir a acontecer.
0,5	d.	Quando for do 4º. ao 6º. relato, isto é, uma matéria só baseada em prenúncio tende a perder pontuação. Exceto quando tiver o foco específico no evento futuro, explicando-o.
0,0	e.	Quando informado dado futuro sem que haja clareza de que se trata de evento futuro.
0,0	f.	Quando não é possível garantir, com o mínimo de certeza, de que o evento irá mesmo acontecer.

12) Relato de Promessa: promessa de alguém de que irá fazer alguma coisa. Não há maiores elementos que possam julgar a sinceridade ou a possibilidade de que o prometido será mesmo feito.

Pontuação	Requisito	
1	a.	Quando o relato for suficientemente claro tanto em relação à caracterização de uma promessa como tal quanto em relação à clareza e correção do teor da promessa.
0,5	b.	Quando atender ao item a, mas o texto ou a caracterização da promessa enquanto tal não forem claros o suficiente.
0,5	c.	A partir do terceiro relato até o quinto.
0,0	d.	A partir do sexto relato de promessa.
0,0	e.	Quando nem o texto nem a identificação da promessa como tal estiverem contempladas.

13) Relato de Hipótese 1, 2, etc.: quando o proponente assume que ele não tem certeza, mas é uma linha de raciocínio que ele acredita ou que possa ser possível. Para cada hipótese diferente, deve ser usado um número correspondente. Quanto mais números, maior a pluralidade de pontos de vista possíveis ou a diversidade de enquadramentos considerados. **Hipótese <> Hipótese; Hipótese <> Crítica;**

Pontuação	Requisito	
1	a.	Quando o relato é apresentado devidamente como hipótese e o teor da hipótese está claro.
0,5	b.	Quando o relato é apresentado como hipótese, mas o texto não é suficientemente claro quanto a esta condição.
0,5	c.	Quando o relato é apresentado como hipótese, mas o texto não é suficientemente claro quanto ao teor da hipótese em si.
0,0	d.	Quando o relato não é apresentado como hipótese, embora o seja.
0,0	e.	Quando não é compreensível o teor do hipótese apresentado no relato.

14) Relato de Opinião: quando há uma convicção da fonte em emitir um ponto de vista acerca do fato. É uma convicção da fonte, mas o modelo explicativo é mais pessoal e menos consistente do que no caso da hipótese ou tese. Deve ser marcado quando não é possível situar em nenhum outro relato de ponto de vista.

Opinião <> Opinião

Pontuação	Requisito	
1	a.	Quando o relato é apresentado devidamente como opinião e o teor da opinião está claro.
0,5	b.	Quando o relato é apresentado como opinião, mas o texto não é suficientemente claro quanto a esta condição.
0,5	c.	Quando o relato é apresentado como opinião, mas o texto não é suficientemente claro quanto ao teor da opinião em si.

0,0	d.	Quando o relato não é apresentado como opinião, embora o seja.
0,0	e.	Quando não é compreensível o teor da opinião apresentada no relato.

15) Relato de valoração positiva: avaliação positiva do fato objeto da notícia, sem que seu autor esteja no contexto de algum conflito. Valoração positiva ou negativa no contexto de conflitos devem ser marcados como os respectivos PV's do tipo de conflito em que se enquadra.

Pontuação	Requisito	
1	a.	Quando o relato é apresentado devidamente como valoração e o teor da avaliação está claro.
0,5	b.	Quando o relato é apresentado como valoração, mas o texto não é suficientemente claro quanto a esta condição.
0,5	c.	Quando o relato é apresentado como valoração, mas o texto não é suficientemente claro quanto ao teor da valoração em si.
0,0	d.	Quando o relato não é apresentado como valoração, embora o seja.
0,0	e.	Quando não é compreensível o teor da valoração apresentada no relato.

16) Relato de valoração negativa: avaliação negativa do fato objeto da notícia, sem que seu autor esteja no contexto de algum conflito. Valoração positiva ou negativa no contexto de conflitos devem ser marcados como os respectivos PV's do tipo de conflito em que se enquadra.

Pontuação	Requisito	
1	a.	Quando o relato é apresentado devidamente como valoração e o teor da avaliação está claro.
0,5	b.	Quando o relato é apresentado como valoração, mas o texto não é suficientemente claro quanto a esta condição.
0,5	c.	Quando o relato é apresentado como valoração, mas o texto não é suficientemente claro quanto ao teor da valoração em si.
0,0	d.	Quando o relato não é apresentado como valoração, embora o seja.
0,0	e.	Quando não é compreensível o teor da valoração apresentada no relato.

17) Relato de suspensão: informa a impossibilidade de qualquer juízo, no momento, sobre o fato.

Pontuação	Requisito	
1	a.	Quando o relato é apresentado devidamente como suspensão e o teor da suspensão está claro.
0,5	b.	Quando o relato é apresentado como suspensão, mas o texto não é suficientemente claro quanto a esta condição.
0,5	c.	Quando o relato é apresentado como suspensão, mas o texto não é suficientemente claro quanto ao teor da suspensão em si.
0,0	d.	Quando o relato não é apresentado como suspensão, embora o seja.
0,0	e.	Quando não é compreensível o teor da suspensão apresentada no relato.

18) Relato de Propósito: informa o objetivo de alguma ação. Quando o relato explica o objetivo, o propósito, a finalidade de alguma ação objeto da matéria.

Pontuação	Requisito	
1	a.	Quando o relato é apresentado devidamente como propósito e o teor do propósito está claro.
0,5	b.	Quando o relato é apresentado como propósito, mas o texto não é suficientemente claro quanto a esta condição.

0,5	c.	Quando o relato é apresentado como propósito, mas o texto não é suficientemente claro quanto ao teor do propósito em si.
0,0	d.	Quando o relato não é apresentado como propósito, embora o seja.
0,0	e.	Quando não é compreensível o teor do propósito apresentada no relato.

19) Relato de Impressão: informa uma avaliação pessoal de alguém sobre algo, avaliação esta que o próprio autor afirma não ser uma convicção firmada. É o tal do “Eu acho”.

Pontuação	Requisito	
1	a.	Quando o relato é apresentado devidamente como impressão e o teor da impressão está claro.
0,5	b.	Quando o relato é apresentado como impressão, mas o texto não é suficientemente claro quanto a esta condição.
0,5	c.	Quando o relato é apresentado como impressão, mas o texto não é suficientemente claro quanto ao teor do impressão em si.
0,0	d.	Quando o relato não é apresentado como impressão, embora o seja.
0,0	e.	Quando não é compreensível o teor da impressão apresentada no relato.

20) Relato de Recomendação: quando alguém ou algum órgão recomenda a um terceiro a realização de algo. **Recomendação/Resposta**

Pontuação	Requisito	
1	a.	Quando o relato é apresentado devidamente como recomendação e o teor do propósito está claro.
0,5	b.	Quando o relato é apresentado como recomendação, mas o texto não é suficientemente claro quanto a esta condição.
0,5	c.	Quando o relato é apresentado como recomendação, mas o texto não é suficientemente claro quanto ao teor da recomendação em si.
0,0	d.	Quando o relato não é apresentado como recomendação, embora o seja.
0,0	e.	Quando não é compreensível o teor da recomendação apresentada no relato.

21) Relato de Determinação: alguém ou algum órgão, com poder para determinar, ordenar, exigir, que outro faça ou deixe de fazer algo, sob risco de possíveis sanções passíveis de serem aplicadas pelo primeiro. Tem por base um ato de força simbólica, considerado legítimo. Este agente tem o poder de fazer. Para situações de conflito na qual a negociação de PV's não mais existe. Medição de força. **Determinação <> Retorno/Resposta**

Pontuação	Requisito	
1	a.	Quando o relato é apresentado devidamente como determinação e o teor da determinação está claro.
0,5	b.	Quando o relato é apresentado como determinação, mas o texto não é suficientemente claro quanto a esta condição.
0,5	c.	Quando o relato é apresentado como determinação, mas o texto não é suficientemente claro quanto ao teor da determinação em si.
0,0	d.	Quando o relato não é apresentado como determinação, embora o seja.
0,0	e.	Quando não é compreensível o teor da determinação apresentada no relato.

22) Relato de Imposição/Exigência 1 2 3 4 5: alguém que expressa uma exigência ou uma condição a ser atendida a fim de que se faça, se cesse ou se anule um ato de cobrança. Tem na base um ato de força política ou mesmo o poder da força física. Medição de força. Este alguém não tem o poder de fazer, mas exige que quem tem este poder o faça. Para situações de conflito na qual a negociação de

Reivindicações ou Posições não mais se configura. **Relato de Imposição/Exigência <> Retorno**

Pontuação	Requisito	
1	a.	Quando o relato é apresentado devidamente como Imposição/Exigência e o teor da Imposição/Exigência está claro.
0,5	b.	Quando o relato é apresentado como Imposição/Exigência, mas o texto não é suficientemente claro quanto a esta condição.
0,5	c.	Quando o relato é apresentado como Imposição/Exigência, mas o texto não é suficientemente claro quanto ao teor da Imposição/Exigência em si.
0,0	d.	Quando o relato não é apresentado como Imposição/Exigência, embora o seja.
0,0	e.	Quando não é compreensível o teor da Imposição/Exigência apresentada no relato.

23) Relato de Possibilidade: informa a possibilidade de algo vir a acontecer. Rivaliza com prenúncio, mas neste caso, o enunciador informa a possibilidade como um aspecto constitutivo do fato anunciado.

Pontuação	Requisito	
1	a.	Quando o relato é apresentado devidamente como Imposição/Exigência e o teor da Imposição/Exigência está claro.
0,5	b.	Quando o relato é apresentado como Imposição/Exigência, mas o texto não é suficientemente claro quanto a esta condição.
0,5	c.	Quando o relato é apresentado como Imposição/Exigência, mas o texto não é suficientemente claro quanto ao teor da Imposição/Exigência em si.
0,0	d.	Quando o relato não é apresentado como Imposição/Exigência, embora o seja.
0,0	e.	Quando não é compreensível o teor da Imposição/Exigência apresentada no relato.

24) Relato de Reivindicação: registra uma demanda concreta de um grupo em face de outro grupo, abrindo uma situação de conflito, sobre um objeto específico. Reivindicação é um pedido de alguém que depende do outro para o seu atendimento. A reivindicação está inserida num processo de negociação dialógica, que configura um conflito discursivo, sem uso de recursos de força.

Retorno x Reivindicação

Pontuação	Requisito	
1	a.	Quando o relato é apresentado devidamente como reivindicação e o teor da reivindicação está claro.
0,5	b.	Quando o relato é apresentado como reivindicação, mas o texto não é suficientemente claro quanto a esta condição.
0,5	c.	Quando o relato é apresentado como reivindicação, mas o texto não é suficientemente claro quanto ao teor da reivindicação em si.
0,0	d.	Quando o relato não é apresentado como reivindicação, embora o seja.
0,0	e.	Quando não é compreensível o teor da reivindicação apresentada no relato.

25) Relato de Retorno: registra uma resposta baseada no mérito da reivindicação apresentada. **Retorno x Reivindicação; Relato de Imposição/Exigência <> Retorno**

Pontuação	Requisito	
-----------	-----------	--

1	a	Quando o relato é apresentado devidamente como retorno e o teor do retorno está claro.
0,5	b	Quando o relato é apresentado como retorno, mas o texto não é suficientemente claro quanto a esta condição.
0,5	c	Quando o relato é apresentado como retorno, mas o texto não é suficientemente claro quanto ao teor do retorno em si.
0,0	d	Quando o relato não é apresentado como retorno, embora o seja.
0,0	e	Quando não é compreensível o teor do retorno apresentada no relato.

26) Relato Diverso: quando o relato não é significativo para a compreensão do assunto em pauta.

Pontuação	Requisito	
0	a	O relato é completamente dispensável ao entendimento essencial do assunto.